

organizadores

Maria Maura da Conceição Cezario

Priscilla Mouta Marques

Dennis Castanheira

PESQUISAS
funcionalistas
E APLICAÇÕES
AO ENSINO
superior



organizadores

Maria Maura da Conceição Cezario

Priscilla Mouta Marques

Dennis Castanheira

PESQUISAS
funcionalistas
E APLICAÇÕES
AO ENSINO
superior



| São Paulo | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P474

Pesquisas funcionalistas e aplicações ao ensino superior /
Organização Maria Maura da Conceição Cezario, Priscilla
Mouta Marques, Dennis Castanheira. – São Paulo:
Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-963-5

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.99635

1. Linguística. 2 Funcionalismo. 3. Pesquisa. 4. Ensino Superior.
I. Cezario, Maria Maura da Conceição (Org.). II. Marques,
Priscilla Mouta (Org.). III. Castanheira, Dennis (Org.). IV.Título.

CDD: 378.410

Índice para catálogo sistemático:

I. Ensino Superior - Linguística

Simone Sales - Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Freepik
Tipografias	Acumin, Gravtrac, Hustle Bright
Revisão	Marcos Viola Cardoso
Organizadores	Maria Maura da Conceição Cezario Priscilla Mouta Marques Dennis Castanheira

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand

Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah

Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos

Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein

Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues

Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva

Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneos

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

DEDICATÓRIA

Dedicamos esta obra ao Professor Dr. Sebastião Josué Votre, que criou o Grupo de Estudos Discurso & Gramática, no início da década de 1990, e que hoje continua a nos inspirar com sua paixão pelos estudos.

PREFÁCIO

O livro *Pesquisas funcionalistas e aplicações ao ensino superior* é composto por onze capítulos voltados para graduandos do curso de Letras que buscam compreender como pesquisadores da linha dos Modelos Baseados no Uso analisam fenômenos linguísticos a partir de dados de uso real da língua. Dentre as várias abordagens dessa linha, neste livro se destaca a Linguística Funcional Centrada no Uso, que traz contribuições da Linguística Funcionalista Norte-americana, da Gramática de Construções e da Sociolinguística Variacionista. Nessa abordagem, compreendemos que a gramática é constantemente modelada pelo uso, a partir dos objetivos comunicativos dos falantes, das pressões discursivas, da frequência de uso e da atuação de processos cognitivos de domínio geral, tais como categorização e analogia. A capacidade de nos colocarmos no lugar do outro e a de vermos o outro como um ser intencional são primordiais para a aquisição da linguagem, para a forma como apresentamos a informação, para atuarmos sobre o outro e para compreendermos o que ele diz.

Por meio da linguagem, informamos, apresentamos nossos medos, nossos desejos, iludimos, ajudamos, fazemos rir ou chorar, argumentamos, justificamos ações e pontos de vista, e levamos o outro a olhar uma cena sob a mesma perspectiva. Assim, o discurso se molda a partir de objetivos comunicativos e o linguista funcionalista tem o desafio, a partir de metodologias apropriadas, de buscar e de explicar padrões de usos, de elucidar as motivações para as variações e mudanças linguísticas e de compreender a aquisição de língua materna e a forma como se dá a aquisição de uma segunda língua, dentre outras tarefas.

Nessa perspectiva, a gramática de uma língua é vista como uma rede de construções linguísticas que está sempre se alterando.

Cada construção linguística tem forma e função, sendo que seu papel é definido pelo contexto discursivo e situacional, ou seja, no uso e pelo uso. Novas construções linguísticas podem ser criadas a partir de novas interpretações para antigas formas e, quando essas formas se tornam convencionalizadas, toda a rede linguística se modifica. Um bom exemplo de novos rearranjos pode ser visto em um dos capítulos deste livro sobre os usos das construções modalizadoras *vai que* e *de repente* no português do Brasil. Tais usos não estão previstos pela Gramática Tradicional, mas são tão frequentes que podem ser encontrados na fala de pessoas de todas as graus de escolaridade e também na escrita informal. Não há como negar que são parte da rede de construções do português, estando no paradigma dos elementos que servem para modalizar como *talvez* e *provavelmente*.

Os organizadores desta obra são integrantes de um dos mais antigos grupos de pesquisa de orientação funcionalista do Brasil, o Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Esse grupo foi formado pelo Professor Dr. Sebastião Votre, no início da década de 1990, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e seus alunos e egressos do curso de Doutorado em Linguística e Filologia. Em 1993, uma de suas ex-alunas, a Professora Dra. Angélica Furtado da Cunha criou uma sede do grupo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e, alguns anos depois, a Professora Dra. Mariangela Rios de Oliveira levou o grupo também para a Universidade Federal Fluminense. Formaram-se, assim, as três sedes do Grupo, que hoje têm pesquisadores provindos de diferentes universidades do Brasil. Do início da década de 1990 aos dias atuais, o Grupo tem realizado muitas pesquisas, organizado diversos eventos e ajudado a formar um número grande de mestres e doutores. Este livro foi concebido como fruto da comemoração dos seus 30 anos, mais precisamente como forma de apresentar para alunos da graduação, tão essenciais no fazer acadêmico-científico de cada um de nós, um pouco do modo como lidamos com os dados linguísticos. Assim, convidamos pesquisadores do Grupo e pesquisadores de fora dele, mas constantes parceiros, para contribuírem com suas análises e com propostas de exercícios.

O principal público-alvo são alunos de graduação em Letras, como mencionado, e pessoas interessadas em fazer projetos de pesquisas em linhas que dialogam com a abordagem funcionalista que utilizamos. A obra é composta por onze capítulos, cada um com um resumo para nortear os leitores, uma seção para conhecer o fenômeno linguístico em estudo, uma seção sobre as suas tendências de uso, uma seção de exercícios primordialmente de análise de dados linguísticos, uma seção em que os autores sugerem textos para os alunos aprofundarem o assunto e uma seção final com as referências citadas ao longo do capítulo. O livro foi projetado para que o professor de disciplinas ligadas aos usos linguísticos ou disciplinas sobre correntes linguísticas baseadas no uso possa abordar questões teóricas e metodológicas a partir do estudo de diversos pesquisadores da área que escreveram pensando num público de graduandos. Também foi projetado para que interessados na área possam ter meios de montar seus pré-projetos de pesquisa para monografias ou Mestrado com exemplos de como se analisam dados reais da língua portuguesa numa perspectiva funcional. Vejamos um pouco sobre cada capítulo.

Maria Angélica Furtado da Cunha e Edvaldo Balduino Bispo abordam, no Capítulo 1, "Construções de estrutura argumental: teoria e prática", um tema muito caro à corrente funcionalista, de modo a fazer o aluno refletir sobre os diferentes tipos sintáticos de orações, sobre seus papéis semântico-pragmáticos e sobre construções idiomatizadas em diferentes graus criadas a partir de esquemas construcionais muito frequentes. Um exemplo é a construção triargumental, com papel de apresentar movimento causado, como "Ela colocou tudo na mala", que serve de base para expressões como "colocar chifre em alguém" e "colocar tudo em dia". Os autores demonstram que a estrutura argumental de um verbo é variável a depender do contexto linguístico em que é empregado, não havendo, portanto, estrutura rígida. Sendo assim, os autores defendem que a estrutura argumental dos verbos é um tipo de conhecimento adquirido à medida que o falante aprende a usar sua língua.

No Capítulo 2, “A Construção Monoargumental VS de Focalização no português brasileiro”, Roberto de Freitas Jr. e Priscilla Mouta Marques retomam pesquisas basilares sobre a temática destacada em âmbito histórico e construcional e discutem o papel da informatividade sobre as cláusulas com sujeito posposto ao verbo. Além disso, sob um aporte cognitivo-funcional, demonstram que há diferentes subesquemas ligados à ordenação VS com características formais e funcionais. Seus exemplos ilustram o caráter de herança construcional e sua ligação com a frequência dessas construções no português do Brasil.

Já no Capítulo 3, “Construções com verbo suporte *dão match* na gramática das línguas”, Marcia dos Santos Machado Vieira e Pâmela Fagundes Travassos discutem, por meio de exemplos de diferentes línguas, as formações linguísticas com verbo suporte. Considerando as práticas comunicativas e os aspectos variáveis e mutáveis a partir de dados extraídos de contextos reais de uso variados, as autoras comprovam a versatilidade formal e pragmática desses elementos por meio de questões semânticas, discursivas, sociais, morfossintáticas e lexicais.

No Capítulo 4, intitulado “Adverbiais Modalizadores”, Deise Cristina de Moraes Pinto e Dennis Castanheira apresentam análises e resultados de trabalhos de cunho funcionalista sobre os adverbiais modalizadores e discutem as tendências de uso de tais adverbiais, partindo de dois pontos cruciais: sua ordenação na sentença e os efeitos de modalização que envolvem (inter)subjetividade. Os autores apontam que os modalizadores têm papéis sintáticos e discursivos diversos (apresentando, por vezes, graus de subjetividade distintos), a depender do contexto em que estejam inseridos, e comprovam sua afirmação com uma vasta apresentação de exemplos extraídos de variadas fontes.

No Capítulo 5, escrito por Priscilla Mouta Marques e Júlia Langer de Campos e intitulado “Construções adverbiais de modificação verbal: as construções com adjetivos adverbiais e com advérbios

em -mente”, as autoras apresentam as particularidades formais e funcionais de construções com adjetivo adverbial (“falar correto”) e com advérbio em -mente (“falar corretamente”). Suas elucidações são pautadas em questões qualitativas e quantitativas e em diferentes exemplos e vão ao encontro da ideia de que as construções [V AA] e [V Xmente] são pragmaticamente distintas, com padrões discursivos diferentes quanto à informatividade e à focalização.

Já no Capítulo 6, “Locuções temporais do português: uma análise funcionalista”, Érika Cristine Illogti de Sá e Maria Maura Cezario discutem os usos de locuções adverbiais de tempo (“na quinta-feira passada”, “em 23 de novembro de 2006”, “durante o trimestre” e “até agora”) por meio de suas tendências em relação à ordenação e aos valores semânticos no português escrito contemporâneo. Para isso, retomam trabalhos anteriores sobre a temática e utilizam vários exemplos retirados de textos recentes da mídia analisando seus padrões de uso, a fim de estabelecer tendências mais gerais sobre o assunto.

No Capítulo 7, “Estratégias de conexão do português em uso no Brasil”, Ivo da Costa do Rosário, Mariangela Rios de Oliveira e Monclar Guimarães Lopes apresentam alguns meios de conexão do português criados a partir de mudanças semânticas que costumam ocorrer nas línguas, revisando trabalhos importantes na linha funcionalista, como a pesquisa de Heine *et al.* (1991) e a de Traugott e Dasher (2002). Com base na proposta funcionalista, discutem como construções como *sem contar*, *sem falar* e *fora isso* são usadas como conectores importantes como estratégias de argumentação. Com uma rica exemplificação, os autores levam o leitor a refletir não somente sobre o papel de conectores no discurso, mas também no modo como criamos novos conectores na língua para darmos conta de nossos propósitos comunicativos.

No Capítulo 8, “Cláusulas insubordinadas no português em uso”, Violeta Rodrigues aborda um tema ainda pouco explorado na nossa língua: a insubordinação. A autora explica o fenômeno a partir

de dados reais coletados de diferentes fontes como o *WhatsApp* e o *Twitter* e demonstra que é muito comum o uso de orações sem a chamada oração principal ou matriz, mas com um conector tradicionalmente subordinativo no início de oração, como “Que a alegria seja seu primeiro abraço pela manhã” (frase de conversa de *WhatsApp*). A pesquisadora traz uma ótima revisão sobre o assunto, apresenta vários padrões diferentes de insubordinação e explicita os seus principais papéis pragmático-discursivos.

Em “Construções oracionais hipotáticas: links entre os domínios da causa, da condição e da concessão”, Capítulo 9 do livro, Thiago dos Santos Silva, Juliana Barboza do Nascimento, Maria Maura Cezario e Dennis Castanheira apresentam as tendências de uso de algumas construções hipotáticas iniciadas por [X que] (*ainda que, mesmo que, posto que, dado que e visto que*), objeto de investigação de diversos estudos já realizados sob aportes teórico-metodológicos distintos que serviram de fonte para o desenvolvimento dos que são aqui apresentados sob uma abordagem construcionista. Destacam que tais construções, embora possam ser introdutoras do mesmo tipo de oração, por exemplo, apresentam diferentes comportamentos na língua, dependendo dos propósitos comunicativos dos falantes. Ademais, apontam que há diferenças de uso de uma mesma construção e que tais diferenças também estão relacionadas a pressões discursivo-pragmáticas.

No Capítulo 10, “Construções epistêmicas: os casos de *vai que* e *de repente*”, Nastassia Santos Neves Coutinho, Leyla Ely, Juan Lima de Paula e Manoela Amstelden Ambiehl discutem os usos de duas construções relativamente recentes na língua portuguesa, as construções *vai que* e *de repente*. Embora tenham usos diferentes, essas construções desempenham um papel semelhante por fazerem parte do paradigma de marcadores de modalidade epistêmica, expressando cada qual um grau diferente de (inter)subjetividade. Essas construções ocorrem com muita frequência em porções textuais

ais argumentativas, trazendo nas orações em que se inserem pontos de vista para justificar alguma opinião ou alguma sugestão.

Fechando esta obra, Karen Sampaio Braga Alonso e Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux, em capítulo intitulado "Construções Binominais Quantificadoras", apresentam uma interessante análise sobre construções como *um monte de N (um monte de coisas)*, *uma enxurrada de N (uma enxurrada de dólares)*, *um bocado de N (um bocado de gente)* entre outras. As autoras destacam que as construções binominais podem ser de diversos tipos e que têm a função de multiplicar ou porcionar referentes. Tratam, então, nesse texto, de três categorias relacionadas ao conceito de quantidade (Talmy, 2006): plexidade, estado de delimitação e estado de divisão. Evidenciam, assim, que as construções binominais quantificadoras podem ser usadas para exprimir quantidade de variadas formas, mais precisas ou mais imprecisas, com avaliações mais subjetivas ou refletindo medidas mais convencionalizadas.

Gostaríamos de destacar, ainda, que o projeto deste livro foi selecionado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro para financiamento com verba CAPES/PROEX, que seus capítulos foram avaliados por especialistas em Linguística Funcionalista, que a Editora escolhida pelo Programa tem Comitê Editorial e já tem muita experiência na produção de livros acadêmicos. Por fim, destacamos que várias das pesquisas apresentadas foram financiadas pelo CNPq e pela FAPERJ, informação discriminada na seção sobre os autores. Expressamos aqui nossos agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e aos órgãos de fomento mencionados.

Maria Maura Cezario
Priscilla Mouta Marques
Dennis Castanheira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

Maria Angélica Furtado da Cunha

Edvaldo Balduino Bispo

Construções de estrutura argumental:

teoria e prática20

CAPÍTULO 2

Roberto de Freitas Júnior

Priscilla Mouta Marques

A construção monoargumental VS

de focalização no português brasileiro48

CAPÍTULO 3

Marcia dos Santos Machado Vieira

Pâmela Fagundes Travassos

Construções com verbo suporte

***dão match* na gramática das línguas.....69**

CAPÍTULO 4

Deise C. de Moraes Pinto

Dennis Castanheira

Adverbiais modalizadores 107

CAPÍTULO 5

Priscilla Mouta Marques

Júlia Langer de Campos

Construções adverbiais

de modificação verbal:

as construções com adjetivos adverbiais

e com advérbios em -mente 136

CAPÍTULO 6

Érika Cristine Ilogti de Sá

Maria Maura Cezario

Locuções temporais do português:

uma análise funcionalista..... 159

CAPÍTULO 7

Ivo da Costa do Rosário

Monclar Guimarães Lopes

Mariângela Rios de Oliveira

Estratégias de conexão

do português em uso no Brasil 184

CAPÍTULO 8

Violeta Virginia Rodrigues

Cláusulas in subordinadas

no português em uso 212

CAPÍTULO 9

Thiago dos Santos Silva

Juliana Barboza do Nascimento

Maria Maura Cezario

Dennis Castanheira

Construções oracionais hipotáticas:

links entre os domínios da causa,
da condição e da concessão 239

CAPÍTULO 10

Nastassia Santos Neves Coutinho

Leyla Ely

Juan Lima De Paula

Manoela Amstelden Ambiel

Construções epistêmicas:

os casos de *vai que* e *de repente* 264

CAPÍTULO 11

Karen Sampaio Braga Alonso

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux

Construções binominais

quantificadoras 286

Sobre os organizadores 308

Sobre os autores e as autoras 310

Índice remissivo 320



Maria Angélica Furtado da Cunha
Edvaldo Balduino Bispo

**CONSTRUÇÕES
DE ESTRUTURA
ARGUMENTAL:
TEORIA E PRÁTICA**

RESUMO

Neste capítulo, sob o viés da Linguística Funcional Centrada no Uso, tratamos de quatro tipos de construções de estrutura argumental (CEA). São elas: a Construção Transitiva, a Construção Medial, a Construção de Movimento Causado e a Construção Ditransitiva. São objetivos deste empreendimento: i) caracterizar CEA e seus tipos; ii) explicitar diferentes manifestações dessas construções, correlacionado conteúdo e expressão; iii) apresentar atividades que contemplem esses fenômenos linguísticos a serem aplicadas a alunos de graduação em cursos de Letras e/ou Linguística. Para tanto, foram analisadas diferentes instâncias da CEA e elaborados exercícios de aplicação com base em dados reais de língua em uso coletados de fontes diversas.

CONHECENDO O FENÔMENO

O termo *estrutura argumental* (doravante EA) refere-se à relação entre um verbo, ou predicador, e seus argumentos, ou seja, os elementos que acompanham um determinado verbo, os quais podem ser o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. Cada verbo projeta um enquadre, ou *frame*, que designa os participantes que integram o evento que esse verbo descreve. Desse modo, pode-se identificar, para cada verbo, uma estrutura argumental semântica, que especifica os papéis semânticos que são atribuídos ao verbo (agente, paciente, recipiente etc.), uma estrutura argumental sintática, que focaliza as relações gramaticais dos argumentos (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) (Chafe, 1979) e uma estrutura argumental pragmática, que trata dos diferentes modos em que essencialmente a mesma informação — o mesmo conteúdo semântico — pode ser organizado de maneiras diferentes a fim de refletir o fluxo de informação velha ou nova (Comrie, 1981). De um ponto de vista cognitivo, uma estrutura argumental nada mais é do que uma estrutura de expectativas desencadeadas pelo sentido do verbo (Du Bois, 2003). Portanto, os verbos e suas estruturas argumentais, como tantos elementos da gramática, são multifuncionais: são capazes de servir simultaneamente a funções semânticas, sintáticas e pragmáticas atendendo a motivações cognitivas e comunicativas. O fato de que os tipos de oração — intransitiva, transitiva e ditransitiva, por exemplo — e sua EA característica são, em grande medida, determinados pela classe semântica — e também sintática — do verbo exemplifica o isomorfismo função-forma.

Embora o *frame* esteja previsto no significado do predicador, no uso real da língua, os verbos não apresentam sempre a mesma configuração argumental, não havendo, nesses casos, uma correspondência entre a estrutura argumental semântica e a estrutura argumental sintática (Furtado da Cunha, 2006). Alguns verbos podem alternar entre uma configuração de um participante ou de

dois participantes, retendo o mesmo significado básico, o que comprova a fluidez entre as duas categorias de predicador, intransitivo e transitivo. Observe-se, por exemplo, a alternância entre “A água já ferveu” (oração intransitiva) e “Eu fervei a água” (oração transitiva). Diversos trabalhos na linha funcionalista evidenciam que a EA tem a ver com frequência de ocorrência de um verbo em situações reais de uso linguístico. Logo, o modo como os verbos se combinam com seus complementos não é uma propriedade estável dos itens no léxico/dicionário mental, mas um fato altamente variável. Nessa perspectiva, não há espaço para estruturas argumentais fixas ou rígidas.

Quando determinamos os papéis semânticos e as funções sintáticas associados a um dado verbo, definimos um protótipo. Cada verbo especifica seu próprio enquadre proposicional, seu próprio arranjo único de papéis semânticos e funções sintáticas. Isso nos leva a assumir que o conhecimento que adquirimos sobre os verbos, com que elementos eles se combinam, pode não estar organizado em categorias nitidamente distintas. O verbo *comer*, por exemplo, pode ser armazenado na memória como transitivo (1) ou intransitivo (2), como em:

- (1) [...] e eu morrendo de fome sabe? tinha saído do colégio ... louca pra *comer aquele sanduíche* assim ... sozinha ... (Furtado da Cunha, 1998, p. 228)
- (2) [...] um dia desse eu tava me lembrando ... ontem mesmo ... eu tinha vergonha de *comer* na frente de Alexandre ... (Furtado da Cunha, 1998, p. 227)

Nesse sentido, *estrutura argumental* é uma noção gradiente, isto é, os verbos podem variar em relação à rigidez *versus* frouxidão de sua EA. Logo, a EA dos verbos é um tipo de conhecimento que o falante adquire à medida que aprende a usar sua língua. Conforme defende a Linguística Funcional, a gramática da oração, revelada pela EA, é formada do mesmo modo que outras categorias: por meio do

contínuo processo cognitivo de classificação, refinamento e generalização com base nas interações comunicativas diárias.

Uma oração transitiva normalmente codifica o evento canônico, o qual compreende dois papéis semânticos: um *agente* (participante que intencionalmente realiza a ação) e um *paciente* (participante que sofre uma mudança de estado ou de localização). O papel prototípico de um sujeito é o de *agente* e o objeto direto típico é um *paciente*, enquanto os participantes secundários/marginais à situação representada são expressos como argumentos periféricos (precedidos por preposição).

Em sua pesquisa sobre os verbos transitivos, Furtado da Cunha (2006) concluiu que a EA desses verbos não é rígida, podendo se manifestar no discurso com diferentes configurações, a saber: (i) esses verbos podem ser acompanhados por dois tipos morfossintáticos diferentes de objeto direto (OD): nominal, como em (3), ou oracional, como em (4); (ii) o objeto direto pode não estar explícito no texto, como em (5); (iii) os verbos de ação-processo¹ podem ser acompanhados por objeto indireto, além do direto, como em (6). Vejamos os dados:

- (3) [...] se eu não me engano... foi o diretor da escola... aí num sei se *ele matou um professor...* se foi uma professora... (Furtado da Cunha, 1998, p. 184)
- (4) depois que *ele descobriu [que as cartas eram dela]*... ela que escrevia as cartas ... aí juntou tudo e se apaixonou... (Furtado da Cunha, 1998, p. 184).
- (5) e ela tinha um... um caso né... com um homem... que ele... é... trabalhava... mexia assim com drogas... não é... com tráfico... um ladrão assim... né... pra conseguir o que ele queria... *ele matava...* né... (Furtado da Cunha, 1998, p. 276)

1 Os verbos de ação-processo são aqueles que expressam uma mudança de estado ou de lugar de um complemento, causada por um agente (Borba, 1996).

- (6) [...] então ficou naquele negócio... *ela fazia as cartas pra pessoa que ela gostava e ainda tinha que responder de novo pra amiga...* (Furtado da Cunha, 1998, p. 183)

De acordo com a proposta da Linguística Funcional Norteamericana, as análises linguísticas devem ser baseadas no uso concreto da língua pelos falantes, admitindo que a gramática se molda a partir do uso que os falantes fazem dela em situações comunicativas concretas. Nessa direção, a gramática é o resultado da cristalização ou regularização de estratégias discursivas recorrentes, que decorrem de pressões cognitivas e/ou comunicativas. As regularidades observadas no uso interativo da língua são explicadas com base nas condições discursivas em que se verifica esse uso. Portanto, os dados para análise representam instâncias reais de gramática em uso.

Formulada no quadro da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções (GC) defende o pressuposto de que a língua é constituída de pareamentos forma-função, as chamadas construções, organizadas em uma rede (Goldberg, 2006; Croft, 2001). Nessa definição, forma diz respeito a propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; função, por sua vez, compreende propriedades semânticas, pragmáticas e/ou discursivo-funcionais relacionadas a uma determinada configuração estrutural. A função inclui as particularidades da situação descrita no enunciado, as propriedades do discurso em que ele ocorre e o próprio contexto de uso (Croft, 2001).

Nesse modelo, todas as unidades da língua são simbólicas — desde morfemas simples, passando por expressões idiomáticas, estruturas sintáticas (Goldberg, 1995; 2006), até padrões textuais (Östman; Fried, 2005).² Logo, o conceito de construção compreende um grande número de unidades linguísticas, dispostas num *continuum*, de modo que a distinção entre elas é gradiente e não discreta.

Em seu já clássico livro de 1995, Goldberg (1995, p. 3) focaliza as construções de estrutura argumental, “uma subclasse de construções que fornece os meios básicos de expressão oracional em uma língua”. Nessa abordagem, a interpretação total de uma oração depende do sentido da construção e do significado do verbo que nela figura. Assim, a própria construção tem significado, independentemente das palavras — *verbos* e *sintagmas* — que a compõem, funcionando como um modelo que reúne o que é comum a um conjunto de verbos. A autora considera que algumas construções de estrutura argumental correspondem aos tipos oracionais mais básicos e, em seu sentido central, codificam cenas (situações) que são fundamentais à experiência humana: movimento (alguma coisa se move), transferência (alguém transfere alguma coisa para outra pessoa), mudança de estado (alguma coisa provoca um movimento ou mudança de estado), causação, posse, estado etc. A partir dos seus protótipos, essas estruturas oracionais são estendidas e adaptadas para a codificação de outros tipos de situação. Em virtude de tais extensões, um dado padrão oracional é convencionalmente aplicado a uma ampla variedade de situações.

A relação entre a forma e a função de uma construção é vista pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)³ e pela Gramática de Construções por meio de três propriedades: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Traugott e Trousdale (2021) definem a esquematicidade como uma propriedade de categorização. Nesse sentido, esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas na rede construcional.⁴

3 Tendência recente de estudos funcionalistas, desenvolvidos no Brasil por pesquisadores do grupo Discurso & Gramática, que conjuga pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva, mais especificamente da Gramática de Construções (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Oliveira; Rosário, 2016; Bispo; Lopes, 2022).

4 A Gramática de Construções concebe a língua como uma rede de construções interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, cuja estrutura é motivada e regulada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e culturais.

A esquematicidade envolve posições (*slots*) e o preenchimento delas por uma diversidade de itens (morfemas e lexemas). Desse modo, uma construção pode ter um significado mais geral que será veiculado por elementos linguísticos que atendam a critérios semântico-sintáticos de cada *slot* que a compõe. Em termos de preenchimento de seus *slots*, há construções totalmente abertas ou não especificadas, como a construção de estrutura argumental transitiva [SN₁ V SN₂]. Existem construções parcialmente especificadas, com alguns elementos fixos e outros *slots* em aberto, como em [fazer SN]. Servem de ilustração expressões como *fazer besteira*, *fazer barraco*, *fazer bolo*, *fazer a unha*, *fazer a cabeça*.

Uma construção pode, ainda, ser invariável, tanto na forma quanto no significado, de modo que é totalmente especificada ou preenchida, pois não comporta *slots* vazios, como o idiomatismo *tirar o cavaleiro da chuva* (Furtado da Cunha; Bispo, 2019).

Quanto à produtividade de uma construção, ela diz respeito ao grau em que o esquema abstrato sanciona outras construções mais especificadas. A produtividade se relaciona à frequência (Bybee, 2003): frequência de construção se equipara à frequência de tipo (*type*), isto é, ao número de diferentes expressões que um padrão particular tem, enquanto frequência de construto (*token*) equivale à frequência de ocorrência, ou seja, ao número de vezes em que a mesma unidade ocorre em um dado texto.

Tomemos como exemplo a construção transitiva, que pode ser instanciada por um grande número de orações em português, já que cada um dos *slots* que a compõem [SN₁ V SN₂] pode ser preenchido por uma ampla variedade de nomes e verbos. Assim é que a construção transitiva pode ser realizada por diferentes tipos, dada a natureza semântica dos verbos que nela podem figurar (Furtado da Cunha, 2012). Observa-se, portanto, a correlação entre as propriedades de esquematicidade e produtividade, de modo que, quanto mais esquemática for uma construção, como a construção transitiva, tanto mais produtiva ela pode ser.

A terceira propriedade, a composicionalidade, refere-se ao grau de transparência entre forma e significado. Quando o falante produz, do ponto de vista sintático, uma oração e o interlocutor, ao compreender o significado de cada item em particular, depreende o significado do todo, temos convergência entre aspectos da forma e aspectos do significado. Por sua vez, a divergência se dá quando não há correspondência entre a junção do significado de cada item particular e o significado do todo. Logo, o grau de composicionalidade de uma construção é aferido levando-se em conta se o significado do todo é dedutível do significado de suas partes.

Vamos tratar, aqui, de quatro tipos de CEA: a Construção Transitiva, a Construção Medial, a Construção de Movimento Causado e a Construção Ditransitiva, foco deste capítulo.

TENDÊNCIAS DE USO

Segundo vimos anteriormente, a construção transitiva prototípica descreve um evento em que um agente intencional, codificado como *sujeito*, afeta um paciente, codificado como objeto direto, como em (1), (3) e (7):

- (7) *Biff pega esse almanaque... pega a máquina do tempo e volta para o passado... né... para mil novecentos e cinquenta e cinco... né... (Furtado da Cunha, 1998, p. 187)*

As orações destacadas em (7) exemplificam a oração transitiva básica, formada por Sujeito – Verbo – Objeto Direto, em que uma pessoa (Biff; Ø = Biff) causa uma mudança de localização em algo (esse almanaque, a máquina do tempo). A moldura semântica das duas orações é composta por uma entidade agentiva na posição de sujeito (*Biff*), responsável pela execução da ação (*pega*), e por uma entidade paciente afetada (*esse almanaque e a máquina do*

tempo), que sofre uma mudança de localização física como resultado da ação desencadeada pelo agente. Para Givón (2001), casos como (7) estão relacionados ao protótipo de um evento transitivo, uma vez que em seu enquadre semântico estão implicados a agentividade do sujeito e a afetamento físico do objeto.

Já as orações a seguir, embora compartilhem o mesmo padrão estrutural das instâncias anteriores, se afastam semanticamente delas, seja pelo papel do argumento sujeito, seja pelo do objeto direto, seja por ambos (ver Furtado da Cunha; Silva, 2018; Furtado da Cunha; Bispo, 2018).

- (8) [...] após *subir a escada*, encontra-se à direita um banheiro social e em frente à escada o quarto principal [...] (Furtado da Cunha, 1998, p. 25)
- (9) [...] mas é que:: sei que no colégio ela... se eu não me engano... *ela presenciou um crime*... né... (Furtado da Cunha, 1998, p. 180)
- (10) [...] e eu sempre trabalhando porque *eu tenho o prêmio da melhor UNIJOVEM*... (Furtado da Cunha, 1998, p. 177)

A oração destacada em (8) denota um evento em que uma entidade agente (\emptyset) pratica uma ação (*subir*) que não desencadeia nenhuma mudança física ou de condição na segunda entidade (*a escada*). Na amostra (9), temos um evento de percepção (*presenciou*) que acontece com a entidade codificada sintaticamente como sujeito (*ela*), o experienciador desse evento. O referente do objeto direto (*um crime*) não sofre afetamento, apenas é o estímulo da experiência vivida pelo referente do sujeito. Em (10), o sujeito (*eu*) é um mero suporte da propriedade codificada pelo objeto (*o prêmio da melhor UNIJOVEM*). Essas orações representam um caso de polissemia construcional, em que o padrão sintático corresponde ao da construção transitiva prototípica (S V O), mas cujos verbos ou não projetam um objeto afetado (8 a 10) ou um sujeito agentivo, (9 e 10). Em outras palavras, o padrão formal da construção transitiva prototípica é estendido para

outras orações que não compartilham o mesmo enquadre semântico. Com base no sentido básico da construção, o falante estende o uso do padrão estrutural S V O para outros tipos de evento que se afastam do significado relacionado a verbos causativos. Em vista disso, conclui-se que uma mesma forma pode servir a diferentes funções.

Vejamos, agora, a construção medial, que, diferentemente da construção transitiva, tem uma configuração monoargumental (S V) e em que o sujeito não desempenha o caso semântico de *agente*, mas sim de *paciente* afetado pela ação verbal. No plano semântico, o verbo dessa construção é destransitivizado, isto é, tem sua valência reduzida, uma vez que o argumento *agente*, previsto em seu enquadre semântico, não é codificado, conforme mostrado em (11):

- (11) [...] aí eu sei que o carro... *o eixo do carro quebrou*... aí meu pai não teve controle e capotou quatro vezes... (Furtado da Cunha, 1998, p. 223)

O que está em destaque na oração italicizada em (11) é o processo pelo qual passou o referente do sujeito (*o eixo do carro*), tomado como o ponto de partida do enunciado. Desse modo, o evento é comunicado como um processo, no qual a entidade responsável por esse evento, seu possível agente (ou causador), não é explicitado. Nesse tipo de padrão, ocorrem verbos potencialmente transitivos, como *quebrar*, *abrir*, *fechar*, *vender* e *furar* (Melo, 2015), cujo enquadre sintático-semântico projeta dois argumentos, um Sujeito-Agente e um Objeto Direto-Paciente.

De acordo com Melo (2015), a configuração sintática prototípica da construção medial, a mais recorrente nos *corpora* investigados, é S V, em que o referente do sujeito é afetado, sofrendo mudança de estado, e o verbo é do tipo semântico de ação-processo, mas destransitivizado (Chafe, 1979; Borba, 1996). Contudo, a construção medial pode também ser codificada por outros padrões, mantendo o mesmo sentido de mudança de estado do sujeito-paciente e desfocalização do agente, como em:

- (12) Você encontra muitas peças lindas de vidro, com preços ótimos. Escolha peças que sejam mais resistentes e encorpadas, pois *o vidro muito fino quebra facilmente* (IPAqC:\Users\mmcez\Downloads\www.ipaq.org.br, 2012).
- (13) Por outro lado, como todo material duro, a cerâmica é frágil e *quebra-se facilmente* (Relógios Mecânicos, 2012).

As orações assinaladas em (12) e (13) têm em comum a perspectiva processual sobre o evento, em que o sujeito-afetado é o tópico do enunciado e o agente é omitido. Na primeira, temos o pronome *se* usado não para indicar ação reflexiva, como em *João se barbeou*, por exemplo, mas para assinalar que um dos participantes da ação foi omitido — o agente. Assim como em (12), em (13) o modificador *facilmente* descreve a situação como habitual, com o verbo (*quebra-se*) flexionado no presente do indicativo. Diferentemente dos exemplos anteriores, nessas instâncias o produtor do texto relata a situação de uma perspectiva estativa. Desse modo, se compararmos as realizações da construção medial, podemos concluir que, em (11), o significado de mudança de estado se correlaciona com o tempo pretérito perfeito do verbo, já que mudança de estado/lugar (ou afetamento do referente do sujeito) implica ação concluída, isto é, aspecto perfectivo. Segundo Givón (1984), eventos perfectivos são cognitivamente mais salientes, de maneira que, quanto mais completo é um evento, maior é a percepção de afetamento do paciente (Furtado da Cunha, 1996). Por outro lado, em (12) e (13) não é o afetamento do paciente que é relevante, mas a propriedade de ele ser afetado (ou seja, quebrado) com facilidade. Daí o verbo flexionado no tempo presente. Em ambos os casos, o argumento paciente (= sujeito) é mais tópico do que o argumento agente, que sequer é explicitado por ser irrelevante para o que se quer comunicar com relação ao tema da amostra em que os dados ocorreram.

Passemos, agora, às construções triargumentais, como a construção de movimento causado (CMC) e a construção

ditransitiva (CD). O significado básico da CMC é X causa Y mover-se para Z, codificado como Sujeito (X) Verbo (causa) Objeto Direto (Y) Complemento circunstancial/adverbial (Z).⁵ No *corpus* analisado por Furtado da Cunha (2017), foram coletadas 431 instâncias dessa construção, distribuídas em 18 tipos de verbos de deslocamento. O mais recorrente é *colocar*, com 197 ocorrências, 46% do total de dados. Outros verbos frequentes são responsáveis, em conjunto, por mais de 45% das orações: *botar* (56 ocorrências), *levar* (54), *tirar* (39), *jogar* (27) e *pôr* (20). Veja-se esta amostra:

- (14) Descasco os legumes como: cenoura, repolho, beterraba e chuchu. *Coloco os legumes ralados na panela* com a cebola e o alho dourado (Furtado da Cunha, 1998, p. 69).

O verbo *colocar* projeta três papéis participantes: aquele que coloca, aquilo que é colocado e a localização (onde é colocado), que é o alvo da ação. Esses papéis participantes correspondem aos papéis argumentais da CMC — *agente*, *paciente* e *alvo* — e, por essa razão, podem fundir-se com eles. Na oração destacada em (14), as funções sintáticas S OD CompCircunst⁶ se associam aos papéis semânticos de *agente* ($\emptyset = eu$), *paciente* (*os legumes ralados*) e *alvo* (*na panela*), respectivamente. A correspondência entre a estrutura sintática S OD CompCircunst e a estrutura semântica *agente-paciente-alvo* define a construção de movimento causado. Desse modo, o sentido da oração é resultado da associação entre o significado da CMC e o significado dos itens lexicais que compõem a oração. Os verbos triargumentais que a CMC licencia são do tipo semântico de ação-processo, ou seja, expressam uma ação em que um sujeito animado, intencional faz com que o paciente se desloque para um determinado lugar (Chafe, 1979; Borba, 1996). O alvo prototípico identifica um lugar para o qual a entidade é movida. Observe-se o dado:

- 5 Esse participante é codificado por um SPrep. É um argumento circunstancial, em oposição aos argumentos nucleares, como o sujeito e os objetos direto e indireto.
- 6 Trata-se de complemento verbal que tem natureza adverbial. Pode designar circunstâncias várias, sendo a locativa a mais comum. Para mais detalhes, recomendamos Rocha Lima (2010).

- (15) [...] aí então ela começou a arrumar as coisas dela... [...] só levou as... as roupas que ela vinha mesmo... pegou... *botou tudo na mala*... bem direitinho... e foi pra casa... (Furtado da Cunha, 1998, p. 243)

Em (15), o SP direcional (*na mala*) desempenha o papel de alvo para onde o referente do objeto direto (*tudo*) é movido pela ação do sujeito ($\emptyset = \text{ela}$).

É interessante observar que mesmo alguns verbos prototípicos da CMC, como *colocar* e *tirar*, por exemplo, podem originar usos metafóricos mais produtivos, motivados pelo sentido central da construção:

- (16) só que o Paulo era um cara meio doidão... entendeu? era envolvido com... negócio de tóxico... esses negócios... eu e o Jucinei tentávamos muito... ver se *tirava ele de::ssa*... (Corpus Discurso & Gramática/RJ)
- (17) [...] aconteceu tudo isso... da gente ter terminado o namoro... porque *ele colocou chifre em mim*... (Furtado da Cunha, 1998, p. 229)

Nas orações em (16) e (17), o sentido de movimento de *tirar* e *colocar* se mantém; na primeira, o SP *dessa* aponta para um lugar metafórico (o envolvimento com entorpecentes), e o objeto direto *chifre*, na segunda, também é usado em um sentido figurado, remetendo a *traição*. Outros verbos de movimento têm usos metaforizados, a exemplo de *botar*.

- (18) [...] [experiências] melhores do que essa e que todo mundo aprenda também a mesma coisa e que *botem isso em prática* (Furtado da Cunha, 1998, p. 75)
- (19) [...] manda chamar ele porque quer revê-lo e quer conversar... contar as histórias e *botar as coisas em dia*... (Furtado da Cunha, 1998, p. 116)

O uso recorrente de *botar* seguido de *em prática/em dia* possibilitou que esses itens desenvolvessem uma relação sequencial, metonímica, ou *chunk*, nos termos de Bybee (2016). O processo cognitivo de *chunking* (agrupamento), motivado por repetição, subjaz à formação de novas instâncias de uma construção, facilitando o processamento e análise desses agrupamentos. Nesse sentido, compreende-se que os padrões linguísticos disponíveis na língua resultam de processos de convencionalização de usos criativos e casuais que, por meio de repetição, se tornam fixos na língua e são selecionados pelos falantes como formas ritualizadas e compartilhadas para determinados significados e funções (Bybee, 2016; Heine; Kuteva, 2007; Traugott; Dasher, 2002).

Assim como as construções anteriormente examinadas, a transitiva e a medial, a CMC também apresenta extensões a partir de seu sentido prototípico. O falante/escritor estende o uso do padrão estrutural dessa construção para outros tipos de evento que se afastam do significado básico a ela associado. Nessa linha, embora as especificações sintáticas sejam as mesmas, as semânticas são diferentes, revelando um caso de polissemia construcional: a mesma forma se liga a sentidos relativamente diferentes. Isso se explica pelo fato de que o padrão sintático e as especificações semânticas de uma construção são independentes dos verbos que ela sanciona. A frequência de uso é responsável pela fixação na língua de novas instanciações de uma construção, facilitando a produção e o processamento desses pareamentos de forma-função.

No que diz respeito à CMC, as instâncias dessa construção podem apresentar diferenças de sentido relacionadas à natureza do movimento, se real ou pretendido, permitido ou proibido, envolvendo classes de verbos similares (Ferrari, 2011). No *corpus* investigado por Furtado da Cunha (2017), além dos verbos de movimento diretamente vinculados à semântica da CMC, foram encontrados outros que se afastam, em alguma medida, desse sentido, conquanto a oração em que ocorram se conforme ao padrão S V OD CompCircunst. Veja-se:

- (20) [...] foram dormir tarde né... que a luz do quarto tava acesa e [a mulher] *mandou a menina pro quarto dela* e ela foi dormir né... (Furtado da Cunha, 1998, p. 278)

Para que o evento descrito na oração destacada em (20) ocorra, ou seja, que a menina se desloque para o quarto, é preciso que uma condição seja satisfeita, tal como a menina cumprir a ordem dada pela mulher. Assim, essa oração se distancia do sentido central de movimento causado, mas mantém a configuração da CMC.

Há, ainda, outros usos de *mandar* que se afastam relativamente do significado prototípico da CMC, embora se conformem ao padrão S V OD CompCircunst, como:

- (21) [...] resolvo assim... por exemplo... *uma entidade manda uma carta lá pra clínica*... dizendo que:: que tá abrindo credenciamento pra médicos... aí eu vou ter que saber o que que precisa pra gente se credenciar... (Furtado da Cunha, 1998, p. 263)

Na oração destacada em (21), o sujeito (*uma entidade*), que representa metonimicamente as pessoas que trabalham para a empresa, não é o responsável direto pelo deslocamento do referente do objeto direto (*uma carta*) para o SP alvo (*pra clínica*). Aqui o verbo *mandar* corresponde ao significado de *enviar*.

- (22) [...] e esses amplificadores são ligados às caixas... tá entendendo? *o amplificador manda a potência pras caixas*... o som... propriamente dito... (Corpus Discurso & Gramática/RJ)

A oração sublinhada em (22) se distancia da CMC prototípica porque o movimento referido não é um deslocamento concreto. O referente do sujeito *o amplificador* não é um agente típico, mas é interpretado como a causa do movimento abstrato, e o SP (*pras caixas*) não representa um lugar propriamente dito. Tanto em (21) quanto em (22), os papéis participantes de *mandar* (sujeito e complemento circunstancial/adverbial) se fundem com os papéis argumentais da CMC (agente e alvo).

Por fim, na oração com *prender* em (23), o referente do objeto direto (*ele* = o papel) é mantido em um lugar (*na prancheta*), por imposição de uma barreira que impede o movimento:

(23) [...] o pessoal fala "pega o papel branco" e tal... "*prende ele na prancheta...*" (Corpus Discurso & Gramática/RJ)

Passemos, agora, à construção ditransitiva (CD), que consiste em um verbo ditransitivo,⁷ um argumento agente (A), um argumento recipiente (R) e um argumento paciente (P). No *corpus* analisado por Furtado da Cunha (2017), foram encontradas 380 ocorrências (312 na fala e 68 na escrita) de orações cujos verbos são acompanhados por um elemento tradicionalmente classificado como objeto indireto mais SN objeto direto. Esses verbos triargumentais são do tipo semântico de ação-processo (Chafe, 1979; Borba, 1996), pois denotam uma ação em que um sujeito animado, intencional, causa uma mudança no estado ou na localização do paciente, como em (24):

(24) [...] então eu observei isso em uma pessoa... *ai a gente queria entregar o prêmio a essa pessoa...* (Furtado da Cunha, 1998, p. 180)

Os verbos ditransitivos representam um típico evento de transferência, em que um agente animado (Sujeito) transfere (= afeta, causando a mudança de localização ou de estado) um elemento paciente (Objeto Direto) para uma entidade humana recipiente (Objeto Indireto). Entre os verbos atestados no *corpus* examinado, o mais frequente (45 ocorrências, 42% do total) é *dar*, que representa o verbo de transferência prototípico. A prototipicidade de *dar* se deve ao fato de que sua semântica lexical (i.e., seu enquadre semântico) é idêntico à semântica da construção ditransitiva. Vejam-se alguns dados:

7 O verbo ditransitivo é nomeado verbo bitransitivo na tradição gramatical.

- (25) [...] Quando o paciente e particular, ou seja, a consulta, o mesmo paga a consulta *eu dou-lhe o recibo* e, em seguida, o paciente se consulta [...] (Furtado da Cunha, 1998, p. 268)
- (26) á lembrado dos detalhes da... da tela *que você me apresentou?* (Furtado da Cunha, 1998, p. 152)

As orações ditransitivas coletadas têm duas variações principais quanto à ordenação do objeto indireto em relação ao objeto direto. Assim, podemos ter dois padrões sintáticos: o OI⁸ é codificado antes do OD como um pronome em posição pré ou pós-verbal (27a) ou como um SP em posição pós-verbal (27b); o OI segue o OD, codificado como um SP após o verbo (28a) ou como um pronome antes do verbo (28b). Vejamos:

- (27a) [...] aí o garçom estava sabendo que eles estavam querendo me sacanear... desculpe a expressão... aí pegou/*me deu... o... o garfinho de sobremesa...* (Corpus Discurso & Gramática/Niterói)
- (27b) A minha amiga viu 2 lugares na frente e abriu a bolsa para pegar o dinheiro da passagem, até que o homem em voz baixa chamou a sua atenção, mostrou-lhe uma pequena arma e disse para *ela passar para ele, o dinheiro, relógio e pulseira.* (Corpus Discurso & Gramática/RJ)
- (28a) mas aí ele insistiu muito pra ficar... esses dias com ele... aí ela disse que cobrava tanto... se eu num me engano é assim... que ela cobrava ou então... depois que *ele deu o dinheiro a ela...* mas parece que ela... cobrou... (Furtado da Cunha, 1998, p. 241)

(28b) Entrevistador: você tá lembrado dos detalhes da... da tela *que você me presenteou*? Informante: mais ou menos... já faz tanto tempo... é um bosque... (Furtado da Cunha, 1998, p. 152)

Esses padrões se manifestam tanto nas instanciações da construção ditransitiva que conceitualizam um evento de transferência concreta, de posse (sentido central) quanto naqueles que expressam uma atividade que pode ser metaforicamente interpretada como um evento de transferência (Furtado da Cunha, 2015). No primeiro caso, temos verbos como *dar*, *presentear* e *passar*, entre outros.

Na amostra utilizada por Furtado da Cunha (2015), além dos verbos diretamente vinculados ao sentido central da construção ditransitiva, foram encontrados outros que se afastam, em alguma medida, desse sentido, como *oferecer* (6), *deixar* (7) e *fazer* (8), relacionados ao grau de êxito da transferência. Note-se que a oração em que ocorrem se conforma ao padrão S V OD OI.

(29) [...] "*you num me oferece esse lugar não?*" (Furtado da Cunha, 1998, p. 106)

(30) [...] ela acabou tomando comprimido e tudo pra morrer e nisso ele descobre e *ela deixou um bilhete pra ele* e qualquer coisa assim... (Furtado da Cunha, 1998, p. 183)

(31) [...] então ficou naquele negócio... *ela fazia as cartas pra pessoa* que ela gostava e ainda tinha que responder de novo pra amiga... (Furtado da Cunha, 1998, p. 183)

Na oração ditransitiva em (29), estão implicadas condições de satisfação, de modo que a transferência só se completa se o recipiente (*me*) aceitar o oferecimento. No segmento destacado em (30), com o verbo *deixar* usado numa configuração ditransitiva, o agente (*ela*) age para fazer com que o recipiente (*ele*) receba o paciente em algum ponto no futuro. Em (31), o agente (*ela*) do verbo *fazer*, codificado com ditransitivo, tenciona que o recipiente (*pessoa*) receba

o paciente (*as cartas*). Com verbos de criação, como *fazer*, não há certeza ou garantia de que o recipiente necessariamente receberá o objeto criado pelo agente com essa intenção. Como se pode ver, a construção ditransitiva se associa a uma família de sentidos distintos, mas relacionados, formando uma rede, conforme prevê a Gramática de Construções (Goldberg, 1995).

Do que foi exposto, é possível dizer que a língua é um inventário de construções, organizadas hierarquicamente em uma rede. No caso das construções de estrutura argumental que focalizamos aqui, cada uma delas licencia padrões estruturais particulares pareados com significados ligeiramente distintos. Um conjunto de instâncias seriam mais centrais e outras mais periféricas, conectadas entre si por meio de relações de polissemia. Isso implica dizer que o sentido básico, prototípico da construção pode ser estendido, com ligeiras diferenças de conteúdo semântico e pragmático relacionadas a arranjos sintáticos que se afastam do protótipo.

A TEORIA NA PRÁTICA

EXERCÍCIO 1

1. Tomando por base o conteúdo estudado neste capítulo, defina construção de estrutura argumental (CEA).
2. Que tipo de evento é codificado pela construção transitiva prototípica? Exemplifique com uma instância efetiva de uso.
3. O que caracteriza, em termos de papéis participantes, papéis semânticos e função sintática, uma construção de

movimento causado (CMC)? Exemplifique com uma instância efetiva de uso.

4. Em que se assemelham e em que se distinguem, em termos semântico-pragmáticos e formais, a construção de movimento causado (CMC) e a construção ditransitiva (CD)?

EXERCÍCIO 2

1. Com base nas ocorrências de (1) a (3) a seguir, extraídas do *Corpus* do Português (Davies, 2014), desenvolva os itens A, B e C.
 - (1) Pouco antes, na mesma esquina da Atlântica com a rua Miguel Lemos, *um rapaz abriu a janela de seu apartamento no térreo* e sacudiu uma bandeira do Lula. Uma pequena turba se reuniu para puxar o coro de “babaca” (Bragon, 2019).
 - (2) “Sou blogueira e escrevo sobre games há muitos anos. Também faço bordados usando a temática de games e outras coisas geeks.” *O trabalho abriu portas* e permitiu que Paula conhecesse muitas pessoas que trabalham com games, participasse de eventos e mesas redondas (Zambarda, 2013).
 - (3) Alguns passageiros ficaram irritados, até que um rapaz acionou a saída de emergência. *A porta abriu* e muita gente saiu andando pelos trilhos. O trem parado e outros competidores chegando à prefeitura. O que foi de moto levou quase 23 minutos. A Sílvia, que foi correndo, 51 minutos e 51 segundos.
- A) Analise as orações destacadas quanto aos seguintes aspectos:
 - i) conteúdo proposicional veiculado;
 - ii) cena descrita;

iii) papéis semânticos dos argumentos;

iv) funções sintáticas presentes.

- B)** Com base nas respostas ao item A, explicita semelhanças e diferenças entre as orações analisadas relativamente a propriedades semânticas, pragmáticas e morfossintáticas.
- C)** Qual o tipo de CEA essas orações instanciam? Justifique.

EXERCÍCIO 3

- 1.** Conforme estudado neste capítulo, uma mesma CEA pode ser instanciada por orações que exibem propriedades semântico-sintáticas ligeiramente distintas, conquanto exibam a mesma configuração sintagmática. Dada essa realidade, analise as orações destacadas de (1) a (3) e desenvolva os itens A, B e C.

- (1)** Entenda o caso

No dia 12 de março, um taxista entregou à adolescente Talita Machado uma caixa contendo bombons. Na caixa, havia um recado avisando que os doces seriam uma amostra grátis e que se houvesse interesse, ela poderia encomendá-los para a festa de aniversário de 15 anos (G1 Paraná, 2012).

- (2)** O Papa Francisco chegou na noite desta segunda-feira (15) ao Chile, onde fará uma visita de três dias. O Papa foi recebido pela presidente Michelle Bachelet e três crianças, *que lhe entregaram flores*, assim como membros da Igreja e outras autoridades. O forte vento levou Francisco a tirar o solidéu ao desembarcar do avião (G1 Mundo, 2018).

(3) O texto também rejeita os argumentos de que Hillary Clinton e Donald Trump são dois candidatos com falhas iguais, afirmando que se trata, como diria Spock, de um raciocínio “ilógico e impreciso”.

“Um (Trump) é um amador com uma ignorância desdenhosa pelas leis nacionais e pela realidade internacional, *enquanto o outro (Hillary) entregou sua vida ao serviço público. Vote por um futuro de inclusão, um futuro que algum dia nos leve às estrelas*”, conclui a carta (Pipoca Moderna, 2016).

- A) Que tipo de CEA as orações em destaque instanciam? Justifique.
- B) Explícite semelhanças e diferenças semântico-pragmáticas entre essas orações.
- C) Apresente possível(is) motivação(ões) para a diferença de ordenação dos complementos verbais das orações em (2) e (3).

PARA SABER MAIS

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Variação no domínio das construções de estrutura argumental. // FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (Org.). **Variação e mudança em perspectiva construcional**. Natal: EDUFRN, 2018. p. 10-35.

O texto trata da variação e da mudança linguísticas no domínio das construções de estrutura argumental (CEA) sob o viés construcionista, com foco nas CEA transitiva e medial. Os autores argumentam que cada uma dessas construções licencia padrões estruturais particulares pareados com significados ligeiramente distintos, sendo umas instâncias mais centrais e outras mais periféricas, conectadas entre si por meio de relações de herança e/ou polissemia.

BISPO, Edvaldo Balduino; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Não tomar partido é tomar partido: *chunks* e ensino de língua portuguesa. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; WILSON, Victoria (Org.). **Discurso e gramática**: entrelaces e perspectivas. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158.

Nesse capítulo, os autores refletem sobre a articulação entre teoria linguística e ensino de língua, de modo a examinar possibilidades e alternativas para o tratamento de fenômenos linguísticos em sala de aula, com foco nas atividades de análise linguística desenvolvidas na Educação Básica. Tomam por referência expressões formadas pelos verbos *tomar* e *fazer* seguidos de sintagma nominal, a exemplo de *tomar partido* e *fazer palanque*. O enquadre teórico orientador é a Linguística Funcional Centrada no Uso.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 48-64, 2018.

Esse artigo discute a transitividade verbal, confrontando a abordagem desse fenômeno segundo a tradição gramatical à proposta do Funcionalismo norte-americano em versão clássica e à perspectiva funcional centrada no uso aliada à Gramática de Construções. Os autores buscam focalizar o deslocamento da visão centrada na oração, que considera a gradiência das relações entre o verbo e seu(s) argumento(s), para a que postula a transitividade como uma propriedade da construção. Nessa direção, examinam a construção transitiva, a partir de usos efetivos da língua em textos de fala e de escrita, procurando identificar pressões de natureza discursivo-pragmática na perspectivização de eventos transitivos e o reflexo delas na expressão dos construtos que os codificam.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 109-132, 2017.

Esse trabalho compara duas construções de estrutura argumental do Português Brasileiro — a construção de movimento causado (CMC) e a ditransitiva (CD) — para investigar seus elos de polissemia, com base em aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que elas possam compartilhar. A análise de instâncias reais dessas construções mostrou que elas compartilham o mesmo padrão sintático, embora tenham significados diferentes.

REFERÊNCIAS

BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Monclar Guimarães. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, v. 7, n. Especial, p. i-x, 2022.

BORBA, Francisco. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

BRAGON, Ranier. Atos a favor da Lava Jato miram ministros do Supremo e o Congresso. **Folha de São Paulo**, 30 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/em-brasilia-ato-a-favor-da-lava-jato-mira-ministros-do-supremo.shtml>. Acesso em: 30 set. 2023.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: The role of frequency. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard (Org.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, Joan. **Linguagem, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CHAFE, Wallace. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

COMRIE, Bernd. **Language universals and linguistic typology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

CROFT, William. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, Mark. The Corpus do Português and the Frequency Dictionary of Portuguese. **Working with Portuguese corpora**, v. 1300, n. 38, p. 89, 2014.

DU BOIS, John. Discourse and grammar. *In*: TOMASELLO, Michael (Ed.). **The new psychology of language**. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Transitividade e passiva. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 1, p. 43-61, 1996.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **Corpus Discurso & Gramática** – a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Gragoatá**, v. 17, p. 115-131, 2006.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A construção transitiva no português do Brasil. **Actas del XVI Congreso de la ALFAL**, Espanha, 2012.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **A gramática da oração**. Diferentes olhares. Natal: EDUFRN, 2015. p. 135-165.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 109-132, 2017.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Maud/FARPEJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 48-64, 2018.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Variação no domínio das construções de estrutura argumental. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (Org.). **Variação e mudança em perspectiva construcional**. Natal: EDUFRN, 2018. p. 10-35.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Revista Soletras**, v. 1, n. 37, p. 103-116, 2019.

G1 JORNAL NACIONAL. São Paulo tem teste para descobrir qual meio de transporte é mais rápido. **G1**, Brasil, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/sao-paulo-tem-teste-para-descobrir-qual-meio-de-transporte-e-mais-rapido.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

G1 MUNDO. Papa Francisco chega para visita de três dias ao Chile. **G1**, Brasil, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/papa-francisco-chega-para-visita-de-tres-dias-ao-chile.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2023.

G1 PARANÁ. MP-PR denuncia doceira suspeita de enviar bombons envenenados. **G1**, Brasil, 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/04/mp-pr-denuncia-doceira-suspeita-de-enviar-bombons-envenenados.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**. A functional typological introduction. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adele. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **The genesis of grammar: A reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MELO, Nadia Maria Silveira Costa de. **A construção medial no português do Brasil: usos no padrão reclamação digital**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo Costa. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.

ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam (Ed.). **Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

PIPOCA MODERNA. Elenco de Star Trek diz que Donald Trump é ameaça ao futuro vislumbrado pela franquia. **Pipoca Moderna**, Brasil, 2016. Disponível em: <https://pipocamoderna.com.br/2016/10/elenco-de-star-trek-diz-que-donald-trump-e-ameaca-ao-futuro-vislumbrado-pela-franquia/>. Acesso em: 30 set. 2023.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo: José Olympio, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

ZAMBARDA, Pedro. Analista critica mercado gamer: 'Mulher não pode gostar de jogos de tiro?'. **TechTudo**, Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2013/09/blogueira-aponta-solucoes-para-criacao-de-jogos-menos-sexistas.ghml>. Acesso em: 30 set. 2023.

2

*Roberto de Freitas Júnior
Priscilla Mouta Marques*

A CONSTRUÇÃO MONOARGUMENTAL VS DE FOCALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

RESUMO

O presente capítulo revisita pesquisas sociofuncionalistas e construcionistas sobre a ordenação vocabular verbo-sujeito (VS) no Português do Brasil (PB) e focaliza uma trajetória histórica de trabalhos diacrônicos sobre o ponto, culminante em pesquisas contemporâneas no âmbito da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Na discussão são enfatizadas investigações ligadas à Construção Monoargumental VS de Focalização no PB, representada pelo esquema [(X)VSN]FOC. O intuito da revisão é mostrar como diferentes estudos sobre a cláusula VS apontam para sua associação a aspectos relativos à informatividade e como tal tendência é incorporada a estudos no campo da GCBU para a descrição linguística do PB. Ainda, são apresentadas características idiomáticas dos subesquemas [(X) CORRER SN] e [(X) CHEGAR SN] e exercícios que salientam aspectos do uso que refletem a natureza da representação gramatical em perspectiva construcional.

CONHECENDO O FENÔMENO

Na literatura linguística, há uma vasta diversidade de trabalhos que se voltam ou têm como um dos seus pontos de investigação a ordenação vocabular. No que tange a ordem dos referentes em função de sujeito no português, muitas pesquisas, de diferentes bases teórico-metodológicas, abordam a posposição desse termo, embora não se restrinjam a ela, tentando depreender quais fatores, sejam estruturais/formais, sejam funcionais/discursivo-pragmáticos, estariam envolvidos em seu uso em detrimento da ordem pré-verbal canônica.

Em seu estudo diacrônico sobre o fenômeno da ordem VS no PB, Berlinck (1989) aponta que, ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, a variação de ordenação vocabular SV/VS sofreu um processo de mudança favorecendo a fixação da ordem SV. A autora investiga as causas do fenômeno e defende que a distribuição das ordenações SV/VS no PB passa a caracterizar um processo de restrição de uso da ordem VS a contextos marcados. A tabela abaixo mostra a diminuição de incidência da ordenação referida no PB, ao longo do tempo:

Tabela 2.1 – Incidência de VS em três séculos

<i>Corpus</i>	%
Século XVIII (1750)	42%
Século XIX (1850)	31%
Século XX (1987)	21%

Fonte: adaptado de Berlinck (1989, p. 97).

Berlinck afirma que a ordem VS vai se tornando aos poucos menos frequente e que a hierarquia atribuída por ela aos fatores que facilitaríamos o surgimento de uma ou outra ordem também se altera ao longo do tempo. No século XVIII, a ordenação do referente em função de sujeito é influenciada principalmente pelo tipo de informação por ele veiculado (isto é, quanto maior o peso informacional, o grau

de novidade do sujeito, maior a probabilidade de ele ser inserido na posição pós-verbal). Tal influência não apresenta a mesma força nos séculos subsequentes. No século XIX, o tipo de predicador possui a maior relevância para a estipulação da ordenação e, no século XX, a maior influência para este fenômeno é a transitividade do verbo. Percebemos que a diminuição da ordem VS atingiu com maior intensidade os contextos mais transitivos nos três momentos analisados, como vemos na tabela abaixo:

Tabela 2.2 – Incidência de VS e transitividade

<i>Corpus</i>	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Transitividade		%	
Intransitivo Existencial	100%	97%	99%
Intransitivo não Existencial	59%	47%	46%
Verbo de Ligação	47%	30%	23%
Expressão Fixa	47%	28%	13%
Transitivo Indireto	34%	36%	8%
Transitivo Direto	34%	21%	3%
Bitransitivo	30%	15%	0%

Fonte: adaptado de Berlinck (1989, p. 102).

As descobertas da autora dialogam com pesquisas funcionalistas sobre o uso de VS, no sentido que define a transitividade verbal como um fator importante na determinação do uso das ordens. Destacamos os resultados de suas análises com verbos intransitivos não existenciais no século XX, que indicam que 46% do total de orações com esses verbos surgem na ordem VS. Salientamos também que, em trabalhos posteriores, Berlinck (1995; 1997) defende que a restrição da monoargumentalidade, associada recorrentemente à posposição do sujeito, deve ser relativizada, dado o número considerável de casos de VS verificados em estudos como, por exemplo, os de Naro e Votre (1986; 1989; 1999). A análise apresentada por Berlinck

(1995; 1997) indica que sujeitos em posição pós-verbal tendem a ser menos acessíveis e que os diferentes tipos de informação veiculados por sujeitos em cláusulas VS se devem à heterogeneidade do fenômeno da posposição em português.

Trabalhos funcionalistas diversos revelam que a ordem VS possui características próprias na construção do discurso, apontando para estratégia, por sua característica de baixa transitividade, de apresentação de referentes novos ou focalizados. O estudo clássico de Naro e Votre (1999) tratou do uso das ordens SV/VS em narrativas do PB coloquial e mostrou que tais construções, possivelmente analisáveis como formas variantes, estão, na realidade, em distribuição complementar, sendo o uso de cada ordenação determinado por motivações de cunho discursivo específicas. O estudo revelou que a ordem VS tende a ocorrer em contextos em que se verifica a necessidade de introdução de informações que não fazem parte do fluxo de informação principal do discurso, o que difere da construção prototípica SV que, por si, monta a estruturação narrativa.

Os autores resumem suas descobertas sobre a natureza pragmático-discursiva da ordem VS por aquilo que definem como *princípio da tensão baixa*, conferindo à cláusula VS posição periférica em relação à sequência narrativa, contribuindo com comentários que serão relevantes na composição da textualidade desta tipologia textual. Esta estrutura, então, cumpre papel de suporte para um melhor entendimento da mensagem, graças ao tipo de informação nela contida, que amplia ou contextualiza o teor principal. A cláusula VS, na visão de Naro e Votre (1999), possui o *status* de mais intransitiva, de acordo com a escala de transitividade de Hopper e Thompson (1980), por ser composta, entre outros parâmetros, por uma estrutura argumental de único argumento, o que não favorece a transferência de ação entre participantes. Por ser de baixa transitividade, tende a compor o plano discursivo de fundo, enquanto as orações SV, o plano de figura dos textos narrativos.

Naro e Votre (1999), de certa forma, perceberam que a ordem VS é amplamente manifestada em contextos de verbos intransitivos inacusativos — denominados por eles como verbos intransitivos não existenciais —, como os que ocorrem em sentenças do tipo: "...aí, vinha outra Kombi..." (Naro; Votre, 1999, p. 80). Há casos, inclusive, de ocorrência VS com verbos transitivos que se manifestam intransitivamente, como em: "*Nem sempre ganha o favorito*", mas que ainda assim apresentam comportamento funcional associado ao *princípio da tensão baixa* (Naro; Votre, 1999, p. 93).

Trabalhos importantes sobre a ordem VS no PB são também os de Spanó (2002; 2008), de base gerativista. Embora apresente perspectiva teórica distinta da de Berlinck (1995; 1997) e da de Naro e Votre (1999), a autora mostra a forte associação da ordem VS no PB à informatividade. Em seu trabalho, verificamos a força de traços como grau de novidade, definitude e peso para a caracterização do SN da ordem VS. A tais tendências está associado o fato de que o referente seja localizado como informação nova no nível do discurso, ou, de alguma forma, por motivações discursivas, mais informacionalmente saliente.

O estudo de Marques (2012) também ratifica alguns dos resultados apontados nos trabalhos supracitados. A autora verificou, em análise diacrônica da ordenação do sujeito no português, que, dentre todas as variáveis estruturais e discursivas por ela observadas, o estatuto informacional foi o fator explanatoriamente mais forte do fenômeno praticamente em todos os séculos, incluindo o século XX. Inclusive nos séculos XVII e XIX, que apresentaram, respectivamente, os fatores *cláusula* e *item verbal* como os de maior peso na determinação do posicionamento do sujeito na oração, a autora identificou o estatuto informacional como fator coatuante na explicação da ordem de tal referente.

Os resultados de Marques (2012) sobre a relação entre ordenação do sujeito e planos discursivos comprovaram a proposta de Votre e Naro (1986; 1989): em plano de figura, em que reside o fluxo

central do discurso, tenderam a ocorrer sujeitos pré-verbais e evocados. Os sujeitos novos ocorreram com mais frequência em contexto de fundo, em que se concentrou um maior número de referentes pospostos ao verbo.

A ocorrência de sujeitos novos antepostos ao verbo, posição menos esperada de referentes com esse estatuto informacional, mostrou-se relacionada ao nível de gramaticalização da cláusula em que esse item estava inserido, ou seja, ao apresentar uma maior rigidez na ordenação de seus elementos, determinados tipos de cláusulas, como as subordinadas, por exemplo, apresentam o sujeito na ordem pré-verbal, não-marcada, independentemente do tipo de informação por ele veiculado. No caso de sujeitos evocados em configurações pós-verbais, a autora verificou que, em geral, esses sujeitos se caracterizam pelo fato de deixarem de ser tópico e passarem a ser o foco da oração.

A pesquisa de Marques (2012) também revela que cláusulas VS com verbos mais frequentes tenderam a permanecer mais tempo na língua e a se configurarem como contextos restritos de ocorrências no português atual, que teve sua organização sintática modificada em favor da ordem SV(C).

Observamos pelos estudos citados que o estatuto informacional do SN de VS está fortemente associado ao seu grau de expressividade no nível do discurso. Embora, em termos estruturais, possamos apontar para uma associação da ordem VS a verbos inacusativos (Spanó, 2002; 2008), em termos informacionais, o uso do sujeito anteposto ou posposto ao verbo de estruturas pluri ou monoargumentais no PB se define por motivação discursiva de introdução de elementos novos ou com algum grau e novidade no nível do discurso, ou focalizados. Em suma, quanto maior for o grau de novidade do SN, maior a chance de ele ocorrer na posição SV, enquanto quanto maior for o grau de novidade, maior a chance de ele ocorrer na posição VS.

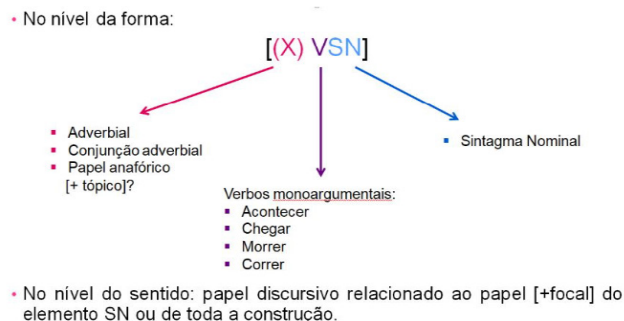
No âmbito das pesquisas funcionalistas de base construcionista, destacamos as reflexões sobre a ordem VS no PB desenvolvidas em Freitas Jr. e Alonso (2016) e Freitas Jr. e Marques (2019; 2020). Nesses estudos são apresentadas discussões em que a ordem VS apresenta características de forma e função próprias. Segundo esses trabalhos, o padrão [(X)VSN]_{FOC} apresentaria papel de sentido relacionado à informatividade (em particular, à focalização) e abarcaria padrões monoargumentais com grau de idiomaticidade específicos.

A hipótese de que no plano funcional o referido padrão se constitua como objeto associado à focalização dialoga diretamente com os estudos de Naro e Votre (1999), Berlinck (1989), Spanó (2002; 2008) e Marques (2012), posto que associam o uso sincrônico dessa ordenação vocabular a fatores informacionais ligados à apresentação de referentes novos no nível do discurso, retomada de referentes previamente apresentados — mas não rapidamente reativáveis —, entre outros aspectos, que no fim evidenciam o papel focal dessa oração e/ou do referente posposto. Defende-se, então, que a ordenação vocabular do tipo VS se constitua em um padrão diacronicamente formado, gramaticalizado de forma peculiar na atual sincronia.

TENDÊNCIAS DE USO

Em termos construcionais, é plausível pensar que atualmente podemos ter uma Construção Monoargumental VS de Focalização no PB: um pareamento forma-função de natureza monoargumental, com SN posposto prototipicamente não agentivo, e de sentido pragmático mais geral associado à informatividade. Tais propriedades de forma e sentido estão aqui representadas no esquema [(X)VSN]_{FOC}:

Figura 2.1 — Descrição de [(X) V SN]FOC



Fonte: elaborada pelos autores.

No que diz respeito aos aspectos formais, o esquema mais abstrato $[(X)VSN]_{FOC}$ apresentaria, portanto, um verbo seguido de um SN [-Agente]/[-Animado] e poderia ser encabeçado por um elemento X, de natureza dêitica/anafórica, sendo ele, com frequência, um adverbial. No nível do sentido, além da natureza semântica do SN, ainda seria característica da construção seu papel de foco informacional, pragmaticamente ligado ao *status* informacional do SN, de maior novidade, ou à apresentação de um evento, em forma de bloco informativo, no nível do discurso. A presença do adverbial, em geral de propriedades anafóricas, forma uma relação do tipo TÓPICO-COMENTÁRIO com a sequência VS. Os exemplos abaixo ilustram o que aqui está sendo apresentado:

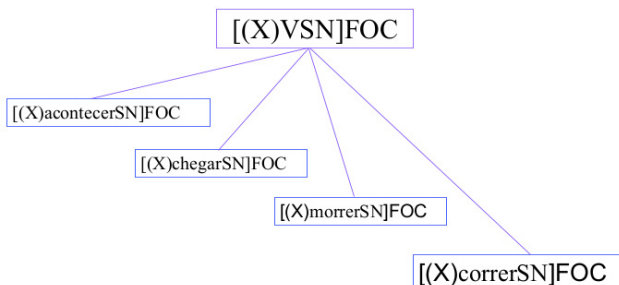
- (1) *Acabou a moleza* de recorrer contra decisão tributária que reconheceu fato incontroverso. A racionalidade de o Estado implicará, obrigatoriamente, a redução de os serviços de os causídicos. Mas, não faltará trabalho. A sociedade brasileira é conflituosa. (*Corpus* do Português)
- (2) O Marlon Brando estava fazendo um filme em Paris, em 1957, com o Dean Martin, o The Young Lions (Os Deuses Vencidos), e eu estava lá. Quis demais conhecê-lo. *No mesmo dia, aliás, aconteceu uma história incrível.* (*Corpus* do Português)

Se pensarmos a questão à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; 2019; Diessel, 2015; 2019; Perek, 2015), é possível considerar também a rede construcional como formada por unidades armazenadas de modo mais independente do padrão mais abstrato, graças ao papel da força da frequência de uso e/ou ao de fatores formais/funcionais associados a um grau de idiomaticidade mais particular. É o que defendemos ocorrer com os padrões [(X) CORRER SN] e [(X) CHEGAR SN], dos quais passamos a tratar: o número de ocorrências de orações com SN posposto em PB com o verbo <CORRER> e <CHEGAR> é tão alto que defendemos acontecer, em alinhamento com os pressupostos da GCBU, o armazenamento emancipado de microconstruções em decorrência da frequência de uso e de propriedades idiomáticas específicas.

Pelo papel exercido pela frequência, esses padrões passam a ser produzidos e processados de modo menos custoso, uma vantagem decorrente também de outros processos cognitivos de domínio geral, como o *chunking* e memória rica para a formação da gramática (Bybee, 2010). Eles ainda, como veremos logo a seguir, podem apresentar características idiomáticas próprias, refletidas em fatores formais e funcionais específicos a eles ligados.

Em suma, é possível pensar na ordem VS não apenas como resultante da força da informatividade na ordenação vocabular, mas como um pareamento abstrato, cognitivamente armazenado na gramática, associado a tal função: uma construção no PB sincrônico. Por tabela, é possível também pensar na existência de microconstruções, suficientemente frequentes e de características formais e funcionais próprias, com maior grau de idiomaticidade (como em *correu um boato* e *chegou o inverno*) e emancipação no contexto da rede construcional. Em outras palavras, teríamos o armazenamento direto de micropadrões, ligados ao mais geral [(X)VS(N)]FOC, com verbos específicos, como vemos na rede a seguir:

Figura 2.2 – Rede [(X) V SN]FOC



Fonte: elaborada pelos autores.

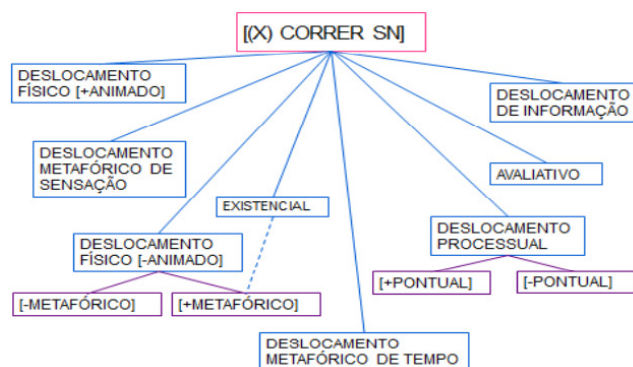
O esquema $[(X)VSN]_{FOC}$ aponta para uma representação mais abstrata, esquematicamente e analogicamente resultante de representações mais específicas com verbos relativamente prototípicos e frequentes na ordem VS, como “acontecer”, “chegar”, “morrer” e “correr”. Dados associados a tais verbos indicarão, ainda, a tendência já apontada de que seus SNs sejam de natureza [-Agente]/[-Animada] e que esses, ou mesmo toda a oração em voga, sejam referentes mais focalizados. Tais propriedades são capturadas de modo subespecificado na representação $[(X)VSN]_{FOC}$.

Se observarmos com maior critério, entretanto, os usos associados a cada um dos micropadrões em que figuram verbos específicos, observamos a existência de ainda outros micropadrões, ainda mais específicos, de maior grau de idiomaticidade e com propriedades formais e funcionais próprias, como já dito. As Figuras 2.3 e 2.4, abaixo, ilustram o ponto. As pesquisas de Freitas Jr. *et al.* (2022) e Freitas Jr. *et al.* (2020) sobre usos do esquema $[(X)VSN]_{FOC}$ em que configuram os verbos “correr” e “chegar” na posição do *slot* verbal revelam certas particularidades que evidenciam a emergência de subpadrões específicos de usos com propriedades formais e funcionais próprias.

Exemplificando, usos com o verbo “correr” na ordem VS apontam sempre para semântica de deslocamento, função metaforicamente estendida do sentido prototípico do verbo em questão,

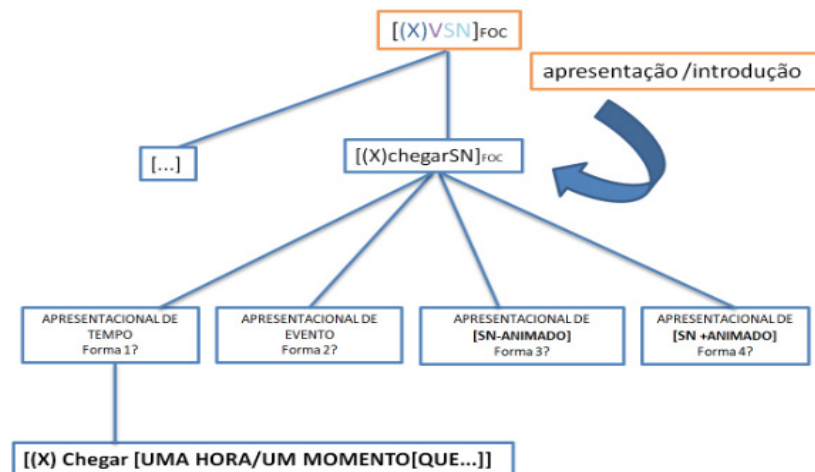
mas com informações pragmáticas e idiomáticas novas e específicas. Da mesma forma, usos com o verbo "chegar" na ordem VS apontam para semântica de aparecimento, função também metaforicamente estendida do sentido prototípico do verbo em questão, embora com informações pragmáticas e idiomáticas novas e específicas. Observemos as redes:

Figura 2.3 – Rede [(X) CORRER SN]



Fonte: adaptado de Freitas Jr. et al. (2020).

Figura 2.4 – Rede [(X) CHEGAR SN]



Fonte: Freitas Jr. et al. (2022).

Para tratarmos do ponto, destacamos seis padrões de usos identificados nas pesquisas com os verbos “correr” e “chegar” relacionados ao esquema [(X)VSN]_{FOC}. Sentenças VS com verbo “correr” no PB, além do sentido prototípico de deslocamento físico, fortemente associado ao verbo (3), podem apresentar sentido de deslocamento metafórico de informação (4) e processual (5):

- (3) Corre um menino pela estrada afora.
- (4) Corre um boato de que o curso pode fechar.
- (5) Corre uma auditoria naquela instituição financeira.

Da mesma forma, sentenças VS com verbo “chegar” no PB, além do sentido prototípico de aparecimento (apresentacional) físico (6), podem apresentar sentido apresentacional de tempo (7) e de evento (8):

- (6) Chegou o carteiro.
- (7) Chegou a primavera.
- (8) Chegou o carnaval.

Nas seis situações, os dados evidenciam microconstruções que possuem características formais e funcionais próprias, além de apresentarem as características prototípicas herdadas do esquema mais geral [(X)VSN]_{FOC}, referentes ao papel semântico [-Agente]/[-Animado], o papel de ordenação e de monoargumentalidade da construção, além do de informatividade (focalização) a ela associada.

No que tange aos sentidos idiomáticos — de deslocamento físico, de informação e processual de [(X) CORRER SN] e apresentacional físico, de tempo e evento de [(X) CHEGAR SN]—, destacamos que estes podem ser observados, entre outros fatores, pela frequência de ocorrência de tipos de SNs semanticamente correlacionados na posição em questão. Observamos tendência de SNs semanticamente controlados na posição do *slot* do sintagma pós-verbal, o que

sugere emancipação e fixação de padrões de uso específicos, ou seja, novas construções. Uma breve comutação de SNs nas orações exemplificadas de (3) a (8) pode auxiliar nosso entendimento sobre o ponto. Vejamos os exemplos de (9) a (14):

- (9) Corre um leão pela estrada afora.
- (10) Corre uma fofoca de que o curso pode fechar.
- (11) Corre um processo naquela instituição financeira.
- (12) Chegou o papai.
- (13) Chegou a hora do acerto.
- (14) Chegou o Natal.

As sentenças em questão evidenciam o caráter de herança construcional previsto no modelo da GCBU sobre a relação entre o padrão mais geral, a Construção Monoargumental VS de Focalização, $[(X)VSN]_{FOC}$, e as microconstruções $[(X) CORRER SN]$ e $[(X) CHEGAR SN]$, no que tange às características formais e funcionais já citadas, ao mesmo tempo em que evidenciam as propriedades formais e funcionais de pareamentos cognitivamente ativáveis de modo mais automático e independente, devido ao caráter de frequência de uso e/ou cristalização de seus sentidos idiomáticos específicos de deslocamento e apresentacional, já discutidos aqui.

TEORIA NA PRÁTICA

Questão 1) Identifique os referentes em função de sujeito nas orações que compõem os excertos abaixo, extraídos do *corpus* Discurso & Gramática, seção Rio de Janeiro, e classifique-os quanto ao seu estatuto informacional (novo, velho/evocado ou inferível).

Em seguida, observe o posicionamento de tal termo em relação ao verbo em cada uma das cláusulas. Considerando-se o que foi apresentado neste capítulo, a que conclusão se pode chegar ou que tendências esses dados parecem demonstrar?

- (i) “[...] é que eu cheguei em torno de::... nove horas no::... na Light... que é na Presidente Vargas... meia quatro dois... décimo quarto andar... e:: chegando lá... como... entrou um novo estagiário por... eu ter saído...” (André – NEP – parte oral – p. 51).
- (ii) “o engradado de cerveja... e... desceram... pegou/ o Alexandre pegou o carro dele e foi... comprar cerveja... aí estava descendo pela Conde de Bonfim... né? e ia dobrar... numa rua à esquerda... que era contramão ((riso)) pra ir no/na... na padaria que estava aberto lá pra comprar cerveja... no bar que estava aberto pra comprar cerveja...aí ele... pô... ligou a seta... reduziu... quando ele virou pra esquerda pra cruzar a Conde de Bonfim... vinha um táxi correndo pra caramba... e bateu... na porta dele... do lado dele assim...” (Daniel – NR – parte oral – p. 58).
- (iii) “[...] está tudo destruído... sabe? está tudo meio no chão... você tenta catar... as pessoas tentam... juntar assim... tipo... agora o Collor... caiu... não sei quê... todo mundo se juntou... mas sabe quando você não... não sabe o que vai acontecer depois?” (Mônica – RO – parte oral – p. 77).
- (iv) “[...] eu acho que isso tinha que te/tinha que ser um/tinha que ter um controle mais profundo... entendeu? as pessoas... pô... contribuir... com o que elas devem...tudo quanto é taxa... tudo quanto é imposto... as pesso/eu acho que as pessoas deviam contribuir... né? mas como::... como a gente pode querer? a Mesbla está lá... ela paga tudo quanto é imposto... paga imposto sobre... qualquer produto...” (Jorge Luís – RO – parte oral – p.71).

- (v) “[...] e tem uma Áurea... que é uma baixinha... gordinha... que também é:: *designer* ((riso)) ela é baixinha e ela é muito sacana...” (André – NEP- parte oral – p. 51).
- (vi) “o mais engraçado é que ele saltou do carro... pô... putão... e o motorista do táxi tranquilíssimo... ligando já pra::/pegou o rádio lá que tem no táxi e ligando lá pra Central... pediu reboque e não sei o quê... não deu nem atenção pra ele...aí pararam ((riso)) parou uma porção de tá::xi... aí os caras do táxi começaram a arrumar confusão... com ele... pô... ele falou que... os caras do táxi falando pra ele assim “pô... ninguém vai pagar teu prejuízo mesmo... sai fora” ((riso)) e::... não pagaram mesmo não... o cara/veio a polícia... registraram a ocorrência... o próprio policial falou que não adiantava nada que... entrar na justiça... demora anos... e dificilmente a empresa de táxi vai pagar... você só leva prejuízo... e... e o carro dele acabou... o seguro... deu perda total no carro dele ((riso))” (Daniel – NR – parte oral).

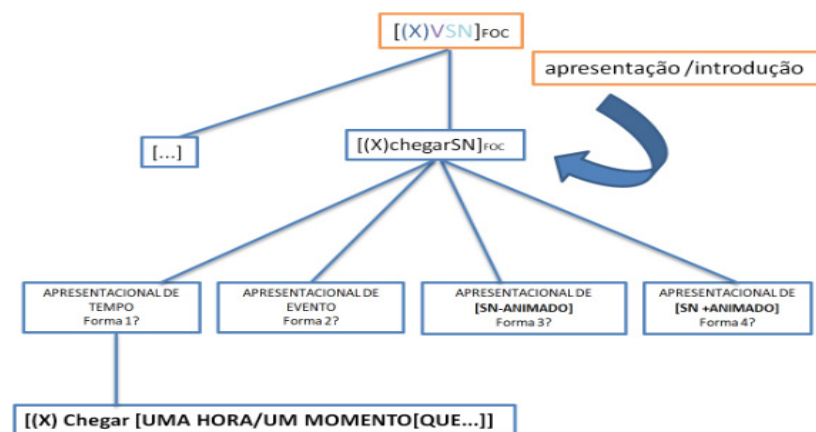
Questão 2) No trabalho de Freitas Jr. *et al.* (2021), os autores apontam para certas tendências de uso de padrões monoargumentais da ordem verbo-sujeito com o verbo <chegar>. Um dos padrões identificados diz respeito ao sentido de “introdução de informação temporal”. A partir dos dados abaixo, responda: o postulado apresentado no trabalho em questão é plausível? Por quê? Se possível, utilize propriedades formais e/ou funcionais dos usos para justificar sua resposta.

- (i) “Passaram os anos, passaram duas mil cirurgias. *Chegaram os 70 anos, chegou a reforma e a homenagem.* Sem falsa modéstia, como lição para o futuro, Eduardo Barroso honra o passado.”
- (ii) “Mas a partida entre Cruzeiro e Atlético fugiu à regra. Foram inúmeras situações de interpretação, para as quais sobram reclamações por parte de quem se sentiu prejudicado. E, para aumentar a dramaticidade, teve até substituição do árbitro por lesão. O clássico mineiro foi tema principal das conversas desde a TV ao botequim. Já ouvidos jogadores,

treinadores, comentaristas, dirigentes e torcedores, *chegou a hora de dar a palavra aos árbitros da partida, Wanderson Alves de Souza e Ronei Cândido Alves.*"

- (iii) "Mas, apesar de torcer pela volta da série em que interpretou um psicopata, parece que Gagliasso não tem só boas lembranças do período de gravações. Ele aprovou um tuíte que detonava (com bom humor) uma de suas colegas de elenco. 'Portugal nos mandou assassinos, jesuítas e degredados. *Chegou a hora da vingança, Luana Piovani, adeus!*, disparou o perfil."

Questão 3) Observe a rede construcional abaixo, retirada do trabalho de Freitas Jr *et al.* (2021):



Na gravura, observamos uma informação importante sobre como nossa gramática é organizada, segundo a Gramática de Construções Baseada no Uso: as construções podem manter entre si relação hierárquica, sendo umas mais abstratas, formalmente e funcionalmente mais abrangentes que outras. Nesse sentido, diferentes orações verbo-sujeito produzidas no PB podem evidenciar diferentes níveis de abstração construcional. Observe os dados abaixo e explique, portanto, como diferentes níveis de abstração são observáveis em um mesmo recorte de nosso conhecimento gramatical:

- (i) No LP seguinte, que foi “Miragem”, que também saíram alguns compactos desse LP. *Na época aconteceu uma coisa engraçada.* A Polygram queria me levar pra lá, tinha um produtor na CBS que não largava do meu pé, achava que era meu dono.
- (ii) *Chegou o homem que vai organizar minha festa de aniversário.*
- (iii) “As vítimas vulneráveis se sentem ameaçadas pelos companheiros e não procuram ajuda”, disse a delegada, reforçando a importância de denunciar. “No primeiro indício denuncia porque a tendência é só piorar. *Chega um momento que eles acham que são donos porque a gente vai passando por cima e perdando.*”
- (iv) O Everton chegou a mim por uma pessoa, que ia chegar essa proposta (Renato falou, em entrevista ao jornal *O Globo*, em oferta de 50 milhões de euros). Não sei nem como não chegou, é jogador de seleção brasileira. Foi até bom, mas se ele voltar a jogar o que jogou vai receber e até demais. *Chega uma hora que fica difícil segurar um jogador com proposta alta.*

Questão 4) Os dados de orações verbo-sujeito com o item <correr>, abaixo, foram retirados do trabalho de Freitas Jr. e Alonso (2016) e apresentam uma característica comum de sentenças na ordem verbo-sujeito no PB: a de que os referentes nominais apresentem certa saliência focal, quando comparados com demais referentes do discurso em voga. Discuta os dados, apresentando argumentos funcionais e/ou formais associados à questão:

- (i) Nem princesa verdadeira concorreria em beleza, em riqueza e elegância. Sofia chorou, de fato, e os irmãos aplaudiram. *Correu a negrada toda*, assuntando a aparição — aparição, sim, senhora, imagem celestial, há muito não existia uma noiva tão perfeita.
- (ii) Parecia, dos joelhos p’ra baixo, tudo sumido, quando não rabo de peixe que mal encostava no chão. E logo se sentiu um pitiu tão forte que até dava vontade de vomitar. *Correu um tremor no fio do lombo do João e da Merandolina.* Tiveram um susto de bater queixo. — Minha coroa do Divino! É boto, disse o mariscador pondo-se em pé.

- (iii) Mande o João Bento buscar o Antônio Castro. João é bom de montaria e não se demorará. Entre o ir e o voltar, *correu uma noite inteira*.

PARA SABER MAIS

Aos leitores interessados no aprofundamento desse assunto, temos a sugestão de quatro textos que são a base teórica de toda discussão aqui apresentada. Os dois primeiros textos tratam de uma perspectiva global sobre Gramática de Construções e ordem VS no português brasileiro. Os dois últimos tratam de maneira particular de construções VS com os verbos “correr” e “chegar” no PB e são aprofundamentos dos que os antecedem.

FREITAS JR., Roberto; ALONSO, Karen Sampaio Braga. Representação de Redes Construcionais: o caso de [(X)VSN]foc no PB. **Revista Linguística**, Brasil, 2016.

FREITAS JR., Roberto; MARQUES, Priscilla Mouta. Uma visão construcional da ordem verbo-sujeito como estratégia de focalização no português do Brasil. **Revista Linguística**, Brasil, 2020.

FREITAS JR., Roberto; CASTANHEIRA, Dennis da Silva; ROCHA, Julia Souza Agnese; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. A descrição linguística de [(X) Correr SN]Foc no PB: uma discussão sobre construções de estrutura argumental à luz da GCBU. **(Con)textos Linguísticos**, Brasil, v. 14, p. 84-98, 2020.

FREITAS JR., Roberto; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; MARQUES, Priscilla Mouta; ALBERNAZ, Isabela Maria Gonçalves. Discutindo níveis de generalização na gramática de construções baseada no uso: a rede construcional [(X) Chegar SN]foc no PB. **Revista Gragoatá (UFF)**, Niterói, v. 27, p. 20-51, 2022.

REFERÊNCIAS

- BERLINCK, Rosane de Andrade. A construção VS no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. **La position du sujet en portugais**. Etude diachronique des variétés brésilienne et européenne. 1995. Tese de Doutorado, Katholieke Universiteit Leuven, Leuven (Bélgica), 1995.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. Nem tudo que é posposto é novo: estatuto informacional do SN e posição do sujeito em português. **Alfa** — Revista de Linguística, Araraquara, v. 41, p. 57-78, 1997.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DIESEL, Holger. Frequency shapes syntactic structure. **Journal of Child Language**, Estados Unidos, v. 42, p. 278-281, 2015.
- DIESEL, Holger. **The grammar network**: how linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- FREITAS JR., Roberto; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; MARQUES, Priscilla Mouta; ALBERNAZ, Isabela Maria Gonçalves. Discutindo níveis de generalização na gramática de construções baseada no uso: a rede construcional [(X) Chegar SN]foc no PB. **Revista Gragoatá** (UFF), Niterói, v. 27, p. 20-51, 2022.
- FREITAS JR., Roberto; MARQUES, Priscilla Mouta. Uma visão construcional da ordem verbo-sujeito como estratégia de focalização no português do Brasil. **Revista Linguística**, Brasil, 2020.
- FREITAS JR., Roberto; CASTANHEIRA, Dennis da Silva; ROCHA, Julia Souza Agnese; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. A descrição linguística de [(X) Correr SN]Foc no PB: uma discussão sobre construções de estrutura argumental à luz da GCBU. **(Con)textos Linguísticos**, v. 14, p. 84-98, 2020.
- FREITAS JR., Roberto; ALONSO, Karen Sampaio Braga. Representação de Redes Construcionais: o caso de [(X)VSN]foc no PB. **Revista Linguística**, Brasil, 2016.

FREITAS JR., Roberto; MARQUES, Priscilla Mouta. Sobre links e herança construcional: uma revisão à luz da interrelação entre as construções núcleo-complemento, transitiva básica e monoargumental inacusativa. **Revista Solettras**, Brasil, n. 37, p. 204-223, 2019.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. **Explain me this**: creativity, competition and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, Estados Unidos, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

MARQUES, Priscilla Mouta. **Estudo Diacrônico da Ordenação do Sujeito em Relação ao Verbo no Português**. 2012. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NARO, Anthony; VOTRE, Sebastião. Discourse motivations for linguistic regularities. Verb/subject order in spoken Brazilian Portuguese. **Probus**, v. 11, p. 73-98, 1999.

NARO, Anthony; VOTRE, Sebastião. A Emergência da sintaxe como um efeito discursivo. Relatório final do Projeto Subsídios Sociolinguísticos. **Projeto Censo à Educação**, Rio de Janeiro, p. 454-481, 1986.

NARO, Anthony; VOTRE, Sebastião. Mecanismos funcionais do uso da língua. **DELTA**, v. 5, n. 2, p.169-184, 1989.

PEREK, Florent. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

SPANÓ, Maria. **A ordem V SN em construções monoargumentais, na fala culta do Português Brasileiro e Europeu**. 2002. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SPANÓ, Maria. **A ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro e Europeu**: Um estudo sincrônico da escrita padrão. 2008. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

3

*Marcia dos Santos Machado Vieira
Pâmela Fagundes Travassos*

CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE *DÃO* *MATCH* NA GRAMÁTICA DAS LÍNGUAS

RESUMO

Vamos trabalhar com usos da construção de predicador complexo com verbo suporte detectados em práticas comunicativas diversas de modo a explorar essa unidade de predicação como conhecimento gramatical convencionalizado, sistemático e recorrente em gramáticas de várias línguas e suas variedades e expor um panorama de funcionamento desse recurso na gramática da língua portuguesa. Verificamos a versatilidade formal e funcional desse tipo de predicador complexo por meio da análise de seus aspectos morfossintáticos, lexicais, semânticos, discursivos, pragmáticos e sociais. Consideramos, nesta descrição gramatical, os fenômenos de colocação e combinação e os processos de estabilização, variação e mudança.

CONHECENDO O FENÔMENO PARA NÃO *DAR BUG*

Começamos nosso trabalho aqui perspectivando construções de predicadores complexos com verbo suporte por meio de conceituações, generalizações e especificidades gramaticais e de exemplificações advindas de uma série de experiências de análises empíricas realizadas em razão do investimento em pesquisa feito no âmbito de um projeto científico-acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro intitulado *Predicar — Formação e expressão de predicadores complexos e predicações: estabilidade, variação e mudança construcional*.

No curso de mais de vinte anos desse projeto, estudos de predicações (pelo viés da polifuncionalidade de verbos e, no caso de verbos predicadores, da configuração de estruturas de argumentos) e predicadores complexos (com verbos suporte, auxiliar, serial, relacional/de ligação, por exemplo) têm sido empreendidos. O trabalho com construções com verbo suporte visto, naquela altura (ou seja, há mais de vinte anos), como um empreendimento a lidar com tema inovador, seja por conta da escassez de atenção e de referências a essa categoria em investigações, materiais descritivos ou aulas de Português, seja por conta da ênfase no processo de gramaticalização de itens (e não de construções), hoje já se molda noutros horizontes.

A temática de construções com verbo suporte já aparece mais recorrentemente em pesquisas e publicações delas resultantes, em livros ou materiais didáticos, em obras lexicográficas (Dicionário Houaiss) e em gramáticas descritivas. Ainda assim, ou nem sempre há uma compreensão clara do que essa categoria de verbos abarca e é ou nem sempre há uma descrição adequada a respeito, até em razão de ainda prevalecer, no imaginário coletivo, uma visão purista, homogênea e tradicional do processo de standardização do

português ou uma concepção de auxiliaridade restrita, porque centrada apenas na categoria de verbos auxiliares de outras unidades verbais, conforme Machado Vieira (2022) comenta.

É lógico que esse tipo de pensamento leva alguns a suporem que construções com verbo suporte estão associadas a normas de usos não *standard*. O título de nosso capítulo quer justamente desfazer essa ideia e quer persuadir o leitor a considerar que as gramáticas das línguas contam com mecanismos de formação de unidades verbais, sejam eles morfológicos sejam eles morfossintáticos (*xerocar, fazer xerox*; unidades linguísticas que vão ser convencionalizadas como intercambiáveis a partir de usos na sociedade motivados pelo surgimento de máquinas/processos tecnológicos de impressão da empresa Xerox Corporation). Entre tais mecanismos, está o predicador complexo com verbo suporte: *dar um close, fazer uma sugestão, ter um baque, dar bug*. Nosso ponto de vista ficará mais claro em desdobramentos deste capítulo.

O que é verbo suporte? O que é predicador complexo?

Verbo suporte é uma nomenclatura usada na gramática das línguas para designar um subconjunto de usos de unidades verbais os quais têm feição gramatical na organização sistemática, convencionalizada e recorrente de predicadores complexos a partir dos quais se estruturam predicções de evento ou situação/estado. Como podemos distinguir o uso de um verbo: entre o de verbo predicador ou o de verbo suporte? Um caminho é analisar propriedades de forma e funcionamento deles, por comparação de usos:

Exemplos:

- (1) "A mulher estava me pressionando horrores a fechar logo o serviço com ela e só. Outra pessoa chegou me *dando assistência* e oferecendo o mesmo serviço por metade do valor e o dobro da atenção. Fechei com a querida que me

*deu suporte, quando dei o retorno pra outra fui bloqueada.*⁹
[Twitter, 29 set. 2023]

- (2) “Durante coletiva virtual, nesta tarde de terça-feira (27), o médico pneumologista Marcelo Rabahi, afirmou que o candidato a prefeito de Goiânia Maguito Vilela (MDB) *teve evolução* de desconforto na respiração nas últimas 24h. ‘A transferência *dará um suporte* de assistência respiratória mais otimizada. É como transferir de uma ala para outra’, diz ao lembrar que trata-se da mesma rede hospitalar. Segundo ele, a decisão partiu em conjunto com a família de Maguito.”¹⁰
[Mais Goiás, 27 out. 2020]

A comparação das expressões linguísticas que se valem dos lexemas *dar* e *suporte* nos dois dados revela que, no primeiro trecho de exemplificação, há entre tais lexemas uma relação diferente da que vemos materializada no segundo exemplo. O uso “me deu suporte” equivale a “me ajudou”, ou seja, a expressão verbo-nominal forma um *chunk* e opera tal qual um verbo simples (*ajudar, auxiliar, amparar*) e também tais quais predicadores complexos como *dar assistência* (que também ocorre no mesmo *tweet*). Já *dará um suporte de assistência respiratória mais otimizada* revela o emprego de *dar* tal qual um predicador simples como *oferecer* ou *proporcionar* e *um suporte de assistência respiratória mais otimizada* tem comportamento de termo participante correspondente ao papel de termo argumento do verbo com função de objeto direto em estruturas de predicação ditransitiva. Aproveitamos aqui a expressão “dar suporte”, que é uma das funcionalidades procedurais de um verbo instrumental do tipo suporte na organização de predicadores complexos, para mostrar a diferença entre usos associados a predicadores complexos

9 Disponível em: https://twitter.com/nasouuza_/status/1707754732268179797. Acesso em: 30 set. 2023.

10 Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/politica/comprometimento-dos-pulmoes-de-maguito-esta-entre-50-e-75-diz-medico/>. Acesso em: 30 set. 2023.

(*dar suporte, dar assistência, dar um retorno*) e usos associados a predicadores simples (*dar*).

Predicadores complexos são unidades funcionais formadas de elemento verbal e elemento não-verbal que ocupam o lugar de predicador na projeção de papéis participantes numa predicação nuclear a estruturar semanticamente uma proposição. Esses papéis participantes são também nomeados de actantes ou entidades em estados de coisas na literatura, são os conteúdos previstos pelos predicadores para a estruturação semântica de uma proposição. Tais papéis participantes associam-se à configuração de estrutura de termos com papéis argumentais e não argumentais (ou seja, aos termos de uma estrutura argumental de predicação verbal nuclear, podendo essa ser convertida numa predicação verbal expandida por meio de adjunção de termos satélites e, assim, apresentar-se como uma proposição num texto). Para elucidar essa projeção de papéis participantes e sua compatibilização a termos argumentais de estruturas pessoais ou impessoais, transitivas ou intransitivas, é interessante a leitura de Machado Vieira (2022). De todo modo, a título de breve ilustração *lançamos mão* de dados como:

(3) “Sextou, dia mundial de *dar match!*”

Figura 3.1 – Exemplo de *dar match*



Fonte: Twitter (2020)¹¹.

O predador complexo *dar match* tanto organiza predicções intransitivas como a da propaganda de uma hamburgueria artesanal em *tweet* acima (*Sextou, dia mundial de [pessoa qualquer e/ou coisa/ideia qualquer] dar match!*, servindo à impersonalização discursiva, *E, aí, [certa junção] deu match?*) quanto organiza predicções transitivas, como as abaixo:

- (4) “*Deu match* com a Mulher-Hulk? Marvel cria perfil da heroína no Tinder.

Em *Mulher-Hulk: Defensora de Heróis* nós devemos rever muitos rostos conhecidos como participações especiais, muitos novos rostos e pessoas com poderes diversos.¹²

- (5) “Fãs acham que a Mulher-Hulk *deu Match* com o grande vilão da série.”¹³ [RedaçãoGDPB, 9 set. 2022]

11 Disponível em: <https://twitter.com/deumatchburger1/status/1327398394013290496/photo/1>. Acesso em: 30 set. 2023.

12 Disponível em: <https://legadodamarvel.com.br/deu-match-com-a-mulher-hulk-marvel-cria-perfil-da-heroína-no-tinder/>. Acesso em: 30 set. 2023.

13 Disponível em: <https://disneyplusbrasil.com.br/fas-acham-que-a-mulher-hulk-deu-match-com-o-grande-vilão-da-série/>. Acesso em: 30 set. 2023.

Predicadores complexos podem relacionar-se a estruturas argumentais de predicacões impessoais ou pessoais, como vemos a seguir:

- (6) “Onde *faz vento* podemos aplicar um para-vento regulável”¹⁴
- (7) “Ar-condicionado ‘inteligente’ não *faz vento* e promete gastar 82% menos energia”¹⁵ [CNN, 8 dez. 2020]

Predicadores complexos podem combinar-se, ainda, a estruturas argumentais que preveem três lugares argumentais, como a do exemplo a seguir:

- (8) “Inmet *faz alerta* de baixa umidade do ar para 21 municípios em MS”¹⁶ [Campo Grande News, 2 jul. 2023]

Qual é o potencial de predicacões verbais projetadas a partir de predicadores complexos com verbo suporte?

A partir de predicadores complexos com verbo suporte, podemos organizar: a) predicacões nucleares impessoais, que não envolvem termo argumental (sujeito ou complemento); b) predicacões nucleares impessoais transitivas, que só não envolvem termo argumental sujeito; c) predicacões nucleares pessoais intransitivas, que envolvem termo argumental sujeito; e d) predicacões nucleares pessoais transitivas. Estas têm, além de termo argumental sujeito que se materializa por sintagma nominal ou forma correspondente (pronominal, por exemplo), um, dois ou três termos argumentais complementos, que se materializam por meio de sintagmas preposicionais

14 Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/455708056017289511/>. Acesso em: 30 set. 2023.

15 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/ar-condicionado-inteligente-nao-faz-vento-e-promete-gastar-82-menos-energia/>. Acesso em: 30 set. 2023.

16 Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/meio-ambiente/inmet-faz-alerta-de-baixa-umidade-do-ar-para-21-municipios-em-ms>. Acesso em: 30 set. 2023.

ou formas correspondentes (pronominais). Exemplos desses tipos de predicções configuradas a partir da combinação de termos relacionados a papéis participantes projetados por predicadores complexos estão ilustrados abaixo:

Exemplos:

- a) “De acordo com a previsão do tempo para o Rio de Janeiro, não há chance de chuvas e *fará calor* durante a decisão.”¹⁷ [Lance, 16 set. 2023]
- b) “*Haverá nacionalização* [dos embates estaduais] _{Complemento}’ diz Costa Pinto.”¹⁸ [Poder 360, 30 abr. 2022]
- c) “Por que [o trovão] _{Sujeito} *faz barulho*?”¹⁹ [Unesp para jovens, Pílulas de ciência, 14 abr. 2023]
- d) “[Lacen] _{Sujeito} passa a *fazer diagnóstico* [da varíola dos macacos] _{Complemento} no DF. Capital já tem 38 casos confirmados e outros 97 sob investigação.”²⁰ [Brasil de Fato, 2 ago. 2022]

TENDÊNCIAS DE USO *DÃO UM UP(GRADE)*

Nesta seção, objetivamos quebrar mitos acerca de predicadores complexos com verbo suporte e mostrar tendências sistematizadas

- 17 Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/copa-do-brasil-previsao-do-tempo-indicajogo-com-sol-e-sem-possibilidade-de-chuva,1ecfe34585e23bc9176ed92081639f445uncxjct.html>. Acesso em: 30 set. 2023.
- 18 Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poderdata/havera-nacionalizacao-dos-embates-estaduais-diz-costa-pinto/>. Acesso em: 30 set. 2023.
- 19 Disponível em: <https://parajovens.unesp.br/pilula/por-que-o-trovao-faz-barulho/>. Acesso em: 30 set. 2023.
- 20 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/02/lacen-passa-a-fazer-diagnostico-da-variola-dos-macacos-no-df>. Acesso em: 30 set. 2023.

de padrões de uso da construção, a partir de base empírica desenvolvida em pesquisas científicas na área da Linguística, ilustrando o fenômeno com rica exemplificação.

Supõem-se como reflexo da realidade linguística, no senso comum, as ideias de que construções com verbo suporte são pouco frequentes e muito cristalizadas. Ademais, elas tendem a ser associadas a um fenômeno da atualidade, como se tivessem surgido só mais recentemente e como um fenômeno que só acontece no português do Brasil, na oralidade e em situações sociocomunicativas informais. Entretanto, vamos mostrar que essa não é toda a história acerca dessas construções e que elas estão muito presentes em nosso dia a dia. Tal como Lakoff e Johnson (1980) propuseram a ideia de “metáforas da vida cotidiana”, de modo a indicar que as metáforas não se restringem a usos literários, analogamente, indicamos aqui a ideia de “construções com verbo suporte da vida cotidiana”, uma vez que elas não se restringem aos contextos apontados pelo senso comum.

O fenômeno linguístico em foco permeia os mais diversos contextos comunicativos, de modo sistemático. Encontramos usos de predicadores complexos com verbo suporte em variadas práticas sociais, a cumprirem funções comunicativas específicas, de acordo com a situação, com o enunciador e com o interlocutor em questão. Seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita, seja na variedade brasileira do Português, seja na variedade de Portugal, de Angola, de Moçambique, de Macau, assim como em outras variedades do Português e também em outras línguas, de origem românica e não românica, nos mais diversos gêneros textuais, temáticas e domínios discursivos, em diferentes épocas, em registros mais ou menos formais/monitorados, ou seja, “aqui, ali, em todo lugar”, encontramos perífrases verbo-nominais. Assim, suas tendências de usos vão em muitas direções, sendo um fenômeno bastante recorrente em nosso cotidiano, até mais do que, muitas vezes, supomos.

Navegamos por esse panorama de horizontes de usos possíveis por meio da observação da enorme versatilidade dos predicadores complexos, tanto em termos de forma, ou seja, levando em consideração suas possibilidades internas de configuração (com SN, SP, SAdj, com atenção especial ao primeiro tipo) e sua inserção em sentenças, quanto em termos de função, relacionando-os a estratégias discursivo-pragmáticas, inclusive, argumentativas e de preservação de face. Para tanto, localizamos, no oceano de textos disponíveis na internet, exemplos de diversas estruturas de construções com verbo suporte, como aquelas, cujo elemento não-verbal consiste em nome de animal/inseto (“pagar mico”), unidade em inglês (“fazer *call*”), parte do corpo (“passar a perna”), percepção sensorial (“dar uma olhada”), entre outras. Desse modo, movimentamo-nos em direção a rumos diferentes, de modo a navegar nos mais diversos mares situacionais.

Quebrando mitos

1) **“Construções com verbo suporte são pouco frequentes e são totalmente cristalizadas”: *Deu zebra?***

Construções com verbo suporte são, por vezes, associadas somente a construções mais fixas, cristalizadas, como algo mais próximo do léxico, tais como as expressões idiomáticas mais engessadas, em que o significado do todo não corresponde à soma do significado das partes da construção, com um grau menor de composicionalidade. Como expressões desse tipo têm um perfil mais restrito de uso, uma vez que não apresentam tanta flexibilidade formal e funcional, tendem a ser usadas em contextos mais específicos com significados previsíveis, sem grande variação funcional. Por isso, a ideia de que são pouco frequentes. Como exemplo dessas construções com verbo suporte menos maleáveis, citamos perífrases verbo-nominais, cujo elemento não-verbal faz referência a um animal ou

inseto, como “pentear macaco”, “comer mosca”, “cutucar onça (com vara curta)”, “soltar os cachorros”, “ter minhocas (na cabeça)”, “tirar o cavalinho (da chuva)”. Embora expressões desse tipo sejam mais fixas, ainda assim, é possível ver um grau de variação, que se evidencia, por exemplo, em alguns casos, nas diferentes formas do verbo em função de tempo, modo, número e pessoa e na presença/ausência de determinante e/ou modificador.

A seguir, apresentamos alguns exemplos concretos de usos desse tipo, respectivamente, com “pagar o pato” e “pagar mico”, que significam, na ordem, “levar a culpa por algo” e “passar vexame/vergonha, ficar em saia justa”.

- (9) “*Quem paga o pato?* Todas as vezes em que a elite econômica sente-se ameaçada em seus privilégios recorre a seu braço político para resolver o impasse. Não está sendo diferente agora, sob o Governo de Michel Temer.”²¹ [El país, 27 jul. 2016]
- (10) “Como todo mundo sabe chá sem mico não tem graça! E quem faz *pagar o mico* hoje *paga o mico* amanhã e por aí vai... Acho a idéia de *pagar mico* engraçada, mas acho também que tudo tem que ser feito respeitando a personalidade de quem vai fazer e também dos convidados presentes. Fazer as pessoas ficarem constrangidas é desnecessário, portanto bom senso é fundamental!”²² [Zanotta, 15 out. 2009]

No entanto, na análise empírica de dados provenientes de *corpora* diversos, fica claro que essas construções apresentam graus variados de cristalização e de flexibilidade formal e funcional, estando, por vezes, mais próximas, inclusive, de um caráter gramatical. Essas construções são bastante frequentes, como nos mostra

21 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/27/opinion/1469621664_494827.html. Acesso em: 13 set. 2023.

22 Disponível em: <http://shanazanotta.blogspot.com/2009/10/aqui-se-faz-aqui-se-paga-mico.html>. Acesso em: 13 set. 2023.

Esteves (2012), por exemplo, em um estudo sobre construções do tipo DAR/FAZER + SN (sintagma nominal), que investiga, a partir da análise de 1747 dados de textos brasileiros e portugueses, orais e escritos, de gêneros textuais diversos (entrevistas, relatos de opinião, narrativas de experiência pessoal, narrativas recontadas, notícias, anúncios, editoriais, artigos de opinião, provas e redações), graus de lexicalização da construção, com base em fatores como: grau de congelamento semântico; possibilidade de anteposição do sintagma nominal em relação ao verbo; possibilidade de permuta do sintagma nominal, do verbo e da perífrase; e possibilidade de inserção de elementos mais ou menos determinantes adjacentes ao sintagma nominal. Observemos o exemplo que segue, retirado de Esteves (2012, p. 102):

- (11) “eu acho que a colo/a o governo devia de *dar proteção* à colônia, pegar o presidente quem é o presidente o que que está faltando na colônia que ninguém paga sabe a colônia faliu eu estou atrasado há um ano ah porque ah eu pago tenho recibo tudo guardo todos os recibos.” (PB oral, VARPORT(POPULAR), OP-B-90-2M-005, faixa B, nível 1)

Assim, a construção “dar proteção” poderia sofrer alterações de diversas maneiras. Uma delas seria a possibilidade de permuta de todo o predicador complexo pelo predicador simples “proteger”, embora isso jamais represente sinonímia perfeita. Uma outra alteração possível seria o acréscimo de determinante, como “a”/“uma”, entre verbo suporte e elemento não-verbal, como em “dar a/uma proteção” ou, ainda, de outros elementos, como “muita”, como em “dar muita proteção”. Existe também a opção que compreende a anteposição do sintagma nominal em relação ao verbo suporte: “uma proteção dar”. Ou a permuta do elemento nominal: “dar amparo”. Ademais, vale lembrar também a possibilidade de alteração no tempo, modo, número e pessoa do verbo suporte, como em “demos proteção”.

Desse modo, percebemos que a construção com verbo suporte nem sempre é totalmente engessada, podendo ser também mais flexível, englobando possibilidades estruturais e semânticas diversas. Nesse sentido, são bastante abrangentes e frequentes.

2) “Construções com verbo suporte só acontecem nos dias mais atuais”: *dê entrada* em uma ideia diferente

Pesquisas, como a de Travassos (2019) e de Travassos e Machado Vieira (2021), revelam que não é de hoje que construções com verbo suporte são usadas no português do Brasil. Segundo essas investigações, no estudo diacrônico desenvolvido acerca de perífrases verbo-nominais com verbo suporte DAR, há usos dessas expressões já em 1925, como nos mostra o exemplo a seguir, indicado pelas autoras, retirado do acervo *on-line* de um jornal, uma instânciação de “dar entrada”.

- (12) “Estacando em frente à sede do governo, *deram entrada* no seu recinto, onde os aguardava o Sr. presidente da República, os brilhantes acadêmicos portugueses e os membros previamente escolhidos das comissões das festas.” [PB, Jornal *O Globo*] (Travassos, 2019, p. 159).

Essas pesquisas nos mostram evidências de mudança construcional na língua portuguesa no que diz respeito a esse fenômeno, uma vez que nos dão pistas de associação cada vez maior dessas perífrases, ao longo do tempo (de 1925 a 2014), a usos modais em comparação à indicação de brevidade de um certo evento apresentado na proposição. Trataremos, com mais detalhes, acerca da semântica envolvida nessa mudança, no item a seguir.

3) “Construções com verbo suporte só indicam algo breve”: *dá só uma olhada* em outras tendências de usos

A primeira impressão associada a construções com verbo suporte talvez seja a ideia de que são expressões usadas para indicar

um evento que acontece de forma rápida e por alto, como quando alguém pede para “dar uma olhadinha” em algo. Chamamos esse valor de aspecto não-durativo (Vendler, 1967).

Apesar de essa função ser, por vezes, acionada em determinados contextos, estudos como o de Travassos (2019), que investigou construções com o verbo-suporte *dar* nas quais esse opera, como verbalizador, sobre elementos não-verbais do tipo X-a/ida, X-a/idela, X-a/idinha e X-(z)inho(a), vêm apontando para uma tendência de mudança construcional no português, de modo que há indícios de aumento no uso dessas construções com finalidades pragmáticas, envolvendo intenções argumentativas de convencimento, associadas a atos ilocucionários do tipo pedido, convite, sugestão, conselho ou ordem (Austin, 1962; Searle, 1975), por exemplo.

Desse modo, expressões desse tipo seriam usadas para suavizar o pedido, como estratégia de persuasão, tendo o cuidado na preservação da própria face e de sua imagem perante o outro, assim como tendo uma atenção à preservação da face do interlocutor. Chamamos esse valor de modal (Nascimento, 2009).

A seguir, apresentamos dois exemplos de usos da construção, indicando, respectivamente, valor aspectual não-durativo e modal. No exemplo com “dar uma espiadinha”, há um convite para uma olhada rápida e superficial, de modo a ver se interessa ao leitor o conteúdo ou não. Já no exemplo com “dar uma olhada”, a construção “dar uma olhada” faz referência ao exame cuidadoso que o dentista irá fazer nos dentes do paciente, ação que requer concentração, zelo e empenho.

(13) “*Dá só uma espiadinha* no que vem por aí... . . . Ficou curioso@? É só acompanhar nossas mídias sociais”²³

23

Disponível em: https://www.facebook.com/vocci.choir/videos/d%C3%A1-s%C3%B3-uma-espiadinha-no-que-vem-por-a%C3%ADficou-curios-%C3%A9-s%C3%B3-acompanhar-nossas-m%C3%ADdias/697778111130505/?locale=hi_IN. Acesso em: 28 set. 2023.

- (14) "O seu dentista vai te examinar, dando atenção aos músculos na mandíbula e àqueles ao redor dela. Ele também vai *dar uma olhada* nos seus dentes à procura de evidência de rangido dos dentes. Durante o exame, o seu dentista vai verificar a sensibilidade nos seus músculos e na articulação temporomandibular. Por fim, vai *dar uma olhada* em dentes fraturados, dentes faltando ou um alinhamento dental precário."²⁴

Além de aspecto não-durativo e modalidade, perífrases verbo-nominais também podem indicar, dentre outros valores, aspecto inceptivo, como nos mostra o estudo de Travassos (2021) acerca de expressões como "dar (a) partida", "dar (a/uma) saída", "dar (a/uma/sua) arrancada", "dar (a) largada", "dar (uma) começada", "dar uma iniciada" e "dar (a/uma) entrada", que indicam o início de determinado evento. Nesse estudo, ainda, a autora percebeu associações de determinadas expressões desse tipo a certos domínios de aplicação, a certas temáticas, como a de "Automóvel", "Esporte", "Informática", "Entretenimento", "Educação". A seguir, um exemplo de "dar a largada" indicando um início de um evento social.

- (15) "Foi *dada a largada* para a festa de emancipação dos 163 anos do nosso município"²⁵

4) "Construções com verbo suporte só acontecem no português do Brasil": *take care!*

Às vezes, os predicadores complexos com verbo suporte são associados somente à variedade brasileira do português. Entretanto, basta percorrer os olhos por textos diversos e os dados linguísticos nos levam rapidamente a outra direção: esse tipo de perífrase verbo-nominal além de não ocorrer somente no português do Brasil

24 Disponível em: <https://www.colgate.com.br/oral-health/bruxism/bruxism-teeth-grinding>. Acesso em: 28 set. 2023.

25 Disponível em: <https://www.saobentodouna.pe.gov.br/foi-dada-a-largada-para-a-festa-de-emancipacao-dos-163-anos-do-nosso-municipio/>. Acesso em: 28 set. 2023.

(continente americano), ocorre também em outras variedades do português de outros continentes, seja na Europa (português de Portugal), seja na África (português de Angola, Moçambique etc.), seja na Ásia (português de Macau).

Pesquisas linguísticas acerca do fenômeno, até então, têm focalizado dados do português do Brasil e de Portugal (Esteves, 2012; Travassos, 2019; 2023), no entanto, urge o desenvolvimento de pesquisas linguísticas acerca do fenômeno a partir de dados de outros continentes. Isso ocorre, principalmente, pela escassez de textos das variedades africanas e asiáticas em plataformas que armazenem e anotem *corpora*, como o *Sketch Engine*.²⁶ Investigações futuras acerca dos predicadores complexos podem dar maior atenção a esses dados e ao desenvolvimento de amostras significativas dessas variedades.

Exemplos do caráter pluricêntrico do português no que diz respeito a usos de construções com verbo suporte em diversas variedades de diferentes continentes são encontrados a seguir.

- (16) “E vai virar o barco, ganhar mesmo as eleições? A resposta é antecipada de um sorriso. ‘Estou cá, estamos cá todos para ganhar as eleições. As coisas estão a inverter-se [referência às sondagens], o contacto diário, na rua, está a demonstrar isso. Sim, vamos virar o barco e *dar rumo* à Madeira.”²⁷ (Português de Portugal)
- (17) “O gabinete Provincial da Educação, por sua vez, compromete-se a continuar a *prestar apoios* aos novos alunos reclusos com materiais de ensino e outros meios necessários.”²⁸ (Português de Angola)

26 Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/>. Acesso em: 14 set. 2023.

27 Disponível em: <https://www.dn.pt/politica/sergio-goncalves-vamos-virar-o-barco-e-dar-rumo-a-madeira-17018918.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

28 Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/mais-de-300-alunos-dos-servicos-prisonais-matriculados-em-malanje/>. Acesso em: 13 set. 2023.

- (18) “O diálogo com os amigos do BRICS vai acontecer após o Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul terem chegado a acordo sobre a questão da expansão deste bloco econômico. O acordo *abre as portas de entrada* na organização para vários países que manifestaram esse interesse.”²⁹ (Português de Moçambique)
- (19) “Wong Sio Chak deu o exemplo de uma vítima que todos os dias é *esbofetada* pelo companheiro ou companheira, considerando que este acto só pode ser considerado violência doméstica caso exista uma continuidade ou maior gravidade das agressões. A académica entende, no entanto, que as autoridades policiais podem considerar que *dar uma bofetada* é simplesmente um crime de ofensa à integridade física e não um caso de violência doméstica.”³⁰ (Português de Macau)

Aproveitamos o último exemplo mencionado para chamar atenção para a variação, dentro do mesmo contexto de uso linguístico, entre o predicador simples “esbofetada” e o predicador complexo “dar uma bofetada”. Enquanto o primeiro mostra um caráter passivo e indica quem praticou a ação por meio do agente da passiva (“pelo companheiro ou companheira”), o segundo, por sua vez, por meio do uso da construção com verbo suporte “dar uma bofetada”, já revela um caráter ativo em relação ao ato de esbofetear, omitindo quem sofreu a ação. Denominamos construções em variação (*esbofetear* e *dar uma bofetada*) como aloconstruções (Cappelle, 2006).

Além do português, os predicadores complexos também ocorrem em outras línguas românicas, como espanhol (Cuervo, 2010), italiano (Maiko, 2020), francês (Fendel, 2020), e não românicas, como inglês (Langer, 2005) e alemão (Storrer, 2009), línguas germânicas,

29 Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Imprensa/Noticias/Presidente-da-Republica-participa-na-Africa-do-sul-no-dialogo-BRICS>. Acesso em: 13 set. 2023.

30 Disponível em: <https://hojemacau.com.mo/2023/09/13/violencia-domestica-academica-critica-discurso-de-secretario/>. Acesso em: 13 set. 2023.

dentre outras línguas de origem diversa.³¹ Travassos (2023, p. 105-107) focaliza um estudo descritivo-comparativo de construções de percepção visual com verbo suporte em português, francês e inglês (como em “dar uma olhada”, “jeter un œil” e “take a look”) e menciona exemplos de usos diversos de predicadores complexos em várias línguas do mundo, como ilustra o quadro a seguir:

Quadro 3.1 — Predicadores complexos em várias línguas

Português	<i>Atlético não deu um chute ao gol do Flamengo em derrota que eliminou o clube da Copa do Brasil.</i> ³²
Francês	a. <i>Les élèves lisent la phrase du problème et donnent un conseil.</i> ³³ b. Os alunos leem a frase do problema e <u>dão conselhos</u> .
Inglês	a. <i>Phones, computers and screens are an important part of our everyday life, but too much screen time can be bad for your health. It is important to know when to take a break.</i> ³⁴ b. Telefones, computadores e telas são uma parte importante de nossa vida cotidiana, mas muito tempo de tela pode ser ruim para sua saúde. É importante saber quando <u>fazer uma pausa</u> .
Espanhol	a. <i>Pero nadie debería dejar de hacer preguntas.</i> ³⁵ b. Mas ninguém deve parar de <u>fazer perguntas</u> .

31 Para outras referências, conferir Travassos (2023, p. 104).

32 Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/editorias/atletico/2022/07/14/atletico-nao-deu-um-chute-ao-gol-do-flamengo-em-derrota-que-eliminou-o-clube-da-copa-do-brasil>. Acesso em: 24 out. 2022.

33 Disponível em: <https://fr.isicollective.com/francais-fle-fiches-pedagogiques/grammaire/conditionnel/donner-un-conseil/75908>. Acesso em: 24 out. 2022.

34 Disponível em: <https://www.saskatchewan.ca/residents/education-and-learning/take-a-break>. Acesso em: 24 out. 2022.

35 Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-54875495>. Acesso em: 03 set. 2021.

Italiano	<p>a. <i>Non sono in grado di darti una spiegazione precisa perché non conosco bene il linguaggio specialistico</i>³⁶</p> <p>b. Não posso <u>dar</u> uma explicação exata porque não conheço bem a linguagem especializada.</p>
Russo	<p>a. <i>Ne možeš li ty mne dat' sovet kak vydajuščijsja političeskij dežatel' našego vremeni?</i>³⁷</p> <p>b. Você pode me <u>dar</u> um conselho como uma notável figura política de nosso tempo?</p>
Alemão	<p>a. Peter macht dumme Vorschläge.³⁸</p> <p>b. Peter faz sugestões estúpidas.</p>
Farsi (Irã)	<p>a. Gush dodan³⁹</p> <p>b. (ouvido + dar: "<u>dar ouvido</u>" / "ouvir")</p>
Grego antigo	<p>a. Tòn pólemon poióuma⁴⁰</p> <p>b. <u>Fazer guerra</u></p>
Latim	<p>a. <i>nemo qui memoriam rerum Romanarum teneret</i>⁴¹</p> <p>b. ninguém que <u>tivesse memória</u> das façanhas romanas</p>
Hindi	<p>a. <i>mohan=ne shyaam=kii talaash k-i</i>⁴²</p> <p>b. Mohan <u>fez uma busca</u> por Shyam</p>

36 CORIS corpus (Maiko, 2020, p. 39-40).

37 Russian National Corpus (Maiko, 2020, p. 39-40).

38 Storrer (2007, p. 13).

39 Goldberg (2019, p. 47 e 48).

40 Jiménez López (2016, p. 180).

41 Cic. Brut. 322 (Baños, 2018, p. 9).

42 Ashwini Vaidya, IIT Delhi Owen Rambow (Martha Palmer, 2019, p. 3).

Irlandês	<p>a. <i>Don't neglect writing me by the Pacquet untill I desire you to Stop as my friend Hugh Gain will take care of them here with Love to you & Sisters</i>⁴³</p> <p>b. Não deixe de me escrever pelo Pacquet até que eu deseje que você pare, pois meu amigo Hugh Gain <u>terá cuidado</u> com eles aqui com amor para você e irmãs</p>
Dinamarquês	<p>a. <i>Peter foretager en vurdering af ødelæggelserne</i>⁴⁴</p> <p>b. Peter <u>faz uma estimativa</u> dos danos</p>
Persa	<p>a. <i>tekân dâdan</i>⁴⁵</p> <p>b. (movimento + dar: "causar movimento")</p>
Turco	<p>a. <i>Fatih kitab-m-i fotokopi çek-ti.</i>⁴⁶</p> <p>b. Fatih <u>tirou cópia</u> do seu livro.</p>
Japonês	<p>a. <i>Taroo-wa Jiroo-ni asoboo-to SASOI-wo KAKE-ta</i>⁴⁷</p> <p>b. Taroo convidou Jiroo para <u>terem diversão</u> juntos.</p>
Coreano	<p>a. <i>cekkwun-i tali-lul pakoy-(lul) ha/*toy-ess-ta.</i>⁴⁸</p> <p>b. O inimigo <u>fez uma destruição</u> na ponte.</p>
Árabe	<p>a. <i>šanna ?al-taħaalufu hujuman waħšiyyan ?alaa majmuu?atin min ?al-madaniyyiin</i>⁴⁹</p> <p>b. A coalizão <u>lançou um ataque</u> contra um grupo de civis.</p>

43 1789, PRONI 9605325 (Ronan, 2019, p. 7).

44 Nøhr Pedersen (1989, p. 210).

45 Bonami e Samvelian (2010, p. 1).

46 Ozbek (2008, p. 7-8).

47 Ozbek (2008, p. 6).

48 Bak (2011, p. 1).

49 Benmamoun e Mohammad (2005, p. 121).

Caxemira (Índia, Paquistão)	a. <i>Meely-sund vwahav khyoo-m</i> ⁵⁰ b. Eu <u>recebi uma bronca</u> do papai.
Naija (Pidgin nigeriano)	a. <i>kópa < kó + ipa</i> ⁵¹ b. "tomar" + "parte" > " <u>tomar parte</u> " / "participar"
Lhasa tibetano (China)	a. <i>thub=bstan-gyis blo=bzang-la mur=rdzog gzhus-song</i> ⁵² b. Thubten " <u>acertou o punho</u> " em Lobsang.
Hebreu	a. <i>Sus hevi beita la-oto sèli</i> ⁵³ b. Um cavalo " <u>trouxe um chute</u> " no meu carro.

Fonte: Travassos (2023, p. 105-107).

5) "Construções com verbo suporte só ocorrem na oralidade": aperte o play nos textos escritos

Ao contrário do imaginado, majoritariamente, pesquisas linguísticas acerca de construções com verbo suporte têm como base textos escritos. Poucos estudos focalizam essa construção do ponto de vista da fala. Como exemplo de investigação desse tipo, citamos Esteves (2012). Há ainda, portanto, uma carência de pesquisas que lançam luz a aspectos da oralidade associados a essas estruturas, principalmente, no que se refere à prosódia. A seguir, ilustramos dois exemplos de transcrições de usos da construção com verbo suporte a partir de textos orais.

(20) "O minério do Brasil está aí *dando sopa* né... quer dizer... é um negócio... em matéria de administração ... ridícula, né? Você dizer que a CNN no Brasil dá prejuízo" (PB oral, NURC, inq. 355, faixa B, nível 3, pág. 125) (Esteves, 2012, p. 107).

50 Ozbek (2008, p. 13) e Pardeshi (2006, p. 94-95).

51 Disponível em: https://www.academia.edu/49596907/A_corpus_based_analysis_of_light_verb_constructions_in_Naija_Nigerian_Pidgin_. Acesso em: 02 nov. 2022.

52 DeLancey (2000, p. 13) e Levin (2015, p. 1650).

53 Levin (2015, p. 1653).

- (21) "aí o ônibus *deu um pulo...* nisso que deu/ que o ônibus *deu um pulo...* a minha mãe... *deu um pulo* também" (PB oral, Discurso e Gramática, Oitava série, Narrativa de experiência pessoal, informante 34) (Esteves, 2012, p. 23).

Talvez essas perífrases sejam muito associadas à fala, porque os usuários da língua têm a impressão de ouvi-las com frequência. No entanto, elas estão longe de ocorrer somente na fala. Devido à sua alta frequência de uso, ocorrências dessa construção já passaram do estágio (de inovação) da fala, convencionalizaram-se e já estão bem estabelecidas também na língua escrita. Inclusive, a partir da criatividade do usuário da língua, novas estruturas de predicadores complexos continuam a surgir a todo momento. Como é de se esperar, mudanças naturais ocorrem na língua.

Um exemplo desse tipo de inovação está no elemento não-verbal da construção com verbo suporte. Nos dias atuais, encontramos, com frequência, no mundo corporativo, no campo da informática e nas redes sociais/de entretenimento, predicadores complexos com termos nominais em inglês, tais como os que seguem, todos da modalidade escrita da língua:

- (22) "Fazer reuniões é uma necessidade básica de qualquer empresa. E reunir um grupo de pessoas é mais simples do que você imagina: ao menos que você ainda não saiba como *fazer um call* com praticidade."⁵⁴
- (23) "No dia 14/07 me interessei por um documento na plataforma, ao solicitar o download, fui informada que poderia *fazer o upload* de 5 (cinco) documentos e, após isso, *fazer o download* gratuitamente."⁵⁵

54 Disponível em: <https://conferenciacorp.com.br/como-fazer-um-call-com-mais-de-3-pessoas/>. Acesso em: 11 set. 2023.

55 Disponível em: https://www.reclameaqui.com.br/scribd/fiz-upload-de-documentos-mas-nao-obtive-download-gratuito_9sgRUF5GeLXAUGFB/. Acesso em: 11 set. 2023.

(24) "como *fazer um shipp* do nome de casal"⁵⁶

Ressaltamos também que a base para a ideia do senso comum de que construções com verbo suporte são mais frequentes na fala pode advir da confusão, por vezes, frequente, entre as noções de modalidade e formalidade. Geralmente, há uma associação da fala a contextos informais e escrita a contextos formais. Na prática sociocomunicativa, a realidade se mostra mais diversa e complexa, uma vez que encontramos contextos em que se requer um uso oral da língua em situações formais, tais como em uma defesa de dissertação/tese, uma apresentação em sala de aula, ou um uso escrito da língua em situações informais, tais como em uma rede social ou em um aplicativo de mensagens instantâneas.

Assim, o que percebemos nas interações sociais são graus diversos de formalidade em ambas as modalidades expressivas. As construções com verbo suporte se mostram presentes em todos os contextos comunicativos, seja na fala, na escrita, seja em situações mais formais ou mais informais, como este capítulo se dispõe a mostrar, a partir de exemplos concretos de usos reais da língua portuguesa. Enfatizamos, a seguir, a questão levantada de forma incipiente nesta parte de que os predicadores complexos também se revelam em contextos mais monitorados linguisticamente.

6) **"Construções com verbo suporte são expressões informais": *dando as costas para contextos mais monitorados***

Exemplos de textos altamente monitorados linguisticamente são o que encontramos em trabalhos de conclusão de curso, em dissertações de mestrado e em teses de doutorado. Textos do meio acadêmico passam por um processo de revisão bastante refinado, sendo reavaliados e repensados inúmeras vezes até a versão final. Ainda assim, encontramos, com frequência, construções com verbo suporte

56

Disponível em: <https://www.tiktok.com/discover/como-fazer-um-shipp-do-nome-de-casal>. Acesso em: 11 set. 2023.

nesses textos mais formais. Para ilustrar esse fato, indicamos abaixo dois exemplos de usos de perífrases verbo-nominais (“faz uma análise” e “fazer comparação”): um retirado de uma dissertação de mestrado da área de humanas (Direito) e outro retirado da área de exatas (Engenharia Elétrica).

- (25)** “Saffioti (2013, p. 41;53) *faz uma análise* da naturalização da divisão sexual do trabalho, tendo em vista que entende que havia uma relação direta entre o papel feminino na esfera privada e o assumido na vida pública. A socióloga compreendeu que a desmistificação da situação das mulheres no mundo do trabalho era uma obrigação a ser resolvida não só pelas mulheres, mas também pelos homens” (Dissertação de Mestrado – Direito UFRJ, 2022, p. 38).
- (26)** “a densidade de corrente induzida normalizada por J_c0 , para *fazer comparação* entre fitas em diferentes posições, já que J_c0 é uma grandeza uniforme para todas as fitas”⁵⁷ (Tese de Doutorado – Engenharia Elétrica UFRJ, 2022, p. 57).

Outro contexto que tende a requerer um grau de formalidade maior é o jornalístico, uma vez que o texto, antes de ser publicado nesse meio, passa por uma equipe de editores e revisores. Evidentemente, há jornais que têm um caráter mais informal, voltado para um público diferente, mas argumentamos aqui a favor do fato de haver abundantemente usos do predicador complexo também em contextos mais cuidados linguisticamente, que não são fruto de impulsos e de espontaneidade, mas de pensamento prévio e análise detalhada.

Nos próximos três exemplos, encontramos usos de predicadores complexos retirados de jornais de grande circulação de nível nacional (Brasil e Portugal). Essas ocorrências ilustram casos de predicadores complexos com diferentes partes do corpo, tema

57

Disponível em: <http://www.pee.ufrj.br/index.php/pt/producao-academica/teses-de-doutorado/2022/2016033479--237/file>. Acesso em: 30 set. 2023.

linguístico investigado por Machado Vieira e Aguiar (2022). Esses usos envolvem processos metafóricos e metonímicos, utilizando-se de elementos concretos (partes do corpo humano), para fazer referência, junto ao verbo, a um evento abstrato. Assim, “abrir os olhos” significa “atentar-se” para algo, “estender a mão” significa “ajudar” e “dar as caras” significa “aparecer”.

- (27) “Digam lá o que disserem, façam os discursos que quiserem, mas é preciso *abrir os olhos* porque isto pode dar para o torto. O caldeirão está a começar a ferver e os ingredientes estão todos aí.”⁵⁸ (Texto jornalístico. *Diário de Notícias*, Portugal)
- (28) “Na Indonésia, Obama *estende a mão* aos muçulmanos”⁵⁹ (Texto jornalístico. *O Globo*, Brasil)
- (29) “Na primeira manhã de trabalho, Bolsonaro não *dá as caras* no PL”⁶⁰ (Texto jornalístico. *O Globo*, Brasil)

Além dos domínios acadêmico e jornalístico, as construções em foco neste capítulo também têm seu lugar no domínio discursivo religioso e em *sites* corporativos que envolvem seleção de candidatos no mercado de trabalho, tal como nos mostram os dois exemplos a seguir. Desse modo, também envolvem um nível de formalidade maior. Chamamos a atenção para a estrutura de predicador complexo também com elemento não-verbal de parte do corpo.

- (30) “Deus diz que iria voltar para o Seu lugar, ou seja, *daria as costas* para o povo até que se reconhecem culpados e voltassem a buscá-Lo. Ele mostra Sua indignação pelo fato do

58 Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/jornalismo-de-cidadao/abrir-os-olhos-3553127.html>. Acesso em: 11 set. 2023.

59 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/na-indonesia-obama-estende-mao-aos-muculmanos-2927974>. Acesso em: 11 set. 2023

60 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2023/04/na-primeira-manha-de-trabalho-bolsonaro-nao-da-as-caras-no-pl.html>. Acesso em: 11 set. 2023.

povo haver abandonado a Aliança e haver se corrompido.”⁶¹
(Domínio discursivo: religioso)

- (31) “Quem *passou a perna* talvez tenha a percepção exatamente contrária, de que *levou a pernada*. Não vale a pena buscar culpados, os fatos mostram o saldo. E o saldo tem valor diferente pra cada um. O que fica e o que vai. O que leva e o que deixa. O quê se recebe e o quê se é tomado.”⁶² (LinkedIn — *site* corporativo/mercado de trabalho)

Em domínio discursivo político, não é diferente. Costa e Machado Vieira (2021), em um estudo sobre construções de atenuação do discurso, analisam textos típicos da prática política, retirados do banco de dados do *site* da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), em que foram identificadas, em discursos de deputados entre os anos de 2011 e 2019, construções com o verbo suporte *trazer*:

- (32) “Mas a minha intenção em ocupar este expediente, Sr. Presidente, é para, também, *trazer uma denúncia* muito grave, porque, infelizmente, mostra a falência do Estado do Rio de Janeiro, em relação à responsabilidade que se tem na questão da segurança. Vejam, por exemplo, companheiros Deputados, os que estão me acompanhando pela TV Alerj, o que vou narrar aqui é uma situação que não dá para imaginar.” (ALERJ, 20 set. 2018) (Costa; Machado Vieira, 2021, p. 129).

Valente (2018), ao lidar com a observação de predicadores complexos na prática esportiva do futebol (e fora dela), também encontra fecundo acionamento de expressões verbo-nominais:

61 Disponível em: <https://ejesus.com.br/deus-virou-as-costas-para-seu-povo/>. Acesso em: 11 set. 2023.

62 Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/10-coisas-que-aprendi-quando-me-passaram-perna-alexandre-pellaes/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 11 set. 2023.

- (33) "Neymar chamou a atenção ao final da partida diante do Rio Branco-AC ao *fazer uma firula* perto da marca de escanteio, irritando seu marcador, assim como seu técnico, Vágner Mancini. Neymar ainda tem muita coisa para melhorar. Vem sendo a atração nesses jogos, mas temos que ter muito cuidado."⁶³ (Valente, 2018, p. 253).
- (34) "A orientação do governador Rui Costa foi tentar manter a qualidade dos serviços, cortar custos e captar recursos. Na crise não dá pra *fazer firula*."⁶⁴ (Valente, 2018, p. 253).

Na investigação de estratégias do discurso para perspectivação de predicções pelo viés da agentividade ou da passividade (estruturas na voz ativa e passiva), Teixeira e Santos (2022) mostram a variação que ocorre em predicadores complexos com verbo suporte (*sofrer, levar, tomar*, por exemplo), bem como a possibilidade de alternância que têm com predicadores complexos formados de verbos auxiliares de voz passiva: *sofrer assalto, ser assaltado*. A esse respeito, vale também conferir o texto de Saraiva, Teixeira e Machado Vieira (2021)⁶⁵ publicado *on-line* na revista Roseta (<http://www.roseta.org.br/>), da Abralín.

- (35) "Cruz-maltino *sofre gol* aos 43 minutos do segundo e cede empate por 1 a 1 ao Fortaleza, neste domingo; Técnico vê evolução na equipe: 'Saio satisfeito.'" [*Lance!* 26 mai. 2019] (Teixeira e Santos, 2022, p. 118, destaque das autoras).
- (36) "o jogo contra o Fortaleza, no Castelão, foi o quarto em seis rodadas em que o Cruz-maltino *levou um gol* após os 40 minutos." [*Lance!* 26 mai. 2019, destaque das autoras] (Teixeira e Santos, 2022, p. 118, destaque das autoras).

63 Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/neymar-pode-nao-ser-titular-do-santos-contra-o-corinthians/>. Acesso em: 13 set. 2023.

64 Disponível em: <http://www.casacivil.ba.gov.br/2015/10/1048/Secretario-da-Casa-Civil-fala-sobre-projetos-do-Governo-em-entrevista-ao-jornal-A-Tarde.html>. Acesso em: 13 set. 2023.

65 Disponível em: <http://www.roseta.org.br/2021/10/13/por-que-nem-sempre-fica-claro-quem-e-o-responsavel-pela-acao/>. Acesso em: 30 set. 2023.

TEORIA NA PRÁTICA, PARA *DAR LIGA*

Exercício 1 – Tendo em vista a descrição de predicadores complexos feita neste capítulo, procure identificar predicadores complexos no texto abaixo. Justifique sua resposta.

“Tem saudade de Castlevania? Então você precisa dar uma olhada em Forsaken Castle! Se você é um gamer saudosista que sente saudade dos Castlevanias de antigamente, prepare-se para conhecer um jogo que promete resgatar a essência dos primórdios da série: Forsaken Castle! Forsaken Castle acompanha Lily, uma corajosa Paladina que está em seu primeiro dia de trabalho quando recebe a missão de dar uma checada em um castelo abandonado onde supostamente estão acontecendo coisas estranhas. Ao investigar o local, obviamente ela descobre uma legião de monstros tomando conta do lugar. Munida de seu chicote/corrente e muita coragem, ela terá que abrir caminho entre as criaturas se quiser descobrir os segredos daquele lugar. [...] Como em todo bom jogo do gênero, ela irá ganhar novas habilidades conforme explora, e essas habilidades serão úteis inclusive para ela poder acessar outras áreas do castelo e continuar sua exploração. Forsaken Castle já está em desenvolvimento, mas os produtores estão buscando apoio da comunidade via Kickstarter para concluírem o jogo. Se quiser experimentar o *game* antes, deu sorte, pois há uma demo disponível para fazer *download* no IndieDB. Se tudo correr bem, o jogo deve ser lançado no final do ano, com possíveis versões para PC, Playstation 4 e Nintendo Switch”⁶⁶ (texto adaptado).

Exercício 2 – Explorando variantes construcionais de predicadores complexos e predicadores simples num *corpus* como o apresentado a seguir (ou em outro que você reúna), procure relacionar o uso de uma ou outra alternativa ao efeito de sentido, à funcionalidade contextual,

semântica/conceptual, pragmática, discursiva e/ou sociocultural na construção de texto, da mensagem. Como fonte de consulta para responder a essa questão, recomendamos Travassos (2021).

“A inscrição, que deveria iniciar já nesta sexta-feira, terá início do dia 15 de junho e deverá estender-se até o dia 30 do mesmo mês.”⁶⁷ [PMoçambique, *Folha de Maputo*, 1 jun. 2018]

“O projecto Tsutsuma Maputo, irá garantir ao cidadão um serviço de transporte moderno, seguro e mais rápido no transporte massivo de passageiros. Este projecto iniciará com o levantamento de todas as formas de transporte existentes, estabelecendo novas rotas e colocando dispositivos de rastreio dos mesmos.”⁶⁸ [PMoçambique, *Folha de Maputo*, 01 out. 2018]

“Campanha de Multivacinação terá início no próximo sábado.”⁶⁹ [PBrasil, Prefeitura de Pirassununga, 25 de set. de 2023]

“Juazeiro iniciará campanha de multivacinação dia 30”⁷⁰ [PBrasil, Prefeitura de Juazeiro do Norte, 22 set. 2023]

“Campanha Nacional será iniciada em Roraima neste sábado, 12”⁷¹ [PBrasil, Governo de Roraima, 10 ago. 2023]

“LoL: Riot Games anuncia que CBLB terá começo em formato remoto”⁷² [PBrasil, Fragster, 18 jan. 2022]

67 Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/cne-adia-inicio-da-inscricao-dos-partidos-politicos/>. Acesso em: 30 set. 2023.

68 Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/tsutsuma-maputo-vai-garantir-transporte-moderno/>. Acesso em: 30 set. 2023.

69 Disponível em: <https://pirassununga.sp.gov.br/campanha-de-multivacinacao-tera-inicio-no-proximo-sabado/>. Acesso em: 30 set. 2023.

70 Disponível em: <https://www.juazeironorte.ce.gov.br/informa.php?id=28571>. Acesso em: 30 set. 2023.

71 Disponível em: <https://portal.rr.gov.br/noticias/item/8157-multivacinacao-campanha-nacional-sera-iniciada-em-roraima-neste-sabado-12>. Acesso em: 30 set. 2023.

72 Disponível em: <https://www.fragster.com/br/lol-riot-games-anuncia-que-cblol-tera-comeco-em-formato-remoto-entenda/>. Acesso em: 30 set. 2023.

“Terra Roxa começará campanha de vacinação contra Gripe”⁷³
[PBrasil, Câmara Municipal de Terra Roxa, 7 abr. 2021]

“No momento, estão sendo feitas galerias pluviais e as guias das vias. Em breve será começada a implantação do asfalto.”⁷⁴ [PBrasil, Prefeitura Municipal de Arapoti, 25 nov. 2021]

“Para conhecimento daqueles a quem possa interessar e dos pais e tutores das meninas, se publica que a professora da extinta escola da instrução primária da freguesia da Sé, D. Astéria Coelho dos Santos, foi transferida para a de S. Lourenço, e que o funcionamento da respectiva escola, terá começo em 1º de junho próximo futuro, na casa nº 51, sita na Praia Grande. Secretaria do Governo de Macau, 31 de Maio de 1876. O secretário geral, Diogo de Macau”⁷⁵ [PMacau, *Jornal Tribuna de Macau*, 1 out. 2023]

“Falcao já terá princípio de acordo com o Chelsea.”⁷⁶ [PPortugal, *Jornal de Notícias*, 24 jun. 2011]

“A nossa obra prima será principiada pelo architecto Afonso Domingues, um especialista do Gótico, sucedido depois pelo francês (ou catalão?) Mestre David Huguet, de 1402 a 1438.”⁷⁷ [PPortugal, Caminhos de Portugal, Mosteiro da Batalha, obra prima do Gótico tardio, s.d.]

73 Disponível em: <https://www.camaraterraroxa.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/10579/terra-roxa-comecara-campanha-de-vacinacao-contragripe>. Acesso em: 30 set. 2023.

74 Disponível em: <https://www.arapoti.pr.gov.br/noticia/3270/prefeitura-inicia-obras-de-pavimentacao-no-jardim-das-criancas/>. Acesso em: 30 set. 2023.

75 Disponível em: <https://jtm.com.mo/opinioao/curiosidades-da-historia-de-macau-seculo-xix-10/>. Acesso em: 30 set. 2023.

76 Disponível em: <https://www.jn.pt/desporto/artur-moraes-nuno-coelho-e-wass-apresentados-no-benfica-1887907.html/desporto/interior/falcao-ja-tera-principio-de-acordo-com-o-chelsea-1887645.html/>. Acesso em: 30 set. 2023.

77 Disponível em: <https://caminhosdeportugal.com/mosteiro-da-batalha/>. Acesso em: 30 set. 2023.

“A nossa estreia no Mundial é vs. Hungria, em Old Trafford. Ainda a RTP não principiará a transmissão do encontro e já Portugal se adiantará no marcador: Simões marca um canto da esquerda e José Augusto faz o golo de cabeça, aos dois minutos.”⁷⁸ [PPortugal, *Twitter*, @Ludopedio, 13 jul. 2019]

“Mundial terá pontapé inicial no dia 21 de novembro, com Holanda x Senegal, às 7h (horário de Brasília); final será no dia 18 de dezembro.”⁷⁹ [PBrasil, *O Globo*, 1 abr. 2022]

“A partir da próxima terça-feira (1), o H2 Curitiba irá realizar a quarta etapa de um dos torneios mais tradicionais do sul do país: o Curitiba Poker Tour (CPT). [...] Na abertura da etapa, o torneio terá pontapé às 19h30 (horário de Brasília), com o *late register* até às 23h59. A disputa terá *buy-in* de R\$ 230 ou 9.200 pontos do H2 Rewards. O *stack* inicial é de 20.000 fichas e por mais R\$ 20, do *staff*, o competidor tem 10.000 fichas adicionadas a pilha.”⁸⁰ [PBrasil, *Super Poker*, 27 jul. 2023]

Exercício 3 – Com base no *corpus* de enunciados que são estruturados com predicadores complexos abaixo, descreva os tipos de predicação verbal nuclear organizados a partir desses predicadores. Nessa descrição, faça a delimitação e a análise dos termos ligados aos predicadores, levando em conta as funções sintáticas em jogo e uma proposta gramatical de categorização das funções sintáticas (entre outras possibilidades, Raposo *et al.*, 2013; Mateus *et al.*, 2003; Rocha Lima, 1997; ou Cunha e Cintra, 1985).

78 Disponível em: <https://twitter.com/ALudopedio/status/1149927356888506368>. Acesso em: 30 set. 2023.

79 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/tabela-da-copa-do-mundo-2022-veja-todos-os-jogos-ate-final-25459175>. Acesso em: 30 set. 2023.

80 Disponível em: <https://superpoker.com.br/noticias/h2-club-curitiba-realiza-quarta-etapa-cpt-r-250-mil-garantidos-20230727-SPK-230094.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

"Hoje, é membro do movimento Jovens pelas Florestas, um dos braços do Greenpeace que já se espalha por 15 países, e montou um grupo de defesa da mata, reunindo cerca de 20% da moçada de Porto de Moz. 'Às vezes, isso me dá *angústia*. Falta muita informação e precisamos encontrar uma maneira de falar com os jovens', diz a estudante, que quer cursar Biologia, tornar-se ambientalista e engajar-se em projetos fora de Moz, caso precisem dela."⁸¹ [PBrasil, *Gazeta do Povo*, 25 mar. 2006]

"*Faz chuva* no Sul, Norte e Nordeste nesta terça-feira." [PBrasil, *Jornal da Band*, 29 abr. 2013]

"Ao *fazer upgrade* do seu plano de hospedagem, todos os seus arquivos, *e-mails*, bancos de dados e configurações são automaticamente transferidos para o novo plano – você não precisará mover nada manualmente!"⁸²

"Se *fizer um backup* do iPhone, iPad ou iPod touch, você terá uma cópia das informações para usar caso troque, perca ou danifique o dispositivo."⁸³

"A fascinante história da ilha que *deu origem* à cidade de Nova York e foi vendida por US\$"⁸⁴

"Há um ano *apertei o play* e comecei uma nova jornada... novo ciclo, nova empresa, novo formato, novos contatos e dois velhos conhecidos: meu comprometimento e a coragem de encarar o novo, de novo!"⁸⁵

81 Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/os-novos-povos-da-floresta-9y7eyma78yxohjplapzlyu6oe/>. Acesso em: 30 set. 2023.

82 Disponível em: <https://support.hostinger.com/pt/articles/2512632-o-que-acontece-depois-de-fazer-upgrade-do-plano-de-hospedagem>. Acesso em: 11 set. 2023.

83 Disponível em: <https://support.apple.com/pt-br/HT203977>. Acesso em: 11 set. 2023.

84 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c6p05772gwxo>. Acesso em: 30 set. 2023

85 Disponível em: https://www.linkedin.com/posts/claudia-varela-b49b1b23_h%C3%A1-um-ano-apertei-o-play-e-comecei-uma-nova-activity-6965484559224180736-YEc4/?trk=public_profile_like_view&originalSubdomain=br. Acesso em: 11 set. 2023.

"Já imaginou *tomar um drink* em um bar inteiro feito de gelo? É esse o conceito que diversos bares oferecem aos seus clientes ao redor do mundo. Entre os mais famosos se destacam o Icebar London, localizado na Inglaterra; Icebar Stockholm, na Suécia; e IceBarcelona, que fica na Espanha. Procura por novas experiências inesquecíveis? A Perfectrip planeja exclusivamente para você. Programe sua visita no 3º piso do #CidadeJardimShopping."⁸⁶

"Fui falar com a menina que *fez bullying* e ela me bateu!"⁸⁷

"Informamos que devido a capacitação dos funcionários do CRF-SP, não *haverá atendimento* na sede, sedes e seccionais no sábado, dia 12/04."⁸⁸

"Eu escolhi a forma que eu quis parir, que foi no chão, forraram para mim e a doutora foi muito atenciosa, *fiquei com dó* de machucar ela de tanta força que eu fazia, ela colocou um lençol em volta dela para eu puxar durante as forças e me *deu conselho* de *fazer o grito*. Eu não queria gritar, porque quando eu ia no hospital e ouvia mulheres gritando eu ficava apavorada, mas eu gritei."⁸⁹ [Campo Grande News, 2011]

"Já *deu uma vista de olhos* na nossa loja? Temos peças lindíssimas e a preços nunca vistos"⁹⁰

"Atender o chamado do coração é *dar ouvidos* à voz interior"⁹¹

86 Disponível em: https://www.instagram.com/p/CkGqUe-l-ol/?img_index=1. Acesso em: 11 set. 2023.

87 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olx16y4aetY>. Acesso em: 30 set. 2023.

88 Disponível em: <http://www.crfsp.org.br/noticias/5381-nao-havera-atendimento-no-crf-sp-no-sabado-dia-12-04.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

89 Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/relato-de-priscila-mostra-que-e-possivel-parto-humanizado-pelo-sus>. Acesso: 30 set. 2023.

90 Disponível em: https://m.facebook.com/100071804061484/videos/j%C3%A1-deu-uma-vista-de-olhos-na-nossa-lojatemos-pe%C3%A7as-lind%C3%ADssimas-e-a-pre%C3%A7os-nunca-/441753274082720/?_se_imp=0Moel6Eij3FzqRXTW. Acesso em: 30 set. 2023.

91 Disponível em: <https://vidasimples.co/colunista/atender-o-chamado-do-coracao-e-dar-ouvidos-a-voz-interior/>. Acesso em: 30 set. 2023.

Exercício 4 – Agora que já leu sobre construções de predicação com predicador complexo e conta com algumas referências bibliográficas para explorar um pouco mais essa temática gramatical, que tal iniciar sua pesquisa? Pesquise, em espaços que lhe deem acesso a dados do uso (como, por exemplo, Twitter/X, jornais e revistas *on-line*, bancos de dados linguísticos),⁹² ocorrências de predicadores complexos, procurando mapear, entre outras possibilidades, *chunks* ou expressões verbo-nominais cristalizadas, os lexemas que mais são empregados funcionalmente como verbo suporte, possibilidades formais e efeitos de sentido das variantes de colocação nos *slots* (espaços de preenchimento) de verbo e elemento não-verbal de predicador complexo, por exemplo. Com base nessa pesquisa, teça generalizações sobre predicadores complexos com verbo suporte. Nesse processo investigativo, você também pode explorar textos sobre construções com verbo suporte que circulam na internet, bastando para isso *dar um Google*.

PARA SABER MAIS

Por fim, *fazemos referência* aqui a obras da literatura linguística e gramatical que podem *dar uma ajudinha* ao leitor interessado em aprofundar os conhecimentos sobre predicadores com verbo suporte.

- 92 Para saber como acessar bancos de dados, é possível recorrer a guias/informações neles, bem como a tutoriais em vídeos como:
 WORKSHOP – Banco de dados linguísticos: como utilizar? Canal do YouTube Labletras, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SGZDvWVv7L4&list=PLf6cni4ttanHM7Jv0QwZS5AJPvegTe6>. Acesso em: 30 set. 2023.
 MINICURSO – Integrando a Linguística de *Corpus* e Ferramentas de Análise Lexical com outras Áreas. Canal do YouTube do Projeto Predicar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4m2qRt0lVIQ>. Acesso em: 30 set. 2023.

Ensino de Português

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. **Ensino de Português**: Predicar em (Con)texto. São Paulo: Blucher, 2022. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9786555502459-585/list#undefined>. Acesso em: 30 set. 2023.

Predicar com construção com verbo suporte

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. *In*: DE PAULA *et al.* (Org.). **Uma história de investigações sobre a língua portuguesa**: homenagem a Sílvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2018, p. 90-112. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580393088-389/list#undefined>. Acesso em: 30 set. 2023.

Predicadores complexos de percepção visual em português, francês e inglês

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. **Predicadores complexos de percepção visual em Português, Francês e Inglês**. 2023. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Jq_V0mUQu4YyauBBLwovBdES3-SkeGQe/view?pli=1. Acesso em: 23 set. 2023.

Gramáticas do português

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RAPOSO, Eduardo Paiva *et al.* (Org.). **Gramática do Português**. Vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **How to Do Things With Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for 'allostructions' *In*: SCHÖNEFELD, Doris (Ed.). **Constructions All Over**: Case Studies and Theoretical Implications. Alemanha: ICCG, 2006. p. 1-28.

COSTA, Fábio Rodrigo Gomes da; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. A construção de atenuação do discurso com verbo suporte trazer: uma abordagem construcional baseada no uso. **SOLETRAS**, n. 41, p. 116-44, 2021.

CUERVO, Maria Cristina. Two types of (apparently) ditransitive light verb constructions. **Romance Linguistics 2008**: Interactions in romance, Amsterdã, p. 139-155, 2010.

ESTEVES, Giselle Aparecida Toledo. **Construções com dar + Sintagma Nominal**: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perfrases verbo-nominais e predicadores simples. 2012. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2012.

FENDEL, Victoria. Taking Stock of Support-Verb Constructions in Journalistic French, Xanthos. **A Journal of Foreign Literatures and Languages**, Estados Unidos, n. 2, p. 13-44, 2020. Disponível em: <http://xanthosjournal.com/issues-issue-2-02-fendel>. Acesso em: 30 set. 2023.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. The metaphorical structure of the human conceptual system. **Cognitive science**, v. 4, n. 2, p. 195-208, 1980.

LANGER, Stefan. A Linguistic Test Battery for Support Verb Constructions. **Linguisticae Investigationes**, Espanha, v. 27, n. 2, p. 171-84, 2005.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Análise Comparativa para Detectar Auxiliabilidade Verbal e Predicadores Complexos.. *In*: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. **Predicar**: Uma Rede de Perspectivas Metodológicas. São Paulo: Blucher, 2022. p. 235-284.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; AGUIAR, Millena Machado de. Construções com Verbo Suporte para Expressão de Emoções: Abrir-se, o Corpo em Cena e Ensina. *In*: MEIRELES, Vanessa; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. **Variação e ensino de português no mundo**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 87-122.

MAIKO, Tatsiana. **What can you give in Italian that you can't give in Russian?**

Polônia: University of Bialystok Publishing House, 2020.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **A modalização como estratégia argumentativa:**

da proposição ao texto. João Pessoa: Editora Ideia, 2009.

SARAIVA, Eneile Santos; TEIXEIRA, Ravena Beatriz de Souza; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Por que nem sempre fica claro quem é o responsável pela ação? **Revista Roseta**, v. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <http://www.roseta.org.br/2021/10/13/por-que-nem-sempre-fica-claro-quem-e-o-responsavel-pela-acao/>. Acesso em: 26 out. 2023.

SEARLE, John. **Indirect speech acts**. Syntax and Semantics, 3: Speech Acts. New York: Academic Press. 1975.

STORRER, Angelika. **Corpus Based Investigations on German Support Verb Constructions**. Londres: Continuum, 2009.

TEIXEIRA, Ravena Beatriz de Souza; SANTOS, Deborah Nascimento dos. Predicadores Complexos de Passividade: É Hora de Serem Destacados/Levarem Destaque nas Aulas de Português. In: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. **Ensino de Português**. São Paulo: Editora Blucher, 2022. p. 109-124.

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. **Variação e mudança construcional**: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB. 2019. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. A perífrase verbo-nominal no Português Brasileiro: um estudo da variação por padrão discursivo entre construções com o verbo-suporte "DAR". **E-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 12, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/4060>. Acesso em: 26 out. 2023.

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Mudança construcional em predicções com verbo-suporte. **Working Papers em Linguística**, v. 22, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/76054>. Acesso em: 26 out. 2023.

VALENTE, Ana Carolina Mrad de Moura. **"Dar um balão" e "fazer golaço"**: construções V + SN características da linguagem do futebol. 2018. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2018.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

4

*Deise C. de Moraes Pinto
Dennis Castanheira*

ADVERBIAIS MODALIZADORES

RESUMO

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre a relação entre ordem de palavras e o sentido/função de certos elementos da língua, sua classificação e a veiculação de subjetividade. Para tanto, observaremos a ordenação e o uso de adverbiais, em especial, os conhecidos tradicionalmente como de modo e os modalizadores. Iniciaremos o capítulo apresentando o fenômeno e o caracterizaremos com base, sobretudo, em trabalhos funcionalistas que contribuíram para a sua compreensão (Ilari *et al.*, 1990; Castilho; Castilho, 2002; Neves, 2000; Moraes Pinto, 2008; 2012; Martelotta, 2012; Castanheira, 2017). Em seguida, discutiremos suas tendências de uso, pautando-nos nos resultados mais relevantes desses trabalhos. Por fim, indicaremos leituras complementares aos interessados no assunto e as referências citadas no capítulo.

CONHECENDO O FENÔMENO

Vários autores já se debruçaram sobre o estudo da ordenação de constituintes no português. Um dos motivos desse interesse reside no fato de a ordem das palavras ser um dos principais recursos utilizados para codificar significado e para criar a estrutura da cláusula principal-declarativa-afirmativa-ativa, considerada a cláusula canônica/neutra (Abraçado, 2003; 2011). Citando Givón (1985), Abraçado (2003; 2011) afirma que variações nesse tipo de cláusula (p. ex.: ordem VS e estruturas passivas) vêm cumprir funções específicas. Na voz passiva, algumas das funções são omitir o agente executor/causador e destacar a ação/fato/acontecimento. Podemos perceber, com isso, a importância da ordem vocabular para a veiculação de sentidos. Neste capítulo, observaremos a relação entre ordem colocacional e mudança de sentido, ganho de (inter)subjetividade e categorização, partindo dos advérbiais conhecidos tradicionalmente como de modo e os modalizadores.

Os advérbiais podem se apresentar de diversas formas, desde advérbios simples, como *talvez*; advérbios em *-mente*, como *possivelmente*; locuções adverbiais, como *de repente*; e até formas oracionais (essas últimas não serão abordadas aqui). São elementos de natureza tão diversa que é difícil defini-los. Por isso, na tradição gramatical, quase sempre se observa a conceituação "genérica" de que expressam circunstância e geralmente modificam verbos, adjetivos e advérbios. Entretanto, a ideia de *circunstância* é vaga e os tipos adverbiais geralmente elencados (tempo, modo, lugar, intensidade, afirmação, negação, dúvida) não dão conta da diversidade de usos que esses elementos podem assumir.

Aqui, seguiremos a concepção de Martelotta (2012), segundo a qual os advérbiais formam uma categoria heterogênea e não-discreta (contínua) e acomodam-se às necessidades discursivas, podendo desenvolver novos sentidos/funções e modificar também

outros elementos, como um substantivo, formas nominais de verbos (gerúndio; particípio) ou toda uma oração (neste capítulo, nosso foco são os advérbios que têm escopo verbal ou oracional).

Um exemplo da fluidez da categoria pode ser visto em:

- (1) “Nõ sendo ãbargado pellos sentidos de fora, chegasse a Deus mais *certamẽte*. (Nã sendo impedido pelos sentidos de fora, chegasse a Deus mais *certamente*)” [*Orto do Esposo*] (Maler, 1956, p. 158)
- (2) “Se tu ã ella ouuesses andado, *certamẽte* tu morarias. (Se tu nela houuesses andado, *certamente* tu morarias) [*Orto do Esposo*] (Maler, 1956, p. 2)

Esses exemplos foram retirados do *Orto do Esposo*, uma obra produzida entre o final do século XIV e o começo do século XV. No primeiro, o advérbio *certamente* exprime valor de modo ou também chamado *qualitativo* (termo usado por Ilari *et al.* (1990) para se referirem a esse tipo adverbial e que também adotaremos aqui). Dizemos que é qualitativo porque apresenta sentido mais denotativo, composicional, isto é, que pode ser compreendido a partir da “soma” das partes *certa* e *mente* (*de modo certo/correto*).

Já no segundo exemplo, embora também se observe o uso do mesmo item (*certamente*), ele não apresenta sentido denotativo como no exemplo anterior, isto é, não é composicional e sim mais “idiomático”, pois não pode ser compreendido apenas a partir da “soma” das partes. Nessa segunda ocorrência, *certamente* expressa o grau de convicção e comprometimento do enunciador em relação ao conteúdo de toda a oração (“tu morarias”). Esse tipo adverbial é denominado *modalizador*. Adverbiais modalizadores geralmente estabelecem relação sintático-semântica com a oração e não com o verbo e exprimem uma avaliação, atitude, percepção ou sensação (Ilari *et al.*, 1990).

Esses diferentes usos exibidos pelos adverbiais são traduzidos, não somente mas também, em termos das diferentes posições que eles podem ocupar na sentença. Isso significa que a ordem dos elementos é um fator importante para veicular/apreender seus sentidos. No 1º exemplo, o fato de *certamente* encontrar-se ao lado do verbo *chegar* (mais precisamente, em posição pós-verbal), que é o seu escopo (elemento ao qual se refere), mantendo relação sintático-semântica com ele, modificando-o, nos dá pistas de que deve ser interpretado como adverbial qualitativo. No 2º exemplo, ao assumir posição pré-oracional, isto é, na margem esquerda, *certamente* não está vinculado ao verbo (“morar”) e sim à toda a oração (“tu morarias”) à qual se refere e que é o seu escopo. Portanto, nessa 2ª ocorrência de *certamente*, esse advérbio é interpretado como modalizador.

Vejamos mais dois exemplos:

- (3) “Na era dos brinquedos eletrônicos, será que bonequinhas de pano ainda conquistam as crianças? E como. Criadas e produzidas em São Paulo, falta pouco para serem exportadas para a África.

As irmãs microempresárias Lúcia e Joyce Venâncio contam que por mês produzem cerca de 2.000 bonecas e que chegam a fazer 80 bonecas por dia. ‘Nós fizemos um trabalho de pesquisas em bairros A, B, C e D, pra saber como seria a aceitação desse produto no mercado,’ conta a microempresária Joyce Venâncio. E Lúcia Venâncio garante: ‘Boneca eu posso dizer *com certeza* que é de zero à melhor idade.’⁹³

- (4) “O Secretário de Esporte municipal Expedito falou que com a iluminação pública que foi colocada em a quadra por o Prefeito Tonheiro, está trazendo de volta a prática esportiva, onde estamos realizando a primeira competição de areia de

93

Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/02/irmas-criam-linha-de-bonecas-com-necessidades-especiais.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

o município, onde já aconteceu a semi-final e em a próxima sexta-feira será realizada a grande final, e *com certeza* teremos a presença de a comunidade para prestigiar o evento.”⁹⁴
[Corpus do Português]

No exemplo (3), *com certeza* apresenta sentido qualitativo (com confiança/segurança/precisão) e mantém relação sintático-semântica com o seu escopo verbal (*dizer*). Já no exemplo (4), *com certeza*, apresenta sentido modalizador, tendo como escopo toda a oração em que se insere (“teremos a presença de a comunidade para prestigiar o evento”).

Esses usos estão diacronicamente relacionados, isto é, *com certeza* modalizador surge por meio do processo de mudança sintático-semântica que se deu ao longo dos séculos a partir do uso preexistente de *com certeza* (o qualitativo). Essa trajetória de qualitativo a modalizador é verificada também em outros advérbiais, como *felizmente* e *novamente*, e está associada à mudança de ordenação (Moraes Pinto, 2008). Elementos advérbiais de outros tipos, como os aspectualizadores, por exemplo, também sofreram mudanças sintático-semânticas, cumprindo diferentes rotas e tornando-se modalizadores.

Observando diferentes sincronias, frequentemente nos deparamos com usos ambíguos de advérbiais que parecem configurar o que Diewald (2002; 2006) denomina “contextos atípicos” e “contextos críticos” (usos intermediários que podem ter servido de gatilho para os novos usos). Usos ambíguos de determinados advérbiais podem resistir e passar a coexistir com o(s) outro(s) usos deles na língua. Já o uso mais antigo e o uso inovador podem: a) terminar por conviver na língua, como ocorre com *com certeza*, ainda que seu uso qualitativo tenha praticamente se restringido a verbos cognitivos (p. ex.: *saber*) e de atividade verbal (p. ex.: *dizer*, *afirmar*; *responder*),

como visto no 1º exemplo; ou b) sobrepor-se um ao outro (nesses casos, o mais antigo — qualitativo — não sobrevive), como aconteceu com *felizmente* e *novamente*.

Ambas as ocorrências de *certamente*, como nos exemplos (1) e (2), foram tiradas da mesma fonte (*Orto do Esposo*); logo, vê-se que ambos os sentidos já conviviam naquele período (final do século XIV e começo do século XV). Quanto ao adverbial *com certeza*, de acordo com Gonçalves e Moraes Pinto (2020), seu sentido modalizador só começou a prevalecer nos *corpora* analisados a partir do século XIX. Antes disso, o uso predominante atestado é o qualitativo. As autoras demonstraram que esse uso sofreu mudança de sentido ao longo dos séculos ao passo que também sofreu mudança na ordem colocacional. Assim, *com certeza* qualitativo adquiriu sentido pragmático, passando a expressar subjetividade: avaliação e grau de certeza do enunciador em relação ao conteúdo expresso, funcionando como modalizador epistêmico, se desconectando do verbo e tendo maior liberdade sintática. O modalizador ocorre geralmente em posições de margem (principalmente a esquerda), refere-se à oração e, desse modo, estabelece com ela não somente relação sintática como também semântico-pragmática.

A assunção da posição de margem, além de ratificar o afastamento sintático (e semântico) de *com certeza* do verbo, pode ser explicada pelo fato de que a margem é o lugar na unidade discursiva onde se situam avaliações (Ilari *et al.*, 1990). A margem esquerda é onde se localizam os conectivos, marcadores discursivos e tópicos e é o lugar da subjetividade. Já a margem direita destina-se ao interlocutor; é o lugar da intersubjetividade.

Traugott (2010), seguindo Lyons (1982), define subjetividade como a expressão das avaliações, atitudes, crenças, percepções ou sensações do enunciador (falante/escrevente) e intersubjetividade como a expressão da *consciência* do enunciador em relação às suas avaliações, atitudes, crenças, percepções ou sensações e em relação

à “face”/autoimagem do destinatário. Nesse sentido, subjetividade e intersubjetividade referem-se, respectivamente, à codificação de significados subjetivos e de significados intersubjetivos. Essa codificação é atestada em várias línguas. Nas de ordem VO (verbo-objeto), como é o caso do inglês e do português, os elementos que codificam subjetividade geralmente se deslocam para posições à esquerda da oração (como ocorre com os modalizadores, que, em geral, se situam na margem esquerda) e os que codificam intersubjetividade se deslocam para a margem direita da oração.

Observemos o exemplo a seguir:

- (5) “Anderson Tavares Rocha, ex-aluno da graduação e do doutorado do Departamento de Ciência da Computação da UFMG, durante a graduação, teve como grande desafio a matemática e, segundo ele, focou em ‘sobreviver às provas’, mas as matérias da Computação foram extremamente marcantes [...]”

Depois do doutorado, Anderson voltou para o RS, onde agora é professor na UFRGS. ‘*Sem dúvida*, se não fosse a boa formação do DCC hoje não estaria onde cheguei’, afirmou.

Convivendo com Anderson desde a graduação, de acordo com o professor Chaimo, o ex-estudante sempre foi um grande parceiro, com enorme competência.”⁹⁵

Nesse dado, percebe-se que o adverbial modalizador *sem dúvida* está imprimindo o grau de certeza *do enunciador* em relação ao dito e encontra-se na *margem esquerda* da oração, codificando subjetividade.

Vejam este outro exemplo:

95

Disponível em: <https://dcc.ufmg.br/sem-duvida-se-nao-fosse-a-boa-formacao-do-dcc-hoje-eu-nao-estaria-onde-cheguei-afirma-ex-aluno/>. Acesso em: 30 set. 2023.

- (6) "Jorge Martín envia «Recado» a Bagnaia: 'Acredito que sou o mais rápido, *sem dúvida*.'"⁹⁶

Esse é um dado interessante, em que também se nota o adverbial modalizador *sem dúvida* imprimindo grau de certeza em relação ao conteúdo, mas, nessa ocorrência, ele se encontra na *margem direita* da oração. Aqui temos um caso de intersubjetividade, ou seja, o enunciador expressa *consciência* em relação à sua avaliação e em relação ao destinatário. Isso fica ainda mais evidente ao analisarmos o contexto: Jorge Martín, um piloto espanhol campeão mundial de motociclismo enviando um recado para Francesco Bagnaia, um motociclista italiano que também já foi campeão mundial e que é seu principal oponente.

Não somente as margens imprimem (inter)subjetividade aos adverbiais. Posições pré-verbais, que rompem a ordem canônica contemporânea (pós-verbal) de grande parte dos adverbiais qualitativos, podem fazer com que esses elementos adquiram novas nuances de sentido, como se vê no exemplo que segue:

- (7) "Este, depois da 'caqueirada' que lhe dei, como sabe que eu estou com a faca e o queijo, *inteligentemente*, procurou e procura, ferir-me no único ponto que tenho vulnerável." [*Corpus PHPB*]

Nesse exemplo, observa-se o advérbio *inteligentemente* anteposto ao verbo *procurar*. O fato de ele ter sido usado em uma posição não canônica, isto é, antes do verbo e não depois dele, lhe atribui uma certa subjetividade: a procura não foi necessariamente feita de modo inteligente, mas o enunciador é que acha e "diz" que foi de modo inteligente; é a avaliação dele. Essa interpretação é reforçada pela presença das vírgulas (antes e depois do advérbio), que parecem sinalizar essa "desvinculação" semântica, mesmo que parcial, entre o advérbio e o verbo e reforçam a intenção do enunciador

96

Disponível em: <https://motorcyclesports.net/pt/jorge-martin-envia-recado-a-bagnaia-acredito-que-sou-o-mais-rapido-sem-duvida/>. Acesso em: 30 set. 2023.

de marcar subjetividade. Ainda há vínculo sintático com o verbo, mas *inteligentemente* não está apenas qualificando *procurou*; está também expressando uma avaliação do enunciador.

Nesse caso, a posição pré-verbal e as vírgulas apontam para a subjetividade no uso de um adverbial que, inicialmente, seria “apenas” qualitativo. Mas, a importância dessa posição e das vírgulas para a expressão da subjetividade pode ser atestada em exemplos com advérbios modalizadores, os quais já carregam subjetividade e que também podem ocupar essa posição, mas sem vínculo sintático ou semântico com o verbo, e sim com a oração, como no exemplo (8).

(8) “Os garimpeiros, *sem dúvida*, vão matar os índios isolados na área Yanomami.”⁹⁷

Na tradição gramatical, os adverbiais modalizadores geralmente não recebem classificação específica, não dando conta da diversidade de usos que esses elementos podem exibir. Um exemplo disso é a categorização de certos itens, que não leva em consideração certos fatores como, por exemplo, mudança de sentido nos diferentes contextos e/ou posições. A classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que orienta a maioria das gramáticas, só prevê os seguintes tipos de advérbios: afirmação; dúvida; intensidade; lugar; modo; negação; tempo.

Em termos de classificação, Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1991) e Bechara (1999) têm em comum os seguintes tipos: lugar, tempo, intensidade (Bechara denomina *quantidade* ou *medida*), modo (Bechara denomina *qualidade*). Os 3 também mencionam “advérbios avaliativos”. Rocha Lima (1985) e Cunha e Cintra (1985) citam, ainda, o tipo adverbial de dúvida, e Cunha e Cintra acrescentam, também, à sua classificação os advérbios de negação, afirmação e as “palavras denotativas” de ordem, exclusão e designação.

97

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-03/davi-kopenawa-os-garimpeiros-sem-duvida-va-o-matar-os-indios-isolados-na-area-yanomani.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

Cunha e Cintra (1985) e Bechara (1999) afirmam, em relação à ordenação, que os advérbios de modo se colocam geralmente após o verbo e que os advérbios que modificam a oração inteira “vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração [...]” (Cunha; Cintra, 1985, p. 530). Para Bechara, o advérbio de oração tem função avaliativa, de “cláusula comentário” (Bechara, 1999, p. 288). Rocha Lima (1985) também admite que há palavras e locuções que têm como escopo toda a frase e expressam avaliação, como, por exemplo, *felizmente*.

Entretanto, nem sempre há consenso quanto à classificação dos itens adverbiais. Por exemplo, Rocha Lima (1985) classifica *quase* e *mais ou menos* como *palavras de avaliação* e inclui também os adverbiais de modo, por terem como escopo toda a frase e não só o verbo. Já Cunha e Cintra classificaram *quase* e *mais ou menos* como advérbios de intensidade.

Bechara faz, também, uma observação relacionada à mudança linguística. Segundo ele, advérbios em *-mente* podem se deslocar do nível da palavra para o da cláusula e, depois, passar ao nível da oração ou do texto. Como exemplo, menciona o advérbio *certamente*. O autor segue Llorach (1994), que diz que o estudioso da língua deve atentar-se “às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial, quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário” (Bechara, 1999, p. 290).

Como vemos, esses autores trazem orientações que vão além do preconizado pela NGB. Ainda assim, há ainda toda uma gama de sentidos/funções e ordenações que os adverbiais apresentam/ podem apresentar e que não estão contempladas em tais propostas. Tentaremos aqui dar uma amostra de algumas das tendências de uso desses elementos.

TENDÊNCIAS DE USO

Após a caracterização do fenômeno estudado neste capítulo, focalizaremos, nesta seção, algumas de suas tendências de uso. Para isso, utilizaremos os seguintes temas de discussão definidos na seção anterior: ordenação sintática e efeitos de modalização, que envolvem (inter)subjetividade. Usaremos como base os trabalhos de Castilho e Castilho (2002), Moraes Pinto (2008; 2012) e Castanheira (2017), autores que estudaram esses elementos de maneira mais sistemática.

Inicialmente, é preciso refletir sobre as tendências de uso dos adverbiais modalizadores quanto à ordenação na sentença. Esse aspecto é de grande relevância, visto que é um dos caracterizadores desses elementos, inclusive por sua ligação com questões semânticas e pragmáticas, como defendem Castilho e Castilho (2002) e Moraes Pinto (2008; 2012). Os autores demonstram que esses elementos têm mobilidade na oração, ou seja, podem ocorrer em diferentes posições sintáticas, como, por exemplo, nas margens e no meio da oração, conforme se vê nos exemplos a seguir:

- (9) “Depois era só passeio com os amigos. Rodízios de pizza, chocolates, sorvetes com suspiros coloridos era uma grande pedida no Mercado Modelo no centro de Porto Alegre. Tinha sempre uma feira de livros acontecendo em alguma rua do centro ou uma coletiva com livros, quadros e música com cantores da música *pop* gaúcha. Por fim tive que retornar à Natal por inadaptação ao trabalho que desempenhava, mas no meu íntimo, nunca mais fui o mesmo. Não sei definir o que mudou em mim depois dessa experiência. *Talvez* um exemplo possa dar alguma pista do que experimentei: é como se eu tivesse em minha casa um quarto cujas paredes fossem de espelho e que nunca tivesse sido permitida a entrada de nenhuma pessoa e eu tivesse violando este regulamento.

Já imaginou o que pode ter-me acontecido... eu diante de eu mesmo refletido infinitas vezes?"⁹⁸

- (10) "Quanto ao plano de negócio, nem pense em contratar um consultor. Você mesmo poderá fazer, *com certeza*. Se for para apresentar para investidores capitalistas, é muito normal estes oferecerem um modelo de como você deve apresentar."⁹⁹ [*Corpus do Português*]

No exemplo (9), há um trecho de uma entrevista na modalidade oral registrada no *Corpus Discurso & Gramática* da cidade de Natal. Nesse exemplo, é possível observar que o advérbio modalizador *talvez* introduz a oração; logo, posiciona-se à margem esquerda. Já no exemplo (10), o adverbial *com certeza* está na margem direita.

No próximo exemplo, pode-se observar um advérbio qualitativo em posição sintática não marginal, visto que esse tipo adverbial geralmente não tem a oração como escopo e sim o verbo. Nesse dado, *com certeza* aparece logo após o elemento verbal que modifica:

- (11) "Eu estava em a ilha de Patmos, para onde havia sido levado. João e Domiciano Sendo João aprisionado em o governo de Domiciano, um rei romano cruel a o extremo podemos imaginar quantas dificuldades o cercavam em o exílio. Sabemos *com certeza* que ele não teve as facilidades para a escrita como temos hoje."¹⁰⁰ [*Corpus do Português*]

Já na ocorrência a seguir, vê-se também um exemplo de advérbio qualitativo (*facilmente*) em posição não marginal, mas antecedendo seu escopo (o verbo *superar*):

98 Disponível em: <https://deg.uff.br/wp-content/uploads/sites/330/2020/11/natal.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

99 Disponível em: <http://acdematos.wordpress.com/2011/03/09/socio-salvacao-ou-perdicao/>. Acesso em: 20 set. 2023.

100 Disponível em: <http://agrandecidade.com/category/a-cidade-chamada-sodoma-e-egito/>. Acesso em: 30 set. 2023.

- (12) "As crianças têm seus costumes e preferências, mas, *facilmente, vão superar* as dificuldades..." [*Considerai como Crescem os Lírios*] (Moraes Pinto, 2008).

Conforme introduzido na seção de conceituação, posições pré-verbais desse tipo adverbial não são muito comuns no português contemporâneo, pois infringem a ordenação canônica mais comum dos advérbios qualitativos hoje, que é a pós-verbal. Com isso, o uso de um qualitativo em posição pré-verbal acaba por produzir/evocar um efeito a mais, o de subjetividade do enunciador. Nesse exemplo, as crianças podem ou não efetivamente superar as dificuldades *com facilidade*, mas o enunciador coloca ali a sua avaliação de que será *com facilidade* ao antepor e destacar entre vírgulas, um advérbio que, inicialmente, teria sentido apenas qualitativo.

Como se pode perceber, as diferentes disposições dos advérbios na oração têm implicações em seus aspectos semântico-pragmáticos.

Outro ponto a ser discutido são os efeitos de sentido ligados à modalização. De acordo com Castanheira (2017), há diferentes propostas taxonômicas para o tema, dentre as quais se destacam as de Ilari *et al.* (1990); Castilho e Castilho (2002) e Moraes Pinto (2008; 2012).

Neste capítulo, selecionamos quatro tipos de modalização para discussão: epistêmica, deôntica, afetiva e delimitadora (*hedge*), apresentadas, respectivamente, nos exemplos que seguem:

- (13) "Richarlison recebe de Diniz a confiança que *talvez* esteja faltando em si."¹⁰¹

No exemplo (13), há uma manchete que introduz um texto da coluna opinativa de esporte do portal Uol, escrita por Alicia Klein.

101

Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/alicia-klein/2023/09/12/richarlison-recebe-de-diniz-a-confianca-que-talvez-esteja-faltando-em-si.htm>. Acesso em: 20 set. 2023.

Nesse texto, é reportado que o jogador Richarlison saiu chorando do campo após o jogo do Brasil contra a Bolívia e que seu desempenho não tem sido satisfatório no seu clube, o Tottenham. Na perspectiva apresentada no texto, ele poderia ganhar confiança se tivesse obtido um bom desempenho na estreia das eliminatórias da seleção brasileira. Na manchete, é usado o advérbio modalizador *talvez*, que indica uma especulação e, portanto, uma possibilidade de que falte confiança ao jogador de futebol Richarlison. Esse elemento marca o grau de conhecimento e certeza em relação ao dito e, por isso, tem valor *epistêmico*. Nesse exemplo, fica evidente que não há certeza, já que não há garantia alguma de que essa percepção esteja correta e, por isso, é usado o modalizador *talvez*.

- (14) “Sempre que ouvimos uma dessas canções para se sentir bem, nos imaginamos num pôr de sol de uma praia idílica, a correr de braços abertos em direção ao ser amado, como nos mais contundentes comerciais de cigarro de antigamente. É como se o pôr do sol, a praia idílica e o ser amado só nos fossem permitidos nesses momentos de alienação e fantasia. Na real, não temos direito a nada disso, porque nos disseram que o prazer não presta, e o mundo é *necessariamente* um vale de lágrimas. O contrário do que está, por exemplo, na difamada ‘what a wonderful world.’”¹⁰²

Em (14), há um trecho do artigo de opinião *Um mundo maravilhoso*, publicado no *site* do jornal *O Globo* no ano de 2016. Nesse exemplo, há o uso do advérbio modalizador *necessariamente* em “porque nos disseram que o prazer não presta, e o mundo é necessariamente um vale de lágrimas”. Esse elemento tem um valor *deôntico*, dado que indica o grau de obrigatoriedade de o conteúdo do enunciado ser/acontecer. Isso fica evidente pela impressão do colunista de que incutem a ideia de que o mundo obrigatoriamente é um lugar de sofrimento.

102

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/um-mundo-maravilhoso-20380580>. Acesso em: 10 set. 2023.

- (15) “[...] teve a noite onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos... que durava uma hora... enquanto os outros dormiam... é o chamado sentinela... de manhã... houve um café da manhã... não... não um café da manhã tão bom assim... apenas macaxeira e batata doce... que passou a noite sendo cozinhado na fogueira... depois teve instrução física... depois reconhecimento de área... depois... teve combate por isso que era preciso... por isso que era preciso... fazer reconhecimento da área... para que mais tarde ninguém se perdesse... depois teve o combate... onde era escolhidos grupos que iam lutar contra si... mas não luta corporal... era somente tomar uma fita que estava presa no pé do inimigo... o meu grupo não foi vencedor *infelizmente*... mas... ele não foi o pior... quem conseguisse pegar mais fita do pé dos inimigos... era vencedor...”¹⁰³

No exemplo (15), vê-se o trecho de uma entrevista oral retirada do *Corpus Discurso & Gramática* da cidade de Natal, em que é contada uma história sobre competição de grupos. Nesse caso, o uso do advérbio modalizador *infelizmente* está ligado a um valor afetivo, tendo em vista que marca uma atitude emocional do falante em relação ao que é dito. Em (15), esse elemento marca uma visão negativa sobre o resultado da disputa narrada, em que o grupo do narrador não foi o vencedor. Conforme Castanheira (2017), em exemplos como esse, é importante observar que a base adjetival — nesse caso *infeliz* — já é avaliativa e demonstra passionalidade, o que causa um efeito discursivo calcado na subjetividade entre os participantes da interação.

- (16) “*Juridicamente*, não há chance de Bolsonaro escapar da cadeia. O colunista do UOL Wálter Maierovitch afirmou durante participação no UOL News desta sexta-feira (18) que não há chance de o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), no aspecto

103

Disponível em: <https://deg.uff.br/wp-content/uploads/sites/330/2020/11/natal.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

jurídico, não cumprir alguma pena. A resposta foi dada após o também colunista Tales Faria questionar as chances de Bolsonaro não ser preso.

Eu diria que em uma escala de 0 a 10, a chance dele está em menos 1000. Não há chance nenhuma, *juridicamente*. Vamos ao que o advogado [de Mauro Cid] disse em retificação àquilo que teria dito à Veja. Ele disse que o Bolsonaro, com relação a joias, agora diminui para relógio, disse o seguinte: ‘resolva o problema’ ‘O advogado arremata: ‘para o bom entendedor, meia palavra basta.’ Está aí a ordem’, afirmou.”¹⁰⁴

Além dos tipos de modalização, Castilho e Castilho (2002) demonstram que os adverbiais modalizadores marcam (inter)subjetividade no discurso. Isso indica que esses elementos imprimem o posicionamento do falante/escritor em relação ao que está sendo dito, o que possibilita um mapeamento mais acurado de avaliações, atitudes, percepções e sensações, que, por vezes, são pouco explicitadas.

Na esteira dessa elucidação, Castanheira (2017) observou como esses elementos poderiam ser analisados quanto à subjetividade. De acordo com o autor, para que essa análise seja feita, é necessário ir além de uma discussão no nível da frase, tendo em vista que o contexto é essencial para compreender os efeitos de sentido. O autor defende que isso pode ser feito pelo estabelecimento de graus de subjetividade, em que esses elementos podem ser categorizados como mais ou menos subjetivos, conforme demonstrado pelos exemplos seguintes:

(17) “Se felicidade tivesse um nome, *com certeza* se chamaria micropigmentação.”¹⁰⁵

104 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/08/18/maierovitch-juridicamente-nao-ha-chance-de-bolsonaro-escapar-da-cadeia.htm>. Acesso em: 19 set. 2023.

105 Disponível em: https://www.facebook.com/p/Perolas-do-call-center-100063906962230/?paipv=0&eav=Afb4MppWZnv_OabRwchfhtJGknJIHT8FMnzaolgndvI6wbnsDwWDHYLqT3RJ5jY4&_rdr. Acesso em: 23 set. 2023.

No exemplo (17), observa-se a frase retirada de um meme que circula nas redes sociais com a imagem de uma personagem de novela mexicana. Nessa frase, há o uso da locução adverbial *com certeza*, que estabelece grande segurança em relação ao que está sendo dito: micropigmentação possivelmente sendo o nome da felicidade. Nesse caso, a locução *com certeza* expressa, de maneira bastante marcada, a convicção em relação ao conteúdo. Ao dizer que certamente o nome da felicidade seria micropigmentação, é construída uma ideia de total segurança e também uma efetiva posição em relação ao dito. Essa avaliação do enunciador configura uma marca de subjetividade.

(18) “a gente não tem nenhuma disciplina de roteiro... a gente não produz nada... *literariamente* a gente não produz nada no curso... [...] a gente só produz em termos críticos... em termos acadêmicos... né? eu acho que é um grande defeito do curso esse/essa falta de direcionamento pra... pra outras possibilidades”¹⁰⁶

Nesse exemplo, nota-se o modalizador *literariamente* marcando/especificando em que âmbito/perspectiva o dito é válido: “a gente não produz nada” do ponto de vista literário. No entanto, embora trate-se de um modalizador (de delimitação ou *hedge*), a marcação de subjetividade em (18) não é tão evidente como em (17). Em (18), *literariamente* indica o ponto de vista que se deve considerar para interpretar o conteúdo da asserção. Isso faz com que fique mais velada/menos explícita uma possível avaliação do enunciador em relação à informação. Ou seja, *literariamente* expressa menor subjetividade do que *com certeza*, que demonstra maior comprometimento com o dito.

106

Disponível em: https://deg.uff.br/wp-content/uploads/sites/330/2020/11/juiz_de_fora-1.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

O último ponto a ser destacado é que os advérbios podem ter valores que subvertem sua ideia basilar. Castilho e Castilho (2002), por exemplo, destacam que uma mesma forma pode ser usada com diferentes sentidos, o que também é defendido por Castanheira (2017). Isso se evidencia pelo exemplo (19):

(19) "*Humanamente* impossível não tomar uma cerveja na tarde desta segunda-feira."¹⁰⁷

Nesse exemplo, vê-se que uma interpretação literal, de ser impossível uma pessoa/ser humano não beber numa segunda-feira à tarde, não faria sentido. O usuário da rede social X (antigo *Twitter*) usa o advérbio *humanamente* para intensificar o adjetivo *impossível*, exagerando, ao "projetar" para todos os humanos uma ação socialmente questionável, que é beber segunda-feira, primeiro dia de trabalho da semana. Incluir todas as pessoas também é, de certo modo, uma tentativa de evitar julgamentos já que, "na tarde desta segunda-feira", "não só ele, mas nenhum ser humano" vai conseguir ficar sem beber. Assim, de certa forma, ele "justifica" o fato de estar tomando cerveja mesmo sendo uma segunda-feira (quando, na verdade, talvez seja por precisar relaxar depois de um dia estressante ou por querer se refrescar do calor, não importando que dia da semana seja).

Para contrapor, vejamos um exemplo em que "*humanamente* impossível" é usado com seu sentido literal:

(20) "Tribunal Superior do Trabalho anulou a sentença em que foi reconhecida a jornada de trabalho de 20 horas diárias alegada por um chefe de cozinha da Casa Fasano Eventos, de São Paulo (SP). Para o colegiado, essa carga horária é *humanamente impossível* de ser praticada, pois o empregado teria menos de quatro horas de sono por dia."¹⁰⁸

107 Disponível em: https://twitter.com/leonardolise_/status/1455194795350138890. Acesso em: 23 set. 2023.

108 Disponível em: <https://www.tst.jus.br/-/tst-considera-imposs%C3%ADvel-jornada-de-20-horas-di%C3%A1rias-de-chefe-de-cozinha>. Acesso em: 23 set. 2023.

Nesse exemplo, observa-se que não há exagero, posto que é praticamente inverossímil, ou seja, *humanamente impossível*, alguém trabalhar 20h e dormir apenas 4h, sendo que o dia só tem 24h.

Essa mudança de sentido em certos contextos também parece ocorrer com outros advérbios como, por exemplo, *literalmente* em usos em que não há nada de literal; ao contrário, é usado, na verdade, com sentido de *figurativamente (falando)* e parece ter a função de atribuir ênfase exagerada, como se vê nos exemplos:

- (21) (21) "One Piece fez o que só Dragon Ball Super e Attack on Titan já conseguiram: Quebrou a internet (*literalmente*), mas dividiu os fãs."¹⁰⁹
- (22) (22) "*Literalmente*, Beleza Fatal! Camila Queiroz fica loira para novela."¹¹⁰
- (23) (23) "Cheiro de sucesso *literalmente* no ar!"¹¹¹
- (24) (24) "Javier Milei passa a caneta, *literalmente*, em ministérios. Candidato à Presidência da Argentina sugeriu eliminar 11 dos 18 ministérios existentes, dentre eles as pastas das Mulheres e do Meio Ambiente."¹¹²

A Internet não é algo concreto e passível de ser quebrado, no sentido literal; a beleza de Camila Queiroz jamais matou/matará

109 Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/one-piece-fez-o-que-so-dragon-ball-super-e-attack-on-titan-ja-conseguiram-quebrou-a-internet-literalmente-mas-dividiu-os-fas,0684be2d946520a77c0def55f179bb7a13xgo065.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 30 set. 2023.

110 Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/autocuidado/literalmente-beleza-fatal-camila-queiroz-esta-totalmente-loira,35d80ee3bd7049deedbd3bbf871d8aa475513tw1.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

111 Disponível em: <https://portalmakingof.com.br/cheiro-de-sucesso-literalmente-no-ar/>. Acesso em: 30 set. 2023.

112 Disponível em: <https://oantagonista.com.br/mundo/crusoe-javier-milei-passa-a-caneta-literalmente-em-ministerios/>. Acesso em: 30 set. 2023.

alguém; sucesso não tem cheiro; e não é possível passar uma caneta em ministérios. Todas essas ocorrências, se tomadas palavra por palavra, “ao pé da letra”, não fariam sentido. São afirmações que não encontram correspondência na realidade. Todas estão sendo usadas em sentido figurado.

Existe, também, um outro uso de *literalmente*, que se assemelha a um intensificador (sentido de *mesmo; exatamente*), enfatizando/reforçando uma informação. Esse parece ser o uso que deu origem ao sentido de *literalmente* que é praticamente seu oposto (sentido de *figurativamente*) e que tem função de dar exagerada ênfase. Adiante, um exemplo desse uso intensificador (*mesmo; exatamente*):

(25) “Ford prepara quebra-sol que, *literalmente*, quebra o vidro do carro.

Ideia da Ford pretende transformar a peça em algo ainda mais útil nos carros, e isso sem alterar muito o quebra-sol dos carros [...].

E o seu objetivo seria equipar o quebra-sol com uma peça que pode quebrar os vidros dos carros, em caso de emergência. Dessa forma, os ocupantes dos veículos conseguiriam sair do habitáculo de maneira mais rápida em um resgate.”¹¹³

Em nenhum desses exemplos que vimos, *literalmente* tem o sentido que seria esperado (*de modo literal*, ou seja, *ao pé da letra, palavra por palavra*), mais composicional, que é o que se observa a seguir:

(26) “O que Jesus quis dizer quando afirmou: ‘Isto é o meu corpo’? Devemos entender isso *literalmente*?

Jesus não tinha a intenção de que sua afirmação ‘Isto é o meu corpo’ fosse entendida *literalmente* [...]. O contexto está em oposição a tomar isso *literalmente*. Todos concordam que quando Jesus fez

essa afirmativa, ele estava referindo-se ao pão. Lucas diz: 'Tomando o pão, tendo dado graças, o partiu [...] dizendo: Isto é o meu corpo' (Lc 22.19). Mas era óbvio para todos que o corpo real de Jesus estava segurando o pão em suas mãos. Assim, nenhum dos discípulos presentes jamais iria pensar ou entender que ele estivesse dizendo que aquele pão era seu corpo real."¹¹⁴

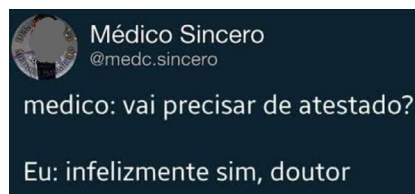
E um exemplo que resume bem esse sentido é:

(27) "[...] o significado tido como original de *literalmente*: traduzido ou transmitido palavra por palavra, sem alterações. Podia simbolizar a precisão de uma tradução de uma língua para outra: 'traduzido *literalmente* do francês' [...]"¹¹⁵

Mais um exemplo em que um modalizador "adapta" seu sentido a um contexto específico pode ser visto em:

(28)

Figura 4.1 – Exemplo 28



Fonte: Pinterest (2023)¹¹⁶.

O exemplo (28) é de um dos diálogos de um meme com imagem de uma famosa cantora, em que ela aparece em dois planos:

114 Disponível em: <https://www.eismaequi.com.br/duvidas-biblicas/duvidas-biblicas-lucas/o-que-jesus-quis-dizer-quando-afirmou-isto-e-o-meu-corpo-devemos-entender-isso-literalmente/>. Acesso em: 30 set. 2023.

115 Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-humanidade-usa-literalmente-errado-ha-300-anos>. Acesso em: 23 set. 2023.

116 Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/602919468860834126/>. Acesso em: 23 set. 2023.

no primeiro plano, séria e, no segundo plano, sorridente. Esse meme já circulou de diferentes maneiras e está em distintas postagens em redes sociais como X, Meta (antigo *Facebook*) e *Instagram*. Além disso, em geral, essa imagem é usada para estabelecer contraste entre duas ideias e o verdadeiro posicionamento sobre um tema. Nessa postagem, vista em (28), há a simulação de um diálogo entre um médico e uma paciente, em que o profissional pergunta se há a necessidade de um atestado médico e a resposta seria “infelizmente sim, doutor”. Em uma leitura inicial, “infelizmente” poderia ser visto como uma lamentação em relação à necessidade de um atestado médico, no entanto, pelo contexto discursivo, é possível inferir que, na verdade, esse advérbio está sendo usado de maneira irônica. Isso só pode ser concluído pela análise do texto como um todo, considerando, também, sua imagem.

Com isso, fica claro que, nesse caso, “infelizmente” não está sendo usado com seu valor prototípico, não havendo uma avaliação negativa em relação ao dito. Pelo contrário, há um julgamento positivo, que se evidencia pelo contexto. E, como vimos, isso também ocorre com outros elementos adverbiais, como “literalmente”.

Diante da discussão estabelecida neste capítulo, podemos constatar que os advérbios modalizadores têm diferentes papéis sintáticos e discursivos, o que está diretamente relacionado a um olhar investigativo funcionalista. Isso evidencia que é necessário observá-los para além da análise sentencial e que o contexto é essencial para o mapeamento de seus usos em diferentes sincronias e gêneros textuais.

TEORIA NA PRÁTICA

- 1) Leia os exemplos abaixo, retirados de contextos reais de uso, e classifique-os quanto ao tipo de modalização:
 - a) Pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) estão desenvolvendo um novo curativo feito de bagaço de cana-de-açúcar — um dos mais abundantes resíduos da indústria sucroalcooleira. A fibra é processada para se tornar um tecido que, com o acréscimo de enzimas e fármacos, pode ser empregado em múltiplas aplicações, como tratamento de queimaduras e curativos bucais. A equipe de cientistas é coordenada por Adalberto Pessoa Júnior, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas.

“O produto se mostrou *tecnicamente* viável. A avaliação econômica caberá à iniciativa privada, caso alguma empresa se interesse em licenciar o processo”, explicou Pessoa à Agência Fapesp.¹¹⁷
 - b) Cães e gatos terão que ser *obrigatoriamente* microchipados no Rio a partir de setembro. Lei municipal foi aprovada pela câmara de vereadores no fim de julho e está sendo regulamentada pela prefeitura.¹¹⁸
 - c) Vale ressaltar o ato heroico da professora Cintia, de educação física. Foi ela quem imobilizou o agressor, ela que fez com que a faca fosse retirada dele. Não fosse essa ação heroica dela, *certamente* a tragédia teria sido muito maior.¹¹⁹

117 Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2010/05/usp-desenvolve-curativo-com-bagaco-da-cana-de-acucar.html>. Acesso em: 23 set. 2023.

118 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/caes-e-gatos-terao-que-ser-obrigatoriamente-microchipados-no-rio-a-partir-de-setembro/>. Acesso em: 12 set. 2023.

119 Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/nao-fose-essa-acao-heroica-dela-certamente-a-tragedia-teria-sido-muito-maior-diz-secretario-da-seguranca-sobre-professora-que-imobilizou-agressor-e-retirou-a-faca.ghtml>. Acesso em: 23 set. 2023.

- d) O ano era 1958. Mas, poderia ser ontem ou hoje este relato. Quem fez esse desabafo foi uma mulher, negra, favelada, mãe solo de três filhos, moradora na rua A, barraco 9 da favela do Canindé, em São Paulo, que após ter sido descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, teve uma reviravolta em sua vida. *Quarto de despejo-diário de uma favelada*, lançado em 1960, traz o relato dos diários de Carolina Maria de Jesus, escritos entre 1955 a 1960 e retratam o cotidiano na favela. [...] Carolina é lavadeira, catadora de papel e recicláveis, mas o dinheiro que ganha mal dá pra sobreviver com os filhos. Ela vive também de doações e até mesmo de restos de comida que cata na feira ou nas portas das fábricas e descartes de mercados. Todo dia é uma batalha, pois ela não sabe se terão o que comer. Essa fome, de cor amarela, é um fantasma que a persegue constantemente.
"24 de julho: Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E *por infelicidade* eu amanheci com fome." (p. 99).¹²⁰
- 2) Analise os dados abaixo e compare os usos dos advérbios grifados quanto à subjetividade:
- a) Se depreende da sua indelicadeza, da sua| deseducação, da sua falta de cultura, atacando, *injustamente*, os brios de um cidadão honesto. [*Corpus* PHPB 20, 2 CL BA]
- b) O Complexo Eólico Tucano, localizado nos municípios de Tucano, Biritinga e Araci, foi inaugurado *oficialmente* na terça-feira (3), em cerimônia realizada em Salvador. Segundo o governo baiano, este será o primeiro do país a ter uma equipe de operação e manutenção 100% composta por mulheres [...].

c) Em Tucano, o complexo já está em funcionamento há mais de um ano, mas deve operar na totalidade até o fim de 2023.¹²¹

3) Observe o seguinte dado:

"Os mestres de a ficção científica *com certeza* aprovariam o filme A trama de O Dia em que a Terra Parou tem tudo a ver com muito de o que de melhor se fez em a literatura de ficção científica em meados de o século XX."¹²² [*Corpus* do Português]

Classifique e defina o tipo de adverbial utilizado. Em seguida, comente as semelhanças/diferenças, em termos de ordem e sentido/função, entre essa ocorrência e as possíveis versões abaixo:

a) Os mestres da ficção científica aprovariam *com certeza* o filme.

b) Os mestres da ficção científica aprovariam o filme *com certeza*.

PARA SABER MAIS

CABRAL, Ana Lucia Tinoco. **A força das palavras**. São Paulo: Contexto, 2010.

Nessa obra, são apresentados os adverbiais modalizadores como elementos centrais na modalização do discurso e com diferentes nuances pragmáticas. À luz de uma perspectiva teórica ampla, são discutidos exemplos que, de modo didático, ilustram seu papel argumentativo e seus efeitos de sentido.

121 Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/10/04/complexo-eolico-totalmente-operado-por-mulheres-em-cidade-do-interior-da-bahia-e-inaugurado.ghtml>. Acesso em: 23 set. 2023.

122 Disponível em: <http://50anosdefilmes.com.br/2013/o-dia-em-que-a-terra-parou-the-day-the-earth-stood-still/>. Acesso em: 30 set. 2023.

CASTILHO, Ataliba de *et al.* O advérbio. *In:* ILARI, Rodolfo. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014. p. 267-344.

Nesse capítulo, são discutidos os aspectos centrais da categoria dos advérbios como elementos de classe aberta por meio de diferentes agrupamentos semânticos e de suas tendências de uso mais gerais.

CEZARIO, Maria Maura *et al.* Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais. *In:* CASTILHO, Ataliba de; LOPES, Célia Regina. **História do Português Brasileiro**. Vol. IV — Mudança sintática das classes de palavras: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2018. p. 240-293.

Nesse capítulo, são mapeados os usos de diferentes subcategorias de adverbiais sob um olhar funcionalista diacrônico. São analisados aspectos gramaticais e discursivos, tais como sua ordenação na sentença e seu valor semântico a fim de estabelecer um panorama histórico e atual de seus usos.

GONÇALVES, Ester; MORAES PINTO, Deise de. Usos de *com certeza* entre os séculos XV e XX. **Revista Percursos Linguísticos** (UFES), Brasil, v. 12, p. 172-191, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/38080>

Nesse artigo, são focados os usos da locução *com certeza* de modo diacrônico. São observados usos prévios à função adverbial e a expansão do seu uso como modalizadora, havendo a constatação de seu papel de modificador discursivo e da sua função argumentativa.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, Jussara. **Ordem de palavras**: da linguagem infantil ao português coloquial. Niterói: EdUFF, 2003.

ABRAÇADO, Jussara. Subjetividade e ordem de palavras no português brasileiro. **Revista da Anpoll**, Brasil, v. 1, n. 31, 2011. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/204>. Acesso em: 23 set. 2023.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CASTANHEIRA, Dennis. **Uso de advérbios modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio**: reflexões e propostas de atividades. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CASTILHO, Ataliba de; CASTILHO, Celia de. Advérbios modalizadores. *In*: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado vol. II**: níveis de análise linguística. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002. p. 199-248.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p.103-120.

DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, Alemanha, v. 1, n. 9, 2006. Disponível em: <https://constructions.journals.hhu.de/article/view/443/458>. Acesso em: 23 set. 2023.

GIVÓN, Talmy (Ed.). From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. *In*: GIVÓN, Talmy (Ed.). **Syntax and Semantics**. v. 12. Brill: Discourse and syntax, 1985. p. 81-112.

GONÇALVES, Ester; MORAES PINTO, Deise de. Análise dos usos de “com certeza” na diacronia. *In*: CEZARIO, Maria Maura; ALONSO, Karen S.; CASTANHEIRA, Dennis. **Linguística Baseada no Uso**: Explorando Métodos, Construindo Caminhos. Brasil: Ed. Rio Book's, 2020. p. 203-219. Disponível em: <https://www.riobooks.com.br/pd-7f89d8-linguistica-baseada-no-uso-explorando-metodos-construindo-caminhos.html>. Acesso em: 23 set. 2023.

ILARI, Rodolfo *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, Ataliba de. **Gramática do português falado**: a ordem. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1990.

LLOORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. Madri: Espasa Calpe, 1994.

MALER, Bertil (Ed.). **Orto do esopo**. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário. Rio de Janeiro: INL, 1956.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Advérbios: conceitos e tendências de ordenação. *In*: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura (Org.). **Adverbiais**: aspectos gramaticais e pressões discursivas. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 13-96.

MORAES PINTO, Deise de. Advérbios qualitativos e modalizadores em -mente: ordenação, gramaticalização e polissemia. *In*: OLIVEIRA, Mariangela R. de; CEZARIO, Maria Maura (Org.). **Adverbiais**: aspectos gramaticais e pressões discursivas. 1 ed. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 219-242.

MORAES PINTO, Deise de. **Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em -mente**. 2008. 199 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EdUnesp, 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Revisiting subjectification and intersubjectification. *In*: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.

5

*Priscilla Mouta Marques
Júlia Langer de Campos*

CONSTRUÇÕES ADVERBIAIS DE MODIFICAÇÃO VERBAL:

**AS CONSTRUÇÕES COM
ADJETIVOS ADVERBIAIS E COM
ADVÉRBIOS EM -MENTE**

RESUMO

O presente capítulo tem como objetivo propor reflexões acerca de duas construções adverbiais de modificação verbal no português: a com adjetivos adverbiais (como falar correto) e a com advérbios em -mente (como falar corretamente) de mesma base lexical. Para tanto, são apresentados alguns resultados depreendidos de trabalhos com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Tais estudos apontam que essas construções apresentam particularidades morfossintáticas e semânticas, como o fato de os adjetivos adverbiais modificarem o verbo, mas também, em alguns contextos, perfilarem aspectos do sujeito da cláusula. Ademais, as duas construções diferenciam-se em termos pragmáticos, uma vez que [V AA] tende a apresentar a informação nova ou a mais relevante da cláusula, recaindo o foco exclusivamente sobre ela ou sobre o elemento modificador. Ao final do capítulo são propostas atividades de análise dessas construções e, conseqüentemente, das conclusões obtidas nos estudos citados ao longo do texto.

CONHECENDO O FENÔMENO

Tradicionalmente, o advérbio é definido como um elemento invariável que funciona como modificador de outras classes, tais como o verbo, o adjetivo e outro advérbio, podendo, inclusive, ser um atributo de toda uma cláusula. Diversos estudos, como Ilari *et al.* (1991), Martelotta (1994; 2012) e Castilho (2010), entre outros, porém, apontam para a não homogeneidade da categoria dos advérbios, visto que ela abarca elementos de natureza muito diversa. Martelotta (2012) trata a heterogeneidade da classe dos advérbios sob a perspectiva da prototipicidade, isto é, definindo um conjunto de propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas que caracterizam um advérbio prototípico e considerando que a ausência, em maior ou menor escala, desses atributos aproxima ou distancia um dado elemento do centro dessa categoria.

Uma dessas características, por exemplo, é a invariabilidade, a qual é muito importante para o fenômeno tratado aqui. Justamente por também desempenhar na língua a função de modificador verbal, o adjetivo, quando nessa função, tende muito fortemente a não se flexionar, ao contrário do que seria esperado em contextos em que atua como atributo de um núcleo nominal. Tal fato é um indicativo de que esse elemento faz parte de outro padrão atributivo na língua, sendo recrutado pelos falantes em determinados contextos comunicativos. Um exemplo clássico do uso aqui apontado é o slogan da cervejaria Skol em campanha publicitária de 1996:

(1) “Skol, a cerveja que desce redondo”

Analisando esse exemplo, vê-se que redondo é atributo do verbo descer, denotando o modo como a cerveja desce (e não uma característica da cerveja) e, por essa razão, apresenta a invariabilidade típica dos elementos adverbiais.

Pesquisas acerca da construção com adjetivo adverbial ou do item adjetivo adverbial demonstram que apenas um determinado grupo dentro da classe dos adjetivos mostra-se produtivo no contexto de modificação verbal (Barbosa, 2006; Tiradentes, 2021; Tiradentes; Marques, 2022). Além disso, alguns advérbios, ao longo da história do português, passaram a ser mais frequentemente recrutados ou a ter seu uso restrito a contextos específicos, possivelmente pelo aumento da ocorrência e da produtividade de outro padrão de modificação verbal na língua, como a construção com adjetivo adverbial. Observem os exemplos 2 e 3:

- (2) "Leoninos são altamente autoconfiantes, isso dá a eles grande destaque perante aos outros signos."¹²³
- (3) "Aos três anos já conseguia tirar melodias do cravo, e chorava quando alguém *tocava alto* demais ou de forma muito discordante."¹²⁴

Esses exemplos evidenciam a afirmação feita, uma vez que se percebe a especialização do advérbio *altamente* como modificador de adjetivos no português, com a semântica de intensificação, e a ocorrência (muito frequente como veremos mais adiante) do item *alto* como modificador verbal, atribuindo qualidade à ação. Da mesma forma, isso ocorre com construções envolvendo os itens *natural* e *naturalmente*; *claro* e *claramente*; *forte* e *fortemente*, dentre outros (Campos, 2019).

Ainda consoante Martelotta (2012), advérbios são elementos que se adaptam às necessidades comunicativas dos falantes. Nas palavras do autor, a classe dos advérbios "designa um conjunto muito diferenciado de elementos, constituindo uma categoria fluida,

123 Disponível em: <http://007blog.net/signos-que-combinam-com-leao/>. Acesso em: 23 set. 2023.

124 Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/musicamozart.htm>. Acesso em: 23 set. 2023.

que tende a se adaptar às intenções comunicativas envolvidas no discurso” (Martelotta, 2012, p. 13).

Isso conduz a uma das principais hipóteses para a distinção das duas construções de modificação verbal, a construção com adjetivo adverbial ([V AA]) e a construção com advérbio em *-mente* ([V Xmente]): não há estruturas distintas na língua que evidenciem exatamente a mesma funcionalidade, como aponta o princípio da não-sinonímia (Goldberg, 1995). Nesse sentido, estudos acerca dessa temática mostram que as construções com adjetivos adverbiais e as com advérbios em *-mente* podem ser semanticamente semelhantes, mas pragmaticamente distintas (Virginio, 2018; Campos, 2019; Campos; Marques; Cezario, 2020; Tiradentes, 2021; Tiradentes; Marques, 2022, dentre outros). Vejamos um exemplo:

- (4) “Em uma família, por exemplo, onde todos *falam baixo*, o insuportável é aquele primo que *fala alto* como um italiano. Já em uma família de italianos, o insuportável pode ser aquele que não participa da bagunça [...]”¹²⁵

No exemplo (4), o item *alto*, que também figura em construções de modificação nominal (*Ele é alto*), atribui uma qualidade ao verbo, denotando o modo (em tom *alto*) como a ação de *falar* é realizada. Além disso, observa-se um alto grau de integração entre o verbo e o adjetivo, sendo toda a construção *fala alto* uma característica do primo insuportável. Com este exemplo, pode-se perceber que a construção com adjetivo adverbial pode apresentar o elemento modificador relacionado não apenas ao item verbal em si, mas à construção como um todo (neste caso, também se relacionaria ao sujeito do verbo *falar*). Isso não se atesta com a construção com Xmente. Vejamos o exemplo (5):

- (5) "A primeira coisa que você precisa colocar na cabeça é que, não existe nada que faça seu cabelo *crescer naturalmente* em pouco tempo."¹²⁶

Em (5), verifica-se que o verbo *crescer* recebe o atributo qualitativo por meio do advérbio canônico *naturalmente*. Nesse caso, nota-se que esse item perfila apenas o escopo verbal, demonstrando o modo como a ação de *crescer* acontece (de modo natural), não estabelecendo, então, nenhuma relação semântica com o sujeito da oração (*cabelo*). Assim, pode-se dizer, apenas com a apresentação desse ponto, que haja um indicativo de distinção entre ambas as construções (que não se restringe somente à forma), embora as duas apresentem um papel semântico semelhante.

Faz-se, então, necessário analisar fatores que caracterizem e especifiquem as construções em cheque, a fim de delimitar o papel de cada uma no sistema do português brasileiro. Trabalhos como os de Campos (2019) e Campos, Marques e Cezario (2020), por exemplo, mostram que os seguintes fatores são muito importantes para delimitar os contextos de uso de cada uma delas: (i) a frequência do item verbal e a da base adjetival, (ii) as restrições colocacionais de cunho semântico de cada microconstrução e (iii) o foco discursivo. Com isso, as autoras pretendem dar conta de quais itens verbais e adjetivais aparecem em cada construção com maior frequência; de quais combinações entre *verbo* e *item adverbial* são as mais frequentes e quais não são; e da diferença quanto ao recaimento do foco entre as duas construções de modificação verbal. Esses pontos passarão a ser tratados na próxima seção.

TENDÊNCIAS DE USO

Embora diversas pesquisas tenham se voltado para a análise dos advérbios terminados em *-mente* e dos adjetivos adverbiais, bem como na comparação ou no estudo da variação entre eles, nesta seção serão expostas as análises de base construcionista apresentadas principalmente em Campos (2019) e Campos, Marques e Cezario (2020), que se debruçaram sobre sete microconstruções de modificação verbal com adjetivo adverbial e com *Xmente* que apresentavam a mesma base lexical e semântica qualitativa.

A fim de sistematizar mais profundamente o fenômeno da modificação verbal por meio das referidas construções, será destacado o papel dos seguintes fatores: (i) a frequência do item verbal e a da base adjetival; (ii) as restrições colocacionais de cunho semântico e (iii) o foco discursivo.

FREQUÊNCIA DO ITEM VERBAL E DA BASE ADJETIVAL

Segundo a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a frequência de uso tem papel crucial na organização do nosso sistema linguístico, podendo levar à redução fonológica, à manutenção de propriedades existentes e ao armazenamento na memória rica do falante. Bybee (2010; 2016) defende a hipótese de que o item mais frequente em uma construção pode instanciar novos usos, ou seja, outros itens passam a figurar no *slot* daquela construção por semelhança ao elemento mais frequente. Além disso, a autora também postula que a repetição de uma instância de uso está diretamente associada à força de sua representação na memória do falante, contribuindo para o reforço dessa construção na língua.

Com base em tais hipóteses, Campos (2019) controlou as frequências de tipo (*type*) e de ocorrência (*token*) das construções [V AA] e [V Xmente], observando quantos e quais itens verbais e adjetivais são licenciados para cada padrão e se havia restrições colocacionais. Destaca-se que a análise da frequência *type* e *token* permite descrever o impacto de instâncias de uso na representação cognitiva da linguagem, à medida que tais esquemas cognitivos se concretizam no uso da língua, evidenciando licenciamentos e restrições.

A autora verificou que, num total de 390 dados da construção [V AA] e de 82 da construção [V Xmente],¹²⁷ foram licenciados 106 itens verbais para a construção com adjetivo e 47 itens verbais para a construção com advérbio canônico. Observando apenas os números brutos, seria possível afirmar que [V AA] aceita itens verbais mais variados que a outra construção em cheque; porém, analisando em percentuais, verifica-se que não é essa a realidade, isto é, o *slot* V da construção [V Xmente] licencia itens verbais mais variados em comparação com [V AA]. Ademais, é interessante destacar que há um maior número de ocorrências (*tokens*) do padrão de modificação com adjetivo (390) do que do advérbio em *-mente* (82). Essa situação aponta que há uma maior repetição, ou seja, maior frequência, de alguns itens verbais específicos ocorrendo na construção [V AA], contribuindo, portanto, para a formação de *clusters*,¹²⁸ ao passo que a construção [V Xmente] recebe itens verbais mais diversificados e é, por isso, mais produtiva nesses termos. Alguns *clusters* bastante frequentes na construção com adjetivo adverbial são: *falar alto*, *bater forte* e *gritar alto*. Vejamos exemplos envolvendo essa combinação frequente entre itens:

127 Ressalta-se que a diferença entre o número de ocorrências de [V AA] e de [V Xmente] aqui apresentada se deve ao fato de que foram analisadas neste trabalho 7 microconstruções com adjetivo adverbial e com Xmente que apresentam a mesma base lexical e o mesmo valor semântico (qualitativo). De forma alguma esse resultado deve ser interpretado como indicativo de maior frequência da construção [V AA] em comparação à construção [V Xmente] na língua (esta é uma construção de modificação verbal altamente produtiva no PB).

128 Termo da LFCU que remete a uma combinação frequente de elementos.

- (6) “Assim que os gatos passaram, *falamos bem alto*: — Nossa!!! Que gatos!!! Os dois olharam e sorriram.”¹²⁹
- (7) “Quando o nosso cérebro reconhece uma situação de perigo, o sistema nervoso simpático é ativado e libera substâncias chamadas adrenérgicas, que preparam o nosso corpo para reagir. É por isso que o coração *bate mais forte*, bombeando mais sangue, as pupilas dilatam, ficamos mais alerta e os vasos se contraem.”¹³⁰
- (8) “Mas aparece um ser covarde, dizem que é um humano... Está jogando um líquido em os bebês, mas por quê ele faz isso? Eles sentirão frio... E que barulho é esse? Latia mas ninguém ouvia... queria poder *gritar bem alto* por socorro... Ele ateou fogo em os bebês.”¹³¹

Os resultados obtidos a partir da análise da frequência *type* e *token* da base adjetival, isto é, do adjetivo adverbial e do slot X dos advérbios em *-mente*, também contribuem para a observação da hipótese geral aventada por Campos (2019), a qual diz que essas duas construções apresentam restrições colocacionais de ordem semântica e pragmática.

Tabela 5.1 — Comparação da aceitabilidade da base adjetiva por subesquema

Item AA	N	%	Item Xmente	N	%
[V Alto]	199	51,0	[V Claramente]	32	39
[V Forte]	152	39,0	[V socialmente]	29	35,4
[V Simples]	22	5,7	[V Fortemente]	10	12,2
[V Grande]	7	1,8	[V Naturalmente]	7	8,5
[V Natural]	6	1,5	[V simplesmente]	3	3,7
[V Claro]	4	1,0	[V grandemente]	1	1,2
[V social]	--	0	[V altamente]	--	0
Total	390	100	Total	82	100

Fonte: Campos (2019).

129 Disponível em: <http://amelhordasintencoes.wordpress.com>. Acesso em 23 set. 2023.

130 Disponível em: <http://ajudaemocional.tripod.com>. Acesso em: 23 set. 2023.

131 Disponível em: adoteja.wordpress.com. Acesso em: 23 set. 2023.

Interpretando os resultados obtidos na Tabela 5.1, verifica-se que os adjetivos *alto* e *forte* são os mais frequentes na construção [V AA], tendo [V alto] 199 ocorrências, correspondendo a 51% do total de dados coletados do padrão de modificação verbal com adjetivo adverbial. No que tange as construções com advérbio em *-mente*, o item *claramente* foi o mais frequente, representando 39% dos dados, com 32 ocorrências, seguido por *socialmente*, com 35,4%, 29 *tokens*. O terceiro advérbio mais frequente foi o item *fortemente*, com 10 *tokens* (12,2%). Na análise da distribuição desses subesquemas nos dados analisados, há uma aparente inversão de ocorrências, isto é, ao passo que [V alto], por exemplo, é a microconstrução mais frequente de [V AA], a contraparte [V altamente] não ocorre no português,¹³² assim como [V socialmente] é a segunda microconstrução mais frequente da construção [V Xmente] e, por sua vez, [V social] não ocorreu nos nossos dados.

Tais resultados mostram-nos que essas duas construções de modificação verbal no português ([V AA] e [V Xmente]) selecionam itens verbais de formas diferentes e que os itens adverbiais que atuam em cada padrão também são majoritariamente distintos. Mesmo aqueles que atuam em ambas as construções, como *forte* e *fortemente*, por exemplo, evidenciam características distintas que serão destacadas a partir da apresentação dos fatores a seguir.

RESTRIÇÕES COLOCACIONAIS DE CUNHO SEMÂNTICO

O princípio da não-sinonímia, citado anteriormente, postula que não há formas distintas que designem os mesmos valores semânticos e/ou funções discursivo-pragmáticas (Goldberg, 1995). Nesse sentido, Campos, Marques e Cezario (2020) defendem que as estruturas de modificação verbal aqui analisadas têm seus usos motivados pelo contexto comunicativo. Um dos fatores que contribui

para tal afirmação é a combinação entre a semântica do verbo e a semântica do adjetivo, formando um todo informativo. Sendo assim, observemos a Tabela 5.2:

Tabela 5.2 – Distribuição da semântica verbal por subesquema

Semântica de V	[V AA]		[V Xmente]	
	N	%	N	%
Corpóreo	77	19,8	12	14,6
Atividade Verbal	139	35,7	9	11
Sentimento	1	0,3	-	-
Percepção	2	0,5	17	20,8
Material	129	33,0	31	36,6
Percepção/ Relacional	7	1,8	1	1,2
Cognição	18	4,6	5	6,1
Crença	5	1,3	1	1,2
Existencial	12	3,0	6	7,3
Total	390	100	82	100

Fonte: Campos (2019).

Martelotta (2004) hipotetiza que construções adverbiais qualitativas tenderiam a modificar verbos de semântica *material*, ou seja, aqueles que designam ações mais concretas e objetivas, que envolvem o universo sociocultural do falante; os advérbios qualitativos expressariam a forma, o modo, como tais ações são feitas. Na Tabela 5.2 fica evidente que os verbos desse tipo semântico são muito frequentes em ambos os padrões, correspondendo a 33% nas construções [V AA] e 36,6% nas [V Xmente], o que seria esperado não apenas pelo apontamento já feito por Martelotta (2004), mas também pelo fato de tais verbos serem os mais frequentes na língua como um todo, sendo, portanto, mais suscetíveis a modificação por um elemento atributivo, por exemplo. Nos exemplos (9) e (10), observamos os verbos *escrever* e *acontecer*, verbos materiais, sendo recrutados pela construção [V AA] e pela construção [V Xmente], respectivamente:

- (9) "A escrita não ajuda. Já me senti 3 vezes burro ao ter que ler 5 vezes a mesma frase pra entender. Ninguém quer *escrever simples*."¹³³
- (10) "Lembre- se que vocês ainda estão se conhecendo, e ele ou ela ainda não sabe de os seus gostos, ficando difícil agradá-la e corresponder a todas as expectativas, tenha paciência, pois isso *vai acontecer naturalmente*."¹³⁴

Destaca-se que os 35% de verbos de *atividade verbal* (ou *dicendi*) ocorrendo com adjetivos adverbiais, porcentagem ligeiramente superior a dos verbos materiais, se deve a alta frequência do item *alto* na construção de modificação verbal, conforme afirmado na seção anterior. A semântica desse adjetivo é compatível com ações que impliquem o uso de palavras (unidades verbais), tais como: *falar, gritar, rir, chorar*, dentre outros, conforme elucida os exemplos (6), (8) e o exposto a seguir:

- (11) "*Chora bem forte*, criança. A vida insiste para que você nasça aos berros. Seu amanhã começa no grito de hoje. Ai! Foram feitas promessas em seu nome, o qual, nem sequer foi-lhe dado o direito de escolha. Quem disse que eu queria me chamar Rosângela, ainda mais sem acento?"¹³⁵

Essencialmente, *chorar* é classificado como *verbo corpóreo*, por designar uma atividade natural do corpo. No entanto, analisando contextos como o exemplo (11), observa-se que ele pode também indicar uma atividade verbal, visto que, muitas vezes, quando alguém chora, há a emissão de som, corroborado, nesse caso, pelo trecho "aos berros". Do mesmo modo, verifica-se esse alinhamento semântico entre verbos *corpóreos* e o item *forte*, gerando microconstruções como: *bater forte* (a mais frequente com esse item), *abraçar forte*, *chutar forte* etc., imprimindo escala de força a essas ações; e verbos

133 Disponível em: <http://blogdasbi.blogspot.com>. Acesso em: 23 set. 2023.

134 Disponível em: 007blog.net. Acesso em: 23 set. 2023.

135 Disponível em: <http://blog.br.inter.net/blog/rosabpena/>. Acesso em: 23 set. 2023.

de *cognição* combinado a itens como *grande* e *alto*: pensar *grande*, *sonhar alto*, usos esses em que há uma escala de grandeza mais abstrata em virtude de a atividade ser mental, menos tangível. São exemplos ilustrativos de alguns desses casos:

- (12) "Ainda bebendo, perguntando a mim mesma: 'Por que não consigo parar? Talvez eles estejam mentindo. Têm que estar bebendo!' Então, certa noite, após ter tomado três doses durante o dia, estava assistindo a uma reunião, e pela primeira vez em muitos anos senti que meu coração *batia forte*."¹³⁶
- (13) "Pequeno empresário é somente uma expressão, que, de fato, não existe. Existe empresário de pequena empresa. A empresa pode ser pequena, mas o empresário precisa *pensar grande*, ousar, e ter mais do que um pequeno negócio. Crescer. Empreender sempre."¹³⁷

Do mesmo modo, essa compatibilidade semântica também ocorre em relação às microconstruções do esquema [V Xmente], dos quais 20,8% dos itens adverbiais ocorrem com verbos de percepção, sobretudo com a microconstrução *ver claramente*, e com 14,6% de verbos corpóreos, todos eles correspondentes à microconstrução *beber socialmente*:

- (14) "À luz de os Escritos se *vê claramente* que estas palavras se referem ao Senhor como o onipotente Deus da verdade."¹³⁸
- (15) "Há pessoas, nisso concordamos, que *bebem socialmente*, mas não é este o caso."¹³⁹

Essas ocorrências ilustram os dois subesquemas mais frequentes na construção com advérbios canônicos. O exemplo (15),

136 Disponível em: <http://aabr.com.br/>. Acesso em: 23 set. 2023.

137 Disponível em: acdematos.wordpress.com. Acesso em: 23 set. 2023.

138 Disponível em: <http://24.229.2.221/sermoes>. Acesso em: 23 set. 2023.

139 Disponível em: <http://aabr.com.br/>. Acesso em: 23 set. 2023.

envolvendo a microconstrução *beber socialmente*, expressa um sentido mais idiomatizado, o qual envolve características convencionalizadas na sociedade a respeito do que seja *beber socialmente*, como, por exemplo, quantidade, limites, comportamentos adequados (ou não) por causa da bebida alcoólica. E, portanto, uma construção mais intersubjetiva e idiossincrática, uma vez que o falante tem armazenado conhecimentos socioculturais envolvendo esta construção, dentre eles o fato de só se dizer isso referente a bebidas alcoólicas e não para as não alcoólicas.

Já em (14), observa-se um dado da microconstrução *ver claramente*, em que o verbo *ver* evoca a experiência visual de forma mais ampla, perfilando elementos como o experienciador, a entidade ou evento percebido, enquanto outros verbos (de visão) perfilam outras características acerca da realidade (Machado, 2017). Dessa forma, supomos que o verbo *ver* desempenhe um papel mais central na categoria semântica de *percepção*, uma vez que parte da experiência do *eu* com a realidade que o cerca, levando maior subjetividade ao discurso do enunciador. Por essa razão, a combinação do advérbio *claramente* com o verbo *ver*, [ver claramente], seria mais usual que outros verbos de percepção, tais como *mostrar* e *perceber*, por exemplo.

Conclui-se, então, que as análises sobre esse fator demonstraram existir uma correlação semântica motivada, encabeçada pelo item verbal que se combina semanticamente com a base adjetiva do item adverbial, formando um todo significativo.

FOCO DISCURSIVO

Antes de discutirmos a noção de *foco discursivo*, faz-se necessário comentar a respeito do conceito de *estrutura informacional*, que trata da decodificação da informação por meio da estrutura linguística. Conforme os preceitos da LFCU, há uma motivação entre o que

o falante deseja enunciar, em termos de suas intenções e necessidades, e a estrutura por ele utilizada para decodificar tais informações para o seu interlocutor, considerado seu estado mental. Assim, o discurso, sob a responsabilidade do locutor, evidencia indícios de quais informações são assumidas por ele como sendo velhas/conhecidas pelo seu ouvinte, bem como quais evidenciam graus de novidade.

Campos (2019) avalia a estrutura informacional, tendo por base a proposta de Lambrecht (1994), das construções em questão, com o objetivo de captar a informação focalizada por cada um dos padrões adverbiais. Em outras palavras, a autora observa se cada uma das construções evidencia exclusivamente a novidade da informação (*foco exclusivo* na sequência [V Adverbial]) ou se compartilha o foco informacional com algum outro elemento (*foco compartilhado*), como, por exemplo, o argumento interno ou externo, algum termo adjunto, como advérbios simples, locuções adverbiais ou, ainda, orações. Seguem os exemplos:

- (16) "teve um dos seus *posts*, não me lembro qual, em que você disse '*pense simples, faça simples*' nunca vou me esquecer disso."¹⁴⁰
- (17) "O entendimento de as parábolas, espiritualmente falando, significa mais do que *ver simplesmente* [o que elas enceram]."¹⁴¹

Em (16), o foco recai de forma exclusiva nos construtos *pense simples* e *faça simples*, uma vez que os locutores são conhecidos entre si e o assunto (os *posts*) se configura como informação pressuposta. Já em (17), o construto *ver simplesmente* compartilha o foco informacional com o complemento interno oracional do verbo *ver*, o *que elas enceram*.

Em sua pesquisa, Campos (2019) observou que 69,5% das ocorrências de [V AA] apresentaram foco exclusivo contra 30,5% de

140 Disponível em: <http://tableless.com.br/offtopic-pra-que-simplificar-se-pode-complicar>. Acesso em 23 set. 2023.

141 Disponível em: <http://24.229.2.221/parabolas/parb11.html>. Acesso em: 23 set. 2023.

foco compartilhado com outros elementos além da sequência *verbo + adjetivo*, ao passo que a construção [V Xmente] apresentou majoritariamente foco compartilhado, com 61% dos dados, confirmando a tendência desses padrões quanto à estrutura informacional. Como forma de ilustrar melhor o fenômeno, observem os exemplos (18) e (19) com foco exclusivo e (20) e (21) com foco compartilhado:

- (18) “Por isto, desde que me tornei um adulto, não escalo cajueiros, não vivo mais em o mundo de a lua, e não *sonho alto*. Tudo por causa de o medo injustificável de cair lá de cima.”¹⁴²
- (19) “Obrigada mesmooo de coração parece que saiu uma venda de os meus olhos em o momento que li sua resposta que Deus te *abençoe grandemente*.”¹⁴³
- (20) “Após serem superadas na estreia da competição, semana passada, em casa, pelo São Cristóvão Saúde/São Caetano, as jogadores do time campineiro *treinaram forte [para corrigir erros e buscar mais entrosamento para conquistar a primeira vitória na temporada]*.”¹⁴⁴
- (21) “Pessoas com o gene têm um número maior de linfócitos T, que se *grudam fortemente [com mais pedaços do HIV do que aqueles que não têm o gene]*.”¹⁴⁵

Com base nos resultados de pesquisas anteriores acerca desse fator (Virginio, 2016; 2018; 2021; Tiradentes, 2018; 2021, dentre outros), verificou-se uma tendência de uso significativa para diferenciação de contexto dessas duas construções de modificação verbal, tendência esta corroborada pelos resultados da análise de Campos (2019):

142 Disponível em: acervo.revistabula.com. Acesso em: 23 set. 2023.

143 Disponível em: aconselhamentoparacasal.wordpress.com. Acesso em: 23 set. 2023.

144 Disponível em: agregario.com. Acesso em: 23 set. 2023.

145 Disponível em: agencia.fapesp.br. Acesso em: 23 set. 2023.

[V AA]: apresenta majoritariamente foco exclusivo na sequência [V AA], ou seja, a construção em si tem o papel de enunciar a informação nova;

[V Xmente]: compartilha a novidade com outros elementos da sentença, sobretudo argumentos (simples ou oracionais), por isso tem o foco compartilhado.

Embora os papéis sejam semelhantes, cada construção apresenta tendências diferentes em termos de contextos discursivo-pragmáticos, sobretudo quanto às tendências de focalização, em que a construção [V AA] veicula o foco informacional exclusivo em suas unidades formadoras basilares, enquanto [V Xmente] tende a compartilhar foco com outros elementos para além de suas unidades. Também há fortes tendências distintas quanto à combinação semântica entre *tipo semântico do verbo* e o *item verbal* com o item adverbial em questão, adjetivo adverbial ou advérbio em *-mente*.

TEORIA NA PRÁTICA

1. No capítulo, vimos que um dos fatores que diferem pragmaticamente as construções de modificação verbal com adjetivo adverbial e com advérbio em *-mente* é o foco informacional. Sendo assim, observe os dados abaixo e verifique se os construtos e tais construções apresentam *foco exclusivo* ou *foco compartilhado*. Justifique sua resposta.
 - (i) “Quando José chegou, *abraçou fortemente* seu pai e, sem soltá-lo, chorou por longo tempo.”¹⁴⁶

- (ii) "O próprio Gilberto cruzou e Moisés cabeceou. Wilson salvou, mas no rebote, Cañete *chutou forte* e abriu o marcador."¹⁴⁷
- (iii) "Outra dica é não exigir demais do companheiro, lembre-se que vocês ainda estão se conhecendo, e ele ou ela ainda não sabe dos seus gostos, ficando difícil agradá-la e corresponder a todas as expectativas, tenha paciência, pois isso *vai acontecer naturalmente*."¹⁴⁸
- (iv) Só me interessa falar deste amor lindo que aconteceu, fazendo *bater mais forte* o meu coração... Fazendo-me feliz e sentindo a emoção da vontade deste amor."¹⁴⁹
- (v) "Percebo em conversas com jornalistas e esportistas que há uma enorme perplexidade e insatisfação com o quadro atual. Espero que o cenário mude em breve! Amai-vos News! Que se *eleve forte* em toda a Terra o grito da paz!"¹⁵⁰
- (vi) "Se seu coração *palpita mais forte*, o suor torna-se intenso, sua temperatura sobe e desce vertiginosamente, isso não é amor: É paixão!"¹⁵¹
- (vii) "O seu argumento de que a divisão do estado seria uma ideia facilmente vendida a população local, carente de serviços públicos, ora Rodrigo, isso parece-me *soar natural* e óbvio, não acha?"¹⁵²

2. Discorra sobre as possíveis motivações para que o adjetivo *alto* tenha sido o mais frequente na construção [V AA] na análise proposta por Campos (2019). Para tanto, considere as seguintes ocorrências:

147 Disponível em: <http://arenarubronegra.com.br>. Acesso em: 23 set. 2023.

148 Disponível em: 007blog.net. Acesso em: 23 set. 2023.

149 Disponível em: <http://www.avozdapoesia.com.br/>. Acesso em: 23 set. 2023.

150 Disponível em: amaiivos.uol.com.br. Acesso em: 23 set. 2023.

151 Disponível em: anamgs.blogspot.com. Acesso em: 23 set. 2023.

152 Disponível em: <http://www.brasil-economia-governo.org.br/>. Acesso em: 24 set. 2023.

- (i) "Eu comia os pirões dele e ainda por cima fazia aquela desgraça. A moça *chorava tão alto* que eu tive até medo que acordasse o povo da casa. Podia acordar o velho." [19:Fic:Br:Rego:Pedra]
- (ii) "D. Vitorina começou a contar o dinheiro de suas vendas: Quatro contos, duzentos e vinte e cinco mil réis, *constatou ela alto* e sorrindo." [19:Fic:Br:Morais:Igaraunas]
- (iii) "Na porta onde Fumaça se encostou, as mulheres *falam alto*, riem, contam piadas. Uma delas inquieta-se com a presença do garoto." [19:Fic:Br:Louzeiro:Pixote]
- (iv) "O barulho cessou; mas, enquanto o Manuel Pedro *roncava alto*, Antônio velava sem poder conciliar o sono. Somente pela manhã madornou." [19:Fic:Br:Rocha:Dusa]
- (v) "A delegacia estava quente e repleta de gente. *Falavam alto*, os telefones tocavam ao mesmo tempo sem que ninguém atendesse, e de algum lugar não localizável vinha o som rachado de um rádio de pilha." [19:Fic:Br:Garcia:Silencio]
- (vi) "Madame Vargas – Carlos, por piedade.
Carlos – Dá-me o beijo.
Madame Vargas – Mas é mau. É mau. Que horror! Não! Não!
Carlos (puxando-a) – Mas dá-me duma vez?
Madame Vargas (presa, debate-se com horror e medo nos braços do amante) – O que quiseres! O que quiseres! Eu não me pertenço mais. Sou tua. Continuo a ser tua!
Carlos (esmagando-lhe a boca num beijo) – Sim, minha!
E o pano cai enquanto mais *alto a voz abaritonada canta* o desejo do 'Madrigal.'" [19:Fic:Br:Rio:Vargas]
- (vii) "A catapora é caracterizada, principalmente, por a proliferação de bolhas por o corpo de o doente, chamadas de vesículas, é *altamente* contagiosa, podendo ser acompanhada de febre moderada. As principais complicações de a doença são as infecções bacterianas secundárias de pele, otites, pneumonias, meningite e infecção generalizada."¹⁵³

(viii) “Isto forçará um jogo final para o grupo criminal que ilegalmente tomou o poder em os Estados Unidos. Porém antes de isto, haverá um feriado bancário de 5 dias em a Europa, seguido por o fim de o Euro e a reintrodução de as antigas moedas nacionais como o Marco Alemão e o Dracma, dizem as fontes de a família Rothschild. A situação, no entanto, continua *altamente* volátil e há sinais de perigosas manobras de fim de jogo.”¹⁵⁴

3. Com base nas análises realizadas nos exercícios anteriores e nas informações apresentadas neste capítulo, responda:

3. Com base nas análises realizadas nos exercícios anteriores e nas informações apresentadas neste capítulo, responda:
 - a) O uso da construção com advérbio em *-mente* e da construção com adjetivo adverbial é arbitrário ou motivado?
 - b) Quais são os principais fatores que distinguem o uso de cada construção?

PARA SABER MAIS

Como mencionado anteriormente, as construções com adjetivo adverbial e com advérbio em *-mente* apresentam distinções no que tange tanto aspectos formais quanto pragmático-discursivos. Para aqueles que quiserem saber mais sobre a competição entre essas duas construções de modificação verbal, sugerimos a leitura dos seguintes trabalhos:

VIRGÍNIO, Victor; PINHEIRO, Diogo; KENEDY, Eduardo. Advérbios em-mente e adjetivos adverbiais oferecem contribuições distintas para a estrutura informacional da sentença. **Revista Linguística**, Brasil, v. 37, n. 2, p. 93-116, 2021.

CAMPOS, Júlia Langer; MARQUES, Priscilla Mouta; CEZARIO, Maria Maura. Competição entre Construções? Análise as Construções Qualitativas [Verbo Adjetivo Adverbial] e [Verbo Xmente] no Português Brasileiro Atual. *In*: CARVALHO, Cristina; SILVA LOPES, Norma; RODRIGUES, Angélica. (Org.). **Sociolinguística e funcionalismo**: vertentes e interfaces. 1 ed. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 219-250.

Dada a diversidade de análises sobre os adverbiais na literatura, mas a abordagem ainda insuficiente dos adjetivos adverbiais, sugerimos a leitura do estudo abaixo, de cunho tipológico, que aponta que os adjetivos adverbiais compõem o grupo de advérbios mais comum e tradicional de todas as línguas românicas (estando presente, inclusive, no latim).

HUMMEL, Martin. A conversão do adjectivo em advérbio em perspectiva sincrónica e diacrónica. **Confluência**: Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n. 25, p. 175-192, 2003.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mariana Gonçalves. **Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos**: um estudo sobre os adjetivos adverbializados. 2006. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2006.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. **Linguagem, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMPOS, Júlia Langer; MARQUES, Priscilla Mouta; CEZARIO, Maria Maura. Competição entre Construções? Análise as Construções Qualitativas [Verbo Adjetivo Adverbial] e [Verbo Xmente] no Português Brasileiro Atual. *In*: CARVALHO, Cristina; SILVA LOPES, Norma; RODRIGUES, Angélica. (Org.). **Sociolinguística e funcionalismo**: vertentes e interfaces. 1 ed. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 219-250.

CAMPOS, Júlia Langer. **Competição entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [V Xmente] na redeconstrucional qualitativa do português brasileiro**: uma análise centrada no uso. 2019. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2019.

CAMPOS, Júlia Langer; MARQUES, Priscilla Mouta; CEZARIO, Maria Maura. **Estudos em variação linguística nas línguas românicas. Falando sério e falando seriamente: análise das construções com adjetivo adverbial e com advérbio em -mente no português. 1ª ed., v. 1, p. 199-218. Aveiro. Portugal: UA Editora, 2019.**

CASTILHO, Ataliba. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

DAVIES, Mark. The Corpus do Português and the Frequency Dictionary of Portuguese. **Working with Portuguese corpora**, v. 1300, n. 38, p. 89, 2014.

GOLDBERG, Adele. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

ILARI, Rodolfo *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, Ataliba de. **Gramática do português falado**: a ordem. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1991.

LAMBRECHT, Knud. **Information structure and sentence form**: topic, focus and the mental representation of referents. Cambridge: University Press, 1994.

MACHADO, Natalia Ilse. **Evidencialidade no português brasileiro com verbo ver**: estratégias construcionais com base no uso. 2017. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. **Os circunstanciadores temporais e suas ordenação**: uma visão funcional. 1994. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1994.

MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. **Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito: uma abordagem histórica**. Rio de Janeiro: UFRJ (Relatório final apresentado ao CNPq), 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. Advérbios: conceitos e tendências de ordenação. *In*: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura: **Adverbiais** – aspectos gramaticais e pressões discursivas. Niterói: EDUFF, 2012.

TIRADENTES, Rodrigo Pinto. **A construção com adjetivo adverbial:** investigando sua configuração no português brasileiro do século XX. 2018. Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2018.

TIRADENTES, Rodrigo Pinto. **Adjetivos adverbiais na rede construcional do português brasileiro:** uma proposta de categorização bottom-up do padrão [V AA] com sentido qualitativo. 2021. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2021.

TIRADENTES, Rodrigo Pinto; MARQUES, Priscilla Mouta. Indo direto ao assunto: a configuração da construção com adjetivo adverbial de sentido qualitativo no português brasileiro contemporâneo. **Revista Odisseia**, Brasil, v. 7, p. 1-21, 2022.

VIRGINIO, Victor Tadeu Antas. **Investigando a semiprodutividade construcional:** o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro. 2016. Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2016.

VIRGINIO, Victor Tadeu Antas. **A pragmática inerente das construções gramaticais:** comparando adjetivos adverbiais e advérbios em -mente do português brasileiro. 2018. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2018.

VIRGÍNIO, Victor; PINHEIRO, Diogo; KENEDY, Eduardo. Advérbios em-mente e adjetivos adverbiais oferecem contribuições distintas para a estrutura informacional da sentença. **Linguística**, Brasil, n. 37,2, p. 93-116, 2021.

6

*Érika Cristine Ilogti de Sá
Maria Maura Cezario*

LOCUÇÕES TEMPORAIS DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA

RESUMO

A análise dos compêndios gramaticais revela que esses não costumam dar às locuções adverbiais o tratamento e o espaço adequados. Isso ocorre, dentre outras razões, porque a tradição gramatical brasileira tende a atribuir às locuções adverbiais apenas o status de subcategoria dos advérbios simples. Por conseguinte, destacam-se somente dois aspectos dessas locuções: (a) a sua constituição estrutural, com ênfase na sua realização sob a forma de SPrep (sintagma formado por preposição + elemento nominal) quando a preposição ocorre e (b) o seu valor semântico, geralmente, com base numa listagem dos tipos de adverbiais, exemplificados de forma descontextualizada. Pesquisas na área da Linguística Funcionalista Norte-Americana trazem contribuições para a explicação do uso dessa categoria linguística, tanto do ponto de vista estrutural como semântico-pragmático. Nosso capítulo apresenta algumas dessas contribuições para que os graduandos em Letras possam observar como é preciso ir além da simples classificação de um tipo de locução adverbial, no caso, da locução adverbial temporal.

CONHECENDO O FENÔMENO

Segundo Cunha (1990) e Rocha Lima (2003), a estrutura da locução adverbial consiste num conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio. Nos exemplos listados por Cunha (1990, p. 501), a locução adverbial aparece em estruturas com preposição (em silêncio; de vez em quando) e sem preposição (frente a frente; ombro a ombro).

Contudo, encontramos uma definição mais abrangente sobre a distinção estrutural entre advérbio e locução adverbial em Martelotta (2012, p. 26):

Há dois aspectos da estrutura dos advérbios que devem ser aqui mencionados. Um deles diz respeito à distinção entre a noção de advérbio, que focaliza a natureza do termo como um único vocábulo (hoje, bem, aqui, rapidamente etc.) e o conceito de sintagma ou locução adverbial, caracterizado pela estrutura sintagmática de algum tipo (de manhã, na noite passada, todo dia, muitas vezes etc.).

Nesse sentido, teríamos, por um lado, aquelas estruturas sintagmáticas, consequentes da possibilidade de se formar, sobretudo pela junção de preposições com substantivos, construções de valor adverbial [...].

Assim, Martelotta destaca que a função adverbial pode vir expressa por advérbios simples ou locuções adverbiais. Tendo em vista ainda a questão estrutural, Neves (2011) elenca algumas outras construções possíveis para as locuções adverbiais, como (a) preposição + substantivo/adjetivo/advérbio (de repente; às vezes; por miúdo); (b) substantivo quantificado (algumas vezes; muitas vezes); (c) preposição + substantivo quantificado (de forma alguma; de modo nenhum); (d) substantivo + preposição + substantivo (via de regra); (e) substantivo/pronome quantificador + preposição + mesmo substantivo/pronome (passo a passo; pouco a pouco); (f) preposição + sintagma nominal/pronominal + preposição + sintagma Segundo

Cunha (1990) e Rocha Lima (2003), a estrutura da locução adverbial consiste num conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio. Nos exemplos listados por Cunha (1990, p. 501), a locução adverbial aparece em estruturas com preposição (*em silêncio; de vez em quando*) e sem preposição (*frente a frente; ombro a ombro*).

Contudo, encontramos uma definição mais abrangente sobre a distinção estrutural entre advérbio e locução adverbial em Martelotta (2012, p. 26):

Há dois aspectos da estrutura dos advérbios que devem ser aqui mencionados. Um deles diz respeito à distinção entre a noção de advérbio, que focaliza a natureza do termo como um único vocábulo (*hoje, bem, aqui, rapidamente* etc.) e o conceito de sintagma ou locução adverbial, caracterizado pela estrutura sintagmática de algum tipo (*de manhã, na noite passada, todo dia, muitas vezes* etc.).

Nesse sentido, teríamos, por um lado, aquelas estruturas sintagmáticas, conseqüentes da possibilidade de se formar, sobretudo pela junção de preposições com substantivos, construções de valor adverbial [...].

Assim, Martelotta destaca que a função adverbial pode vir expressa por advérbios simples ou locuções adverbiais. Tendo em vista ainda a questão estrutural, Neves (2011) elenca algumas outras construções possíveis para as locuções adverbiais, como (a) preposição + substantivo/adjetivo/advérbio (*de repente; às vezes; por miúdo*); (b) substantivo quantificado (*algumas vezes; muitas vezes*); (c) preposição + substantivo quantificado (*de forma alguma; de modo nenhum*); (d) substantivo + preposição + substantivo (*via de regra*); (e) substantivo/pronome quantificador + preposição + mesmo substantivo/pronome (*passo a passo; pouco a pouco*); (f) preposição + sintagma nominal/pronominal + preposição + sintagma nominal/pronominal (*de uma vez por todas; de vez em quando*); preposição + nome/pronome + preposição + mesmo nome/pronome (*de tempo em tempo; de quando em quando*); (h) as formas verbais

há/faz, havia/fazia + substantivo quantificado (*fazia alguns meses; há dois anos*).¹⁵⁵ Portanto, para que um conjunto de palavras funcione como um advérbio, não se necessita primordialmente de uma preposição inicial.

Em linhas gerais, a questão da função e da posição dos adverbiais¹⁵⁶ pouco são descritas nas gramáticas tradicionais, como as de Rocha Lima (2003) e Cunha (1990), que se limitam, na maioria das vezes, a indicar que os advérbios e as locuções adverbiais têm a função de adjuntos adverbiais¹⁵⁷ e que sua posição prototípica é no final da oração — embora eles apresentem mobilidade sintática. Além de não contemplar satisfatoriamente as diferentes ordenações desses termos na oração, a tradição gramatical brasileira também não se debruça sobre suas distintas funções discursivas, ou seja, os papéis que essa categoria exerce no discurso, como anafórica, introdução de subtópico, contraste ou apenas demarcação temporal.

Sob a ótica funcionalista, no que diz respeito à ordenação dos adverbiais, Castilho *et al.* (2014, p. 271) resumem as possibilidades em quatro — P1: antes da sentença; P2: depois da sentença; P3: entre o sujeito e o verbo da sentença (3); P4: entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo (4),¹⁵⁸ como, respectivamente, nos exemplos a seguir:

- 155 Das diferentes possibilidades estruturais listadas pela autora para as locuções adverbiais, a (h) é a única que não faz parte de nossa análise, pois consideramos que, por ser uma construção verbal, ela precisaria de uma análise diferenciada das demais.
- 156 Adotamos a nomenclatura “adverbiais” em alguns pontos para designar advérbios e locuções adverbiais como um todo (cf. Oliveira; Cezario, 2012; Illogti de Sá, 2015).
- 157 É importante pontuar que Rocha Lima (2003) não limita a função do advérbio à de adjunto. Para o autor, o advérbio pode ser considerado um *complemento circunstancial* dependendo da oração, ou seja, ele pode fazer parte da estrutura argumental do verbo, como se observa em (i) Moro *em São Paulo* e em (ii) A briga durou *muitas horas*.
- 158 Essa ordenação corresponde ao que chamaremos de margem direita (MD) da oração — (P1) — e margem esquerda (ME) da oração — P2.

- (1) *Durante o período eleitoral*, muitos candidatos disseminam *fake news* sobre seus adversários pelas redes sociais.
- (2) Muitos candidatos disseminam *fake news* sobre seus adversários pelas redes sociais *durante o período eleitoral*.
- (3) Muitos candidatos, *durante o período eleitoral*, disseminam *fake news* sobre seus adversários pelas redes sociais.
- (4) Muitos candidatos disseminam, *durante o período eleitoral*, *fake news* sobre seus adversários pelas redes sociais.

Nosso objeto de estudo, neste capítulo, são as ordenações dos circunstanciais de *tempo* conforme ilustrado em (1) e (4). De acordo com Travaglia (1994), o aspecto é uma categoria verbal relacionada ao tempo. O autor esclarece que, para ele, esse “tempo” pode ser (a) a categoria verbal, relacionada ao presente, ao passado e ao futuro; (b) a flexão verbal, ou seja, os agrupamentos de flexões da conjugação verbal; e (c) a ideia geral, abstrata de tempo, sem levar em consideração sua indicação pelo verbo.

Segundo o autor, a confusão entre as noções de tempo e aspecto ocorre pelo fato de que ambas vêm da mesma categoria: o tempo. Para ele, as duas não se confundem, pois o tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. Logo, trata-se de uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à enunciação. O aspecto, por outro lado, não é uma categoria dêitica, porque se refere à situação em si, ou seja, corresponde às diferentes maneiras de ver a constituição interna da situação, isto é, sua duração. Em síntese, para Travaglia (1994, p. 43), o tempo é “um TEMPO externo à situação” e o aspecto é “um TEMPO interno à situação”.

Neves (2011, p. 256) atenta para a noção de aspecto dentro da categoria de circunstanciais temporais. A autora afirma que o subgruposamento básico dos advérbios circunstanciais contempla os advérbios de tempo e de lugar, por serem categorias “que fazem orientação por referência ao falante e ao aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala”.

A autora ainda destaca que, dentro da semântica de tempo, há inegavelmente a noção aspectual, mesmo com uma oposição entre elas (afinal, como vimos, o tempo possui natureza dêitica e o aspecto, natureza não dêitica). Além disso, ela sinaliza que a circunstância de tempo é a característica semântica geral dos advérbios de tempo, pontuando a existência de traços semânticos e aspectuais vinculados a essa noção de circunstância temporal. As circunstâncias de tempo são, portanto, (a) situação, que responde à pergunta “quando?”, podendo ser absoluta ou relativa; (b) duração, período visto na sua duração e pode ser fórico ou não fórico;¹⁵⁹ (c) frequência, repetição/não repetição de momentos ou períodos.

Martelotta (1994), a partir de uma perspectiva funcional, considera como circunstanciadores temporais os advérbios simples, os adjuntos adverbiais, as orações adverbiais e os operadores argumentativos que expressam a noção de tempo. Como seu objetivo é buscar os diversos fatores discursivos que podem motivar a distribuição desses elementos temporais na sentença, o autor apresenta cinco tipos de circunstanciadores: (a) de tempo determinado (*hoje, ontem, semana passada*); (b) de tempo indeterminado (*sempre, geralmente, nunca*); (c) iterativos (*às vezes, duas vezes por semana, de vez em quando*); (d) de simultaneidade (*enquanto isso, ao mesmo tempo*); (e) circunstanciadores delimitativos (*há três anos, até hoje, durante três meses*).

159

A autora define como *fórico* o período referido a um momento da enunciação e o *não fórico* o período não referido a um momento determinado da enunciação ou do enunciado.

Ademais, Martelotta (1994) demonstra que há, dentro da semântica dos circunstanciadores temporais, aqueles que indicam a frequência com que eventos ocorrem ao longo de um tempo, ou seja, os aspectuais.¹⁶⁰ Além disso, o autor relaciona o tipo de circunstancial ao tipo de discurso no qual o constituinte está inserido (figura ou fundo em textos narrativos e não-narrativos)¹⁶¹ e às posições (se pré-verbal, com ou sem a ocorrência do sujeito, se pós-verbal, se entre o sujeito e o verbo, entre outras posições).

Os resultados dessa análise indicam que há uma tendência específica para a colocação dos circunstanciadores temporais na sentença — tal tendência, segundo os resultados encontrados, depende da força que a informação expressa pelo circunstancial assume dentro da estrutura do discurso em que ele ocorre. O circunstanciador tende a ocorrer em posições pré-verbais quando traz informações temporais análogas aos traços semântico-gramaticais do discurso no qual ocorre (Martelotta, 1994, p. 201). No entanto, se não há essa relação semântica, o circunstanciador tende a aparecer nas posições pós-verbais.

Assim, os circunstanciadores de tempo determinado tendem a ocupar posições pré-verbais em figura narrativa e não-narrativa, uma vez que a força informativa que assumem nestes contextos os leva a serem topicalizados ou enfatizados. Por sua vez, os circunstanciadores de tempo indeterminado e os circunstanciadores de simultaneidade tendem à posição pré-verbal em fundo narrativo e não-narrativo, devido também à força informativa assumida, que os leva à topicalização ou à ênfase.

160 As locuções adverbiais, segundo Martelotta (2012), podem ser agrupadas em conjuntos que envolvem noções aspectuais: (a) indeterminadas; (b) iterativas; (c) durativas; (d) delimitativas.

161 Segundo Hopper (1979), as orações-figura marcam a linha principal da narrativa, com orações que expressam ações terminadas, com sujeito agentivos e objetos afetados; e as orações de fundo expressam comentários, causas, dúvidas, probabilidades, consequências etc. Para saber mais, sugerimos a leitura de Furtado, Oliveira e Martelotta (2015).

Em relação aos circunstanciadores iterativos, há a maior ocorrência nas posições pré-verbais em fundo narrativo e não-narrativo e em figura não-narrativa, já que esses tipos de discursos são marcados pelo traço [- específico], estimulando a iteratividade. Em contraste, os circunstanciadores delimitativos possuem uma mobilidade maior na oração, visto que apresentam duas características distintas: por um lado, funcionam como um circunstanciador de tempo determinado (indica o momento específico no qual se inicia e/ou termina o evento), por outro, apresentam características semântico-gramaticais típicas de fundo.

A noção semântica da temporalidade é contemplada, ainda, no estudo de Ilari (2001) sobre a expressão linguística de tempo. Nele, o autor aborda, dentre outras questões, a indicação de tempo expressa pelos adjuntos adverbiais com valor de localização de eventos, de duração interna dos eventos, ou até mesmo para expressar uma reiteração. O autor descreve os adjuntos adverbiais que localizam os eventos no tempo como aqueles que se relacionam aos valores não durativos e não iterativos. Esses adjuntos respondem à questão "Quando?" e podem indicar uma localização mais ou menos específica de acordo com os momentos apontados.

A duração interna dos eventos, segundo o autor, pode ser expressa de diversas maneiras, distintas em três processos: os pontuais, os duráveis com a ideia de "tempo gasto" ou "tempo empregado" e os duráveis com a ideia de "tempo escoado". Em alguns casos, os adjuntos adverbiais associados a essas noções temporais responderiam à pergunta "Em quanto tempo?" ou mesmo "Quanto tempo... levou para...?". Por último, o autor afirma que a escolha de uma determinada estrutura sintática resulta numa interpretação reiterativa ou não da sentença, combinada sempre a alguns outros fatores. A ideia de reiteração pode ser percebida quando se responde à pergunta "Quantas vezes?" e pode vir caracterizada numericamente ou mesmo por meio de termos indefinidos.

No presente capítulo, consideramos circunstanciais temporais e aspectuais as locuções adverbiais que indicam a noção de tempo ou a noção de aspecto, como nos exemplos a seguir:

- (5) "A agência se reuniu com a família *no dia 15 de abril* para orientar sobre a importação, que deverá ser feita com um formulário detalhando a natureza da substância, um laudo e uma prescrição médica. O remédio chegou à casa de Fischer *no dia 30.*" [notícia, *Folha de São Paulo*]
- (6) "*Durante o trimestre*, mais 29 mil pessoas assinaram o serviço básico de televisão a cabo." [editorial, *O Globo*]
- (7) "Autor de '1984' e 'Revolução dos Bichos', que cunhou o termo 'Big Brother', foi espionado [pelo MI5] *por 21 anos.*" [notícia, *O Globo*]

Inicialmente, é necessário pontuar que, assim como Travaglia (1994), consideramos, em nossa análise, que a noção temporal e a aspectual das locuções adverbiais não são excludentes. Somado a isso, assumimos a perspectiva de Martelotta (2012, p. 72), para o qual "as locuções adverbiais são mais ricas na expressão do aspecto do que os advérbios simples". Por fim, em relação à ordenação dos circunstanciais, conforme ilustrado em (5) a (7), pontuamos que tais termos podem aparecer em diferentes posições na sentença, evidenciando a sua mobilidade sintática.

Em relação à sua constituição estrutural, no exemplo (5), encontramos a locução prototípica "*no dia 08 de janeiro de 2023*" iniciada por preposição e com um constituinte calêndrico (aquele que se refere a datas), tipicamente temporal; em (6), temos uma locução iniciada por preposição, com valor durativo, ou seja, mais aspectual; e finalmente, em (7), observamos uma locução constituída de um SN prototípico da noção aspectual de reiteração (repetição).

As definições semânticas apresentadas por Martelotta (1994) e por Ilari (2001) para as noções temporais dos circunstanciadores e adjuntos servirão de base para classificarmos semanticamente os circunstanciais temporais e aspectuais e para darmos conta das possíveis ordenações motivadas por suas distinções semânticas.

Ilogti de Sá (2015), a partir da análise de dados retirados de notícias e reportagens da *Folha de São* e de *O Globo* entre 2007 e 2015, apresenta um *continuum* entre essas classificações semânticas das locuções e defende que o grupo semântico dessas locuções distingue duas noções (tempo e aspecto) pertencentes a um valor semântico equivalente (temporal). Como podemos observar a seguir, propõe-se um *continuum* de modo que, de um lado, estejam as locuções [+temporais; -aspectuais] e, do outro, locuções [-temporais; +aspectuais].

Figura 6.1 — Espectro de locuções

Dêiticas > Localizadoras > Simultâneas > Delimitativas > Durativas > Reiterativas

+temporal *+aspectual*

Fonte: elaborada pelos autores.

A autora tem como hipótese que as locuções mais temporais tendem a ocupar posições à esquerda do verbo, enquanto as locuções mais aspectuais, posições à direita do verbo, em geral bem próximos ao verbo, pois o aspecto atual mais sobre a noção semântica do verbo do que o tempo, propriamente dito. Utilizamos, em nossa análise semântica dos circunstanciais temporais e aspectuais, a proposta de contínuo apresentada por Ilogti de Sá (2015), para justificarmos as noções semânticas de tempo e de aspecto dos circunstanciais aqui adotadas.

TENDÊNCIAS DE USO

A abordagem funcionalista adotada neste trabalho refere-se à iniciada na década de 1970, que acredita não ser possível compreender o funcionamento da língua sem levar em consideração o comportamento comunicativo dos falantes. Defende-se, assim, que não se pode analisar a língua de maneira isolada nem a associar apenas a fatores cognitivos. De acordo com Martelotta *et al.* (2011, p. 164):

Considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exhibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes. Em outras palavras, as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam), e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. [...]

Para os funcionalistas, a linguagem tem uma estrutura não-rígida, maleável e sujeita a mudanças, pois essa estrutura está ligada ao discurso. Esse, por sua vez, estaria relacionado às situações reais de comunicação, já que, por meio do discurso, as estruturas vão se adaptando e se modificando para se adequarem ao contexto de uso. Ao assumirmos que a língua reflete as necessidades comunicativas, nossa análise não considera a diversidade posicional de cada circunstancial de tempo e de aspecto como um fator arbitrário, mas sim motivada pela iconicidade.

A iconicidade, termo oposto à arbitrariedade, é definida, a princípio, como a correlação entre a forma e seu conteúdo, ou seja, aquilo que o falante pretende expressar. Em sua versão menos radical, o princípio de iconicidade, segundo Givón (1990), relaciona-se a três subprincípios: subprincípio da quantidade, da integração e da ordenação linear. Resumidamente, o primeiro leva em consideração a quantidade de elemento(s) presente(s) no elemento linguístico

analisado; os dois últimos contemplam o processo de ordenação das estruturas na cadeia sintática.

O subprincípio da quantidade postula que uma maior quantidade de elementos linguísticos será utilizada se a informação a ser dada for de grande relevância e pouco previsível. Entretanto, caso a informação seja óbvia, haverá uma menor quantidade de elementos linguísticos. Em (8), exemplo extraído de Illogti de Sá (2015), observamos a clara aplicação desse subprincípio:

- (8) “[...] Elementos já surrealistas surgiram quando um dos frigoríficos para os quais o senador teria vendido gado foi assaltado na véspera do dia em que entregaria documentos para serem periciados pela Polícia Federal. Papéis que interessavam à apuração foram levados pelos bandidos.

Em paralelo às batalhas em torno da contabilidade rural, surgiram outras denúncias, também negadas pelo senador. Teria favorecido a cervejaria Schincariol, que comprou uma fábrica de Olavo Calheiros, irmão de Renan. Teria adquirido, com recurso a testas-de-ferro, uma rádio e um jornal em Alagoas, no valor de R\$ 2,5 milhões. A história foi confirmada pelo usineiro João Lyra, atual desafeto do presidente do Senado, que seria sócio do senador na empreitada.

Finalmente, veio a público nesta semana o resultado da perícia da PF. A polícia diz que os documentos apresentados pelo senador não são suficientes para sustentar a sua história. Afirma que a papelada apresenta lacunas graves, como a ausência de registro de despesas de custeio na atividade pecuária. O pagamento de mão-de-obra, por exemplo, só aparece na movimentação de 2006 e não na dos anos anteriores. Outros problemas incluem a multiplicação do gado. Em 2004 surgiram cem reses na criação, sem que haja registro de compra ou de nascimentos.” [Folha de São Paulo, editorial]

Em (8), verificamos que o primeiro circunstancial *Em paralelo às batalhas em torno da contabilidade rural* — em destaque logo no início do segundo parágrafo — foi codificado por um sintagma grande, pois relaciona o que ainda será apresentado no parágrafo seguinte ao que já foi desenvolvido antes. Há uma quantidade maior de elementos, já que há muita informação a ser informada, no caso, uma retomada de um assunto e uma avaliação, pois toda a questão relativa à contabilidade rural foi metaforizada como uma batalha. Já os outros dois circunstanciais — *nesta semana* e *Em 2004* — são codificados em locuções menores, com apenas duas palavras, pois suas funções são apenas de delimitar o tempo específico em que aquelas ações se sucederam. Nesse trecho de editorial, ocorre ainda um uso de um advérbio simples — *Finalmente* — que carrega em si a noção de finalização, ou seja, era previsível essa última etapa do processo.

O subprincípio da integração prevê que, quanto mais próximo cognitivamente o elemento estiver, mais próximo ele estará na estrutura linguística (e o contrário também é observado). Por exemplo, em relação a advérbios de modo, que modificam intrinsecamente o verbo, nota-se que esses elementos costumam se apresentar bem próximos. Por outro lado, os advérbios de tempo, podem vir mais distantes do verbo por serem apenas dêiticos temporais. Atentemos para o parágrafo em (9), ilustrativo desses comportamentos dos adverbiais:

- (9) “*Até agora*, a combinação do policiamento dos usuários e da visualização dos dados trabalhou *bem* ao tornar as traças relativamente mínimas. Aqueles que são suspeitos de utilizar suas contas para tentar enganar o sistema recebem um *e-mail* de aviso. O usuário é banido após a segunda violação.” [editorial, *O Globo*]

No exemplo acima, temos um circunstancial de tempo/ aspecto, *até agora*, iniciando o período e afastado do verbo da oração. Em contrapartida, o advérbio *bem*, indicador do modo

como a ação de trabalhar ocorreu, aparece imediatamente após a forma verbal (*trabalhou*).

O subprincípio da ordenação linear pressupõe que (a) a ordem de um enunciado demonstra a ordem de importância dada aos fatos pelo falante — consequentemente, a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática ou (b) as informações tenderiam a aparecer nas orações na ordem que ocorrem no mundo real. Um exemplo prototípico é a coordenação, que expressa o número e a ordem dos eventos de acordo com o que é percebido pelo falante ou com o que ele quer expressar. Vejamos, abaixo, um exemplo de enumeração de ações:

(10) “Scarlet Johansson *colaborava com a Oxfam desde 2005 e em 2007 se converteu* em embaixadora mundial de sua causa.”
[notícias, *O Globo*]

Em (10), duas orações estão coordenadas entre si, numa sequência de eventos, na ordem em que ocorreram: primeiro, *em 2005*, a atriz Scarlet Johansson colaborava com uma instituição beneficente; depois, *em 2007*, com a marcação do tempo enfatizada pelo posicionamento do circunstancial, no início da oração coordenada, vemos a atriz se converteu em embaixadora de sua causa.

Esses subprincípios serão testados a fim de identificarmos as motivações para as tendências de ordenação dos circunstanciais temporais em notícias e editoriais de *Folha de São Paulo* e de *O Globo*.

Analisamos todos os 574 dados com locuções adverbiais (locuções tradicionalmente consideradas temporais) encontrados amostra composta por notícias e reportagens e verificamos que há diferentes tipos semânticos. Vimos que as locuções adverbiais podem ser:¹⁶²

162

Análise publicada em Ilogti de Sá (2009; 2015), Ilogti de Sá, Cezario e Paiva (2020), Ilogti de Sá e Cezario (2022) e Arena e Ilogti de Sá (2020).

- (a) Localizadoras: situam um evento em um momento preciso do tempo, atribuindo maior valor temporal ao circunstancial.
- (11) “*Em outubro de 2002, Berlusconi cometeu uma gafe com Cacciari, o colega dinamarquês Anders Rasmussen e Veronica.*” [editorial, *O Globo*]

Nesse exemplo, o circunstancial temporal *em outubro de 2002* mostra a data precisa em que Berlusconi cometeu a gafe. Destacamos que este valor temporal é o de maior produtividade no português, em todo o *corpus* analisado.

- (b) Reiterativas: expressam uma ação que se repete no tempo, iterativa; há, portanto, valor aspectual.
- (12) “No momento, a inércia parece não cobrar preço. No futuro, ele poderá revelar-se, *mais uma vez*, muito elevado.” [editorial, *Folha de São Paulo*]

Observamos que o circunstancial aspectual *mais uma vez*, no exemplo acima, indica que o *preço* — retomado pelo pronome *ele* na oração — será revelado novamente em determinado período de tempo.

- (c) Durativas: representam o valor aspectual que expressa uma ação duradoura no tempo.
- (13) “*Durante o trimestre*, mais 29 mil pessoas assinaram o serviço básico de televisão a cabo.” [editorial, *O Globo*]

No exemplo dado, o circunstancial *durante o trimestre* expressa a duração do tempo em que houve um grande número de assinaturas de televisão a cabo.

- (d) Delimitativas: correspondem aos circunstanciais que delimitam o tempo da ação, seja no início, no meio ou no fim.
- (14) “Embora constituam de 60% a 65% da população nacional e hoje detenham o governo, os xiitas foram reprimidos

durante o regime do ditador sunita Saddam Hussein,] que comandou o país *no período de 1979 a 2003.*" [editorial, *Folha de São Paulo*]

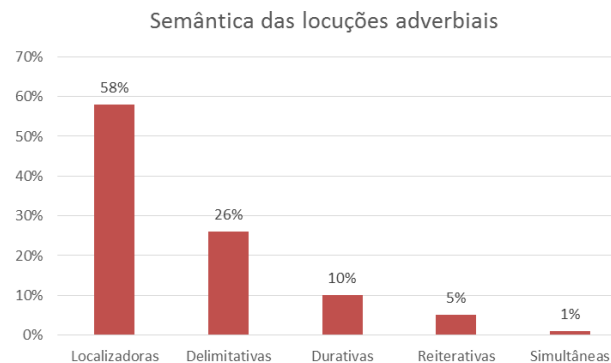
O circunstancial *no período de 1979 a 2003*, em (14), determina o início e o fim do evento assinalado anteriormente.

- (e) Simultâneas: correspondem ao valor em que eventos ocorrem ao mesmo momento. Devido a seu importante papel coesivo — afinal, ligam-se dois ou mais eventos que ocorrem simultaneamente —, esperamos que as locuções com esse valor semântico apresentem posição mais fixa na oração.
- (15) "*Em paralelo*, o STF também sancionou medida a respeito dos chamados embargos declaratórios." [editorial, *Folha de São Paulo*]

No exemplo apresentado, a locução *em paralelo* indica que a sanção realizada pelo STF ocorreu de maneira simultânea ao evento descrito anteriormente.

O Gráfico 6.1 apresenta os resultados relativos aos papéis semânticos exercidos pelos circunstanciais encontrados na amostra analisada:

Gráfico 1 – Papéis semânticos dos circunstanciais



Fonte: Illogti de Sá (2015).

Na amostra analisada, os circunstanciais com valor localizador e com valor delimitativo apresentam-se como os mais produtivos, representando, respectivamente, 58% e 26% dos 574 dados encontrados. Em sequência, aparecem as locuções durativas, representando 10% do corpus, e as reiterativas, com 5%. O valor simultâneo aparece em apenas 1% do total.

A hipótese inicial de Ilogti de Sá (2015) era a de que haveria tendências de ordenação diferentes a depender do tipo semântico do circunstancial. Mas todos os tipos semânticos tenderam a ocorrer em posições pós-verbais (70% dos 574 dados), posição típica dos advérbios e locuções adverbiais temporais do português. Apesar de não haver relação entre tipo semântico e posição dos circunstanciais em análise e do fato de a grande maioria aparecer depois do verbo, há um número considerável de dados com circunstanciais em posições pré-verbais (30% dos dados coletados), como em:

- (16) “Mas antes do primeiro protesto, tudo era mais fácil, segundo Dhundu.” [notícia, Folha de São Paulo]
- (17) “Na quinta-feira passada, o segundo maior grupo mundial do setor, o Rio Tinto, divulgou também seus recordes, com lucro líquido de US\$ 7,4 bilhões.” [notícia, O Globo]

A autora verificou que o que motiva o uso de adverbiais nas posições iniciais é um fator mais ligado a questões discursivas do que semânticas, englobando um contexto maior do texto jornalístico. Por exemplo, quando o escritor quer mudar de tema dentro de uma notícia ou quer fazer um contraste entre dois eventos, o uso de circunstanciais logo no início do parágrafo é muito frequente (Van Dijk, 1982), estabelecendo um contraste entre dois eventos, como no exemplo a seguir:

- (18) “Não deixa de ser incômoda a proximidade entre o episódio da semana passada em que servidores do IBGE ameaçaram entregar os cargos em reação à suspensão da Pnad Contínua, dando margem a suspeitas de manipulação por

parte do governo, e outra mudança metodológica em preparo pelo respeitado instituto estatístico.

No início de maio o IBGE reformulará a coleta de dados de produção da indústria para aumentar a quantidade de produtos considerados e empresas entrevistadas. Longe de sugerir interferência ou partidarização do órgão, desta vez a mudança é bem-vinda e resultará em mapeamento melhor do setor, que representa quase 15% do PIB.” [editorial, Folha de São Paulo]

No primeiro parágrafo do exemplo (18), somos apresentados à opinião do editorial sobre o assunto em pauta — as suspeitas de manipulação do governo. O circunstancial No início de maio aparece iniciando o parágrafo seguinte, ao termos uma mudança no foco na argumentação. A partir daí o editor expõe a atitude do órgão IBGE, apresentando a solução do problema e a opinião do jornal sobre tal atitude. Nesse caso, ocorre um subtópico, relacionado ao fato anterior, mas com mudança de perspectiva e de participantes.

Outro resultado interessante dentro de uma abordagem funcionalista é a questão da relação entre tamanho do circunstancial e sua posição na oração. Os falantes e escritores tendem a evitar colocar locuções adverbiais grandes¹⁶³ entre o sujeito e verbo para não quebrar a relação entre o tópico da oração e a declaração feita a respeito do tópico. Também não é comum (e essa é uma tendência translinguística) o uso de adverbiais, sobretudo os grandes, separando o verbo e o complemento. A ligação entre o verbo e complemento é normalmente tão forte que é comum a formação de inúmeras expressões idiomáticas com os dois elementos, como em “dar bola”, “fazer papel de bobo”, “fazer jogo duro”, “dar o troco”, expressões provindas historicamente do padrão V + SN. A seguir, há dois exemplos típicos de posições de locuções adverbiais grandes, um no início de oração e outro no fim:

163

Há duas formas de se medir o tamanho das locuções adverbiais: pelo número de sílabas ou pelo número de palavras. Ilgoti de Sá (2015) classificou o tamanho das locuções pelo número de palavras, dessa forma: são pequenas as com duas ou três palavras; são médias com quatro ou cinco palavras; e são grandes as com seis ou mais palavras.

- (19) “No mesmo dia do duro discurso de Khamenei contra os EUA, o Irã testou com sucesso um míssil terra-mar de alcance de 350 km. O teste foi realizado durante o segundo dia de manobras aeronavais na região do Golfo, informou a TV estatal.” [notícia, O Globo]
- (20) “O mais alto número de vítimas de ataques terroristas em um único dia no Iraque desde 2003 é o saldo de 202 mortos em 23 de novembro de 2006.” [notícia, Folha de São Paulo]

Vemos, portanto, que é preciso ir além de uma simples classificação dos advérbiais em advérbiais de tempo, de lugar, de dúvida etc. Mesmo dentro do universo dos advérbiais considerados temporais, ao observamos dados extraídos de textos reais, verificamos que há diferentes papéis, uns expressando o tempo do evento e outros expressando nuances ligadas ao aspecto, como os advérbiais que marcam reiteração ou duração do evento.

TEORIA NA PRÁTICA

Questão 1) Observe a notícia — gênero textual predominantemente narrativo — abaixo vinculada a um jornal on-line:

Maria Bethânia canta hino nacional em posse de Barroso como presidente do STF

Barroso assume a Presidência do Supremo após a aposentadoria da ministra Rosa Weber, que atinge a idade-limite de 75 anos na próxima semana

A cantora Maria Bethânia cantou o hino nacional brasileiro durante a cerimônia de posse de Luis Roberto Barroso como presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) nesta quinta-feira (28).

Barroso assume a Presidência do Supremo após a aposentadoria da ministra Rosa Weber, que atinge a idade-limite de 75 anos na próxima semana, para um mandato de dois anos. Edson Fachin toma posse como vice-presidente da Corte.

A cerimônia acontece na sede do STF, com cerca de 1,2 mil convidados. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), assim como Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara, e Rodrigo Pacheco (PSD-MG), presidente do Senado, também estão na solenidade.

Depois da cerimônia, um jantar organizado pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) homenageará Barroso. O ministro foi indicado pela então presidente Dilma Rousseff (PT) em 2013. Até o momento, foi também presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), cuidando das eleições municipais de 2020.

(Fonte: CNN Brasil)¹⁶⁴

A partir da leitura:

- a) Selecione no texto as locuções adverbiais de tempo e aspecto.
- b) A partir de suas características, identifique seu valor semântico — se reiterativo, durativo, delimitativo, de localizador ou de simultaneidade — e comente os dados a partir dessa classificação.
- c) Observe o uso dos dois sintagmas nominais preposicionados no último parágrafo da notícia — em 2013 e de 2020. Embora ambos possuam um núcleo calêndrico, ou seja, uma data, eles não têm a mesma função. Explique.

Questão 2) O trecho a seguir é um relato de experiência pessoal retirado do corpus Discurso & Gramática. A narrativa foi coletada em 04/05/1993, é de uma informante do Rio de Janeiro, de 14 anos, do sexo feminino.

Narrativa de experiência pessoal E: oi... Vanessa... conta pra mim uma história que tenha acontecido com você... que tenha sido interessan::te... ale::gre... tris::te... l: bom... foi uma vez... que eu não/ num dia que eu não tinha aula... eu acordei... mas mesmo assim eu acordei cedo... eu acordei *de manhã cedo*... aí eu fui ao banheiro... pra escovar os dentes... chegando lá... eu morro de medo de aranha... e tinha saído debaixo do cesto de roupa suja que fica no banheiro... saiu uma aranhona assim... daque... daquelas assim... marrons... foi... grande... eu fiquei apavorada... eu dei um berro... aí/ e a aranha continuava lá... aí eu dei outro berro... e meu pai falou "corre... filhinha..." que ele já sabia que era uma aranha... já tinha ideia do que se/ fosse... o problema é que eu não saí correndo logo porque a aranha estava no meio do caminho... estava a aranha no meio... e eu num canto e a porta do outro lado... aí eu tinha que 3 pular a aranha... eu estava com medo de pular a aranha... porque... eu podia *de repente* pisar em cima da aranha... esmagar a aranha... sei lá... agora mesmo assim eu pulei... eu tomei coragem... e pulei a aranha... e eu fui/ eu me mandei... aí depois meus pais apareceram e mataram a aranha... e me minha mãe até me contou que... que antes de... *de manhã cedo*... ela tinha acordado *antes de mim*... e tinha... tinha visto uma teia atravessando a porta...

quer dizer... devia ser a teia daquela aranha... E: mas foi quando isso? I: ih... meu Deus... agora é ruim de lembrar... acho que eu estava na quarta série quando isso aconteceu... E: ahn... I: agora eu estou na oitava... então já faz [bastante tempo...] E: [e agora?] já melhorou o medo da aranha? I- não... só piorou ((risos)) E: só isso? I: só...

(Fonte: Corpus Discurso & Gramática)

Como visto, segundo o Princípio da Iconicidade, o uso do circunstancial é motivado. Tente explicar, a partir dos subprincípios da iconicidade, tais usos dos circunstanciais destacados no relato.

Questão 3) Ilogti de Sá (2015) observou que quando o escritor faz uma retomada de alguma informação temporal, o circunstancial tende a vir numa posição não-prototípica: a margem esquerda da oração. O circunstancial é assim colocado como uma estratégia discursiva para enfatizar positiva ou negativamente o evento expresso na sua oração.

O trecho abaixo apresenta locuções na posição inicial da oração (margem esquerda). Verifique que elementos são retomados por cada circunstancial destacado e como o autor usa esses circunstanciais, juntamente com os advérbios só e apenas, na sua estratégia argumentativa para criticar o governo.

Trecho:

"A expectativa era investir R\$ 188 milhões em 2004 e criar 260 mil vagas por ano. Lula anunciou que seria possível chegar a 500 mil postos.

Oito meses depois, o Primeiro Emprego só tinha levado à contratação de um copeiro em Salvador. De lá para cá, apenas 15 mil vagas foram criadas, mesmo depois de suspensa a exigência de interromper demissões." [editorial, Folha de São Paulo]

PARA SABER MAIS

Para saber mais sobre a corrente Funcionalista Norte-americana e alguns dos conceitos apresentados aqui como o de Iconicidade, sugerimos a leitura do livro abaixo:

FURTADO, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Para um maior aprofundamento da expressão de tempo em português, o livro a seguir é uma excelente fonte:

ILARI, R. **A Expressão do Tempo em Português**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

Por fim, os textos a seguir trazem resultados de pesquisa extraídos da tese de Ilogti de Sá (2015), mas com reflexões mais direcionadas para a comparação entre os usos do português e do francês:

ILOGTI DE SÁ, E.; PAIVA, M. C. ; CEZARIO, M. M. Ordem de circunstanciais temporais em português e francês: motivações discursivas. **Revista Linguística**, v. 26, p. 646-665, 2020.

ILOGTI DE SÁ, E.; CEZARIO, M. M. Usos de circunstanciais temporais e aspectuais em jornais em português do Brasil e em francês. *In*: VIEIRA, M. MEIRELLES, V. (Org.). **Varição em português e em outras línguas românicas**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 365-384.

É interessante pontuar que nesses textos as autoras buscam verificar a relação entre os papéis discursivos das locuções adverbiais, a ordenação de palavras na frase e os gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

- ARENA, Ana; ILOGTI DE SÁ, Érika. "No ano passado, a 'Vakinha' ganhou um ponto fixo. Desde então..." Uma análise funcionalista de circunstanciadores temporais. **Revista (Con)textos Linguísticos**, Brasil, v. 14, n. 28, 2020.
- CASTILHO, Ataliba de *et al.* O Advérbio. *In*: ILARI, R. *et al.* **Palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE, 1990.
- GIVÓN, Talm. **Syntax**: a functional typological introduction: v. II. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co, 1990.
- HOPPER, P. J. Aspect and foregrounding in discourse. *In*: GIVÓN, Talmy (Org.). **Syntax and semantics**, v. 12: Discourse and syntax. New York: Academic Press, 1979.
- ILARI, Rodolfo. **A Expressão do Tempo em Português**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine. **Ordenação de Locuções de tempo e Aspecto em Textos Jornalísticos: uma Abordagem Funcionalista**. 2009. Dissertação de Mestrado — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine. **Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé**: Ordenação dos Circunstanciais Temporais e Aspectuais no Português e no Francês. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2015.
- ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine; PAIVA, Maria Conceição; CEZARIO, Maria Maura. Ordem de circunstanciais temporais em português e francês: motivações discursivas. **Revista Linguística**, Brasil, v. 26, p. 646-665, 2020.
- ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine; CEZARIO, Maria Maura. Usos de circunstanciais temporais e aspectuais em jornais em português do Brasil e em francês. *In*: VIEIRA, Márcia; MEIRELLES, Vanessa. (Org.). **Varição em português e em outras línguas românicas**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 365-384.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Os Circunstanciadores Temporais e sua Ordenação**: uma Visão Funcional. 1994. Tese de doutorado — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Mudança Linguística**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. Advérbios: conceitos e tendências de ordenação. *In*: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Adverbiais**: aspectos gramaticais e pressões discursivas. Niterói: Editora da UFF, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2011.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. Uberlândia: Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

VAN DIJK, T. A. Episodes as units of discourse analysis. *In*: TANNEN, D. (Org.). **Analysing discourse**: text and talk. Washington: Georgetown University Press, 1982. p. 177-195.

7

*Ivo da Costa do Rosário
Monclar Guimarães Lopes
Mariangela Rios de Oliveira*

ESTRATÉGIAS DE CONEXÃO DO PORTUGUÊS EM USO NO BRASIL

RESUMO

Este capítulo é dedicado ao tratamento dos mecanismos gramaticais que concorrem para a articulação coesiva e coerente dos textos que produzimos e recebemos cotidianamente. Abordamos, a partir do enfoque funcionalista, as estratégias responsáveis pela organização textual-discursiva pelas quais são estabelecidas relações semânticas diversas. Seleccionamos, neste capítulo, algumas dessas estratégias, destacando a importância das relações contextuais para os efeitos de sentido emanados dos usos aqui contemplados. Demonstramos que elementos gramaticais responsáveis pela conexão textual, também chamados *conectores* ou *juntores*, constituem uma classe mais ampla e complexa do que a referida pela tradição gramatical, incluindo constituintes não canônicos e mais diversificados, que se forjam a partir de outras categorias da língua, como a dos nomes ou a dos verbos.

CONHECENDO O FENÔMENO

De acordo com a abordagem funcionalista da linguagem, nos termos de Martelotta e Kenedy (2015) e de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), a configuração da gramática, a partir das categorias que a integram e da organização textual-discursiva em que os usos linguísticos se organizam, é consequente de uma série de fatores que atuam em conjunto, com maior ou menor grau. Assim, propósitos comunicativos, perfil dos usuários, espaço e tempo em que ocorre a interação, gênero discursivo e sequência tipológica (cf. Marcuschi, 2002), bem como processos cognitivos, do tipo categorização e analogia (cf. Bybee, 2016), além da própria configuração estrutural da gramática, impactam a forma pela qual a língua é usada e se convencionaliza no meio social.

Uma das áreas mais sensíveis à pressão dos fatores acima mencionados é a das estratégias de conexão. De acordo com Neves (2000, p. 601), tais estratégias são articuladas por intermédio de “juntores”, concebidos como

palavras da língua que pertencem à esfera semântica das relações e processos que atuam especificamente na junção de elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem.

Segundo a tradição gramatical, essas palavras relacionais são descritas e classificadas na base da distinção entre preposições e conjunções, concebidas como classes morfológicas distintas. Conforme estabelecem Cunha e Cintra (1985, p. 543), as preposições articulam dois termos de uma oração, como nos exemplos apresentados:

Vou *a* Roma.

Todos saíram *de* casa.

Os mesmos autores definem as conjunções como “vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração” (Cunha; Cintra, 1985, p. 565). Essa definição é ilustrada em exemplos como os seguintes, que distinguem, respectivamente, as conjunções coordenativas das subordinativas:

Ouvi primeiro e falei por derradeiro.

Eram três da tarde *quando* cheguei às arenas romanas.

Como podemos observar, se compararmos as definições de Neves (2000) e de Cunha e Cintra (1985) com os pressupostos que nos orientam, constatamos que a primeira autora assume uma concepção mais funcional acerca das relações de conexão da língua, considerando a dimensão textual-discursiva em termos amplos. Constatamos, indo ao encontro das palavras de Neves (2000), que modernas gramáticas brasileiras já destacam os conectores como integrantes de uma ampla e híbrida categoria da gramática, fazendo referência tanto à sua função textual em distintos níveis — compreendendo não só o frásico como também o transfrástico — quanto à fluidez estrutural, dado que diferentes classes de palavras podem exercer o papel de conector (ou juntor) na língua.

Nessa linha, Azeredo (2008, p. 296) classifica tais elementos como *transpositores*, na condição de unidades gramaticais que atuam na “transposição (processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, que podem ser sintagmas básicos ou orações)”. Já Castilho (2010, p. 133) propõe a *conectividade* como categoria semântica, articulada por preposições e conjunções. De outra parte, Perini (2010, p. 311) define os conectivos como classe gramatical distribuída em preposições, conjunções e coordenadores.

Diante do hibridismo e da fluidez da classe dos conectores, assumimos neste capítulo, conforme Oliveira (2019, p. 24), que tais elementos assim se caracterizam: a) manifestam polissemia, situan-

do-se no trânsito categorial, em posições marginais da categoria; b) integram uma classe muito gradiente e não discreta; c) compõem um conjunto amplo e muito diversificado, tanto em termos estruturais quanto em termos subfuncionais; d) são ótimos exemplos da emergência e da variabilidade que caracterizam os usos linguísticos (Bybee, 2016); e) permitem detectar muitas vezes, em pesquisa histórica, os micropassos que conduzem à mudança gramatical rumo à função conectora; f) são motivados por negociação interativa entre os usuários (Traugott; Dasher, 2002), por pressões da própria estrutura linguística e por processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2016).

Pelas características elencadas no parágrafo anterior, podemos entender por que os conectores ou juntores são tão pesquisados pelos funcionalistas, em viés histórico ou nos usos contemporâneos. Interessa ao Funcionalismo levantar, descrever e analisar não somente como atuam esses constituintes na articulação textual-discursiva da língua, como também verificar e identificar os ambientes contextuais que, sucessivamente, levam os conectores a se fixarem na gramática, uma vez que costumam se originar de outras fontes categoriais, como demonstramos com os três fragmentos a seguir, extraídos de Martelotta (1996, p. 193), em torno do uso da palavra *depois*:

- a. [...] você chega assim... tem... tipo de frente pra janela... a porta é à minha esquerda... aí toda parte da parede esquerda... tem armário... *depois* vem o freezer... a geladeira... mais um armário...
- b. [...] eu encontrei com ele *depois*... assim... (uma) altura de quarenta minutos a uma hora *depois*...
- c. E: então você acha bom a mulher trabalhar fora?

I: acho... atualmente acho... não pra mim que já estou com uma vida formada... casada há vinte e sete anos já... não... não... não... e *depois não preciso... graças a Deus*...

Conforme destaca o autor, no primeiro fragmento temos *depois* atuando como adjunto adverbial de sentido espacial, na expressão “depois vem o freezer”, compondo sequência de descrição de local específico; trata-se de conteúdo mais básico e concreto, considerado primário em relação aos seguintes. No segundo fragmento, *depois* tem valor temporal, concorrendo para precisar o horário do encontro do locutor com outra pessoa, integrando sequência narrativa; essa seria, portanto, uma acepção mais abstrata, derivada da espacial. Já no terceiro exemplo, Martelotta (1996, p. 193) destaca que *depois* “perdeu aquele valor espacial/temporal original e assumiu a função de adicionar argumentos em favor do que está sendo dito, passando a ter valor semelhante a *por outro lado*: trata-se, neste caso, de um operador argumentativo”. Assim, o terceiro exemplo ilustra a efetivação da mudança linguística, com a entrada de *depois* na classe dos conectores da língua, ampliando a categoria dos articuladores textual-discursivos do português.

A partir do que apresentamos nesta primeira seção introdutória, postulamos que as estratégias de conexão do português, expressas por intermédio de termos atuantes no nível textual-discursivo, evidenciam a regularidade da mudança linguística. Tal regularidade se constata, por exemplo, na observação da crescente metaforização, com base, entre outras, na escala de derivação do curso do conteúdo (Heine *et al.*, 1991) *pessoa* > *objeto* > *atividade* > *espaço* > *tempo* > *qualidade*, bem como no caminho da maior intersubjetividade estabelecida entre locutor e interlocutores, nos termos de Traugott e Dasher (2002).

Nas próximas seções, com base em dados e resultados de pesquisas recentes, vamos analisar mais especificamente os padrões de uso e a constituição de alguns conectores do português contemporâneo do Brasil.

TENDÊNCIAS DE USO

Nos estudos em morfologia, é relativamente comum a distribuição das palavras em classes abertas ou fechadas. As primeiras são constituídas por categorias produtivas e pertencentes ao léxico — como substantivos, adjetivos e verbos —, normalmente criadas instantaneamente a partir de processos analógicos, como os de derivação e composição; as últimas, por categorias pouco produtivas e pertencentes à gramática — como conectores, afixos e artigos —, cujos usos geralmente emergem de processos diacrônicos que envolvem a recategorização de elementos de natureza lexical.

Apesar de as classes fechadas serem bem menos produtivas do que as abertas, elas estão longe de serem improdutivas, sobretudo no que diz respeito à categoria dos conectores, nosso objeto de estudo. Vale ressaltar que, para a perspectiva funcionalista, a passagem do léxico para a gramática não é fortuita, mas cognitiva e discursivamente motivada, sendo a gramática vista “como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso” (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 14). Nesse sentido, podemos afirmar que, para além de descrever os novos usos, interessa ao funcionalista entender por que e como a mudança ocorre.

As pesquisas funcionalistas desenvolvidas pelo D&G (Grupo de Estudos Discurso & Gramática) e pelo CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações) têm contribuído para a descrição de conectores não canônicos, que, a despeito de seu uso frequente e convencional no português, não constam da maior parte dos compêndios gramaticais. Abordaremos, nesta seção, à guisa de exemplificação, alguns resultados de pesquisa sobre os conectores *sem contar*, *sem falar* e *fora isso*. Vejamos, como ilustração, duas ocorrências de *sem contar* e *sem falar*, respectivamente:

- (1) “A Polícia Militar do Distrito Federal exige nível superior dos candidatos, aí eu pergunto, ninguém se inscreve? Pelo contrário! Milhares de pessoas, detentoras de um diploma de nível superior se juntam aos montes pleiteando uma vaga, pois a remuneração é boa. Claro que isso vai levando a conversa para o lado da famosa PEC 300, mas essa é uma história à parte, afinal, para equiparmos os salários das polícias militares a nível nacional, também seria necessária a equiparação das exigências para o ingresso dos candidatos, ou seja, nível superior. *Sem contar* o impacto sobre os orçamentos dos estados, afinal, quem paga a PM não é a união, e sim os estados de origem. Mas vamos deixar essa questão para uma outra discussão.”¹⁶⁵
- (2) “O Rossi foi um dos nossos melhores, ao longo de mais de um século. Pessoalmente, creio que sua grande contribuição foi o respeito aos fatos, o rigor na elaboração dos textos, *sem falar* de sua monumental capacidade de trabalho e a atenção que sempre dedicou aos colegas de profissão. A eles e à família do Rossi, que foi central em sua vida, apresento meus sinceros sentimentos.”¹⁶⁶

Nas duas ocorrências, *sem contar* e *sem falar* atuam como conectores aditivos, na medida em que incluem argumentos que convergem para a mesma direção. Assim, em (1), o enunciador faz duas ponderações que estão ligadas entre si por meio do conector *sem contar*: é necessário que (a) haja equiparação salarial e das exigências para o ingresso dos policiais militares a nível nacional e que (b) se considere o impacto orçamentário dessa equiparação sobre os estados. Em (2), o enunciador apresenta quatro argumentos

165 Disponível em: <http://abordagempolicial.com/2013/06/pouco-a-pouco-as-pessoas-melhores-dotadas-foram-deixando-de-procurar-a-policial/>. Acesso em 22 abr. 2023.

166 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/colegas-de-profissao-lamentam-a-morte-de-clovis-rossi-veja-repercussao.shtml>. Acesso em 9 ago. 2023.

que servem de evidência de que Rossi foi um dos melhores jornalistas brasileiros, estando o segundo e o terceiro relacionados pelo conector *sem falar*: (a) ele apresentava respeito aos fatos (1), rigor na elaboração dos textos (2), (b) tinha uma monumental capacidade de trabalho (3) e era dedicado aos colegas (4).

Cabe frisar que, apesar de considerarmos que *sem contar* e *sem falar* exercem uma função conectora, haja vista que articulam unidades discursivas de diferentes dimensões — como orações, períodos ou parágrafos —, eles não apresentam as características prototípicas de um conector *stricto sensu*, como uma conjunção, por exemplo. Nos dois casos, temos uma estrutura menos gramatical em relação a outros conectores canônicos, o que pode ser observado em sua própria estrutura, que guarda muitas das propriedades de suas categorias-fonte. Podemos notar, por exemplo, que tanto *contar* quanto *falar* ainda mantêm traços da categoria verbo, sobretudo no que diz respeito a sua estrutura argumental, cujos verbos preveem um argumento: *sem contar* o impacto; *sem falar* de sua monumental capacidade.

Para além de identificar a existência de (novos) conectores, também é bastante caro à perspectiva funcionalista observar suas propriedades pragmáticas e discursivas. Afinal, embora haja diversos conectores que estabelecem relações de adição — como os canônicos *e*, *não só... mas também...*, entre outros — (cf. Rosário, 2020; Rosário; Souza, 2021), há diferenças funcionais entre eles. No que tange aos conectores *sem contar* e *sem falar*, por exemplo, observamos que eles são empregados como um tipo de estratégia discursiva a que Koch (2004, p. 73) chama de argumento de lambuja, dado que introduz, “de maneira sub-reptícia, um argumento decisivo, apresentando-o a título de acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final”.

Como podemos verificar nas ocorrências (1) e (2), os argumentos introduzidos, respectivamente, por *sem contar* e *sem falar*

são superficialmente apresentados, na medida em que são abandonados na progressão textual. Esse aspecto se deve, na nossa hipótese, às propriedades semânticas de *sem contar* e *sem falar*, sobretudo, às da preposição *sem*, cuja noção de exclusão/exceção é evocada. Nesse sentido, os argumentos anteriores, por si sós, já são suficientes para a obtenção dos objetivos comunicativos. Daí surge o nome argumento de lambuja, segundo Koch (2004).

Durante a investigação desses conectores, dois outros aspectos idiossincráticos nos chamaram a atenção. O primeiro foi a recorrência desses conectores em posição desgarrada,¹⁶⁷ como podemos observar, por exemplo, na ocorrência (1), em que *sem contar*, a despeito de sua configuração hipotática — iniciada por preposição *sem* —, refere-se às informações presentes no período anterior. Nesse sentido, dizemos que ela é uma estrutura desgarrada porque se encontra em período distinto daquilo que seria sua oração principal (ou matriz).

O último aspecto que nos despertou a atenção foi o fato de esses conectores apresentarem valor semântico de adição, haja vista que os elementos que os compõem não colaboram para a veiculação desse sentido, muito pelo contrário. Afinal, *sem* é uma preposição a que se atribui a noção de exclusão e exceção, ideias que, a rigor, são diametralmente opostas à de adição.

Por meio de uma incursão nos dados históricos, verificamos que o sentido aditivo de *sem contar* e *sem falar* emerge, diacronicamente, do verbo de quantidade *contar*. Até o século XVII, identificamos, recorrentemente, usos de *sem contar* em contextos que favoreciam a noção de adição, dado que a construção era empregada em trechos que envolviam o domínio matemático, com a presença

167

No levantamento de dados, encontramos 41 de 100 ocorrências em contexto de desgarramento sintático.

recorrente de números, como podemos observar nas ocorrências (3) e (4), a seguir:

- (3) "Na noite de 16 para 17 as 10 horas morreu de 68 anos feitos a 17 de outubro a Duquesa do Cadaval de uma constipação por haver estado ao ar frio que em três dias a matou não fez testamento dizem que por não fazer dano as legítimas das filhas se as renúncias não valerem e tinha segundo se diz vinculado no morgado a sua terça deixou 39 descendentes *sem contar* os bastardos do Duque Dom Janime e 12 famílias anojadas."¹⁶⁸
- (4) "Há, pelo menos, 125 expositores na classe dos cereais, 80 na de grassinos, 75 na de legumes, 21 na de condimentos, 123 na de bebidas fermentadas, *sem contar* os produtos coloniais."¹⁶⁹

Portanto, nas duas ocorrências, *contar* não é um verbo *dicendi*, mas um verbo relativo à noção numérica. Além desse emprego em que a noção numérica está explicitamente marcada, havia outras ocorrências em que ela era menos evidente e/ou inferível, como podemos observar em (5):

- (5) "Assim é que é muita verdade; mas também é muita verdade que os Romanos, que não cediam aos Gregos, empreenderam e conseguiram ganhar palmas em diversos empregos: *sem contar* Virgílio, que três cetros empunhou, na Eneida Geórgicas, e Éclogas, já Cícero tinha antes dele sido aclamado por Orador sumo, óptimo Filósofo, excelente escritor de diálogos..."¹⁷⁰

Trabalhamos com a hipótese de que este último tipo de contexto favoreceu a mudança. Isso decorreria do fato de, no português, haver dois verbos *contar* homônimos, sendo um relativo ao domínio

168 Dado extraído do *Corpus Vercial*. Gazetas manuscritas, 1729.

169 Dado extraído do *Corpus Vercial*. Colaboração no Distrito de Évora, 1868.

170 Dado extraído do *Corpus Vercial*. Obras – Tomo IX, 1789.

da matemática; outro, ao da enunciação. Nesse sentido, a ausência de elementos numéricos explícitos teria levado o falante a associar um verbo ao outro, o que também teria, posteriormente, promovido a emergência de novos conectores por meio de processos analógicos, tal qual ocorre com *sem falar*, *sem dizer*, *sem mencionar* etc. Nos nossos dados, só identificamos esses últimos conectores a partir do século XIX, o que, em nosso ponto de vista, torna nossa hipótese bastante plausível. Como ilustração, segue uma ocorrência do século XIX de *sem falar*, período em que identificamos, pela primeira vez, o uso desse conector:

- (6) "O rapaz protestava, mostrando a falsa posição e o ridículo que lhe provinham de tudo isso, *sem falar* no perigo de perder o seu escasso emprego, única fonte de recursos certos que lhe restava."¹⁷¹

Quando declaramos que *sem falar* deve ter emergido por meio de um processo analógico, queremos dizer que deve ter ocorrido, de forma inconsciente, a seguinte associação na mente dos falantes: *contar* está para *falar*, tal como *sem contar* está para *sem falar*. De acordo com a literatura funcionalista, esse tipo de processo é bastante comum na emergência de novas construções linguísticas, como é o caso ilustrado em (6). Basicamente, em uma dada situação de interlocução, o ouvinte não apenas decodifica o material linguístico, mas também infere as intenções do falante a partir daquilo que é dito. Essa inferência *ad hoc* pode, eventualmente, ser incorporada ao uso do ouvinte e, também eventualmente, ser replicada em uma comunidade de falantes. Quando isso ocorre, podemos dizer que estamos diante de um novo uso, sobretudo, quando ele é frequente nas modalidades oral e escrita, como é o caso de *sem contar* e *sem falar*.

A seguir, discorreremos acerca do conector *fora isso*. Trata-se de um conector com valor semântico de exceção, recrutado para o uso, a fim de introduzir argumentos ora convergentes (na mesma direção, a título de acréscimo), ora divergentes (em direção oposta, isto é, contrastivos). Como ilustração, vejamos duas ocorrências:

- (7) “Quando me convidaram, há cinco anos, para estruturar a rede da Honda no Brasil e na América Latina, aceitei quase sem pensar. Conhecia bem outros países? Os EUA e alguns europeus. Então, o desafio, para mim, era mais profissional que cultural. O choque maior foi para minha mulher, que não tinha passado pela experiência de morar em outro país e temia muito a violência. Fomos alertados em relação a isso, mas, felizmente, nesses cinco anos, nunca tivemos problemas. *Fora isso*, fiquei muito impressionado com o avanço tecnológico do País, mas nada comparado à minha surpresa com o perfil do povo brasileiro.”¹⁷²
- (8) “Olha, sinceramente eu não me importo muito que as pessoas não saibam o que é assexualidade. E parabéns, pois além do Júlio, acho que você é um dos poucos aqui que teve essa coragem... porque convenhamos que não é fácil para ninguém... A única coisa que eu acho positiva na visibilidade é o fato de que as outras pessoas sabendo o que é assexualidade, podem se descobrir também sendo assexual. *Fora isso*, não acho que há tanta necessidade de virarmos holofotes tanto para nós. Uma distinção necessária: acho muito importante que exista investigação e divulgação científica/acadêmica e que, ao menos profissionais de saúde que lidam com

esse tipo de coisa (psicólogos, psiquiatras, neurologistas etc.) estejam bem-informados do assunto.”¹⁷³

A noção de exceção pode ser atribuída mais especificamente ao elemento *fora*, já considerado, na literatura gramatical, uma palavra denotativa de exclusão/exceção. Como subparte do conector *fora isso*, seu valor semântico é mobilizado para separar (ou excetuar) a informação precedente com o objetivo de introduzir um novo argumento, que pode ser convergente (aditivo) ou divergente (contrastivo). Em (7), a convergência (adição) é resultado de dois argumentos que caminham para uma mesma direção. Trata-se de um dado em que o enunciador fala de sua experiência positiva no Brasil, a despeito de ter sido alertado sobre o perigo da violência. Os dois argumentos em relação de convergência são os seguintes: 1) em cinco anos, sua mulher e ele nunca tiveram problemas no país; 2) ficou muito bem impressionado com o avanço tecnológico do Brasil e com o perfil de seu povo.

Como é possível verificar, esses dois argumentos são encadeados pelo conector *fora isso*. O sentido de adição também pode ser percebido por meio de um teste de substituição, em que colocamos em seu lugar um outro conector aditivo, como é o caso de *além disso*: “[...] nesses cinco anos, nunca tivemos problemas. *Além disso*, fiquei muito impressionado com o avanço tecnológico do país [...]”

Por sua vez, em (8), esse mesmo conector de exceção é empregado em um contexto contrastivo, linguisticamente marcado pela inversão de polaridade entre os dois segmentos articulados pelo conector: “A única coisa que eu acho positiva na visibilidade é o fato de que as outras pessoas [...] *fora isso* não acho que há tanta necessidade [...]”. Vale ressaltar que, da mesma maneira que realizamos um teste de substituição na ocorrência (7), poderíamos realizar

173

Disponível em: <http://a2forum.forumeiros.com/t138p15-assexualidade-no-brasil-mas-pode-oooh>. Acesso em: 25 abr. 2023.

um outro nessa ocorrência, propondo um conector mais canônico, como *no entanto*: "A única coisa que eu acho positiva na visibilidade é o fato de que as outras pessoas [...] podem se descobrir também sendo assexual. *No entanto*, não acho que há tanta necessidade de virarmos os holofotes tanto para nós".

De um lado, defendemos que o conector de exceção *fora isso*, ao separar/excetuar a informação precedente, funciona como um focalizador para a informação subsequente. Nesse sentido, entendemos que a informação que sucede o conector seja mais relevante para seu enunciador em termos de relevo argumentativo. De outro, compreendemos que, a despeito das substituições propostas para as ocorrências (7) e (8), não podemos dizer que haja sinonímia perfeita. Na verdade, sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, há sempre diferenças ou semânticas ou pragmáticas entre construções formalmente distintas. Essa característica pode ser evidenciada tanto com base nas propriedades funcionais quanto nas formais. Em relação às propriedades funcionais, podemos evocar a noção de separação/exceção, que não está presente, por exemplo, em outros conectores aditivos e contrastivos. Em relação às formais, podemos observar que a substituição de um conector por outro nem sempre é possível. Como ilustração desse caso, vejamos a ocorrência (9) e sua versão (9'):

(9) "Ainda não entendi a diferença entre a escova marroquina e a inteligente. Fui ao salão, pedi uma escova inteligente e sai com a marroquina inoar. Ainda, o frasco não era o preto (embalagem usual da inoar), *mas verde*."¹⁷⁴

(9') "Ainda o frasco não era o preto (embalagem usual da inoar), * *fora isso verde*."

Segundo Mauri e Ramat (2012), há três tipos de contextos em que emerge a relação contrastiva: a) contraste motivado por oposição simples, no qual há um conflito simétrico e gerado pela semântica de algum modo antonímica entre unidades discursivas relacionadas; b) contraste gerado pela contraexpectativa, em que o conflito é determinado pela negação de uma expectativa, criado pelo conteúdo da primeira unidade discursiva ou pelo contexto; c) contraste originado pela correção, o que implica a negação, a anulação do argumento prévio. Na análise de 150 ocorrências extraídas de *corpus* de língua em uso, observamos que *fora isso* só estabelece contraste nos dois primeiros contextos, mas não no último. Inclusive, a substituição do *mas* por *fora isso*, em (9), em um contexto de correção, resulta agramatical.

Como é possível inferir a partir da leitura desta seção, há muito mais conectores no português do que aqueles usualmente listados nos compêndios gramaticais. Os usuários estão sempre criando novos usos a partir de material linguístico já existente para a obtenção de novos efeitos de sentido. Conforme pudemos observar, essa criação não é aleatória, mas motivada. Há razões cognitivas e discursivas que levam os usuários aos novos usos.

Na próxima seção, propomos algumas atividades em que você possa descrever, com base em seu conhecimento linguístico, alguns outros conectores não canônicos do português.

TEORIA NA PRÁTICA

Como já foi apontado neste capítulo, há em curso muitas pesquisas funcionalistas que se debruçam sobre o fenômeno da conexão de orações (e de outras porções discursivas). De uma forma geral, essas pesquisas têm o mérito de analisar o comportamento

formal e funcional dos conectores que estão nos textos orais e escritos dos usuários da língua portuguesa.

Na primeira seção deste capítulo, transcrevemos uma definição de Cunha e Cintra (1985, p. 543), para quem as preposições são "elementos gramaticais que articulam dois termos de uma oração". Ao lado das preposições canônicas, Cunha e Cintra (1985), assim como grande parte dos gramáticos, costumam arrolar uma série de "locuções prepositivas", tais como *a respeito de*, *depois de*, *ao lado de*, *a propósito de* etc. Teoricamente esses elementos teriam um comportamento análogo ao das preposições simples, já que igualmente teriam a função principal de ligar palavras.

Rosário (2022) demonstrou, ao contrário, que esses elementos tipicamente caracterizados como locuções prepositivas também podem ligar orações. Além disso, o autor também demonstrou que não é incomum constatar algumas variações na forma desses conectores, o que pode ser explicado pelo seu caráter ainda instável na língua.

Com base nessas informações, observe os trechos a seguir:

- (1) "A deslocação de João Lourenço a Cuba acontece 23 dias depois, através de o chefe de a diplomacia angolana, Manuel Augusto, ter enviado uma carta a o Miguel Díaz-Canel, em que 'enalteceu os laços históricos que unem os dois Estados.' # Em abril, o vice-presidente de o Conselho de Ministros de a República de Cuba, Ricardo Cabrisas Ruiz, esteve em Angola, *com o propósito de* reforçar os laços de amizade e identificar novas áreas para cooperação."¹⁷⁵
- (2) "A empresária Camila Cristina de a Silva é um exemplo de mulher negra que decidiu empreender apostando em a especialização

175

Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/presidente-de-angola-parte-para-cuba-em-visita-oficial-para-reforcar-cooperacao-11059889.html>. Acesso em: 12 set. 2023.

em cabelos afro para aproveitar o momento econômico favorável que surgiu a partir de essa demanda. Ela inaugurou o próprio salão em 2010, *com o propósito inicial* de atender a todo tipo de público, mas logo percebeu que a especialização seria um diferencial necessário, um indicativo que surgiu logo de as primeiras clientes.”¹⁷⁶

- (3) “As ligações eram feitas durante a noite com o objetivo de identificar a localização de a antena (ERB) mais próxima de o aparelho celular, viabilizando assim a intrusão, além de fazer com que o ataque não fosse descoberto. # O hacker ainda sequestrou identidades, se passando por procuradores e jornalistas em conversas com terceiros *no propósito rasteiro* de obter a confiança de seus interlocutores e assim conseguir mais informações. O hacker ainda tentou fazer contato com alguns procuradores utilizando-se de identidade virtual falsa e com tom intimidatório, mas suas investidas não foram aceitas por os procuradores.”¹⁷⁷

A partir da leitura dos três trechos anteriores, a) explique qual é a função morfossintática de *com o propósito de* no dado (1); b) por que o conector *com o propósito de* apresenta variação formal nos dados (2) e (3)?

No dado (1), *com o propósito de* cumpre o papel de conector de orações, com funcionamento análogo ao de uma conjunção adverbial final. Apesar de ser tradicionalmente concebido como locução prepositiva, esse conector também serve para introduzir orações não finitas (orações reduzidas) na língua portuguesa. Assim, além das conjunções adverbiais finais canônicas da gramática normativa (*para que, a fim de que* etc), o português em uso nos revela que também há outros

176 Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/economia/riopretoeregiao/sal-es-afro-movimentam-negocios-e-semeiam-empoderamento-1.849881>. Acesso em: 23 set. 2023.

177 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/10/entidades-comentam-mensagens-atribuidas-a-procuradores-da-lava-jato-e-a-sergio-moro-dallagnol-defende-imparcialidade-da-operacao.ghtml>. Acesso em: 23 set. 2023.

meios para codificar sintaticamente a noção de finalidade. Nesse caso, a locução prepositiva passa por um processo de expansão categorial, tendo em vista o seu novo papel de ligar também orações, e não só termos da oração, conforme indicado por Cunha e Cintra (1985).

No dado (2), observa-se o uso de *com o propósito inicial de*; no dado (3), atesta-se *no propósito rasteiro de*. Fica claro que ambos cumprem papel similar a *com o propósito de*, observado em (1), já que eles também veiculam a noção de finalidade. Por outro lado, a variação formal indica que esses conectores ainda não estão totalmente convencionalizados ou fixados na língua. A variação formal comprova a instabilidade e a maleabilidade da língua, tal como defendido pelos funcionalistas. A gramática é continuamente impactada pela necessidade que os falantes e escreventes apresentam de imprimir suas marcas, com o desejo de cumprir determinados propósitos comunicativos. Assim, a inclusão dos adjetivos “inicial” em (2) e “rasteiro” em (3) serve para marcar a subjetividade do autor, ou seja, esses elementos cumprem o papel de indicar que a finalidade expressa no dado (2) não é de qualquer natureza, mas de caráter inicial; já em (3), a noção de finalidade passa por um crivo avaliativo do escrevente, que deseja caracterizar a ação do hacker como uma atividade rasteira. Esses apontamentos rompem com a noção de invariabilidade, comumente defendida pelos gramáticos ao tratar dos conectivos da gramática em geral.

Nas línguas humanas, é muito comum os fenômenos da polifuncionalidade e da polissemia. O conceito de polissemia está usualmente atrelado a um jogo de perdas e ganhos em torno dos significados das palavras e expressões. A polifuncionalidade, por sua vez, é “atestada nos dados de uma determinada língua quando ocorrem recategorizações linguísticas que, por sua vez, dão origem a alterações tanto no plano da forma quanto no plano do significado” (Rosário; Lopes, 2022, p. 122). Em outras palavras, os elementos linguísticos, com o tempo e com maior frequência de uso, podem ganhar outros significados (polissemia) e outras funções (polifuncionalidade). Vejamos os dados a seguir:

- (4) “Miriam disse que com o tempo as coisas foram se ajeitando e o desconforto de estar *longe de* casa foi sumindo. A experiência pôde mostrar para a estudante como as pessoas diferentes de você agem e porque agem.”¹⁷⁸
- (5) “Muito amor envolvido? # Fazer hora extra não remunerada, ficar *longe da* família e até mesmo ouvir insultos e cobranças excessivas são vistos como comportamentos justificáveis entre pessoas que se relacionam de forma apaixonada com o trabalho.”¹⁷⁹
- (6) “Por duas vezes, cruzamentos do setor buscaram Rafael Sóbis, mas a bola sempre ficou com o goleiro Fernando Miguel. *Longe de* fazer um bom jogo, o Inter voltou a ter dificuldades jogando fora de casa. E o castigo veio no fim do primeiro tempo, com dois gols sofridos em menos de cinco minutos. O primeiro gol, aos 43 minutos, começou em jogada de Rossi.”¹⁸⁰

Com base na análise dos dados (4), (5) e (6), explique como a polifuncionalidade e a polissemia podem ser atestadas nos usos de *longe de*.

A polifuncionalidade de *longe de* fica clara quando comparamos os dados (4) e (5), de uso preposicional mais canônico, com o dado (6). Nos dois primeiros dados, *longe de* associa-se a “casa” e a “família”. Já em (6), *longe de* cumpre outro papel um pouco distinto, visto que liga uma oração não finita (“fazer um bom jogo”) ao seu núcleo. Com isso, *longe de* desloca-se de sua função prototípica

178 Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/05/13/estudante-de-rio-claro-grava-documentario-sobre-cenario-musical-na-africa-impagavel.ghtml>. Acesso em: 05 dez. 2022.

179 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48713659>. Acesso em: 5 dez. 2022.

180 Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/esportes/inter/inter-perde-para-o-vasco-em-s%C3%A3o-janu%C3%A1rio-1.344124>. Acesso em: 18 jun. 2023.

e passa a atuar na função de conector interoracional. Assim, (4) e (5) revelam usos mais convencionalizados, ao passo que (6) indica um uso mais inovador.

O fenômeno da polifuncionalidade está estreitamente associado ao da polissemia. Nos dois primeiros dados, caracterizados como usos mais prototípicos, *longe de* designa a noção de afastamento espacial. As expressões “longe de casa” e “longe da família” servem para localizar um determinado referente em função de um eixo distal. Cabe ressaltar, contudo, que há uma certa gradiência na expressão do espaço, já que “longe de casa” (dado 4) revela um afastamento espacial mais concreto e físico; “longe da família” (dado 5), por sua vez, indica um afastamento metaforizado, considerando que “família” não é um referente concreto (como casa), mas uma entidade que pode metonimicamente estabelecer esse tipo de relação.

O dado (6), por outro lado, é bem diferente, pois indica a noção semântica de exclusão. Ao migrar para o papel de conector de orações, *longe de* passa a cumprir também outro papel semântico na gramática. Assim, “longe de fazer um bom gol” nega, afasta ou exclui a possibilidade de um “bom gol”.

Afirmamos que afastamento espacial e exclusão são noções distintas, mas há, na verdade, uma relação direta entre ambas. Como indicado por Heine *et al.* (1991), o espaço tende a ser uma espécie de matriz ou base para o surgimento de noções semânticas mais abstratas. Com isso, por efeitos de persistência, muitas vezes alguns traços dos significados mais básicos e primitivos, de alguma forma, permanecem nos significados derivados. Voltando ao dado (6), quando lemos que o Inter está “longe de fazer um bom gol”, podemos pensar que “fazer um bom gol” está em um “lugar distante” do clube Inter. Em outras palavras, quando afastamos algo, automaticamente o excluímos. Daí a relação entre “afastamento” (semântica básica de *longe de*) e “exclusão” (semântica derivada de *longe de*).

Ao consultar as gramáticas normativas da língua portuguesa, no capítulo de orações subordinadas adverbiais, comumente encontramos nove tipos: causais, consecutivas, concessivas, conformativas, comparativas, finais, condicionais, temporais e proporcionais. Essa lista tem a pretensão de apresentar todas as noções semânticas possíveis de serem veiculadas por meio da subordinação adverbial. Contudo, sabemos que não é bem assim. Há muitas outras noções semânticas (ausentes da descrição gramatical normativa) que podem ser expressas por meio de relações interoracionais, como é caso das orações de exclusão instanciadas por *longe de*, como apresentado anteriormente. Com base nessas informações, observe os dados a seguir e explique como as orações destacadas poderiam ser classificadas:

- (7) “Aprendi muito de a vida e de os outros assistindo a filmes, analisa a atriz, que começou a fazer teatro em Maceió, para onde a família se mudou quando ela era adolescente. ‘Depois, vim morar em o Rio, *onde me formei em Artes Cênicas*. Porém, só comecei a trabalhar exclusivamente como atriz aos 29’ Karine Teles e Andrea Beltrão em a filmagem de Hebe.”¹⁸¹
- (8) “Lave os pedaços de frango, tempere-os com os tabletes de caldo de galinha e o suco de limão e deixe tomar gosto. Em uma panela grande, aqueça o azeite e doure os pedaços de frango. Adicione a cebola e deixe refogar ligeiramente. Junte o arroz, o extrato de tomate, o pimentão e 4 xícaras e 1/2 (chá) de água, *mexendo bem*.”¹⁸²
- (9) “Como ‘um cristão, Flávio — que é evangélico de a Igreja Batista—’ não teve outro intuito *a não ser tentar de alguma maneira levar conforto até os entes queridos*. ‘Chega de usar

181 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/a-situacao-atual-da-cultura-de-panico-diz-karine-teles-23661649>. Acesso em: 20 ago. 2023.

182 Disponível em: <https://imirante.com/namira/brasil/noticias/2019/03/23/galinhada.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2023.

nomes pejorativos para a menina ou de julgar a atitude de o Flávio.' # 'Nessa hora o partido político é o que menos importa, foram duas vidas ceifadas', lamentou outra. # A Folha procurou o deputado, sem obter resposta."¹⁸³

- (10) "Não estou muito otimista a respeito de que Neymar volte a jogar em esta temporada com o Barça', disse Martino em entrevista coletiva em este sábado. #A confirmação de a lesão foi feita em nota oficial enviada por o Barcelona para a imprensa. Segundo o clube catalão, o brasileiro sofreu uma lesão em o metatarso de o pé esquerdo."¹⁸⁴

Os dados (7), (8), (9) e (10) revelam usos reais da língua portuguesa, já que foram coletados em textos publicados na internet. Em todos eles há orações (unidades frasais organizadas em torno de um verbo) com algum nível de dependência em relação ao contexto. Além disso, todas elas expressam alguma noção circunstancial, o que as habilita ao grupo das chamadas orações hipotáticas, como são nomeadas as orações subordinadas adverbiais da Tradição.

Em (7), "onde me formei em Artes Cênicas" designa uma oração hipotática locativa, visto que o conectivo *onde* serve para localizar um referente no espaço. Essa oração tem sido explorada em algumas gramáticas como relativa sem antecedente. Esse é um debate ainda em aberto, mas a classificação de "onde me formei em Artes Cênicas" como hipotática locativa é perfeitamente cabível.

Em (8), temos uma oração hipotática modal, visto que "mexendo bem" designa o modo como os ingredientes devem ser manuseados por quem segue a receita. Alguns gramáticos chegam a propor que essa oração seja coordenada aditiva, com o que não concordamos. Afinal, "mexendo bem" não é uma ação que se soma

183 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/filho-de-bolsonaro-apaga-tuite-de-condolencias-a-familia-de-vereadora-assassinada.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2023.

184 Disponível em: <http://www.paraiba.com.br/2014/04/19/00188-tecnico-do-barca-nao-conta-mais-com-neymar-para-esta-temporadacomente>. Acesso em: 20 ago. 2023.

à anterior. Ao contrário, “mexer bem” deve ser algo realizado em concomitância com os comandos anteriores.

Em (09), temos uma oração hipotática de exceção. O conectivo “a não ser” tem valor análogo a “com exceção de” ou “exceto”. Trata-se de um uso voltado para a identificação de uma singularidade que deve ser afastada. É uma oração semelhante à de exclusão, já apresentada neste capítulo anteriormente. A diferença central entre elas é que as orações de exceção indicam um item (a ser afastado) de uma maneira mais pontual.

Por fim, em (10), temos uma oração hipotática de assunto. O conectivo “a respeito de que” pode ser substituído pela prototípica preposição “sobre”. A diferença é que o conectivo permite flexionar o verbo em uma determinada forma modo-temporal. Assim, a forma verbal “volte” está no futuro do subjuntivo, marcando bem quando a ação de retorno de Neymar ao clube de Barcelona se efetivará.

Além dessas orações, há outras, como as de favor, de meio, de companhia, de acréscimo etc. Os dados coletados em *corpora* permitem desvelar esses usos correntes na língua portuguesa. Assim, reiteramos que o estudo da conexão é um campo muito aberto à investigação, com resultados muito promissores na perspectiva funcionalista.

PARA SABER MAIS

BARRETO, Therezinha Maria Mello. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. Tese (Doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

Essa tese de doutorado rastreia todas as conjunções da língua latina à língua portuguesa. Trata-se de um trabalho bastante extenso, baseado em farta documentação. Serve como trabalho de apoio para todos os que se dedicam ao estudo dos elementos conjuntivos do português.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **História do Português Brasileiro**: mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2019.

Esse volume da coleção *História do Português Brasileiro* elege algumas orações e conectivos como ponto de investigação. A obra destaca aspectos diacrônicos desse estudo, o que pode facilitar o entendimento sincrônico das relações interoracionais.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: a construção das orações complexas. São Paulo: Contexto, 2016.

Esse volume da coleção *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* destaca o estudo das chamadas orações complexas. De modo aprofundado, apresenta as propriedades das orações coordenadas, subordinadas substantivas, hipotáticas (adverbiais), comparativas e correlatas.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Sintaxe Funcional. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (Org.). **Sintaxe, Sintaxes**: uma introdução. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 143-162.

Trata-se de um capítulo que visa a apresentar a sintaxe à luz de uma fase moderna dos estudos funcionalistas, a qual tem sido denominada Linguística Funcional Centrada no Uso. Com base em uma abordagem construcional, o autor apresenta a sintaxe funcional e ilustra o assunto com dados de conexão aditiva.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. **Revista Matraca** — UERJ, v. 29, n. 56, p. 362-378, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/62105>. Acesso em: 23 set. 2023.

Esse artigo científico oferece um panorama geral de um grupo de conectores comumente escamoteados pela tradição gramatical. São os conectores da rede [X de]_{connect'}, tais como *perto de*, *antes de*, *longe de*, *com o intuito de* etc. Esses conectivos têm a especificidade de ligar orações não finitas (reduzidas) na língua em uso.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 2v. 1999. Tese (Doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. **História do Português Brasileiro**: mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2019.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. **Linguística Funcional Centrada no Uso**: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 13-40.
- HEINE, Bernd *et al.* **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (Org.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996. p. 191-220.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo A visão funcionalista da linguagem. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola, 2015. p. 11-20.

MAURI, Caterina; RAMAT, Anna Giacalone. The development of adversative connectives in Italian: stages and factors at play. **Linguistics**, Estados Unidos, v. 1, p. 1-36, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: a construção das orações complexas. São Paulo: Contexto, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. Análise funcional de conectivos em português: da abordagem clássica à construcional. **Revista de Letras**, Brasil, v. 38, n. 2, 2019. p. 22-32.

PERINI, Mário. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Construções aditivas na perspectiva da LFCU: entre coordenação, hipotaxe e correlação. *In*: DIAS, Nilza Barrozo; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). **Estudos sobre o Português em Uso**. 1 ed. Uberlândia: Pangeia, 2020. p. 107-120. Disponível em: <https://editorapangeia.com.br/product/estudos-sobre-o-portugues-em-uso/#:~:text=Nesta%20obra%2C%20voc%C3%AA%20encontra%20pesquisas,pesquisas%20recentes%20sobre%20o%20portugu%C3%AA>s. Acesso em: 23 set. 2023.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Esquema [X de]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. **Revista Matraca**, v. 29, n. 56, p. 362-378, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/62105>. Acesso em: 23 set. 2023.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Sintaxe Funcional. *In*: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (Org.). **Sintaxe, Sintaxes**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015. p. 143-162.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Gramática emergente e ensino: algumas contribuições da Linguística Funcional Centrada no Uso. *In*: OLIVEIRA, Mariangela Rios; WILSON, Victoria. **Discurso e Gramática**: entrelaces e perspectivas. Curitiba: CRV, 2022. p. 111-135. Disponível em: <https://www.editoracrv.com.br/producao/detalhes/36774-discurso-e-gramaticabr-entrelaces-e-perspectivas-brcoleccion-pplin-presente-brvolume-1>. Acesso em: 23 set. 2023.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; SOUZA, Brenda da Silva. Rede dos conectores correlativos aditivos do português — uma abordagem diacrônica. **A Cor das Letras**, v. 22, p. 86-110, 2021. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/6331>. Acesso em: 23 set. 2023.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.



8

Violeta Virginia Rodrigues

CLÁUSULAS INSUBORDINADAS NO PORTUGUÊS EM USO

RESUMO

Nas descrições dos períodos compostos no âmbito das gramáticas tradicionais, afirma-se que as orações subordinadas são dependentes de sua principal. Com base nessa assertiva, pode-se, pois, concluir que não seria possível haver subordinada sem a respectiva principal. No entanto, observando a própria análise tradicional, conseguimos detectar usos que contrariam essa premissa. Adotando perspectivas analíticas mais recentes, encontramos explicações e motivações para o uso de subordinadas de forma independente, ou seja, sem a principal (Evans; Watanabe, 2016). Tal possibilidade não é novidade nos estudos linguísticos, mas ganhou relevância a partir do trabalho seminal de Evans (2007), que cunhou o termo *in subordinada* para descrever a existência de estruturas com forma de subordinada, mas comportamento sintático, semântico e pragmático autônomo, como se vê em *Se eu tivesse uma voz bonita*. O presente capítulo pretende descrever estruturas *in subordinadas* como essa no português do Brasil, identificando seus padrões formais e sua função pragmática (Beijering; Kaltenböck; Sansiñena, 2019).

CONHECENDO O FENÔMENO

As estruturas linguísticas com forma de oração subordinada, mas com comportamento de oração principal, ou seja, independentes do ponto de vista sintático e semântico, ou foram desconsideradas pelos estudos linguísticos ou têm sido analisadas como anomalias em diferentes línguas. A partir do estudo de Evans (2007), não só foram rotuladas de in subordinadas como também começaram a ser estudadas de forma mais sistematizada. Os exemplos a seguir ilustram usos de tais estruturas:

- (1) “Que comecem os jogos.” [Fonte: propaganda de jogos de computador]
- (2) “Se nos deixam.” [Fonte: título de programa de TV]
- (3) “A luta para conter a expansão da pandemia gerou alguns efeitos colaterais positivos. Como a disseminação do *home office*, o trabalho à distância, que os americanos chamam de *smart office*. *Porque é mesmo mais produtivo e dispensa espaço.*” [Nelson Motta, *O Globo*, 27 mar. 2010]

Em (1), temos uma oração com forma de subordinada completa, mas sem a oração matriz¹⁸⁵ em que se encaixe, cujo padrão é introdutor QUE mais SV (sintagma verbal — comecem) mais SN (sintagma nominal — os jogos); em (2), temos uma subordinada adverbial sintaticamente desvinculada de sua principal, cujo padrão é introdutor SE mais SV (deixam). Em (3), a in subordinada destacada parece uma adverbial também, mas, diferente de (2), se estabelece uma relação de causalidade em relação às estruturas materializadas

185

Normalmente, a nomenclatura matriz é empregada nas teorias formalistas para se referir ao que nas gramáticas tradicionais se denomina principal. Já a nomenclatura cláusula é geralmente empregada nos trabalhos de pressupostos teóricos funcionalistas.

anteriormente a ela no cotexto.¹⁸⁶ O padrão da estrutura é introdutor PORQUE mais SV (é) mais SN (mesmo mais produtivo e dispensa espaço). No entanto, as estruturas "*A luta para conter a expansão da pandemia gerou alguns efeitos colaterais positivos*" e "*Como a disseminação do home office, o trabalho à distância, que os americanos chamam de smart office*" e a insubordinada "*Porque é mesmo mais produtivo e dispensa espaço*" não configuram uma única unidade linguística, ou seja, não compõem um período composto, nos termos da abordagem tradicional. Além disso, vale notar que a insubordinada se separa dessas por ponto final, um dos aspectos formais característico da insubordinação na língua escrita atestado em alguns trabalhos (Decat, 1999; 2011; 2019; 2021; Rodrigues, 2011; 2019; 2021, mesmo que não empregando o rótulo insubordinação). Tais estruturas constituem um problema para a descrição linguística porque permitem questionar a relação de (in)dependência sintática, semântica e pragmática entre orações no âmbito do período composto. Isso porque as orações antes mostradas se comportam como principais, subsistem sozinhas e funcionam como unidades informacionais, sendo bem mais frequentes do ponto de vista do uso do que pensamos, não só na fala, mas também na escrita. Além das características antes comentadas, vale registrar que as propriedades que as aproximam das subordinadas são os introdutores (que podem ser conjunções integrantes, conjunções subordinativas e pronomes relativos), a forma desenvolvida e reduzida, os tempos e modos verbais empregados, sem contar as relações semânticas, aspectos esses observados em várias vertentes teóricas.

Os exemplos antes listados, de fontes variadas, visam a não só a exemplificar as insubordinadas, como também mostrar as situações comunicativas em que elas são empregadas. Bybee (2010, p. 10) afirma que:

186

A noção de cotexto é utilizada para dar conta do material estritamente linguístico, principalmente, no âmbito da articulação de orações, dentro de um mesmo período gráfico e/ou sintático, que não extrapola o nível sentencial.

muito frequentemente o significado é fornecido pelos contextos nos quais uma construção ocorre com frequência, levando à mudança. Palavras e construções que são usadas em determinados contextos tornam-se associadas a esses contextos. Se “what’s up?” ocorre frequentemente como a primeira expressão quando as pessoas se encontram, torna-se uma saudação e não requer mais uma resposta literal. Os ouvintes fazem inferências a partir do contexto em que as construções ocorrem, e essas inferências podem se tornar parte do significado da construção.

O conteúdo do excerto de Bybee (2010) se relaciona com a discussão aqui proposta sobre a insubordinação no português do Brasil escrito, que se filia a linguística funcional centrada no uso (LFCU) adotada pela linguista, à medida que concebe a língua sendo moldada pelo discurso/uso e sofrendo as vicissitudes dele. A premissa da língua em uso tão cara a essa perspectiva teórica pode ser observada pelos vários exemplos de insubordinadas em diferentes situações comunicativas, tipos e gêneros textuais, evidenciando a produtividade dessas estruturas na língua escrita.

Assim como em outras línguas, no português do Brasil (PB), a falta de estudos sobre insubordinação também se verifica; a primeira autora a analisar insubordinadas foi Hirata-Vale (2017). No entanto, temos remissão indireta a tais estruturas tanto em gramáticas tradicionais quanto em trabalhos acadêmicos mais recentes. Góis (1943) refere-se a elas como anomalias gramaticais; Garcia (1975) e Oliveira (2007) como orações fragmentárias; Cunha e Cintra (1985) como casos de segmentação de períodos compostos em orações absolutas; Bechara (1999) como casos de independência sintática; Decat (1999; 2011; 2019; 2021) denomina tais estruturas de desgarradas e não as trata como anomalias, mas como estratégia de focalização de informação bem como Rodrigues (2011; 2019; 2021); Silvestre e Rodrigues (2014); Rodrigues e Fontes (2018); Cavalcante e Rodrigues (2018); Rodrigues e Silvestre (2019); Rodrigues; Gonçalves (2020);

Rodrigues e Cidade (2021); já Rodrigues (2021) refere-se a elas como cláusulas¹⁸⁷ sem núcleo.

Assim, descreveremos ao longo deste capítulo as estruturas insubordinadas em PB, com base na premissa de que a insubordinação parece contrariar as tendências unidirecionais observadas no domínio da gramaticalização¹⁸⁸ e da combinação de orações, pelas quais elementos pragmáticos mais soltos tornam-se mais integrados à estrutura sintática, conforme anunciam Beijering, Kaltenböck e Sansiñena (2019). A insubordinação, segundo eles, relaciona-se ao desenvolvimento da oração subordinada à oração principal, ou seja, da morfossintaxe ao discurso e, em seu estágio inicial, da gramática à pragmática.

Beijering, Kaltenböck e Sansiñena (2019) afirmam também que o fenômeno da insubordinação permite englobar uma gama de construções com realizações formais diferentes e que podem ter surgido de variados mecanismos, cujas funções podem ser mapeadas interlinguisticamente, mas com diferentes conjuntos em diferentes línguas. Além disso, variam de escopo, que pode ser a sentença,¹⁸⁹ pares de sentenças adjacentes, trechos maiores de discurso, como

187 Cláusulas podem ser entendidas como unidades informacionais portadoras de verbo ou não. No caso deste trabalho, estão equivalendo a orações, portanto, unidades informacionais que têm verbo.

188 Mecanismo de mudança linguística pelo qual estruturas gramaticais se tornam mais gramaticais ainda, podendo acarretar ou não mudança nas categorias gramaticais de origem, isto é, podendo afetar o significado sem alterar a forma. O conector *porque*, por exemplo, na sincronia atual, pode introduzir tanto orações subordinadas adverbiais causais quanto orações coordenadas explicativas. Do ponto de vista da forma, temos uma mesma palavra, mas sentidos diferentes do ponto de vista da descrição tradicional, cujas nomenclaturas antes empregamos. O mesmo se observa com *quando*, que pode ter matiz temporal, condicional ou concessivo, por exemplo. Já o conector *embora*, que empregamos, geralmente, para introduzir orações subordinadas concessivas, originou-se da fusão da preposição *em* mais o adjetivo *boa* e o substantivo *hora*, por meio de acomodações fonético-fonológicas e morfossintáticas na história da língua portuguesa, em que observamos todos esses vocábulos ainda existindo e o novo que surgiu proveniente da gramaticalização, que, nesse caso, envolveu mudança de forma e significado.

189 Sentença, nesse caso, equivale a oração.

bem observa Mithun (2019). Esta autora critica a dependência de relações discutidas originariamente em Evans (2007), porque essa se centrava na sentença, incluindo a principal que sofreu elipse.¹⁹⁰

Tendo em vista que, de acordo D’Hertefelt e Verstraete (2014), a distinção entre (in)dependência sintática e pragmática no âmbito da insubordinação ainda não foi bem delineada na literatura sobre o tema, apresentamos alguns padrões formais das insubordinadas em PB, apontando suas funções pragmáticas de forma mais geral. Isso porque grande parte dos estudos na área se concentram mais nas funções pragmáticas das insubordinadas e na modalidade falada.

A noção de insubordinação geralmente usada na literatura envolve um padrão diacrônico e um sincrônico. Pelo padrão diacrônico, uma cláusula anteriormente subordinada passa a ser usada independentemente (proposta original de Evans, 2007) e, pelo padrão sincrônico, uma cláusula independente é estruturalmente similar a uma subordinada (proposta de Cristofaro, 2016, por exemplo).

Segundo Evans (2007), a insubordinação é o uso convencionalizado de cláusulas principais que parecem ser, formalmente, subordinadas. Para o autor, as insubordinadas mais comuns são cláusulas relacionadas a controle interpessoal e, geralmente, aparecem na forma de complementos de predicados de pedidos, desejos, possibilidade ou, ainda, orações finais com implícitos condicionais. Além disso, de acordo com o autor, a insubordinação é bastante utilizada para expressar significado modal (epistêmico e deôntico), é frequente em proposições de espanto e de desapontamento e, ainda, é comum na indicação de material pressuposto no contexto¹⁹¹ discursivo da sentença.

190 Elipse é entendida na literatura sobre insubordinação como mecanismo pelo qual uma cláusula principal é omitida em uma sentença complexa e a cláusula subordinada assume o significado originalmente associado à sentença como um todo.

191 A noção de contexto envolve os elementos do nível extralinguístico, ou seja, para além da sentença em que ocorre a situação comunicativa, seja falada ou escrita.

A argumentação de Evans (2007) em defesa das construções insubordinadas se concentra na elipse de uma cláusula principal. No quadro a seguir, se observa a trajetória de insubordinação proposta pelo autor:

Quadro 8.1 – Trajetória de insubordinação

Subordinação	Elipse	Elipse convencionalizada	Reanálise como uma estrutura principal
(1)	(2)	(3)	(4)
Construção subordinada	Elipse da oração principal	Restrição à interpretação do material elíptico	Uso convencionalizado como principal de oração originalmente subordinada (construcionalização)

Fonte: Evans (2007, p. 370).

A ausência da suposta principal tem recebido críticas dos estudos posteriores ao de Evans (2007) que asseveram que a elipse tem um número limitado de contextos para ocorrer. Tudo indica que ela pode ser favorecida pela frequência da construção de origem. Vejamos, então, resumidamente algumas propostas que questionam a de Evans (2007).

De acordo com Mithun (2008), o conteúdo informacional manifestado pelas construções insubordinadas evoca uma explanação, uma avaliação emotiva, um *background* do evento principal da narrativa ou de um tópico discursivo principal. Para a linguista, não ocorre um apagamento da oração principal, mas sim um processo discursivo por meio do qual uma oração anteriormente ligada, na sintaxe, a uma principal, passa a ter seu funcionamento avaliado em um nível textual-discursivo.

Segundo Cristofaro (2016), os mecanismos que levam à insubordinação são a elipse (Evans, 2007), a extensão funcional (Mithun,

2008) e o desengajamento clausal (Cristofaro, 2016). A extensão funcional é uma expansão de uso das cláusulas subordinadas que se assemelham contextualmente a alguns tipos de cláusulas independentes. O desengajamento clausal é o enfraquecimento da ligação entre a cláusula subordinada e a principal que a acompanha. As cláusulas, que nesse caso não possuem propriedades pragmáticas especiais que as separariam, são proferidas após pausa ou trecho de material linguístico interventor. O desengajamento clausal envolve uma enorme variedade de contextos. Mais adiante exemplificaremos os mecanismos antes mencionados.

TENDÊNCIAS DE USO

Beijering, Kaltenböck e Sansiñena (2019) afirmam que há níveis de (in)dependência que devem ser distinguidos na insubordinação — sintático, semântico, pragmático, diádico; que há características formais e funcionais que permitem descrever sincrônica e diacronicamente as insubordinadas; que há um gradiente entre os diferentes tipos de autonomia nas insubordinadas; e que a insubordinação é um domínio da combinação de cláusulas. Para tentarmos dar conta de todos esses aspectos, há que se adotar uma concepção de gramática não mais voltada para a sentença,¹⁹² e sim para o discurso, que é tomado aqui tanto como processo como atividade à luz da gramática tética.

A gramática tética concebe o discurso como uma rede de componentes interligados e que compreendem a organização do texto, a fonte de informação, as atitudes do falante, a interação

192 Na teoria formalista, emprega-se, normalmente, a noção de sentença como similar a oração e sentença complexa como similar ao que denominamos, na tradição, período composto. Ao longo desse texto, várias nomenclaturas têm sido empregadas por diferentes autores. Isso ocorre porque na abordagem da insubordinação encontramos trabalhos de viés formalista, funcionalista e cognitivista ou, ainda, que adotam pressupostos vários para explicar a insubordinação.

falante-ouvinte, o discurso ambiente e o conhecimento de mundo. Assim, as chamadas orações téticas relacionam-se à situação imediata do discurso, mais especificamente aos componentes da interação falante-ouvinte, atitude do falante, escrevente-leitor,¹⁹³ atitude do leitor e organização do texto (Kaltenböck, 2019). De um modo geral, os téticos são pedaços de discurso desconectados sintaticamente, que por meio da cooptação mudam de um domínio para outro.

Cooptação, segundo Heine, Kaltenböck, Kuteva e Long (2017), é uma operação cognitivo-comunicativa pela qual fragmentos de discurso localizados em um domínio são transferidos para outro domínio linguístico. A unidade cooptada (UC) é uma unidade de informação que é sintática, prosódica e semanticamente autônoma. Nas palavras dos autores:

Cooptação é uma operação pela qual um pedaço da Gramática de Frase, como uma cláusula, uma frase, uma palavra ou qualquer outra unidade é implantada para uso como uma unidade cooptada (Kaltenböck *et al.*, 2011, p. 874–875). Suas funções são determinadas pela situação do discurso, servindo (a) para empacotar segmentos maiores de um enunciado, (b) para superar as restrições impostas por linearização na estruturação de textos, (c) para aumentar a coerência do texto, (d) para colocar um texto em uma perspectiva mais ampla, por exemplo, fornecendo uma explicação, um comentário ou informações complementares, (e) para descrever o estado interno do falante e (f) para interagir com o ouvinte (Heine *et al.*, 2016). (Heine; Kaltenböck; Kuteva; Long, 2017, p. 828)

Como se pode perceber, a cooptação é uma operação sincrônica e, como tal, permite-nos questionar a proposta de Evans (2007) baseada na elipse da principal, adotando a noção de mudança linguística (cf. Quadro 1) que não foi atestada empiricamente em seus trabalhos. Assim, as construções insubordinadas sincronicamente

193

Os autores não mencionam essa possibilidade, nós é que a acrescentamos tendo em vista a natureza de nossos *corpora* de língua escrita.

podem ser associadas ao uso independente de construções principais exibindo características à primeira vista de cláusulas subordinadas tais como subordinadores, verbos no modo indicativo ou subjuntivo, ordem das palavras nas orações subordinadas, dependendo dos marcadores de subordinação específicos de cada língua. Nesse sentido, pode-se afirmar que as construções insubordinadas funcionam como cláusulas independentes do ponto de vista sintático, semântico e pragmático. Defendemos, neste trabalho, a hipótese de que é muito difícil estabelecer um único padrão de insubordinação seguindo o raciocínio de Evans (2007; 2016). Sendo assim, propomos alguns padrões de insubordinação para o português do Brasil escrito. Justifica-se tal proposta pelo fato de haver poucos estudos sobre insubordinação na modalidade escrita do português na perspectiva sincrônica e a grande parte dos estudos sobre insubordinação adotar corpora de língua falada.

A fim de melhor compreendermos os padrões que serão apresentados a seguir, vale chamar atenção para um aspecto formal que pode levar a uma compreensão distinta da insubordinação, ou seja, o fato de haver alguma oração materializada antes da insubordinada ou não. Decat (2021), por exemplo, explicita que só há desgarradas quando for possível recuperar alguma estrutura no cotexto anterior, o que Rodrigues (2019; 2021) já havia defendido. Seguindo esse raciocínio, os exemplos (1) e (2) não seriam desgarradas para a autora, mas apenas o exemplo (3). Tal distinção é possível e pode continuar sendo feita, mas, do ponto de vista descritivo, denominar tanto os casos em que há material linguístico antes a ser recuperado como também informações que extrapolam o nível sentencial e que ajudam na compreensão do fenômeno, permite englobar um número muito maior de dados e estão em consonância com a premissa de que a insubordinação tem um escopo muito mais abrangente, ideia com a qual concordamos. Por isso que Rodrigues (2022) abandonou a distinção já feita entre desgarramento cotextual, contextual e inerentemente pragmático e, ainda, entre desgarramento

e insubordinação, para atualmente reunir todas as manifestações estruturais da materialização linguística de estruturas que, mesmo guardando semelhanças com as subordinadas, são usadas de forma independente, sob o rótulo de insubordinadas.

PADRÕES DE USO DO FENÔMENO

Rodrigues (2022), com base em vários trabalhos desenvolvidos sob sua orientação e que adotaram corpora diversos, estabeleceu padrões de insubordinação no português em uso (Affonso Jr.; Rodrigues, 2022; Neves; Rodrigues, 2022; Rodrigues; Cidade, 2021; Rodrigues; Baroni, 2021; Baroni; Rodrigues, 2021). Sendo assim, os dados aqui exemplificados proveem de diferentes corpora e levam em conta análises já empreendidas pela autora.

Como dissemos, os primeiros trabalhos sobre insubordinação voltaram-se para línguas ágrafas e se centraram na perspectiva interlinguística e, em sua maioria, embora mencionem a existência de padrões de insubordinação diferentes, problematizam mais as funções pragmáticas da insubordinação. De uma maneira bem ampla, as funções pragmáticas da insubordinação mais exploradas pelos autores que abordam o tema são a insubordinação diádica ou colaborativa, a insubordinação discursiva e a insubordinação modal, que podem ser ainda subdivididas em outros tipos, o que não faremos aqui. Essa constatação foi a principal motivação para que nos dedicássemos à descrição dos padrões, sem, contudo, desconsiderar a função pragmática das insubordinadas. Exemplificamos a seguir essas funções pragmáticas da insubordinação:

- (4) BETO (F.Q.)
Tá, mas sozinha ela não ficou por lá.
TIJOLO
Achou um gringo...
BETO

... que já convidou ela pra comer um galetto...

TIJOLO

...tomar uma graspa.

CASCÃO

Filha da mãe!

*Fonte: Roteiro de Antes que o mundo acabe, de Ana Luiza Azevedo,
Giba Assis Brasil, Jorge Furtado e Paulo Halm – 2010.*

No exemplo ilustrado, temos destacada uma insubordinação diádica, ou dialógica ou colaborativa, já que o escopo da insubordinada se estende por duas cláusulas, configurando um mecanismo de coconstrução no discurso interativo. Sansiñena (2015) denomina esse caso de insubordinação conectiva, já que as orações se referem a um discurso anterior dentro do mesmo evento comunicativo. Kaltenböck (2019) denomina essa possibilidade de insubordinação elaborativa, dizendo que se relaciona ao critério de (in)dependência pragmática. D'Hertefelt e Verstraete (2014) denominam esse uso de insubordinação elaborativa, tendo em vista que tais estruturas elaboram sobre algo que foi dito anteriormente pelo mesmo falante ou por outro, pragmaticamente dependente do cotexto anterior. Pode ser visto, por isso, de acordo com esses autores, como um tipo diferente de insubordinada, já que ocorre fora da insubordinação, como mudança de dependência. Também pode ser interpretada à luz do conceito de desengajamento clausal, porque tem forma de subordinada, mas está relacionada a outra(s) cláusula(s), que não constitui(em) um único ato de fala, principalmente, em narrativas e no discurso direto (Cristofaro, 2016). O padrão dessa insubordinada é introdutor QUE mais SV (convidou) mais PRON (ela) mais SV (para comer um galetto). Além disso, um aspecto interessante a ser comentado sobre o exemplo (4) é que o título do roteiro de cinema do qual o dado foi retirado é também uma insubordinada, cujo padrão é introdutor ANTES QUE mais SN (o mundo) mais SV (acabe).

(5)

Figura 8.1 – Exemplo 5

Quando a fofoca vem com print



Fonte: Postagem de Whatsapp.

Na postagem anterior, verifica-se uma dependência pragmática do discurso no uso da insubordinada, sendo seu uso, por isso, chamado de insubordinação discursiva. Segundo Mithun (2019), são cláusulas que não são dependentes de uma oração matriz específica, na língua falada ou escrita, no contexto anterior do mesmo turno ou de outro, seu contexto é a situação do discurso. Gras (2016) afirma que essas orações apontam para um evento que pode ser diretamente observado ou inferido do contexto situacional, denominando-o de insubordinação discursiva, porque por meio dele se codifica uma posição do falante em relação à proposição. O padrão da insubordinada, nesse caso, é introdutor QUANDO mais SN (a fofoca) mais SV (vem com print).

(6) “São tempos nada engraçados e pouco poéticos. O que não significa que não tenha gente fazendo humor para esquecer a dor.” [Veríssimo, em entrevista ao O Globo, mar. 2020]

No fragmento de entrevista antes apresentado, temos destacado um caso de insubordinação modal, por meio do qual se expressa,

como o próprio nome indica, uma avaliação modal sobre o que o escrevente afirma (Gras, 2016). Tais estruturas também são denominadas de insubordinadas expressivas, porque têm escopo sobre a sentença como um todo (D’Hertefelt; Verstraete, 2014). Estruturas como essas podem ainda ser explicadas à luz do conceito de extensão funcional, porque indicam padrões de dependência gramatical que podem ser estendidos da sentença para um discurso mais amplo e para domínios pragmáticos ainda mais amplos (Mithun, 2008). O padrão aqui é introdutor O QUE mais SV (não significa) mais SV que não tenha gente fazendo humor para esquecer a dor.

Apresentadas resumidamente as funções pragmáticas da insubordinação, passemos aos padrões da insubordinação que já identificamos em nossas análises de corpora diversos. O primeiro padrão que identificamos em nossas análises desde Rodrigues (2011) contempla estruturas formadas por INTRODUTOR + SV + SN (cf. Exemplos 7, 8, 9), podendo haver uma pequena variação na estrutura para INTRODUTOR + SN + SV (cf. Exemplo 10). Os exemplos (7) e (8) aproximam-se porque podem ter o mesmo introdutor QUE, no entanto, diferenciam-se pelo modo verbal empregado, que em (7) é o modo subjuntivo e em (8) é o modo indicativo. Passemos, então, aos exemplos:

- (7) “Que seja doce” [título de programa de TV]
- (8) “Não existe ainda o tratamento, os remédios, a vacina redentora. Que faria da verdade básica a verdade completa. Ainda que efêmera.” [Joaquim Falcão, O Globo, 29 mar. 2020]
- (9) “A missão de Mandetta, em sua circunstância excepcional, é esclarecer e não confundir. Para tentar salvar milhares de vidas. Acima das picuinhas e dos cebolinhas.” [Ruth de Aquino, O Globo, 10 abr. 2020]
- (10) “Quando sua marca precisa causar” [propaganda em outdoor, Juiz de Fora/MG, 2023]

O segundo padrão observado envolve a estrutura constituída por SN + INTRODUTOR + SV (cf. Exemplos 11 e 12), sendo o introdutor normalmente preenchido por QUE. Observemos alguns dados:

- (11) "Conversas que inspiram" [subtítulo de programa de TV]
(12)

Figura 8.2 – Exemplo 12



Fonte: Postagem de Whatsapp.

O terceiro padrão envolve estruturas constituídas por INTRODUTOR + SV (cf. Exemplo 13), podendo o verbo estar no indicativo ou no subjuntivo. A variação possível nesse caso é INTRODUTOR + PRON + SV (cf. Exemplo 14). Os exemplos são apresentados a seguir:

- (13) "Quando me apaixonoo" [título de novela]
(14) "Se você soubesse..." [fala de personagem de novela]

Como se pode verificar, os padrões estabelecidos guardam semelhança com orações já conhecidas por nós falantes-escreven-

tes. Assim, no exemplo (7), a estrutura lembra a de uma oração com função de objeto direto, um caso de completiva em abordagens mais recentes; (8), (11) e (12) lembram estruturas com função de adjunto adnominal, casos de relativas, também em abordagens mais recentes; (9), (13) e (14) lembram estruturas com função de adjunto adverbial, hipotáticas em abordagens mais recentes. Tendo em vista que estamos assumindo que as insubordinadas devem ser vistas como estruturas que têm comportamento sintático, semântico e pragmático bastante singular, não faz sentido, portanto, ao identificá-las, fazermos associação com os rótulos das subordinadas com as quais se assemelham do ponto de vista da forma, como já fizemos e que notamos nos trabalhos revisitados. Ao identificarmos os padrões, além de verificarmos que todos podem cumprir diferentes funções pragmáticas, também podemos observar que um mesmo padrão pode veicular mais de uma função pragmática na situação comunicativa. Por isso, a necessidade de estabelecer os padrões antes apresentados. Os exercícios que propomos a seguir visam a mostrar o comportamento das insubordinadas em diversos contextos de usos.

Martelotta (2011, p. 83) já alertava sobre a importância do contexto para a análise dos usos linguísticos. Resgatemos, então, as palavras do autor:

[...] falante e ouvinte negociam sentido de maneira interativa, ou seja, o emissor, ao exercer o seu turno comunicativo, sugere que o receptor infira novos sentidos, trabalhando com dados contextuais específicos daquela situação de comunicação. Essa inferência ou implicatura pode ser meramente conversacional, ou seja, pode se manter naquele contexto de ambiguidade. Por outro lado, essa inferência pode se tornar convencional, ou seja, pode se generalizar incorporando-se às construções disponíveis no sistema, o que ocorre com a adoção definitiva do novo sentido e a extensão para contextos de uso mais gerais.

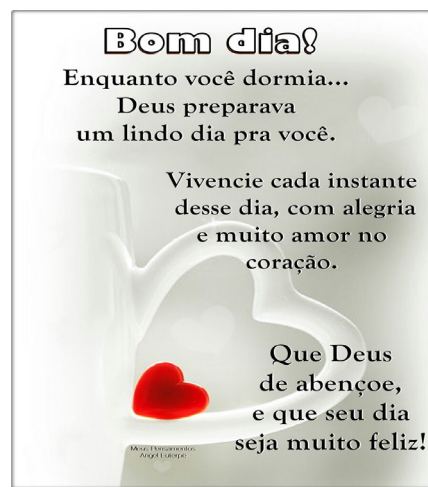
TEORIA NA PRÁTICA

Analisar a língua em uso pressupõe observá-la nas mais variadas situações comunicativas, levando em conta tanto o contexto quanto o(s) contexto(s) de uso(s) envolvido(s). Sendo assim, seguem cinco propostas de exercícios para colocar em prática os pressupostos teóricos antes apresentados.

1. Observe as seguintes estruturas:
 - a) Enquanto você dormia, Deus preparava um lindo dia pra você.
 - b) Deus preparava um lindo dia pra você, enquanto você dormia.

Nos dois períodos compostos por subordinação antes mostrados, temos a oração principal “Deus preparava um lindo dia pra você” em a) posposta à oração subordinada adverbial temporal “Enquanto você dormia”, já em b) está anteposta à subordinada adverbial. A mobilidade posicional das adverbiais é uma das propriedades mais utilizadas para diferenciá-las das outras subordinadas e, ainda, seus introdutores caracterizados por indicarem relações semânticas. Aponte semelhanças e diferenças entre a subordinada adverbial empregada em a) e b) com a estrutura da postagem a seguir coletada do corpus do WhatsApp constituído de agosto de 2020 a agosto de 2021. Para dar conta dessa tarefa observe e compare o introdutor da estrutura, os sinais de pontuação empregados entre elas, os períodos em que estão, a relação semântica em foco, além de seu comportamento na situação comunicativa.

Figura 8.3 – Exercício 1



Fonte: Postagem de Whatsapp.

2. As duas postagens que se seguem fazem parte de um corpus constituído de agosto de 2020 a agosto de 2021, cujas mensagens foram coletadas do WhatsApp. Leia-as com atenção e identifique:
 - a) a estrutura semelhante nas duas postagens;
 - b) do ponto de vista do uso, no contexto comunicativo em que foram empregadas, o efeito de sentido produzido nessas postagens;
 - c) do ponto de vista da descrição gramatical, diferenças entre as duas estruturas identificadas por você nas postagens.

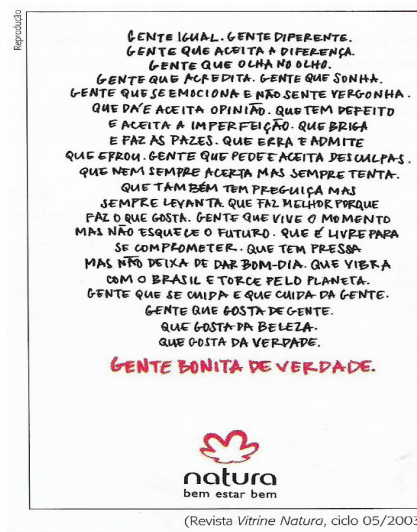
Figura 8.4 – Exercício 2



Fonte: Postagem de Whatsapp.

3. Na propaganda a seguir foram usadas várias estruturas insubordinadas. Observe tais usos e faça o que se pede.
 - a) Retire do texto dado pelo menos duas delas.

Figura 8.5 – Exercício 3



Fonte: Propaganda da Natura.

- a) O uso das estruturas insubordinadas na propaganda da Natura prejudica a coesão e coerência textuais? Justifique sua resposta.
- b) O introdutor das insubordinadas na propaganda é o mesmo que foi usado nas postagens do WhatsApp das questões 1 e 2. Compare os dois usos dos introdutores dessas insubordinadas e indique os padrões formais em foco.
4. No fragmento de texto literário a seguir, observe a estrutura insubordinada destacada em *itálico*.

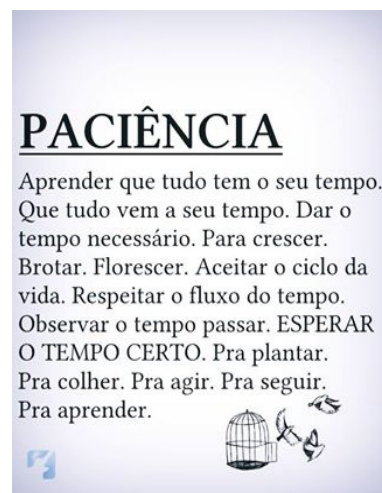
“Um ano tem 365 dias — ou seja, 8760 horas. Deduza oito horas por dia de sono. Deduza cinco dias de trabalho por semana, a oito horas por dia, durante quarenta e nove semanas (descontando, digamos, um mínimo de duas semanas de férias, e mais uns sete dias de feriados). Deduza duas horas diárias, empregadas em condução.

Nessa base, sobram-lhe 1930 horas por ano. Para você fazer o que quiser.”

[Clarice Lispector, sob o pseudônimo de Ilka Soares — periódico Diário da Noite, fevereiro de 1961]

- a) Do ponto de vista comunicativo, que informação a insubordinada destacada realça? Na sua opinião qual efeito de sentido produzido com tal uso? Justifique sua resposta.
- b) Compare o uso da insubordinada do fragmento de texto anterior com os usos das insubordinadas da postagem a seguir, retirada do mesmo corpus das questões 1 e 2, e diga se, do ponto de vista comunicativo, cumprem a mesma função.

Figura 8.6 — Exercício 4



Fonte: Postagem de Whatsapp.

- c) Identifique as insubordinadas da postagem anterior bem como seu(s) padrão(ões) estrutural(is).
5. Nos exemplos anteriormente mostrados, há orações para as quais a gramática tradicional e abordagens teóricas mais recentes apresentam análises diferentes. Com base nessa ideia, discuta a afirmativa a seguir:

"[...] armando-se o período composto por subordinação assim a modo (como já o dissemos) de uma 'constelação sintática' —, a verdade é que a dita ORAÇÃO PRINCIPAL, JUNTAMENTE COM AS DEMAIS, forma um bloco sintático-semântico de tal ordem uno e coeso, que não podem ter separadas as partes que o integram." (Rocha Lima, 1998, p. 286)

PARA SABER MAIS

Elencamos a seguir cinco trabalhos sobre insubordinação na língua portuguesa, a fim de ilustrar a aplicação dos pressupostos teóricos brevemente revisados por nós. Que a leitura seja proveitosa.

BARONI, Gabriela do Couto; RODRIGUES, Violeta Virginia. Insubordinação: uma proposta funcionalista para o estudo de (des)articulação de cláusulas. **Revista do GEL**, Brasil, v. 18, p. 285-310, 2021.

Com base na teoria funcionalista, Baroni e Rodrigues (2021) apresentam um breve panorama dos estudos sobre insubordinação. Além disso, propõem uma análise das insubordinadas a partir da proposta de desengajamento clausal, de Cristofaro (2016), abordagem ainda inédita em português brasileiro.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento *et al.* **Desgarramento, insubordinação discursiva e insubordinação**: abordagens funcionalistas. Campinas: Pontes Editora, 2021.

O livro de Decat *et al.* (2021) apresenta alguns trabalhos sobre as estruturas que se materializam de forma independente no português em uso. Os seis capítulos que constituem o volume filiam-se ao funcionalismo linguístico, em sua pluralidade de abordagens.

RODRIGUES, Violeta Virginia. **Cláusulas sem núcleo em português**: desgarramento ou insubordinação? São Paulo: Blucher, 2021. Disponível em: www.blucher.com.br. Acesso em: 23 set. 2023.

Rodrigues (2021) discute se o fenômeno de cláusulas sem núcleo e que constituem uma única unidade de informação são casos de desgarramento ou de insubordinação na língua portuguesa. Para tanto, adota como suporte teórico o funcionalismo em diálogo com outras perspectivas analíticas. A autora adota *corpora* diversos, a fim de retratar a língua em uso.

RODRIGUES, Violeta Virginia; BARONI, Gabriela do Couto. Cláusulas desgarradas e insubordinadas no português brasileiro. **Letras Escreve**, Brasil, v. 11, p. 141-154, 2021.

Rodrigues e Baroni (2021) abordam a possibilidade de orações denominadas subordinadas ocorrerem como cláusulas independentes, não subordinadas, desgarradas, sem matriz, sem núcleo, sem oração principal ou, ainda, insubordinadas. Com base em corpus formado por postagens do aplicativo *WhatsApp* e adotando o funcionalismo como aporte teórico, as autoras defendem a proposta de que em português há tanto cláusulas desgarradas quanto insubordinadas.

RODRIGUES, Violeta Virginia; CIDADE, David Novaes. Desgarramento e pontuação em textos de vestibulandos. **Confluência**, Brasil, v. 1, p. 124-156, 2021.

Rodrigues e Cidade (2021) adotam a proposta funcionalista de que orações relativas apositivas e circunstanciais constituem casos de hipotaxe, a fim de analisarem usos dessas estruturas materializadas de forma desgarrada num corpus formado por redações do *site educacao.uol.com.br*. Segundo Decat (2011), desgarramento é o fenômeno pelo qual se identificam unidades de informação que ocorrem soltas e o ponto final é o principal índice desse fenômeno na escrita.

REFERÊNCIAS

AFFONSO JUNIOR, Marcelo Rodrigues; RODRIGUES, Violeta Virginia. Insubordinação e desgarramento nos folhetins do Jornal do Commercio no século XIX. **Percursos Linguísticos** (UFES), Brasil, v.12, p. 256-276, 2022.

BARONI, Gabriela do Couto; RODRIGUES, Violeta Virginia. Insubordinação: uma proposta funcionalista para o estudo de (des)articulação de cláusulas. **Revista do GEL**, Brasil, v. 18, p. 285-310, 2021. Disponível em <https://revistadogel.gel.org.br/>. Acesso em: 23 set. 2023.

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BEIJERING, Karin; KALTENBÖCK, Gunther; SANSIÑENA, María Sol. Insubordination: Central issues and open questions. *In*: BEIJERING, Karin; KALTENBÖCK, Gunther; SANSIÑENA, María Sol (Ed.). **Insubordination**: Theoretical and empirical issues. De Gruyter Mouton: Berlin, 2019. p. 7-28.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: CUP, 2010.
- CAVALCANTE, Sávio André de Souza; RODRIGUES, Violeta Virginia. A Estrutura Argumental Preferida de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais 'desgarradas' em 'memes quando'. **Gragoatá** (UFF), Brasil, v. 23, p. 518-543, 2018.
- CRISTOFARO, Sonia. Routes to insubordination: a cross-linguistic perspective. *In*: EVANS, Nicholas; WATANABE, Honoré (Ed.). **Insubordination**. Amsterdam: J. Benjamins, 2016.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- D'HERTEFELT, Sarah; VERSTRAETE, Jean-Christophe. Independent complement constructions in Swedish and Danish: Insubordination or dependency shift? **Journal of Pragmatics**, Estados Unidos, v. 60, p. 89-102, 2014.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional". **Scripta** (Linguística e Filologia), Belo Horizonte, v. 2. n. 4, p. 23-38, 1999.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. **Veredas atemática**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 123-135, 2019.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento *et al.* **Desgarramento, insubordinação discursiva e insubordinação**: abordagens funcionalistas. Campinas: Pontes Editora, 2021.
- EVANS, Nicholas. Insubordination and its uses. *In*: NIKOLAEVA, Irina (Ed.). **Finiteness**. Theoretical and Empirical Foundations. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.
- EVANS, Nicholas; WATANABE, Honoré (Ed.). **Insubordination**. Amsterdam: J. Benjamins, 2016.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna**. 26 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1975.

GÓIS, Carlos. **Método de análise (léxica e lógica) ou sintaxe das relações**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia, 1943.

GRAS, Pedro. Revisiting the functional typology of insubordination: Insubordinate *que* constructions in Spanish. *In*: EVANS, Nicholas; WATANABE, Honoré (Ed.). **Dynamics of Insubordination**. Amsterdam: Benjamins, 2016. p. 113-144.

HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther; KUTEVA, Tania; LONG, Haiping. Cooptation as a discourse strategy. **Linguistics**, Estados Unidos, v. 55, n. 4, p. 813-855, 2017.

HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 83-97, 2017.

KALTENBÖCK, Gunther; SANSIÑENA, María Sol (Ed.). **Insubordination**: Theoretical and empirical issues. Berlin: De Gruyter Mouton, 2019. p. 265-290.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**. São Paulo: Cortez, 2011.

MITHUN, Marianne. The extension of dependency beyond the sentence. **Language**, Estados Unidos, v. 84, n. 1, p. 69-119, 2008.

MITHUN, Marianne. Sources and mechanisms. *In*: BEIJERING, Karin; KALTENBÖCK, Gunther; SANSIÑENA, María Sol (Ed.). **Insubordination**: Theoretical and empirical issues. Berlin: De Gruyter Mouton, 2019. p. 29-54.

NEVES, Emanuel Felix; RODRIGUES, Violeta Virginia. Desgarramento e insubordinação em contos brasileiros do século XX. **Revista Virtual de estudos da Linguagem**, Brasil, v. 20, p. 48-80, 2022.

OLIVEIRA, Júlio César Souza de. **Fragmentação do período composto na escrita contemporânea do Português brasileiro**. 2007. Tese de Doutorado — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2007.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 40 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Padrões de insubordinação no PB. **Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**, n. 8, São Paulo, 2022.

RODRIGUES, Violeta Virginia. **Cláusulas sem núcleo em português**: desgarramento ou insubordinação? São Paulo: Blucher, 2021.

RODRIGUES, Violeta Virginia; CIDADE, David Novaes. Desgarramento e pontuação em textos de vestibulandos. **Confluência**, Brasil, v. 1, p. 124-156, 2021.

RODRIGUES, Violeta Virginia; BARONI, Gabriela do Couto. Cláusulas desgarradas e insubordinadas no português brasileiro. **Letras Escreve**, Brasil, v. 11, p. 141-154, 2021.

RODRIGUES, Violeta Virginia; GONÇALVES, Adriana Cristina Lopes. Orações completivas e completivas desgarradas: comportamento prosódico. **Revista de Letras**, Brasil, v. 2, p. 44-55, 2020.

RODRIGUES, Violeta Virginia (Org.). **Desgarramento de cláusulas em português**: usos e descrição. São Paulo: Blucher, 2019. Disponível em: www.blucher.com.br. Acesso em: 23 set. 2023.

RODRIGUES, Violeta Virginia; SILVESTRE, Aline Ponciano Silvestre. Desgarramento de cláusulas hipotáticas: interface sintaxe-prosódia. **Estudos linguísticos**: perspectivas interdisciplinares, Vitória, v. 1, n. 1, p. 359-378, 2019.

RODRIGUES, Violeta Virginia; FONTES, Andressa Matheus. O desgarramento de orações adverbiais nos roteiros de cinema. *In*: COELHO, Fábio André Cardoso; SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento; CONFORTE, André Nemi (Org.). **Descrição e ensino de Língua Portuguesa**: temas contemporâneos. 1 ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. p. 615-629.

RODRIGUES, Violeta Virginia. "Desgarramento" das comparativas introduzidas por *que nem*. **Guavira Letras**: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, Três Lagoas, v. 12, n. 1, p. 104-113, 2011.

SANSIÑENA, María Sol (Ed.). **Insubordination**: Theoretical and empirical issues. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015.

9

*Thiago dos Santos Silva
Juliana Barboza do Nascimento
Maria Maura Cezario
Dennis Castanheira*

CONSTRUÇÕES ORACIONAIS HIPOTÁTICAS:

**LINKS ENTRE OS DOMÍNIOS DA CAUSA,
DA CONDIÇÃO E DA CONCESSÃO**

RESUMO

Com base no aporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, este capítulo tem como objetivo geral apresentar as tendências de uso de construções oracionais hipotáticas iniciadas pela forma [X que], mais particularmente, *ainda que*, *mesmo que*, *posto que*, *dado que* e *visto que*. Os dados para a análise foram coletados do *Corpus do Português* e os resultados mostram que, a partir dos fatores de análise selecionados, as construções apresentam diferentes comportamentos na língua, dependendo dos propósitos comunicativos dos falantes. Numa perspectiva tradicional, poderíamos conceber, por exemplo, que *ainda que* e *mesmo que* teriam exatamente as mesmas funções na língua, a função de introduzir orações adverbiais concessivas. Porém, uma análise voltada para o uso linguístico real nos leva à conclusão de que há diferenças pragmáticas e que os falantes memorizam os cotextos e os contextos situacionais em que cada construção costuma ocorrer e tendem a usar uma ou outra a depender dos propósitos comunicativos (Diessel, 2019; Schmid, 2020).

CONHECENDO O FENÔMENO

A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A gramática tradicional classifica as construções apresentadas neste capítulo como orações subordinadas adverbiais concessivas, causais e condicionais. Entretanto, cada uma delas apresenta especificidades estruturais e semântico-pragmáticas no que diz respeito aos usos linguísticos. Dessa forma, trazemos uma análise baseada em estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso para tratarmos de algumas dessas especificidades.

Essa corrente da Linguística postula que a gramática emerge a partir do uso real que o falante faz da língua. Por isso, as construções da língua são criadas e modificadas pelo uso. Dessa forma, o sistema linguístico é embasado naquilo que o falante produz e entende, ou seja, o emprego da língua em contextos reais da experiência, como molde do sistema linguístico. Assim, o interesse da análise está em estudar o sistema linguístico como algo dinâmico, a fim de compreender o seu funcionamento e a mudança linguística (Diessel, 2019, p. 4).

Para analisar os dados, unimos tanto a perspectiva qualitativa quanto a quantitativa, valendo-nos de fatores de ordem estrutural e semântico-pragmática. Os dados, retirados do *site Corpus do Português*,¹⁹⁴ são da modalidade escrita, oriundos da variedade brasileira, e foram produzidos entre os anos de 2013 e 2014. Embora todas as construções aqui estudadas tenham *links* formais e semânticos entre si, mostraremos a análise a partir de duas subseções, uma com as construções mais centradas no domínio da concessão: *ainda que* e *mesmo que*; e outra seção com a análise de construções centradas

194

Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 23 set. 2023.

no domínio da causa: *dado que*, *visto que* e *posto que*. Além de concessão e causa, também estamos lidando com o domínio da condição, pois, dependendo do contexto, os usuários da língua podem expressar valores concessivo-condicionais ou causal-condicional.

Na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas, constituem unidades simbólicas baseadas em pareamentos entre forma e significado, chamadas de construções. Assim, a gramática é entendida como uma rede constituída de construções conectadas entre si. Dessa forma, tal rede é vista como um conjunto de nós (pareamentos de forma-função) que estão conectados. Esses pareamentos são concebidos como esquemas simbólicos, a partir dos quais se instanciam os componentes da gramática. De acordo com Goldberg (1995; 2006), uma construção compreende desde um morfema simples (como o -s, que denota flexão de número) até um esquema mais complexo e abstrato, como a construção investigada nesta pesquisa, codificada como [[CONNECT] (S) V (C)]_{ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL}'

A abordagem que adotamos postula que cada construção se conecta a outras construções através de *links* formais e semânticos e é exatamente por isso que se diz que a gramática de uma língua é uma rede de construções. Um dos papéis do linguista é estudar não só as propriedades formais e funcionais de uma construção, mas também a relação entre construções de uma língua (Diessel, 2019).

A literatura funcionalista já há muitas décadas demonstrou que as orações não podem ser rigidamente categorizadas em termos de coordenação e subordinação; em vez disso, elas são examinadas através de um contínuo. Um dos trabalhos clássicos sobre o assunto é o de Hopper e Traugott (1993), que propõem um *continuum* relacionado às orações complexas baseado nos critérios dependência e encaixamento. Essas, então, seriam agrupadas em orações paratáticas, hipotáticas e subordinadas, cujas características podem ser observadas na figura abaixo:

Quadro 9.1: Continuum de combinação de orações

Parataxe	- dependência semântica	- encaixamento
Hipotaxe	+ dependência semântica	- encaixamento
Subordinação	+ dependência semântica	+ encaixamento

Fonte: adaptado de Hopper e Traugott (1993, p. 170).

De acordo com esses autores, a parataxe implica uma relação de independência relativa entre os núcleos que constituem a estrutura oracional. Nesse contexto, a conexão entre as orações depende principalmente do significado e da relevância da relação entre elas. Em outras palavras, a parataxe engloba tanto a justaposição quanto a coordenação.

Por outro lado, a hipotaxe envolve uma dependência semântica entre um núcleo (tradicionalmente a oração principal) e suas margens (tradicionalmente as orações subordinadas), mas sem que as margens se encaixem completamente em um constituinte do núcleo. Isso significa que nas orações hipotáticas um núcleo está relacionado a uma ou mais margens de forma dependente sem que essas margens estejam totalmente inseridas em nenhum constituinte do núcleo. A hipotaxe é comumente observada em orações que expressam circunstâncias, como condição, razão, propósito, tempo, espaço, maneira, meio, incluindo orações adverbiais. As orações adjetivas explicativas também são consideradas hipotáticas nessa perspectiva teórica.

Já a subordinação implica uma dependência completa entre a oração nuclear e as suas margens, com todas as margens sendo completamente incorporadas em um constituinte do núcleo (Rodrigues, 2018). As orações subordinadas, nesse contexto, são partes integrantes de outras orações, como as substantivas e as adjetivas restritivas.

Sendo assim, é importante salientar que as construções estudadas neste capítulo exprimem relações circunstanciais, mais especificamente de relações de causa, de condição e/ou de concessão, sendo, portanto, entendidas como orações hipotáticas que se configuram no esquema mais abstrato $[[\text{CONNECT}] (\text{S}) \text{V} (\text{C})]$ _{ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL}. Nesse esquema, o *slot* CONNECT é preenchido por conectivos que introduzem as orações hipotáticas adverbiais. Enquanto isso, o *slot* S se refere ao possível sujeito, o V ao verbo e o C ao possível argumento ou complemento. No caso desta pesquisa, esse espaço é sempre preenchido por uma construção [X que]. Sendo assim, as construções estudadas se enquadram no subesquema $[[\text{X que}] (\text{S}) \text{V} (\text{C})]$ _{ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL}.

Desse esquema mais geral são instanciados outros subesquemas como o concessivo, o condicional e o causal, que serão o foco neste capítulo, mais especificamente aqueles em que o *slot* X é ocupado pelas unidades linguísticas “ainda”, “mesmo”, “visto”, “dado” e “posto”. Desta forma, este capítulo se propõe a expor as tendências de uso dessas cinco diferentes construções, exemplificadas abaixo:

(a) $[[\text{ainda que}] (\text{S}) \text{V} (\text{C})]$

- (1) “O único que vi jogar dessa maneira foi o Messi, diferente de todos os outros, embora eu tenha visto outros muito bons. Vi Ronaldinho, Ronaldo Fenômeno, Adriano, joguei com Seedorf, mas ao Messi acho que não tem igual”, esclareceu Thiago. Em sua ode ao argentino, o zagueiro apontou que o que o diferencia é a imprevisibilidade, *ainda que o veterano de 32 anos tenha a preferência de cortar da direita para a esquerda.* [Corpus do Português]

(b) $[[\text{mesmo que}] (\text{S}) \text{V} (\text{C})]$

- (2) “Também sempre concordamos com ela quando ela tenta falar alguma coisa *mesmo que não faça sentido*, damos gargalhadas

juntas e não ficamos perguntando coisas do passado para não deixá-la triste,' conta Beatriz." [*Corpus do Português*]

(c) [[visto que] (S) V (C)]

- (3) "Por demorar para ser detectada (geralmente é vista no início da vida escolar), muitas crianças disléxicas são rotuladas de desmotivadas e preguiçosas, *visto que têm dificuldades de aprender.*" [*Corpus do Português*]

(d) [[dado que] (S) V (C)]

- (4) "A metodologia correta (*dado que a União se financiou emitindo dívida mobiliária*) deveria considerar a diferença entre as taxas acumuladas desde o início do contrato (que varia conforme a unidade da federação)." [*Corpus do Português*]

(e) [[posto que] (S) V (C)]

- (5) "E o verdadeiro arrependimento envolve intelecto, sentimento e vontade. O arrependimento de Judas, por exemplo, foi incompleto, *posto que envolveu apenas a parte sentimental e possivelmente a intelectual*, não resultando em ação, como no caso de Pedro." [*Corpus do Português*]

É importante ressaltar ainda um princípio que norteia esta pesquisa: o da não sinonímia, postulado por Goldberg (1995), que defende que cada construção apresenta especificidades estruturais e semântico-pragmáticas. Sendo assim, se existem diferenças na forma, há, em algum grau, uma função comunicativa diferente. Portanto, a nossa hipótese é de que haja diferença de uso para cada construção aqui estudada.

TENDÊNCIAS DE USO

USOS DE ORAÇÕES COM *AINDA QUE* OU *MESMO QUE*

Nas gramáticas tradicionais, as orações concessivas são definidas como as que admitem um fato inesperado ou uma contradição, ligadas diretamente a contraste ou quebra de expectativa. Conforme apresentado por Cunha e Cintra (1985), as orações concessivas seriam iniciadas por *embora*, *por mais que*, *ainda que*, *mesmo que*, entre outros conectivos.

No entanto, de acordo com Felício (2008), o tipo de categorização adotado pelos autores é limitado, já que os aspectos semânticos das orações podem ser deixados de lado, além de, muitas vezes, as conjunções apresentarem mais de um sentido, a depender do contexto linguístico no qual estão empregadas. Conforme Neves (1999), a construção concessiva é definida, tradicionalmente, como a combinação de uma oração principal e uma concessiva, que expressa um fato apesar do qual a proposição principal se mantém. A autora trata as concessivas no grupo das contrastivas, enfatizando que somente a relação lógico-semântica não é suficiente para caracterizá-las concessivas.

König (1985; 1986), ao estudar as concessivas no inglês, enfatiza que os conectivos concessivos apresentam algumas particularidades complexas em comparação a outros conectivos — um dos motivos é pelo fato de que são formados por itens já disponíveis na língua (por aglutinação, por exemplo), além da forma e significado de seus componentes serem identificáveis. König (1984) e Chen (2000) afirmam que as concessivas dividem-se em dois tipos: as concessivas condicionais e as concessivas propriamente ditas.

Para os autores, as concessivas condicionais teriam tanto traços de conjunções condicionais quanto de concessivas. Na concessiva-condicional, o conteúdo da subordinada é hipotético, enquanto o da oração principal é verdadeiro; já na concessiva, tanto o conteúdo da oração principal quanto da subordinada é verdadeiro. De acordo com os autores, isso explicaria a origem da condicional concessiva *even if* do inglês, equivalente a *mesmo que* no português (Santos Silva, 2019).

De acordo com König (1984), o fato de haver um grupo com grandes similaridades entre conectivos concessivos e concessivos-condicionais corrobora a ideia de que as concessivas se originaram de concessivo-condicionais. Isso porque existem muitas similaridades entre os dois grupos de conectivos (condicionais e concessivos) na origem histórica das línguas:

- a) as concessivo-condicionais apresentam ideia de incompatibilidade ou conflito;
- b) nas concessivas propriamente ditas, há a perda de caráter hipotético.

Os exemplos mostram os usos das construções apresentadas neste capítulo com sentido concessivo propriamente dito (exemplos 6 e 7) e concessivo-condicional (exemplos 8 e 9):

- (6) "O quarto filme da animação da Pixar conquistou 118 milhões de dólares ao estrear em 4.575 salas de cinemas norte-americanas. *Ainda que o resultado esteja significativamente abaixo das expectativas*, que previam cerca de 140 milhões de dólares, a sequência dificilmente decepciona os críticos." [Corpus do Português]
- (7) "Meus companheiros fizeram a parte deles nas cobranças. É uma geração de jovens que assume a responsabilidade quando precisa assumir. Tem um gostinho especial na minha

cidade, mesmo que seja na Arena. Senti bastante apoio tanto da torcida colorada quanto da gremista — disse o goleiro.”
[*Corpus do Português*]

- (8) “Não conheço ninguém que tenha demitido um bom estagiário apenas porque não obteve êxito no exame da OAB. Quem é bom, *ainda que não passe no citado exame*, jamais será dispensado e se isso ocorrer, por empresas de grande porte, os bacharéis sempre acharão outro emprego. O mercado sempre esteve carente de bons profissionais e bons estagiários e essa avaliação é feita em razão do desempenho no escritório e não do resultado do exame.” [*Corpus do Português*]
- (9) “A grande questão é que quase já não existem mais lojas para vender CD, e o público quer ter uma caixa de CDs de seus ídolos, *mesmo que ele não tire do lacre*”, afirma Paulo Lima, presidente do grupo Universal. Para surpresa dos fãs, algumas das caixas serão autografadas sem o comprador saber disso.” [*Corpus do Português*]

Nos exemplos (6) e (7), os fatos mencionados nas orações hipotáticas são verdadeiros, ou seja, factuais. Em (6), o fato de o “resultado estar significativamente abaixo das expectativas” é verdadeiro, bem como o conteúdo da oração hipotática do exemplo (7), em que já se sabe que “o jogo ocorrerá na Arena”. Já nos exemplos (8) e (9), o conteúdo presente na oração hipotática pode ou não ocorrer no mundo real, ou seja, o candidato pode ou não passar no exame e o público pode ou não tirar o CD do lacre.

Santos Silva (2023), a partir da análise de 180 dados de orações hipotáticas iniciadas por *ainda que* e 180, com *mesmo que*, encontrou as seguintes tendências de uso com relação ao valor semântico após análise das construções em português:

Tabela 9.1 – Valor semântico das orações hipotáticas introduzidas por *mesmo que* e *ainda que*

CONSTRUÇÕES	CONCESSIVO	CONCESSIVO - CONDICIONAL	TOTAL
[AINDA QUE] _{OR.HIP}	125 (70%)	55 (30%)	180 (100%)
[MESMO QUE] _{OR.HIP}	49 (28%)	131 (72%)	180 (100%)
TOTAL	174 (48,3%)	186 (51,7%)	360 (100%)

Fonte: Santos Silva (2023).

A partir dos resultados mostrados na tabela, podemos dizer que existe a tendência de as orações introduzidas por *ainda que* denotarem a ideia concessiva propriamente dita. Já as introduzidas por *mesmo que* tendem a serem utilizadas com a ideia concessivo-condicional. Com as orações introduzidas por *ainda que* foram encontradas 125 ocorrências com a ideia concessiva propriamente dita, representando 70% dos dados. As introduzidas por *mesmo que* ocorreram como concessivo-condicional em 131 ocorrências, o que representa 72% dos dados. Estudos como os de König (1985) mostram que existe uma tendência de que os conectores entrem na língua como concessivo-condicional. Santos Silva (2019), ao analisar a história de *mesmo que*, verifica que o conector entrou na língua como concessivo-condicional e ampliou seu uso para concessivo propriamente dito.

Sobre a ordem das orações hipotáticas (anteposta, intercalada ou posposta) e seus valores semânticos, Neves (1999) mostra que, com relação às concessivas, existe uma dependência do propósito comunicativo do interlocutor. De acordo com a autora, elas podem ocorrer pospostas à oração principal, funcionando como um adendo e antepostas quando funcionam como tópico, retomando informações que já foram previamente dadas.

Santos Silva (2023), ao analisar a posição das orações iniciadas por *ainda que*, verificou que, quando o valor é concessivo,

as orações tendem a ocorrer na posição anteposta à matriz; já no caso das orações com valor concessivo-condicional, as orações tendem a ocorrer em posição posposta. Com relação às orações com *mesmo que*, não houve diferença importante em relação à posição da oração, pois, independentemente de ser concessiva ou concessivo-condicional, as orações tendem a ser colocadas na posição posposta à matriz.

O arranjo linear das orações principais e adverbiais está intimamente relacionado às suas funções pragmáticas. Alguns estudos mostram que as adverbiais em posição anteposta apresentam funções organizadoras no discurso (Chafe, 1984; Thompson, 1985; Ford, 1993). Lambrecht (1994) demonstra que as cláusulas adverbiais iniciais apresentam informações que são pragmaticamente pressupostas, fornecendo, assim, uma base temática para a nova informação que será afirmada na oração subsequente. O autor considera a informação pressuposta aquela que o escritor/falante apresenta com a convicção de que o ouvinte/leitor conhece ou pode inferir por meio do contexto discursivo. Por outro lado, a informação não pressuposta é a que não pode ser recuperada no discurso.

De acordo com Lambrecht (1994), a pressuposição é um fator pragmático, que tem a ver com o conhecimento que os falantes compartilham e com as expectativas do escritor/falante sobre cada bloco de informação. Assim, pressuposição não se confunde com informação nova e velha, nos termos de Chafe ou Prince, porque uma informação pode ser nova, no sentido de não ter sido mencionada no contexto precedente, mas pode ser pressuposta, pois o discurso precedente dá pistas para o ouvinte/leitor compreendê-la como informação pressuposta.

A pressuposição impacta nas estratégias de usos dos falantes, seja na relação com a factualidade da oração, seja com relação à posição em que ocupa na sentença. Assim, partimos para verificar como os dados analisados nos mostram a relação entre pressuposição e

ordenação de orações para testar a hipótese de Diessel (2013) sobre a relação entre ordenação linear e pressuposição.

O autor postula que, translinguisticamente, as orações adverbiais antepostas são mais dependentes das orações matrizes — com contorno entoacional ascendente que prepara o leitor/ouvinte para a informação que vem depois — e trazem informação pressuposta. O lado esquerdo da oração é o lugar típico das informações pressupostas e é lugar do tópico da oração. Deduzimos, pela sua análise, que as orações adverbiais que ocorrem depois das orações matrizes trazem informação não-pressuposta. Além disso, são orações mais independentes, com contorno entoacional de fechamento de oração.

Na pesquisa de Santos Silva (2023), o autor constata que as orações com *ainda que* pressupostas tendem a ocorrer em posição anteposta e as orações que trazem informação nova, não-pressuposta, tendem a ocorrer em posição posposta, de acordo com a hipótese de Diessel (2013). Já em relação às orações com *mesmo que*, não houve tendência relevante quando as orações eram pressupostas. Mas, no caso das orações não-pressupostas, a tendência (embora pequena) é o uso de orações pospostas, também de acordo com a hipótese geral.

Os usos aqui demonstram que, embora os conectores *ainda que* e *mesmo que* sejam considerados sinônimos pela gramática tradicional, ao analisarmos as tendências de usos reais, vemos que os falantes/escritores empregam um conector ou outro por forças discursivas e pragmáticas.

USOS DAS ORAÇÕES COM *VISTO QUE*, *DADO QUE* E *POSTO QUE*

Com relação às orações iniciadas por *visto que*, *dado que* e *posto que*, a tradição aponta que os três conectivos em estudo são introdutores de orações adverbiais, classificando *visto que* como uma

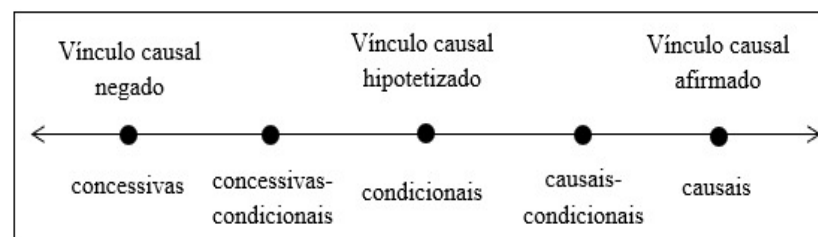
conjunção subordinativa causal, posto que como uma conjunção subordinativa concessiva e dado que como uma conjunção subordinativa condicional. Entretanto, por nos basearmos em um modelo baseado no uso, que demonstra que fatores estruturais e discursivos podem alterar o sentido de uma determinada construção linguística, já eram previstas também orações não apenas com estes valores tradicionalmente estabelecidos, hipótese fomentada pelo trabalho de Rodrigues (2018).

É possível dizer que, semanticamente, esses valores possuem estreitas relações, já que tanto as construções concessivas quanto as causais e condicionais expressam, de alguma forma, uma conexão causal, que pode ser negada, hipotetizada ou afirmada, assim como apresentam uma conexão condicional, tendo em vista que são explicáveis em dependência de satisfação de necessidade (ou de suficiência) de determinadas circunstâncias (Neves, 1999).

Neves (1999) propõe que, semanticamente, as relações concessivas, causais e condicionais se organizam da seguinte forma: em um polo, caracterizado pela causalidade, há a relação de causa entre a hipotética e a matriz sendo afirmada; em um espaço intermediário, tido como das condicionais, há a relação de causa entre as duas orações sem ser afirmada ou negada; no outro polo, das concessivas, há o vínculo causal entre as orações.

Essas relações podem ser observadas na figura a seguir:

Figura 9.1: O *continuum* entre as orações concessivas, condicionais e causais



Fonte: Adaptado de Neves (1999).

Sob essa perspectiva, os valores semânticos não se mostram tão rígidos quanto a tradição gramatical sugere. Elementos intrínsecos à língua, assim como os contextos em que ela é empregada, estão intimamente ligados ao significado das construções. Isso ilustra a mutabilidade inerente das línguas humanas e sua suscetibilidade à variação, além de adotar uma abordagem mais dinâmica para questões gramaticais. Isso significa que não se deve categorizar esses conectivos de forma inflexível, mas sim evidenciar que o valor semântico de uma construção linguística específica varia conforme fatores estruturais e discursivos.

Ao examinar essas relações na língua portuguesa, Neves (1999) sugere que a relação causal envolve a conexão entre uma causa e sua consequência, ou efeito, entre dois eventos. Na estrutura dessas relações, a oração principal revela a consequência ou o efeito, ao passo que a oração hipotática (destacada em negrito) exprime a causa, como ilustrado no exemplo a seguir:

(10) "O autor diz que esses novos gêneros não são criações inéditas, *visto que se construíram a partir de outros gêneros já existentes.*" [Corpus do Português]

No exemplo dado, a consequência de os novos gêneros não serem uma criação inédita, expressa pela oração principal, é causada pelo fato expresso na oração hipotática. Sendo assim, o motivo pelo qual esses gêneros não são inéditos se deve ao fato de que eles foram construídos a partir de outros já existentes.

Também foram encontrados dados em que, ao mesmo tempo em que existe uma relação de causa e consequência entre a oração hipotática e sua principal, existe também uma relação de condição, isto é, são dados que possuem um valor causal-condicional, como pode ser observado no exemplo a seguir:

- (11) *"Dado que o vetor R tem módulo constante, o único movimento possível de P relativo a C é uma rotação com velocidade angular W ao redor de um eixo instantâneo que passe por C , tal como vemos na figura." [Corpus do Português]*

O exemplo (11) ilustra um caso de dado com valor híbrido, pois a oração hipotática não apenas explica por que o único movimento possível seja aquele salientado pela oração principal, mas também estabelece uma relação de condição entre o valor do módulo e do movimento. Isso ocorre porque, a partir do momento em que o módulo é considerado constante, só existe uma possibilidade de movimento.

Por último, o conceito fundamental de concessividade pode ser descrito como "aquilo que vai de encontro à expectativa", em que a oração hipotática concessiva comunica um fato (ou ideia) que, embora pudesse ser considerado um obstáculo, não obstante, o evento na oração principal continua a ocorrer, como demonstrado alguns parágrafos acima. Essa relação pode ser ilustrada no exemplo (12), com *posto que*:

- (12) *"Posto que a vida afetiva e a vida intelectual sejam demasiado heterogêneas para que uma se reduza à outra, procedemos sempre sem levar em conta a diferença que separa os sentimentos da inteligência." [Corpus do Português]*

No exemplo (12), a oração hipotática destaca a disparidade significativa entre a vida afetiva e a vida intelectual. No entanto, contrariando as expectativas, essa discrepância não é reconhecida. Portanto, o exemplo ilustra claramente a relação de concessão entre o evento expresso pela oração hipotática e o que está presente em sua oração principal.

Assim sendo, na pesquisa de Nascimento (2022), foram encontradas as seguintes tendências de uso com relação ao valor semântico:

Tabela 9.2 – Valor semântico das orações hipotáticas introduzidas por visto que, dado que e posto que

CONSTRUÇÕES	CAUSAL	CAUSAL - CONDICIONAL	CONCESSIVO	TOTAL
[VISTO QUE] _{OR.HIP.}	150 (100%)	0	0	150 (100%)
[DADO QUE] _{OR.HIP.}	138 (92%)	12 (8%)	0	150 (100%)
[POSTO QUE] _{OR.HIP.}	137 (91,3%)	7 (4,7%)	6 (4%)	150 (100%)
TOTAL	425 (94,4%)	19 (4,3%)	6 (1,3%)	450 (100%)

Fonte: Nascimento (2022).

Podemos notar, através dos resultados da Tabela 9.2, uma incidência mais elevada de orações causais com as três construções analisadas. As orações iniciadas por *visto que* mostraram que todas as suas ocorrências tinham o valor causal, seguidas pelas orações com *dado que*, das quais 92% foram identificadas como causais. Por último, as orações introduzidas por *posto que* apresentaram cerca de 91,3% de seus resultados com valor causal em relação às orações principais.

É relevante salientar que, ao contrário das outras duas construções, que tiveram mais de um valor semântico, as orações subordinadas iniciadas por *visto que* exibiram exclusivamente o valor causal. Além disso, é digno de nota que o valor concessivo foi observado apenas nas orações introduzidas por *posto que*, representando aproximadamente 4% de suas ocorrências, enquanto o valor causal-condicional foi mais frequentemente encontrado na oração iniciada por *dado que*, correspondendo a cerca de 8% de suas ocorrências.

Ao mesmo tempo, Neves (1999) defende que as orações causais tendem à posposição, já que, normalmente, se enuncia primeiro o efeito, expresso pela oração principal, e depois a causa, expressa pela oração hipotática. Já no caso das condicionais, primeiro se enuncia a ocorrência de uma condição, evidenciada na oração hipotática, que pode ou não ser satisfeita, e depois a oração que depende

da concretização dessa condição, expressa pela oração principal. Assim sendo, tais orações apresentam uma tendência à anteposição.

Na visão de Diessel (2013), desconsiderando os idiomas nos quais as orações adverbiais geralmente precedem a oração principal, as tendências posicionais de orações condicionais, temporais, causais e intencionais podem ser descritas da seguinte forma:

Figura 9.2 – Relação entre valor semântico e ordem linear

Condiciona l > Tempora l > Causa l > Finalidade

anteposta

posposta

Fonte: Adaptado de Diessel (2013).

Sendo assim, em relação à ordenação, as orações condicionais tendem a preceder a oração principal e as orações causais são geralmente colocadas após sua oração principal. Porém, o estudo de Diessel (2013) não fornece informações sobre a ordenação das orações concessivas, mas, como anteriormente mencionado, a partir dos estudos de Neves (1999), se postula que a ordenação das concessivas é ambígua, a depender do seu propósito comunicativo.

Em Nascimento (2022), a autora faz um cruzamento entre o papel semântico dessas construções e sua posição na oração em relação à oração matriz. Constata que os dados com *visto que*, todos com valor causal, ocorrem quase categoricamente na posição posposta (92%) e que os dados com *posto que* com valor causal também ocorrem quase categoricamente na posição posposta (94,1% dos dados). Já os dados com valor causal-condicional e os com valor concessivo se dividem igualmente entre posição posposta e posição anteposta, não havendo preferência posicional.

A autora também constata que nas orações com *visto que* e *posto que* a relação entre posição e pressuposição não é relevante, pois não importa se a oração é pressuposta ou não – a posição predominante é posposta. Em contrapartida, os usos com *dado que* têm

seu comportamento de acordo com a hipótese de Diessel (2013): as orações consideradas pressupostas demonstraram uma notável inclinação à anteposição, representando aproximadamente 71,8% das ocorrências; enquanto as orações pragmaticamente não pressupostas apresentaram uma maior incidência na posição posposta, contabilizando cerca de 66,1% das ocorrências.

Vejamos um exemplo que demonstra como os usos de *dado que* tendem a se comportar como a hipótese funcionalista (que é comprovada translinguisticamente) de que informação já conhecida ou pressuposta tende a ocorrer primeiro, ou seja, antes da oração matriz, enquanto a informação nova ou não pressuposta tende a ocorrer depois da matriz:

- (13) “Primeiro, os indivíduos da lista de espera tendem a montar lobby para garantir e acelerar sua convocação, o que gera mais custo de transação e induz a contratação de mais servidores que o necessário. Segundo, os concursos se tornam grandes eventos, com número elevado de candidatos, o que eleva o custo de realização dos certames. Terceiro, [...] nos concursos públicos as questões de múltipla escolha têm maior peso. *Dado que os concursos são grandes eventos*, opta-se por um método de teste que facilite a correção por meio eletrônico [...]”

No exemplo dado, a informação de os concursos serem grandes eventos já era esperada pelo interlocutor, pois no parágrafo acima isso já havia sido evidenciado na sentença “os concursos se tornam grandes eventos.” Sendo assim, a oração introduzida por “dado que” é classificada como uma oração pressuposta, pois traz uma informação já dada anteriormente no discurso. Esse dado ainda corrobora para a hipótese de que orações pressupostas normalmente se apresentam antepostas às suas orações matrizes, por conterem informações já sabidas pelo interlocutor, enquanto aquelas não-pressupostas ocupam a posição posterior às suas orações matrizes, trazendo novas informações.

Assim, os resultados aqui apresentados ilustram que, a depender das pressões discursivas e pragmáticas, há tendências de usos diferentes para uma mesma construção linguística e que há relações semânticas que unem construções diferentes.

TEORIA NA PRÁTICA

- 1) Os dados de uso abaixo apresentam algumas tendências no comportamento das orações iniciadas por *ainda que*, *mesmo que*, *visto que*, *dado que* e *posto que* em português. Identifique quais são esses usos a partir dos fatores de análise apresentados neste capítulo (semântica, posição da oração e estrutura informacional — se a oração é pressuposta ou não).
 - a) “O Itaú Unibanco (ITUB4) anunciou na última quinta-feira (27) a nova parceria firmada com o Mercado Livre e a Visa para o lançamento de um cartão de crédito internacional sem anuidade e com retorno de até 10% do valor das compras realizadas no site do *e-commerce*. *Ainda que o cartão seja do Mercado Livre*, ele pode ser utilizado em qualquer loja física ou da internet. O serviço também faz uso da tecnologia NFC, que consiste em pagamentos por aproximação.” [Corpus do Português]
 - b) “Uma informação importante desse cartão é que ele é interligado ao Banco Bradesco. É provável que o pedido do cartão seja negado de cara, *mesmo que o nome não esteja restrito*.” [Corpus do Português]
 - c) “Os membros de Alcoólicos Anônimos não correm atrás, nem ‘paparicam’ novo companheiro ingressante, mas ardiso, *visto que eles conhecem muito bem as manhas de um alcoólico*, da mesma forma que um trapaceiro regenerado continua conhecendo a arte de iludir o próximo.” [Corpus do Português]

- d) "Primeiro, os indivíduos da lista de espera tendem a montar *lobby* para garantir e acelerar sua convocação, o que gera mais custo de transação e induz a contratação de mais servidores que o necessário. Segundo, os concursos se tornam grandes eventos, com número elevado de candidatos, o que eleva o custo de realização dos certames. [...] Nos concursos públicos as questões de múltipla escolha têm maior peso. *Dado que os concursos são grandes eventos*, opta-se por um método de teste que facilite a correção por meio eletrônico." [Corpus do Português]
- e) "Enquanto este concebia o estado natural como guerra e o estado social como fonte de segurança individual, Rousseau afirmava o estado natural como fonte da liberdade e da igualdade, sendo essencialmente bom, enquanto que a sociedade política era a fonte da guerra, *posto que instaurava a desigualdade entre os homens*." [Corpus do Português]
- 2) Autores como König (1985), Neves (1999) e Santos Silva (2019; 2023) mostram que as orações introduzidas por *ainda que* e *mesmo que* podem se comportar tanto com valor concessivo (quando as informações presentes na oração principal e na hipotática são verdadeiras) ou concessivo-condicional (quando a informação presente na oração principal é verdadeira, mas a informação da oração hipotática pode ou não ocorrer). A partir dos dados de usos abaixo, identifique a semântica de cada oração destacada:
- a) "[...] permitindo dissipação de calor suficiente para manter o *hardware* em temperatura estável mesmo em uma estrutura física pequena. *Ainda que seja menor*, outra promessa dos desenvolvedores é uma oferta maior de portas em relação ao MacBook." [Corpus do Português]

- b) "Se um investigado confessa a prática delituosa, a única suposição que podemos fazer é no sentido de que tal fato se deu de maneira legítima e nos termos legais, sem qualquer tipo de coação. Nesse sentido, entendemos que tal confissão pode, perfeitamente, ser valorada pelo juiz no momento da sentença, *ainda que o acusado volte atrás na fase processual.*"
[*Corpus do Português*]
- c) "Segundo o governador, o volume atual de água no açude garante autonomia de 303 dias, tempo em que é possível retirar água *mesmo que ocorra algum problema na transposição.* 'Não é possível uma polêmica como essa [em torno do fim do racionamento] quando os dados apresentados mostram que tudo está sendo feito com responsabilidade,' defende Ricardo. João Azevedo garante que a situação está tecnicamente sob controle e que a gestão tinha 'certeza da capacidade de captação de água' quando anunciou o fim do racionamento. 'Nós tínhamos uma condição de queda [no volume] na barragem e agora estamos com estabilidade de captação,' justifica. Ele explicou também que 'não existe autorização [de uso] para irrigação e sim a possibilidade para tirar o mínimo de água para cerca de 400 agricultores cadastrados.' [Corpus do Português]
- d) "O *ranking* é formado a partir da consulta que usuários fazem de uma determinada palavra. Dessa procura a empresa produz uma medida, que denomina "índice de interesse" (em uma escala de 0 a 100). Na avaliação, foram consideradas as buscas dos últimos 12 meses. Ele compara o termo, *mesmo que ele seja consultado em distintos idiomas.*"
[*Corpus do Português*]

PARA SABER MAIS

Para o leitor saber mais sobre a linguística funcionalista sugerimos o texto abaixo, que traz os conceitos básicos da área, como Iconicidade, Informatividade e Contínuo Categorial.

CUNHA, Maria Angélica; RIOS DE OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola, 2015.

Para conhecer a abordagem construcionista para análise de dados, sugerimos o artigo de Furtado da Cunha e Cezario (2023), informado a seguir:

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 67, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/15041>. Acesso em: 23 set. 2023.

Os três textos listados a seguir trazem análises sobre as orações hipotáticas concessivas e causais sob um ponto de vista funcionalista. Para um estudo aprofundado sobre as orações concessivas, não deixem de ler o capítulo da grande linguista funcionalista Maria Helena Moura Neves.

NASCIMENTO, Juliana; CEZARIO, Maria Maura; CASTANHEIRA, Dennis. Uma análise funcionalista das construções hipotáticas iniciadas por visto que, dado que e posto que. **Diálogo das Letras**, Brasil, v. 11, p. 1-20, 2022.

NEVES, Maria Helena Moura. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do Português Falado**: Novos estudos. v. 7. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 545-591.

SANTOS SILVA, Thiago. Formação dos conectores contrastivos ainda que e mesmo que: uma análise construcional. In: CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S.; CASTANHEIRA, D. **Linguística Baseada no Uso**: Explorando Métodos, Construindo Caminhos. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.

REFERÊNCIAS

- CHAFE, Wallace. **Language and Time**. Estados Unidos: Harcourt Brace Jovanovich, 1984.
- CHEN, Guohua. The grammaticalization of concessive markers in early modern English. *In*: FISCHER, Olga (Org.). **Pathways of change, grammaticalization in English**. Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado; RIOS DE OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mario Eduardo Toscano. **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola, 2015.
- DIESSEL, Holger. **The Grammar of the English Tense System: A Comprehensive Analysis**. Amsterdam: De Gruyter Mouton, 2013.
- DIESSEL, Holger. **The Grammar Network: linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- FELÍCIO, Carla Patrício. **A gramaticalização da conjunção concessiva embora**. 180 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HOPPER, Paul.; TRAUOGOTT, Elizabeth. Closs. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993
- KÖNIG, Ekkehard. **The Meaning of Focus Particles: A Comparative Perspective**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1984.

KÖNIG, Ekkehard. On the Semantics of Phi-Features on Pronouns. *In*: ABRAHAM, C. G.; MEIBAUER, Jörg (Ed.). **Synchronic and Diachronic Approaches to Linguistic Variation and Change**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985. p. 153-173.

LAMBRECHT, Knud. **Information Structure and Sentence Form**: Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

NASCIMENTO, Juliana Barboza do. **Construções hipotáticas introduzidas por “visto que”, “dado que” e “posto que” no português brasileiro**: uma análise baseada no uso. 58 f. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português-Italiano). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

NASCIMENTO, Juliana; CEZARIO, Maria Maura ; CASTANHEIRA, Dennis. Uma análise funcionalista das construções hipotáticas iniciadas por visto que, dado que e posto que. **Diálogo das Letras**, v. 11, p. 1-20, 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. Editora UNESP, 1999.

RODRIGUES, Violeta Virginia (Org.). **Desgarramento de cláusulas em português**: usos e descrição. São Paulo: Blucher, 2018. Disponível em: www.blucher.com.br. Acesso em: 23 set. 2023.

SANTOS SILVA, Thiago. **Análise de construções oracionais concessivas em português e em espanhol: um estudo comparativo baseado no uso**. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2023.

SANTOS SILVA, Thiago. Construcionalização e competição de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [Xque] em português. **Revista Odisseia**, Brasil, v. 4, p. 132-153, 23 nov. 2019.

10

Nastassia Santos Neves Coutinho

Leyla Ely

Juan Lima De Paula

Manoela Amstelden Ambiel

CONSTRUÇÕES EPISTÊMICAS:

**OS CASOS DE
*VAI QUE E DE REPENTE***

RESUMO

Este capítulo trata das construções *vai que* e *de repente* com sentido epistêmico de possibilidade sob o viés da Gramática de Construções Baseada no Uso (Tomasello, 2003; Bybee, 2010; Diessel, 2019). Nesta perspectiva, a gramática é entendida como emergente e derivada de processos cognitivos de domínio geral. *Vai que* e *de repente* passaram pelo processo de construcionalização, sendo utilizadas como conectores linguísticos com sentido proeminente de possibilidade no português brasileiro. As construções citadas são usadas com alta frequência na língua, mas ainda não foram suficientemente exploradas nos estudos da linguística. Há alguns trabalhos importantes como Longhin-Thomazi (2010), Andrade (2012; 2014) e Ely e Cezario (2023), no caso de *vai que*; e Siqueira (2014) e Coutinho (2016; 2021), no caso de *de repente*. Assim, neste capítulo, buscamos explorar as funções intrínsecas às construções, estabelecendo diálogo entre ambas, já que se encontram no domínio da modalidade epistêmica quase-asseverativa. Ainda, propomos questões para discentes de graduação em linguística sobre os fenômenos, para que possam analisar dados sobre as construções, bem como refletir acerca dos conceitos teóricos explorados durante o capítulo.

CONHECENDO O FENÔMENO

Para os Modelos Baseados no Uso, o sistema linguístico é formado por meio de instâncias de uso apoiadas naquilo que o falante entende cognitivamente e produz socialmente. Sendo assim, a língua é organizada a partir de processos de domínio geral, que não são exclusivos da linguagem, pois atuam sobre diferentes habilidades humanas, como a capacidade de assimilação e categorização dos mais variados símbolos, sejam eles linguísticos ou não (Bybee 2010; Diessel, 2019). Dessa forma, o estudo do sistema linguístico tem de levar em conta a criatividade do falante, a frequência de uso das construções e os processos cognitivos, uma vez que esses aspectos carregam características surgidas a partir da produtividade e da interação falante/ouvinte, os quais podem acarretar mudanças, seja no plano da estrutura ou do significado linguístico, ou em ambos (Tomasello, 2003). A gramática nessa linha é vista como uma rede de construções linguísticas, sendo cada construção um pareamento forma e função.

Nesse viés, expressar-se por meio da língua requer estratégias cognitivas e sociais que são percebidas no próprio uso linguístico. A manifestação de atitudes e crenças do indivíduo sobre determinada situação é entendida como uma dessas estratégias e como forma de comunicação, a qual pode ocorrer por meio de marcadores modais (Givón, 2002) ou, em outros termos, construções que expressam modalidade. A modalidade é estabelecida pela assertividade e/ou crença do falante sobre determinado conteúdo proposicional (Palmer, 2001; Givón, 2002).

De acordo com Givón (2002), a modalidade pode ser dividida em duas atitudes: a deôntica e a epistêmica. A primeira é marcada pelo desejo, pela obrigação, intenção, manipulação ou pela preferência do falante. Por outro lado, a segunda está localizada no eixo do conhecimento e refere-se ao (des)comprometimento do enunciatador acerca do que diz (Lyons, 1977; Palmer, 2001; Givón 2002 etc.).

O autor cita os verbos “dever” e “precisar”, em inglês, para exemplificação de itens gramaticais que codificam modalidade. Isso também pode ser visto no PB:

- (1) “Já está confirmado, vai ter greve! E SE VOCÊ USA METRÔ OU TREM VOCÊ DEVE APOIAR OS TRABALHADORES DO TRANSPORTE PÚBLICO!” [X, 2023]¹⁹⁵
- (2) “‘Você é o menino do twitter’ Não, não sou eu... você deve estar confundindo!” [X, 2023]

Tais ocorrências podem expressar valor de obrigação/imposição, sinalizando a atitude deôntica, como em (1), em que a modalidade é orientada para o ouvinte; ou epistêmica, com sentido de probabilidade, como em (2), cujo significado é dependente do contexto em que é dito.

Quanto aos marcadores *de repente* e *vai que*, especificamente, ambos podem assumir função de possibilidade epistêmica, sinalizando para a incerteza, isto é, quase-asseverativa, nos termos de Adelino e Nascimento (2019). Além disso, as construções, ao assumirem a função modal, apresentam certo descomprometimento do locutor em relação ao dito (Ely; Cezario, 2023). A exemplo:

- (3) “Eu sou aquele que disse que ia cancelar todos os *streamings*, e acabei renovando tudo. *Vai que de repente* eu quero ver algo, e isso esteja disponível apenas na plataforma? Melhor prevenir do que remediar. E não vou ficar pobre por conta de uns trocados.” [Twitter, 2022, grifos nossos]

Em (3), é possível perceber que *vai que* e *de repente* têm sentido de possibilidade, aproximando-se do modalizador *talvez*, sendo empregados juntos, inclusive. Nesse caso, a desistência do locutor

em cancelar *streamings* se deu pela possibilidade (e de seu possível desejo) de ele decidir assistir algo (um filme, por exemplo).

Conforme Castilho e Castilho (2002), em uma oração (P, Q), avalia-se a proposição P como uma possibilidade, cuja adesão por parte do falante acerca do comprometimento a respeito do que está sendo dito é baixa (Ely; Cezario, 2023). Nesse sentido, pode-se dizer que há certa “proteção de face” do locutor (Adelino; Nascimento, 2018). É o caso de:

- (4) “Ninguém dá atenção para esse assunto, mas a relação das pessoas com os seus livros é tão íntima quanto uma vida de casal. Há pormenores, traumas, manias. Há sutilezas, pânico, bloqueios. Prefiro que mexam no meu queixo do que mexam nos meus livros. Eu hein, *vai que* dobram a pontinha da página.” [*Corpus do Português*, 2023, grifo nosso]
- (5) Não, eu/eu entro com medo, que eu tenho medo de/de, assim, de entrar na água e ter alguma coisa, porque, *de repente*, +pode ter alguma coisa não/ter/é... tem gente, assim, que/Agora que tá/que tá, assim, bom, que tá limpo, porque eles faz um/é/mutirão de limpeza na praia, né? [...]” [Século XX, Amostra Portvix]

Em (4), *vai que* introduz uma possibilidade avaliativa, pois emite juízo de valor sobre o que poderia acontecer com seus livros, caso alguém mexesse neles. Funciona, ainda, como protetor de face do locutor, porque o falante suaviza seu posicionamento acerca do incômodo ao mexerem em seus livros. Por sua vez, em (5), o locutor informa seu receio de entrar no mar e utiliza a oração com a construção *de repente* para modalizar o motivo do seu medo, por meio da indicação da possibilidade de aparecer algo no mar, uma vez que as praias nem sempre estão limpas (Coutinho, 2016).

Outra ocorrência de *de repente* e *vai que* com papéis de modalizadores quase-asseverativos é:

- (6) “Fiquei triste em a época e falei com ele a razão. Mas é lance de futebol. Em momento algum achei que ele foi com a intenção de me machucar. É um jogador forte, que entra firme e, coincidentemente, as duas lesões aconteceram com ele. É claro que, se puder evitar de enfrentá-lo em o Paulista, vou evitar. Não só por... Fica aquela desconfiança de ele também de chegar em mim. *De repente, vai que* ocorre um novo lance e vão falar que ele está de marcação comigo, mas não tem nada disso.” [Corpus do português, 2023, grifos nossos]

Da mesma forma, em (6), *de repente* e *vai que* podem ser interpretados com sentido de possibilidade, uma vez que a palavra “desconfiança”, dita pelo interlocutor no período anterior, traz a semântica da dúvida aliada a uma dedução de algo que é provável com base nas evidências incompletas que estão na posse do falante, o que é reafirmado pelo emprego dos modalizadores.

A função de modalizador epistêmico de possibilidade que atribuímos ao *de repente* é descrito por Neves (2011) como modificador que modaliza a asserção, indicando opinião ou suposição, como é o caso nos exemplos, abaixo:

- (7) “Qué dizê, nunca poderia imaginá trabalhá num clube, né? Nem fazê um estágio, e *de repente* possa surgir essa oportunidade?” [Século XX — Amostra Censo 2000]
- (8) “[...] já ía eliminá certas coisas como jardim, não, só se... o que acontece hoje, entendeu? hoje a mulher, por exemplo, a mãe ela tem que trabalhá, entendeu? [est] tem que, porra... tem que estudá. Então *de repente* ela não tem tempo” [Século XX — Amostra Censo 2000]

Em (7), percebe-se que *de repente* representa a noção da possibilidade da realização de um evento, modalizando toda a asserção: “*de repente* possa surgir essa oportunidade”; e uma pressuposição

inferida a partir do contexto anterior, como em (8), “*de repente* ela não tem tempo”, como estipulado por Neves (2000) e Coutinho (2021).

Referente ao *vai que* percebemos outros julgamentos que podem estar intrínsecos à modalidade quase-asseverativa, como os valores de crença ou dúvida pautados na não assertividade da proposição. Para exemplificação, apresentamos a seguinte ocorrência:

(9) “o dia está tão bonito, mas não vou nem ficar mt animada *vai que* chove.” [X, 2023. grifo nosso]

Em (9), *vai que* apresenta sentido de possibilidade avaliativa, dado que introduz a possibilidade acerca da não assertividade sobre o fato de chover, a qual está pautada na avaliação que a falante faz sobre o dia estar bonito e sobre não ficar animada. Logo, a crença e a expectativa da falante e seu conhecimento sobre o mundo são fatores que influenciam no sentido da construção, uma vez que, se é um dia bonito, a chance de chover deveria ser baixa, o que se configura como quebra de expectativa, isto é, o esperado seria que a pessoa ficasse animada, visto que o dia está bonito. Ainda, *vai que* vincula-se sintática e semanticamente com a sentença anterior: “mas não vou nem ficar muito animada”, funcionando como forma de justificação para o fato de a locutora não querer ficar animada.

Sobre as crenças e experiências de mundo do indivíduo, expressas por meio dos marcadores *vai que* e *de repente*, pode-se dizer que essas são carregadas de (inter)subjetividade,¹⁹⁶ que podem interferir na apresentação de uma situação. O falante, portanto, pode se posicionar sobre determinado assunto, manifestando sua opinião e seu conhecimento de mundo. Quando o modalizador apresenta alto grau de intersubjetividade, como no caso de *vai que*, ele está ligado à

196 Traugott (2010) explica subjetividade como a relação do falante com suas crenças e atitudes, e intersubjetividade como a relação do falante com a face do destinatário. A autora ressalta que a comunicação já implica intersubjetividade, pela relação entre o “eu” e o “você”, uma vez que o falante adequa o discurso ao contexto e aos indivíduos incluídos. Assim, a subjetividade está relacionada ao que é possível, relativa à avaliação do falante, e a intersubjetividade à atenção ao destinatário.

percepção do falante sobre o ouvinte, incluindo estratégias que possam amenizar a recepção pelo ouvinte do conteúdo expresso. Em outras palavras, “o enunciado se torna mais subjetivo pois o falante se inclui no enunciado e mais intersubjetivo porque o falante se dirige especificamente aos destinatários” (Coutinho, 2021, p. 40).

Para exemplificar, apresentamos as seguintes ocorrências:

- (10) “Dá conta de todos os passos de teus pés, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas dos teus olhos, de todas as atenções dos teus ouvidos, de todas as palavras de tua língua, e de tudo o mais que tu sabes, e não cabe em palavras. Depois de creado, que seria de ti, se eu com o mesmo poder e providencia te não conservára? *De repente* perderias o ser e tornarias ao nada d’onde sahistes. Para tua conservação, te dei não só o necessario, senão o superabundante, e tanta immensidade de creaturas no céu e na terra, todas sujeitas a ti, e occupadas em teu serviço. Dei-te um anjo, que de dia e de noite, velando e dormindo, te assistisse e guardasse, como sempre assistiu e guardou. Agora te revelo os perigos secretos e occultos, de que foste livre por seu meio: e tu lembra-te dos publicos [...]” [Sermões, Padre Antonio Vieira, Século XVII]
- (11) “Ficou animado com a série? Então é só esperar, pois Dragon Ball Super terá seu primeiro episódio disponível em 5 de julho. Infelizmente, não há uma data para sua chegada por aqui; mas *vai que*, assim como ocorreu em Soul of Gold, a Toei não resolve fazer um lançamento simultâneo da série aqui no Brasil?” [*Corpus do Português*, 2023, grifo nosso]

Em (10), o contexto em que *de repente* está inserido é de hipótese (“se eu com o mesmo poder e providencia te não conservára?”), e a ideia apresentada supõe a perda do ser, caso o outro deixe de resguardá-lo, como tem feito por meio dos anjos que dia e

noite o conservam: “Dei-te um anjo, que de dia e de noite, velando e dormindo, te assistisse e guardasse, como sempre assistiu e guardou”. Além disso, os verbos “perder” e “tornar” estão flexionados no modo-temporal do futuro do pretérito, situando o discurso no modo *irrealis* e indicam algo que poderia ter acontecido, portanto, potencial (Coutinho, 2021, p. 53).

Por outro lado, em (11), é possível perceber o grau de intersubjetividade, pois o falante se dirige ao seu interlocutor e apresenta quebra de expectativa acerca da série não ter data para lançamento no Brasil. Assim, ao usar *vai que*, o falante demonstra uma percepção que é contrária ao que ele acaba de enunciar, baseando-se em uma crença positiva, alicerçada numa situação semelhante vivida/observada por ele (o lançamento simultâneo de outro seriado da mesma distribuidora). Dessa forma, ao usar a construção, o locutor, além de manifestar sua crença, busca amenizar a recepção do ouvinte ao enunciado, fazendo com que ele interprete a situação a partir do ponto de vista do locutor.

A seguir, apresentamos algumas tendências de uso dos fenômenos em estudo.

TENDÊNCIAS DE USO

Como dito, as construções *de repente* e *vai que* são utilizadas pelo falante para emitir suas crenças sobre determinada proposição. *Vai que* passou por um processo de construcionalização, em que houve mudanças tanto na forma quanto no significado da construção. O verbo *ir* deixa de significar movimento espacial para designar tempo futuro na sua função de auxiliar. Em *vai que*, o verbo deixa de ser verbo pleno para se juntar ao complemento *que* e passa a assumir função de conector de orações (Andrade, 2012), como em:

- (12) “É mesmo, acho que cheguei a ver o André Gonçalves algum dia nessa novela, mas li que muitos atores saíram por que fariam papéis muito pequenos, *vai que* ele estava nessa leva.”
[*Corpus do Português*, 2023, grifo nosso]

Em (12), percebe-se que *vai* já não possui mais função de verbo, e sim de conector de oração, já que se liga ao pronome *que*, formando um *chunk*, e vincula-se semântica e sintaticamente à oração anterior “li que muitos atores saíram por que fariam papéis muito pequenos”, ao qual introduz uma situação hipotética sobre André Gonçalves estar entre os atores que saíram da novela.

Quanto ao *de repente*, ocorreu construcionalização a partir da construção com função de advérbio de modo que passou por mudanças construcionais até que ela se desloca da rede dos advérbios modificadores para a rede dos modalizadores (Coutinho, 2021). A construção mais antiga, com valor de advérbio de modo ou de operador de mudança (podemos atribuir à construção uma função mais geral, a de qualitativo, terminologia usada por Martelotta, 1994; Ilari, 2007), convive no português contemporâneo com a construção modalizadora, tendo a primeira um valor pragmático mais voltado para o falante/escritor e a segunda um valor mais intersubjetivo, porque o falante/escritor leva em consideração também a visão do ouvinte/leitor. À exemplo:

- (13) “Segundo a diligência com que daí e daqui partiu o correio, já hoje o considero em Roma. Posto que bastaria a notícia para causar a admiração de resposta tão impensada, nem por isso tomaria *de repente* aquele governo, que quando deliberou foi, como costuma, com mui assentada premeditação de todos os casos, e do ponto ou extremo a que se há-de chegar neste mesmo. A Semana Santa, em que estamos, é a única em todo o ano, em que o tribunal do Santo Ofício de Roma não tem despacho, e, posto que o negócio sem dúvida se tratará na seguinte, é certo que se não tomará resolução

sem primeiro chegarem as cartas do nuncio, que, segundo o tempo [...]” [Cartas, Padre Antonio Vieira, Século XVII]

No exemplo (13), *de repente* pode ser interpretado com função de advérbio de modo, significando a forma repentina com que poderia tomar o governo, o que pode ser influenciado pela expressão “impensada” que carrega um sentido aproximado de algo que é imprevisto, sem planejamento. Além disso, *de repente* pode ser interpretado com função de modalizador por estar inserido em um contexto de hipótese, a possibilidade de um evento ser realizado:

- (14) “Pouco tínhamos andado por uma rua e querendo tomar outra para nos pôrmos fora, senao quando demos *de repente* com dois homens!” [Infortúnios trágicos da constante Florinda, Gaspar Pires Ribelo, Século XVII]

Outra função que atribuímos ao *de repente*, a partir dos dados, foi a de sinalizar uma mudança de um estado de coisas, da situação descrita, como no exemplo (14), em que percebemos uma quebra de expectativas em relação à continuidade do discurso. Essa interrupção é impulsionada pelo *de repente* que adiciona a ideia de uma quebra de expectativas brusca e imprevista à noção do modo como ocorre a ação da sequência “demos com!”. Essa função de operador de mudança de estado que atribuímos ao *de repente* marca uma mudança brusca no fluxo do discurso, geralmente, imprevisto, e que altera as informações apresentadas até então, como em:

- (15) “O que não faz sentido é deslocar um assistente da Sebes (Secretaria do Bem-Estar Social) para outra secretaria. Nós vamos terminar com os privilégios que alguns têm. Tem uns que são contratados para dar aula e, *de repente*, vai para um cargo administrativo. Não tem sentido. É aí que você incha a máquina desnecessariamente.” [Século XX, Corpus do Português/Fala]

Em (15), observamos que o evento da contratação pode ser repentino, não há uma certeza da alteração de cargo, o falante expressa a hipótese de que esse acontecimento seja realizado, aparentemente há uma contraexpectativa, visto que a contratação visa a dar aulas e não assumir cargos administrativos. Essa noção de uma quebra de expectativa aparece muito na função de operador de mudança. Assim, esses usos podem sugerir o emprego de *de repente* como modalizador, pois facilitam o surgimento de expressões que antecipam o que é possível de decorrer a partir das suposições baseadas nas ações relatadas que revelam pretensão e, conseqüentemente, quebra de expectativa.

A terceira função que atribuímos ao uso de *de repente*, é a função de modalizador epistêmico de possibilidade, valor que consideramos inovador e que constitui outra construção. Abaixo:

- (16) “Qué dizê, nunca poderia imaginá trabalhá num clube, né? Nem fazê um estágio, e *de repente* possa surgi essa oportunidade?” [Século XX — Amostra Censo 2000]
- (17) “[...] já ía eliminá certas coisas como jardim, não, só se... o que acontece hoje, entendeu? hoje a mulher, por exemplo, a mãe ela tem que trabalhá, entendeu? [est] tem que, porra... tem que estudá. Então *de repente* ela não tem tempo” [Século XX – Amostra Censo 2000].

Nos exemplos (16) e (17), vemos que *de repente* representa a noção da possibilidade da realização de um evento, modalizando toda a asserção: “*de repente* possa surgi essa oportunidade”; e uma pressuposição inferida a partir do contexto anterior: “*de repente* ela não tem tempo” como estipulado por Neves (2000).

No que se refere ao *vai que*, a construção pode assumir tanto o papel de operador argumentativo, como de marcador epistêmico, uma vez que ele representa possibilidade, geralmente avaliativa, pautada na expectativa do locutor, ligando-se tangencialmente ao

domínio condicional (Ely; Cezario, 2023). Dessa forma, a construção pode estabelecer sentido de possibilidade e/ou dúvida, dependendo de que intenção o falante tem ao utilizá-la e da compreensão que o ouvinte teve ao receber a informação vinculada ao *vai que*. Vejamos:

- (18) “Conseguia fazer bem mais personagens quando criança, tinha uma facilidade incrível, vou tentar estigar já que aos poucos tô estudando voz dnv, vai que role tirar uma grana como dublador hahaha” [Twitter, 2022, grifos nossos]
- (19) “Nunca vejo cachorro abandonado na rua aqui , aí quando vi um aqui perdido no condomínio já quis pra mim mas não peguei *vai que* tem dono 🙄” [Twitter, 2022, grifos nosso]

Ambas as ocorrências possuem sentido epistêmico quase-asseverativo, em que há proeminência do valor de possibilidade, em (18), e de dúvida, em (19). Todavia, nos dois casos, o falante apresenta uma avaliação sobre a oração anterior, considerando o conteúdo como incerto, em (18), e como aceito e mais provável de acontecer, em (19), já que há expectativa de que de fato o cachorro possa ter dono, justificando, assim, o porquê de o locutor não ter pego o animal para si.

Além disso, há certa proteção de face envolvida no uso de *vai que*, uma vez que o falante o utiliza com o objetivo de flexibilizar o conteúdo da sentença, por sua vez, isentando-se da responsabilidade do seu enunciado, como em:

- (20) “EGO QUANTO LIXO, não dou nem 30 reais parcelado em 3 vezes no cartão em nenhuma peça acima. Esse conjunto *cropped* com saia longa dividida em DUAS FENDAS está uó total, parece que a pessoa tem tanto calor na prexeca que precisa de essa ventilação com urgência. Sem falar que ficou meio apertado na dona Vânia, né? Eu vi assim também na Ivete, *vai que* é tendência agora posar com um pneu pra fora, tô desligada do mundinho da moda mesmo.” [Corpus do Português, 2023, grifo nosso]

- (21) (21) “Tenho uma filha que já vai completar 6 e um menino de 3 então já sai dessa vida de fraldas há algum tempo...” Mas acho bem essa válida escolha — Acho que mais mulheres deveriam, pelo menos, testar o uso de fralda. *Vai que* pegam gosto, né? rs Beijão.” [Corpus do português, 2022, grifos nossos]

Em (20), *vai que* é usado pelo falante para se afastar da proposição anterior (de caráter negativo), pois, ao utilizar a construção e esclarecer que o próprio não entende das últimas tendências da moda, cria-se uma hipótese que pode (ou não) ser verdadeira. Dessa forma, o locutor faz com que suas críticas sejam amenizadas e não se comprometa com o que ele acaba de enunciar. No caso do dado (21), o não comprometimento com a verdade da proposição é também marcada pelo conector “acho que”, sendo que o emprego de *vai que* corrobora para a argumentação do locutor, como afirmam Ely e Cezario (2023).

Interessante pontuar que, por conta de sua alta frequência e produtividade, *vai que* licencia outros subesquemas que, pelo uso, se convencionalizam e podem se tornar formas idiomatizadas na língua. Um exemplo disso são as construções *vai que cola*, *vai que rola* e *vai que dá*; surgindo por meio da repetição, essas microconstruções possuem formas e sentidos próprios:

- (22) “não irei comentar nada sobre, pq *vai que dá errado* e eu quero muito que dê certo.” [Twitter, 2022, grifos nossos]
- (23) “queria um galaxy folder 2 de aniversário. assim, sei lá, *vai que rola* 🤖.” [Twitter, 2022, grifos nossos]

Como se vê, tais usos diferem das ocorrências anteriores, em que *vai que* é um conector. Nesses casos, os usos mais emancipados são acessados como um todo (blocos de sentido), inclusive ocorrendo sempre sem sujeito explícito. Nesse sentido, essas ocorrências — além de produtivas — se mostram internalizadas, tanto no inter-

locutor, quanto no locutor, o que possibilita o surgimento de novas formas como *vai que funciona, vai que melhora, vai que ajuda*.

Assim, enquanto *vai que* tem valor mais intersubjetivo, a construção *de repente* como modalizador epistêmico tem valor mais subjetivo, pois carrega o ponto de vista do falante sobre o estado de coisas descrito. Dessa forma, o falante não se compromete com o que é dito, utilizando de estratégias que mostram que ele não se responsabiliza pela veracidade da afirmação. Como Traugott (2010) ressalta, a comunicação já implica intersubjetividade, porém, há uma gradação entre os níveis de maior subjetividade e intersubjetividade.

Nesses casos, *de repente* se refere a contextos com verbos no presente ou no futuro expressando principalmente possibilidade, além de integrar cenários em que hipóteses podem ser inferidas a partir de situações que viabilizam a antecipação do evento do estado de coisas, possibilitando avaliação do falante sobre o potencial do estado de coisas a ser realizado. No caso do exemplo:

(24) “Assim, fui bem educado. E acho que eu faria a mesma coisa com os meus filhos, ensinaria a escrevê antes de entra na escola, entendeu? já ía eliminá certas coisas como jardim, não, só se... o que acontece hoje, entendeu? hoje a mulher, por exemplo, a mãe ela tem que trabalhá, entendeu? [est] tem que, porra... tem que estudá. Então *de repente* ela não tem tempo, como por exemplo, porra minha mãe tinha. Minha mãe tinha que ficá em casa mesmo, era dentro de casa tomando conta da gente. Hoje, a mulher não, já tem essa jornada dupla de... trabalhá, né? tomá conta da casa e tal, entendeu?” [Amostra Censo 2000, Século XX]

Em (24), o contexto oferece informações que podem facilitar uma dedução/previsão do que pode acontecer a seguir, antecipando a falta de tempo da mulher moderna, pela sucessão de eventos descritos anteriormente. Dessa forma, essa dedução/previsão pode

auxiliar na previsibilidade do contexto que pode influenciar na emergência da função modalizadora. Nesse exemplo, *de repente* se insere em uma oração conclusiva introduzida por “então”, o que já assegura uma certa previsibilidade a partir da sequência de informações apresentadas anteriormente, que permitem esse raciocínio. Em um discurso de natureza expositivo/argumentativo, o falante enumera vários aspectos que caracterizam a vida da mulher moderna, o que pode contribuir para a construção de uma imagem de que, com toda essa carga, é comum ela não ter tempo. A criação dessa imagem favorece a antecipação da conclusão que é apresentada a seguir, em que *de repente* com função de modalizador epistêmico de possibilidade traz o ponto de vista do falante sobre as ações da mulher moderna. Assim, o fato de não “ter tempo” é avaliado pelo falante como uma possibilidade que distingue a vida da mulher moderna em relação à vida da sua própria mãe e a justifica.

Com base no que foi discutido, apresentamos, abaixo, exercícios sobre *vai que* e *de repente*.

TEORIA NA PRÁTICA

Considerando o que foi discutido até aqui, apresentamos alguns exercícios para discussão dos usos de *vai que* e *de repente*. Essas atividades são voltadas a alunos de graduação em Letras e Linguística.

1. Com base na leitura do texto, escreva um comentário sobre o que você entendeu sobre as situações de uso das construções *vai que* e *de repente*.
2. Com base nas funções que a construção *de repente* e *vai que* podem assumir, identifique qual corresponde a cada exemplo abaixo e justifique sua resposta.

- a) “O pessoal da pastoral pode dizer o que quiser. Só que eu não vou me preocupar com isso! Eu tenho que me preocupar em manter a disciplina em pé. Se eu for fazer o que a pastoral quer, *de repente* vou ter que soltar todos os presos para que eles façam uma nova rebelião.” [Século XX — Corpus do Português]
- b) “Em o dia 13 de novembro, a as 22h, estava caminhando por a praça quando *de repente* me faltou o chão. Caí em um bueiro sem tampa! De a queda me resultaram as pernas e os braços feridos.” [Século XX – Corpus do Português]
- c) “De ordinário não se bolem de um lugar, mas estando quedos em roda, fazem os meneios com o corpo, mãos e pés. Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. Arremedam pássaros, cobras, e outros animais, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Estas trovas fazem *de repente*, e as mulheres são insignes trovadoras. Também quando fazem este motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiam até que algum cansa, e logo lhe vem outro acudir. Algumas vezes procuram de vir a braços e amarrar o contrário, e tudo isto fazem para se embriecer.” [Carta de relação da viagem e missão a província do Brasil, Fernão Cardim Século XVI]
- d) “Não mexe com ela, não... *vai que* ela tem poderes psíquicos e ataca todo mundo!?” [Corpus do Português, 2023, grifo nosso, adaptado pelos autores]
- e) “O meu domingo ensolarado e feliz acabou naquele momento. Um sentimento de injustiça tão grande! E o pior é que ele não aceita conversar. Ah, não quer conversar? Pois está ouvindo duas vezes por dia: ‘e aí? já procurou outra terapeuta?’ E um bico do tamanho do mundo do lado de cá. E é isso. Alguém aí

passou/passa pelo mesmo, tem um caso para compartilhar, um colo, um abraço?... Em alguns dias apagarei esse *post*. *vai que* um dia eu decida mostrar o *blog* para as pessoas 'da vida real', quero não que todo mundo saiba sobre esses sentimentos." [*Corpus do Português*, adaptada pelos autores]

3. Na frase abaixo, identificamos duas funções para a construção *de repente*. Cite as funções encontradas para a construção e justifique seus usos a partir do contexto.

"São os macacos — que o Herman José toca muito bem, que esse tipo tem talento —, é a gorilada toda que para ganhar dinheiro e nome faz aquilo. É a mesma coisa que um tipo querer ser o leproso mais célebre entre os leprosos. O pior é que *de repente* a cultura mais elevada começa a misturá-los, a chamá-los, a metê-los lá... Isso é mais tenebroso ainda. Repare: se um editor diz ao escritor: 'Agora tens que escrever livros pimba', eu não atribuo a culpa ao editor, atribuo a culpa a quem escreve os livro [...]" [Século XX, *Corpus do Português/Escrita*]

PARA SABER MAIS

Para saber mais sobre os fenômenos de *vai que* e *de repente*, selecionamos alguns artigos sobre os temas. Os três primeiros artigos são sobre *vai que*:

ANDRADE, Maria Aparecida da Silva. Gramaticalização: (inter)subjetivização e modalização nas estruturas *vai ver* e *vai que*. Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, ano 17, 2014, João Pessoa. **Anais [...]**, João Pessoa, 2014.

Nesse trabalho, a autora aborda duas construções recentes da língua e que possuem valores modais: *vai ver que* e *vai que*. Ambos os conectores possuem semântica semelhante, mas com suas particularidades de uso. *Vai que* teria, segundo ela, valor de possibilidade, e *vai ver que* de probabilidade.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderleia Roberta. 'Vai que eu engravidou de novo?': gramaticalização, condicionalidade e subjetividade. **Lusorama**, São Paulo, v. 81-82, 2010.

Nesse trabalho, autora denomina *vai que* como condicional e apresenta questões referente às possíveis formas estruturais introduzidas pelo conector, por exemplo: *X, vai que Y, (então Z)* e *Vai que X, (então) Y*, lincando-os com os padrões funcionais.

ELY, Leyla; CEZARIO, Maria Maura. [Vai que] e a condicionalidade: uma análise baseada no uso. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 245-264, 2023.

Esse último trabalho sobre a construção *vai que* é de Ely e Cezario (2023), intitulado “[Vai que] e a condicionalidade: uma análise baseada no uso”, no qual as autoras descrevem o pareamento forma-significado da construção, apresentado *link* com o domínio da condicionalidade.

Quanto à construção *de repente*, também selecionamos três trabalhos que tratam da construção:

COUTINHO, Nastassia Santos Neves; CEZARIO, Maria Maura. A formação histórica da construção [de repente]: uma abordagem construcional no uso. **Revista Coralina**, Brasil, p. 43-66, 31 jan. 2019.

Esse artigo discute se a construção *de repente* com valor temporal e *de repente* com valor de modalizador epistêmico são duas construções diferentes na língua, tomando como base o modelo de construcionalização/mudança construcional de Traugott e Trousdale (2013).

COUTINHO, Nastassia Santos Neves. Mudança/Variação da construção [de repente] sob a ótica da abordagem construcional da gramática. **Revista e-escrita**, Rio de Janeiro, p. 110-126, 14 abr. 2021.

Coutinho (2021) analisa a trajetória da construção *de repente* e sua comparação com a construção “talvez” a partir do fato de que a construção *de repente* apresenta diferentes valores, a depender da sincronia analisada, conforme coleta e análise de dados do *Corpus* do Português. Destacam-se três usos no português atual: o valor temporal, o valor de modalizador epistêmico e o valor ambíguo. Dessa forma, ao assumir o significado inovador, passa a competir com outras construções, como “talvez”.

COUTINHO, Nastassia Santos Neves. **Os usos de** de repente: uma análise diacrônica centrada no uso. 2021. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Essa tese ilustra os usos de *de repente* servindo, assim, como consulta acerca de suas funções na língua portuguesa. O estudo apresenta uma análise diacrônica dos usos de *de repente* em dados coletados em textos escritos do século XVI ao século XX e de textos orais do século XX, a fim de identificar o percurso histórico de seus usos e as propriedades sintáticas e semântico-pragmático-discursivas das orações em que a construção está inserida.

REFERÊNCIAS

ADELINO, Francisca Janete da Silva; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. O funcionamento semântico-argumentativo da modalização epistêmica quase-asseverativa. **Revista do GELNE**, Natal, v. 20, p. 98-110, 2018.

ADELINO, Francisca Janete da Silva; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A modalização epistêmica asseverativa na construção argumentativa de entrevistas de seleção de emprego. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 287-302, 2019.

ANDRADE, Maria Aparecida da Silva. Gramaticalização: (inter)subjetivização e modalização nas estruturas vai ver e vai que. Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, ano 17, 2014, João Pessoa. **Anais [...]**, João Pessoa, 2014.

BYBEE, Joan. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; CASTILHO, Cecília Moraes. Advérbios de Modalizadores. /n: CASTILHO, A. T. de. **Gramática do Português Falado**. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 207-227.

COUTINHO, Nastassia Santos Neves. **De repente, não mais que de repente, gramaticalizando**. 2016. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Programa de pós-graduação em Linguística, Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

COUTINHO, Nastassia Santos Neves. **Os usos de de repente: uma análise diacrônica centrada no uso**. 2021. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) — Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

DIESEL, Holger. **The grammar network: how linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ELY, Leyla; CEZARIO, Maria Maura. [Vai que] e a modalidade: uma análise baseada no uso sobre o domínio condicional. **Soletras**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, Rio de Janeiro, n. 45, p.152-168, 2023.

GIVÓN, Talmy. **Bio-linguistics**: The Santa Barbara Lectures. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002.

ILARI, Rodolfo. A categoria advérbio na gramática do português falado. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 151-174, 2007.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderleia Roberta. 'Vai que eu engravidou de novo?': gramaticalização, condicionalidade e subjetividade. **Lusorama**, São Paulo, v. 81-82, 2010.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PALMER, Frank Robert. **Mood and modality**. Cambridge Textbooks in Linguistics. New York: Cambridge University Press, 2001.

SIQUEIRA, Sirley Ribeiro. **Usos da expressão de repente**: trajetória e funcionalidade. 2014. Tese de doutorado (Doutorado em Estudos da Linguagem) — Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

TOMASELLO, Michael. **Constructing a language**: A usage-based theory of language acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (Inter)subjectivity and (inter) subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K. *et al.* (Org.). **Subjetification, intersubjetification and grammaticalization**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2010. p. 29-74.



*Karen Sampaio Braga Alonso
Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux*

**CONSTRUÇÕES
BINOMINAIS
QUANTIFICADORAS**

RESUMO

Este capítulo visa apresentar um conjunto de construções denominadas construções binominais quantificadoras, no português brasileiro, tal como se vê em *um quilo de farinha*, *um bocado de problemas*. Essas construções são chamadas de binominais em função de serem formadas pela combinação entre nome quantificador (por exemplo, *quilo*) e nome quantificado (por exemplo, *farinha*), e de quantificadoras, pois operam dentro do domínio da quantificação. Neste capítulo, tais construções estão fundamentalmente relacionadas aos processos cognitivos chamados de multiplexização (caso de *um monte de coisas*, no qual *coisas* foram multiplicadas por meio da construção) e extração de porção (caso de *um pouco de arroz*, em que a construção serve para expressar uma pequena parcela do montante do arroz). Além disso, nota-se que, em usos como *um monte de gente*, por exemplo, a quantidade é imprecisa e subjetiva; e em usos como *um quilo de farinha*, por exemplo, a quantidade é precisa e convencionalmente estabelecida.

CONHECENDO O FENÔMENO

Desde muito pequenos, já nos deparamos com noções básicas que permeiam o domínio da quantificação. Quando crianças, por exemplo, escolhemos o prato que tem mais biscoitos em detrimento de outro, com uma quantidade menor do alimento. Reconhecemos o copo que tem mais suco e consideramos, por vezes, que acumular dez moedas de um real é mais vantajoso do que ter uma única nota de cem. Ainda, nossas avaliações de quantidade podem ser ora mais certas, como *dois copos*, *vinte pratos*, ora mais aproximadas, como *uns cinco pratos de feijão*, *vários pedaços de carne*.

É fato que as diferentes línguas do mundo apresentam formas bastante diversificadas para expressar quantidade. No caso em questão, o português brasileiro dispõe de uma série de construções diferentes para que os falantes expressem os modos como quantificam os referentes do mundo à sua volta. É possível, por exemplo, usar uma construção combinando *nome + s* para indicar *mais do que um*, como se pode ver comparando *livros* e *livro*.

Também é possível lançar mão de construções com pronomes indefinidos, tais como *vários N* (a exemplo de *vários problemas*), *bastantes N* (como em *bastantes questões*), *muito N* (*muito leite*); ainda, indicando parte, como o que se vê em *um pedaço de bolo*, em que há uma construção estruturalmente complexa que junta um numeral, um nome indicativo de parte, a preposição *de* e um outro nome geralmente de caráter massivo, como se pode ver em *um pedaço de bolo*.

Uma outra construção, bem parecida com essa de que acabamos de tratar — *um pedaço de bolo* —, pode ser vista em *uma enxurrada de dólares*. Embora seja muito parecida com a anterior, por ser uma estrutura também complexa formada por *um* mais um nome quantificador mais a preposição *de* mais o nome quantificado, ela não é do mesmo tipo. Veja só:

- (i) no caso de *um pedaço de bolo*, *um* é numeral (*um, dois, três pedaços*); já em *uma enxurrada de dólares*, *uma* não é numeral, mas artigo indefinido — não podemos comutá-lo com *duas, três*, por exemplo (**Duas enxurradas de dólares*).
- (ii) A construção *um pedaço de bolo* é usada quando se quer falar de uma parte de algo (no caso, o bolo), enquanto *uma enxurrada de dólares* expressa uma quantidade grande e indefinida da moeda.
- (iii) No caso de *um pedaço de bolo*, o nome *pedaço* significa uma quantidade de algo que corresponde a uma parte, uma fatia do todo; por outro lado, em *uma enxurrada de dólares*, *enxurrada* é um fenômeno natural, não um nome que já faz parte do domínio da quantidade.
- (iv) Em uma construção como *um pedaço de bolo*, geralmente o nome quantificado aparece no singular e é concebido como incontável; já em uma construção como *uma enxurrada de dólares*, o nome quantificado aparece frequentemente no plural e é concebido como contável.
- (v) *um pedaço de bolo* pode ser categorizado como uma construção partitiva; de outra forma, *uma enxurrada de dólares* é classificada como construção quantificadora.

Neste capítulo, vamos tratar das construções binomiais quantificadoras tal como *uma enxurrada de dólares*, ou seja, vamos falar dessas construções complexas em que falantes recrutam referentes que não são do domínio da quantidade para falar de quantidade. Além de *uma enxurrada de SN* (o *SN* aqui é entendido como um *slot* da construção que vai ser preenchido com o nome do referente que é quantificado na construção), estão nesse mesmo grupo outras construções como *um monte de SN*, *um mundo de SN*, *um bocado de SN*, *uma chuva de SN*, e assim por diante.

Nomes como *enxurrada*, *monte*, *mundo*, *bocado* e *chuva*, mencionados anteriormente, são chamados de nomes quantificadores, por serem usados como base cognitiva da quantificação nesse tipo de construção quantificadora. Isso porque os falantes do português brasileiro recrutam formas que não são quantificadoras para criativamente quantificar referentes na língua. A construção *uma enxurrada de SN*, por exemplo, é geralmente usada junto de verbos que indicam movimento e se combina com nomes quantificados que podem ser movidos, de modo análogo a como a força de uma enxurrada leva casas, carros, árvores, móveis e tudo mais que está ao seu alcance.

Alguns dos nomes quantificadores que encontramos nas construções binominais do português brasileiro tiveram seu sentido perdido ao longo do tempo. Diferentemente de *enxurrada* — cuja referência a um fenômeno natural é ainda recuperável para um falante dos dias de hoje —, *bocado*, historicamente associado à ideia de algo que se pega com a boca (ou que cabe na boca), dificilmente tem seu sentido recuperado por esses mesmos falantes. Isso mostra que alguns nomes quantificadores são mais transparentes e outros são menos transparentes no que diz respeito ao seu sentido original. Alguns são mais antigos (caso de *bocado* e *monte*, por exemplo) e outros foram recrutados mais recentemente (caso de *enxurrada* e *chuva*, por exemplo).

Construções binominais quantificadoras estão ligadas a categorias gramaticais que se relacionam ao conceito de quantidade. Sendo assim, seguindo os propósitos deste capítulo, será abordado brevemente o trabalho de Talmy (2006). O autor, para tratar das diferentes formas como estruturamos gramaticalmente a nossa cognição, descreve as seguintes categorias do domínio da quantidade: dimensão, plexidade, estado de delimitação e estado de divisão. O estabelecimento dessas categorias se pauta na premissa de que uma sentença é formada pelos subsistemas gramatical e lexical. Na interação entre esses sistemas, o autor considera que as especificações gramaticais seriam responsáveis por algo como um esqueleto

imagético, enquanto o léxico estaria responsável pela especificidade do conteúdo a ser afetado pela estrutura gramatical.

Dentre as categorias relacionadas ao conceito de quantidade apresentadas por Talmy (2006), trataremos neste texto das três últimas: plexidade, estado de delimitação e estado de divisão, por se aplicarem mais diretamente ao entendimento das construções binominais em foco. Segundo o autor, plexidade, tomada mais amplamente, é concernente à noção de quantidade associada à ideia de matéria ou ação. As especificidades da categoria de plexidade podem ser atribuídas por meio do léxico, da gramática ou, ainda, pela associação dos dois. Ela está subdividida nas subcategorias multiplexo e uniplexo. Para entender melhor esse assunto, podemos recuperar alguns dos exemplos presentes em Talmy (2006).

Matéria / ação:

- (1) uniplexo: A flor se abriu./Ele suspirou.
- (2) multiplexo: As flores se abriram./Ele ficou suspirando.

Esses exemplos representam duas operações cognitivas atribuíveis a nomes (matéria) e verbos (ações). A primeira é a da uniplexidade, em que a entidade é conceptualizada como única, e a ação é vista pontualmente realizada no tempo. A segunda é a da multiplexização, a partir da qual a matéria se multiplica em termos da sua existência (a matéria é copiada), e a ação, em termos de sua realização (a ação é estendida no tempo).

Há casos em que é possível converter um elemento multiplexo em uniplexo, por meio de uma outra operação cognitiva chamada de extração de unidade (ou de porção), a qual pode ser estruturada por meio de uma construção binominal quantitativa. Talmy exemplifica esse caso da seguinte forma:

Matéria/ ação

- (3) multiplexo: A plateia aplaudiu de pé./O paciente respirava bem.
- (4) uniplexo: Um membro da plateia aplaudiu de pé./O paciente deu uma respirada a pedido do médico.

Nesses exemplos, como você pode ver, *plateia* é um nome que congrega um conjunto de pessoas que assistem a algo, enquanto *um membro de* gramaticalmente expressa uma unidade de X — uma unidade (ou porção) do todo expresso por *plateia*. Já no caso de *respirava*, a ação se repete continuamente ao longo do tempo (multiplexidade) — o que é rompido pela estrutura gramatical *dar uma X-ada* (uniplexa), em que a ação ocorre marcadamente uma única vez.

Quanto ao estado de delimitação, outra categoria que aparece em Talmy (2006), o autor entende que se tomam como não-delimitadas as quantidades entendidas como contínuas e que não apresentam traço de definitude. Por outro lado, são tomadas como delimitadas aquelas concebidas como finitas, individualizadas. No caso dos nomes, esses conceitos correspondem à distinção tradicional entre contáveis e não-contáveis; quanto aos verbos, a correspondência se faz em relação às categorias perfectivo e imperfectivo. É possível observar a conversão referente ao estado de delimitação. Veja:

Não delimitado/ delimitado

- (5) água/poça d'água
- (6) sonhar/sonhar por cinco minutos

Gramaticalmente, alterou-se o *status* de uma entidade em termos da sua delimitação, convertendo, assim, o que é massivo em contável. O caso em (5) pode ser também observado em exemplos como *copo d'água*, em que a medida, a quantidade de água (massiva)

é delimitada pelo recipiente. É uma construção binominal em que o recipiente serve de medida para estabelecer a quantidade de algo.

Por fim, a categoria denominada estado de divisão refere-se à conceptualização de uma entidade como discreta ou contínua, e é possível fazer uso de uma construção binominal (exemplo 7, abaixo) ou por meio de uma alternativa lexical (exemplo 8, abaixo). Por exemplo:

- (7) água (contínuo)/partículas de água (discreto)
- (8) folhagem (contínuo)/em folhas (discreto)

Para uma melhor compreensão do processo de conversão exposto em Talmy (2006), vale a pena falar de um mecanismo conhecido na literatura como desacordo (*mismatch*). Segundo Francis e Michaelis (2003), “fenômenos de desacordo (*mismatch*) desafiam nossas concepções de gramática e são, assim, de vital importância para o desenvolvimento da arquitetura gramatical” (Francis; Michaelis, 2003, p. 5, tradução nossa). Ao descrever o mecanismo do desacordo, as autoras estabelecem um princípio geral, qual seja: se um item lexical é semanticamente incompatível com seu contexto sintático, seu sentido se conforma com a estrutura em que está inserido. Nesse sentido, o fenômeno de desacordo daria conta da conversão de, por exemplo, um nome não delimitado passando a delimitado em um dado contexto.

Compare os exemplos a seguir para ilustrar um contexto em que há desacordo (Francis; Michaelis, 2003, p. 270, tradução nossa):

- (9) Ela leu um livro. (Acordo lexical)
- (10) Você comeu um pudim? (Desacordo lexical)

Em (9), *livro* é conceptualizado como delimitado, discreto, o que se harmoniza perfeitamente com os atributos típicos dos itens esperados para esse contexto sintático. Diferentemente, em (10), *pudim*, entendido como massa, não atende às expectativas dos itens

que tendem a aparecer nesse contexto, uma vez que o esperado era um referente mais contável, discreto. Assim, é preciso fazer um acordo semântico entre item e contexto sintático. Nesse caso, o desacordo se deve ao fato de que ninguém come um pudim inteiro, mas fatias de pudim.

Para explicar um pouco melhor o desacordo, as autoras diferenciam construções de concordância e construções de mudança. “A construção de concordância é aquela que se harmoniza com os itens com os quais ela se combina; já a construção de mudança evoca uma entidade ou evento diferente do item com a qual se combina” (Francis; Michaelis, 2003, p. 272-3, tradução nossa). Tendo isso em vista, as construções binominais quantificadoras estão relacionadas a construções de mudança. Considere o exemplo a seguir:

(11) um litro de leite

No exemplo (11), a construção *um litro de SN* funciona para permitir que *leite*, nome massivo, seja passível de quantificação, propriedade tipicamente associada a referentes discretos, contáveis. É um recurso gramatical que os falantes têm no qual eles porcionam o leite para contar o que é geralmente concebido como incontável.

Pois bem, como se pode ver, as construções binominais são construções que funcionam na língua para multiplicar, porcionar referentes e podem ser de diversos tipos. Aprender sobre elas é aprender sobre como nós, falantes do português brasileiro, expressamos gramaticalmente conteúdos que nos são muito caros, bem como perceber que expressões como *um monte de gente*, *um quilo de farinha*, absolutamente normais no nosso dia a dia, são a ponta do iceberg de operações cognitivas complexas.

O presente capítulo aborda exclusivamente as construções binominais quantificadoras do português brasileiro, mas devemos ter em mente que diferentes línguas do mundo lançam mão de construções binominais (ainda que variem em termos de sua configuração

formal) para quantificar referentes. Veja-se: essa estratégia pode ser encontrada em outras línguas do mundo como, por exemplo, o italiano (p. ex.: it. *una marea di SN*; port. um mar de SN), o russo (p. ex.: rus. *kucha SNGen*; port. um monte de SN) e o japonês (p. ex.: jap. *SN の山 /N no yama*; port. uma montanha de SN).

Na próxima seção, você conhecerá um pouco mais sobre essas construções quantificadoras e o uso que fazemos delas. Em seguida, poderá praticar seus conhecimentos por meio de atividades elaboradas especialmente para uma reflexão sobre o tema. Por fim, você encontrará algumas referências de textos que foram citados ao longo deste capítulo, bem como outras que, embora não citadas, poderão te ajudar a saber mais sobre essas construções.

TENDÊNCIAS DE USO

Esta seção será dedicada à exposição e análise de dados de construções binominais quantificadoras no português brasileiro. Os dados apresentados a seguir foram retirados de produções textuais (em modalidade oral e escrita, referentes a informantes com graus distintos de escolaridade, com variação de gênero textual) que constam no *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G) relativo aos falantes do Rio de Janeiro.

Dito isso, passemos para a análise dos dados:

(12) "E: e como se faz um bolo... Rafael?

I: é só pegar um ovo... ou dois ovos... se você quiser fazer um grande... e pegar::... *um quilo de farinha*... um pouquinho... e depois mexer... depois botar... eh:: manteiga... açúcar... mexe... aí depois você bota na forma e bota no bo/ e bota no forno... aí depois você tira e está pronto..." [Corpus D&G, informante do CA infantil, parte oral]

Esse exemplo é um caso de construção binominal quantificadora em que *um* se apresenta como numeral e *quilo é o equivalente* à porção de *farinha* mencionada pelo informante. Esse uso da construção está relacionado ao processo de extração de porção e ao mecanismo de quantificar referentes concebidos como massivos, incontáveis (no caso, *farinha*). Como esse, são os casos de *um litro de leite, uma tonelada de terra* etc.

- (13) “Pizza. Pego um copo de 250ml com leite e sal, leva-se ao fogo e depois acrescenta-se *um tablete de fermento biológico* e depois 250g de farinha de trigo, mistura-se até obter a consistência certa. Coloca-se a mistura em uma forma com óleo depois acrescenta-se mais farinha de trigo, até que a massa fique sem grudar. Retira-se a massa da forma, coloca-se óleo por toda a forma e estica-se a massa.” [Corpus D&G, informante do segundo grau, parte escrita]

Já em (13), no dado destacado, o informante usa a medida de um tablete para quantificar um referente massivo (*fermento biológico*). Esse é um caso parecido com o anterior, *um quilo de farinha*, diferenciando-se dele pelo fato de que, para a combinação da construção de quantidade, foi recrutado o referente *tablete*, que tem relação direta com o modo como fermentos biológicos são vendidos em mercado. Casos como esse podem ser observados também quando o falante recruta como nome quantificador o item correspondente ao recipiente em que determinados produtos são vendidos. Por exemplo, é bem comum, em uma receita, que se peça para acrescentar *uma lata de leite condensado* ou *meia lata de leite condensado* e não seu correspondente em gramas.

Veja agora um outro exemplo, um pouquinho diferente dos que foram apresentados anteriormente:

- (14) “Meu colega Orivaldo, me chamou para ir num rodeio Domingo, mas não deu pra mim ir. Chegando na escola segunda-feira ele me contou que houve uma briga. Falou que tinha *um grupo*

de pessoas que tavam fazendo de tudo pra brigar. Teve uma hora que o irmão dele se irritou e partiu pra cima, foi correria pra todo lado, tacaram cadeira, mesa e tudo que tinha na frente." [Corpus D&G, informante da oitava série, parte escrita]

No exemplo (14), *um grupo de pessoas* é uma construção binominal em que o item *grupo* aparece como nome quantificador. Esse item não está atrelado ao processo de extração de porção, como foi visto nos casos anteriores – *um quilo de farinha, um tablete de fermento biológico*. No caso, a construção expressa a multiplicação do referente *pessoas*, que é contável e está pluralizado nesse uso da construção. Essa multiplicação tem relação com o a categoria de plexidade, mais especificamente ao processo de multiplexização que foi tratado na primeira parte do texto. No caso do presente exemplo, o item *grupo* se refere à reunião, a um ajuntamento — portanto, pressupõe uma quantidade mínima que seja maior que um, pelo menos, e que geralmente se considera a partir de três.

Tendo em vista os exemplos já comentados, compare-os com a novidade do uso ilustrado por (16) a seguir:

(15) "E: conta pra mim um lugar que você goste de ficar... diz pra mim como é esse lugar...

I: oh... eu gosto de ir pro Rio da Prata... que lá é um lugar calmo... é cheio de árvores... é/ tem *um pouco de mata fechada*... tem cachoeira... pra gente tomar banho... tem umas frutas lá... mas tem bastante sítio também... e eles/ eu não/ é bom lá à beça... porque... lá... lá é tudo assim calmo... parece que tira a gente do mundo..." [Corpus D&G, informante da oitava série, parte oral]

Em (15), a construção binominal *um pouco de mata fechada* se liga às construções associadas ao processo de extração de porção. Porém, pode-se perceber que, nesse caso, o recrutamento do quantificador *pouco* revela uma avaliação subjetiva da quantidade de mata fechada de que se está falando. Na construção *um pouco*

de mata fechada, um poderia ser classificado como artigo indefinido e não mais como numeral, sendo *um pouco* entendido a partir da ideia de que há uma quantidade indefinida de mata fechada, e essa quantidade não é grande; ao contrário, é pequena.

Ademais, avaliações indefinidas e subjetivas são tipicamente associadas a alguns usos da construção binominal quantificadora — como em *um bocado de coisa, um tiquinho de sal* etc. Nesses casos, a quantidade é indefinida, porque não se trata de uma medida passível de medição; e é subjetiva, porque avaliações como *um pouco, muito, pouco* etc. refletem uma avaliação implícita feita pelo falante, a qual é revelada na forma como ele expressa a sua construção da realidade.

Pondo rapidamente o exemplo (15) à parte e olhando para construções como *um quilo de farinha, um punhado de farinha* e *um pouco de farinha*, por exemplo, pode-se apontar que *quilo* é uma quantidade acordada socialmente e, portanto, compartilhada por falante e ouvinte e que pode ser medida objetivamente por meio de uma balança, por exemplo. Já em *um punhado de farinha*, embora possamos considerar a variação entre indivíduos em termos do tamanho de sua mão, que é tomada como recipiente nesse caso, há uma quantidade aproximada de farinha que se pode esperar quando se usa o quantificador *punhado*. Já em *um pouco*, essa quantidade pode variar mais significativamente de um indivíduo para outro, sendo ainda mais difícil de delimitar, uma vez que nem é passível de medição por balança, por exemplo, nem é balizada por um recipiente.

Para avançar em casos desse tipo, veja o exemplo (16):

- (16)** “I: ah:: eu sei fazer uma torta gelada... é uma delícia... aprendi com a minha sogra... ela que me ensinou essa torta... () e quando eu faço geralmente eu faço nos finais de semana... está todo mundo em casa... e tudo... né? aí eu faço geralmente nos finais de semana que todo mundo em casa... e eles gostam... a minha família gosta... aí eu faço... como eu faço... eu pego:: leite condensado... bato no liquidificador com duas gemas...

depois levo ao fogo... *um bocadinho de*:: *Cremogema*... aí mexo... vou mexendo até virar um mingau... depois que forma aquele mingau... deixo esfriar um pouquinho... e na massa pra forrar a forma... eu faço uma massa de empada... aquela/ é feito uma massa de/ é feito uma massa de empada... aí forro a forma com massa de empada... jogo aquele creme por cima... depois jogo coco ralado ou então boto umas maçãs... boto em volta... boto na geladeira... e espera gelar... é muito gostosa..." [Corpus D&G, informante do segundo grau, parte oral]

O exemplo (16), *um bocadinho de Cremogema* é um caso, assim como o anterior (*um pouco de mata fechada*) em que o processo de extração de porção está atrelado a uma avaliação subjetiva e indefinida por parte do informante. Aqui, o uso de *bocadinho* adiciona também a informação de uma quantidade menor do que a de *bocado*, por exemplo, com o uso da forma no diminutivo. *Um bocadinho de Cremogema* refere-se a uma quantidade bastante pequena de um segundo nome — *Cremogema* — que é incontável, massivo.

Em períodos anteriores da língua, o uso de *bocado* se referia a uma quantidade que se consegue capturar com a boca, o que faz com que, inicialmente, esses usos estejam atrelados a alimentos e, em seguida, a quantidades pequenas de coisas ou pessoas, de modo mais geral. Com o tempo, foi possível fazer uma interpretação de *um bocado de SN* como uma grande quantidade de *SN*; por exemplo, *um bocado de gente*, *um bocado de problemas*, em que as construções se associam à função de multiplicar referentes, estruturada pelo processo cognitivo da multiplexização.

Para continuar tratando de dados de construções binominais quantificadoras que expressam quantidades subjetivamente construídas, observe o exemplo (18):

- (17) "l: eh... a sala é enor::me... eh... e... eh... eh... também tem um corredor... compri::do à beça... aí chega no final do corredor é o quarto da... eh... da filha deles... aí... aí eh... lá tem *uma porção*

de coisa... sabe? é... é... é tudo que uma menina gosta... maquiagem... ih;... fiz a festa lá... eh... também tem o quarto da/ eh... do patrão e da patroa dela... a cozinha é enorme... eh... aí... eh... tem... sabe? aqueles banheiros bonitinho lá... todo cheio de... banheira assim... ih... adorei... aí tem... eh/ e também tem o quarto de empregada... lá... eh... lá é legal de ficar... dá pra/ dá até pra dormir que é tudo escurinho assim... é bem/ é legal... já brinquei de pata-cega lá com a minha prima aí..."
[Corpus D&G, informante da quarta série, parte oral]

A palavra *porção* é comumente usada para delimitar uma quantidade imprecisa, porém socialmente acordada de algo, como se pode ver em *uma porção de batata frita*, em que a quantidade de batatas é aquela que cabe em uma travessa. A travessa, por sua vez, pode ser pequena, média ou grande, mas tem um tamanho máximo e mínimo esperado, contraído pela própria categoria — ou seja, na avaliação sobre o recipiente ser considerado *travessa*. Entretanto, no exemplo (17), *uma porção de coisa*, percebemos que a palavra *porção* multiplica a quantidade de *coisa* que tem no quarto da criança (e essa *multiplicação* ocorre mesmo quando o nome quantificado está no singular). Nesse caso, além da associação com o processo de multiplexização, a construção está associada a uma avaliação de quantidade que é subjetiva (varia de sujeito para sujeito) e indefinida, uma vez que a quantidade de *coisa* não é precisa.

Para além desses exemplos retirados do *Corpus do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, apresenta-se o exemplo a seguir, coletado de um inquérito referente a conversas entre dois informantes, retirado do *corpus* do projeto NURC.

(18) "L2: pode ser... pra mim eu não estou achando difícil...

L1: olha... eu tenho *um mundo de colegas* que trabalham fora daqui... e a despesa deles é:... esse de Maceió por exemplo... fim de semana dele... ele vai pra Recife... são duzentos e cinquenta quilômetros só de Maceió ()

D: ele vai de carro todo fim de semana pra Recife?"
[informante do NURC]

Em (18), *um mundo de colegas*, há um uso do referente *mundo* como nome quantificador na construção binominal. Novamente, trata-se de uma avaliação subjetiva e indefinida acerca, no caso, do número de colegas que o informante tem e que não trabalham no lugar em que ele está ou trabalha. Nesse exemplo, a construção é recrutada como mais um argumento no discurso do informante sobre gastos, despesas. A escolha de *um mundo de colegas* provoca uma interpretação da quantidade de caráter hiperbólico, dada a dimensão do referente *mundo*. Essa mesma leitura hiperbólica aparece de forma ainda mais expressiva quando se recrutam referentes como *universo*, *galáxia*. Veja: ao escutar expressões como *um universo de mentiras*, *uma galáxia de lixo eletrônico*, a interpretação possível para esses casos é a de que o falante está usando um referente de dimensão mais ampla do que podemos alcançar na realidade à nossa volta, o que implica a leitura de exagero.

Como se viu, as construções binominais quantificadoras podem ser usadas para exprimir quantidade de variadas formas, mais precisas ou mais imprecisas, com avaliações mais subjetivas — *um mundo de soluções* — ou refletindo medidas mais convencionalizadas — *um litro de água*. Também se viu que nomes como *porção*, por exemplo, podem figurar em uma construção binominal quantificadora para *multiplicar* um referente, enquanto nomes como *bocadinho* podem se associar ao processo de extração de *porção* de um todo, geralmente tomado como massivo — *um bocadinho de calda de chocolate*.

Após esse breve panorama das construções binominais quantificadoras, a seção a seguir oferece um conjunto de atividades a partir das quais é possível colocar em prática alguns dos conhecimentos aprendidos. Agora é com você. Responda as questões e amplie a reflexão sobre essas construções.

TEORIA NA PRÁTICA

Nesta seção, serão oferecidas algumas atividades visando a exploração dos conhecimentos adquiridos ao longo do capítulo, bem como para refletir um pouco mais sobre as construções binominais quantificadoras. Assim, observe os fragmentos de texto e responda as questões:

Fragmento 1:

"[...] Isay Weinfeld, arquiteto e cineasta, reinventou em mosaico os azulejos portugueses do Banco Luso-Brasileiro e botou a cachola para fazer mais *um monte de coisas*: dirige um curta sobre São Paulo e, com aquela sua verve refinada, vai filmar um longa, Palace Hotel, com personagens que passam um fim-de-semana num hotel decadente; nas horas vagas, o sujeito ainda estuda música clássica [...]" (*Corpus Brasileiro*)¹⁹⁷

- a) Utilizando as noções vistas no capítulo, discuta no trecho dado, retirado do *Corpus Brasileiro*, o sentido da construção binominal *um monte de coisas*.
- b) Observe: "Brasileiro e botou a cachola para fazer mais *um monte de coisas*": Como você classificaria morfologicamente o vocábulo *um*. Justifique.

Fragmento 2:

"[...] Agora, 30 anos, casado, pai de filhos isso vai deixando você meio entediado. Sair fazendo essas coisas no meio do mato. Você fica sem ter mais idade pra isso. Mas quando eu era mais jovem eu fiz. No livro, a descrição que tem quando o narrador toma

197

O *Corpus Brasileiro* é uma coletânea de aproximadamente um bilhão de palavras de português brasileiro. Contém uma grande variedade de gêneros em sua totalidade; contudo, ao pesquisar os dados, não temos informações sobre gênero, ano etc.

o tetrapharmakon e vem aquela coisa que começa nos pés, tudo aquilo ali foi com base em experiência de coisas que eu presenciei. Você se apropria daquela realidade, como observador, e passa pro livro em forma de ficção? Exatamente. A matriz da experiência é real. Mas a forma como ela aparece é fictícia. Eu pego alguns elementos da realidade e vou transfigurando-os e enxertando conceitos, formas de apresentação mais teóricas e aí vai ficando uma coisa meio louca, mística, envolvendo *um bocado de coisa* no meio. Mas não há necessidade de ser real. Eu não sou nenhum cientista social. Eu sou escritor. Eu não quero fazer antropologia. Você falava agora a pouco de Wittgenstein. Num momento do livro, você conta uma história sobre o encontro dele com a deusa Atena. Até que ponto você perde o limiar da realidade, do que você conhece do filósofo, e começa a criar? Isso tem certas referências de escritores como o Jorge Luis Borges que conta histórias e você não sabe se ele está falando sobre algo da realidade e ficção. No PC como você trabalha isso? Essa mistura é muito presente no PC. A mistura entre realidade e ficção, entre verdade e imaginação, coerência e delírio. [*Corpus* do Português, histórico, entrevista, séc. XIX]

- a) Com base no que foi lido ao longo deste capítulo, considere-se que o sentido de *bocado* se perdeu ao longo do tempo. Você diria que, no caso de *um monte de gente*, essa perda de sentido também ocorreu?
- b) No exemplo, a construção *um bocado de coisa* apresenta o segundo nome — coisa — na forma singular. Levando em conta esse fato, você diria que o falante está se referindo a uma única coisa ou a mais de uma? Justifique.

Fragmento 3:

"Em Farias Brito (471 km ao sul de Fortaleza), *uma chuva de 103 milímetros* encheu o rio Carius, alagando cerca de cem casas da parte mais baixa da cidade." (*Corpus* Brasileiro)

Fragmento 4:

"Descontadas as falhas de organização e mesmo museológicas — algumas primárias — a exposição logrou reunir, em meio a *uma chuva de críticas*, a mais completa coleção de arte produzida neste século no Brasil e expô-la ao público a preços acessíveis." (*Corpus Brasileiro*)

- a) Analisando os sintagmas nominais destacados dos Fragmentos 3 e 4, você diria que as construções expressam o mesmo sentido? Explique.

Fragmento 5:

"É bem difícil fazer-se um testamento, visto que é tão raro aparecer algum em que a justiça, a ternura e a humanidade transpareçam. Entretanto, nenhum ato pode ser mais consolador nem mais belo para um homem de grande fortuna e largo espírito, do que esse de espalhar, após o seu completo desaparecimento da Terra, o bem estar e a alegria por *um punhado de gente* que sofre e que trabalha. É ainda a maneira que os ricos têm de se fazerem perdoados de bens, adquiridos muitas vezes pelo seu próprio esforço, mas que nem por isso deixam de ser mal vistos pelos que nada alcançam... Rotschild! É de Adolfo Rotschild o testamento glorioso, que li em um jornal e onde há legados comovedores. Se houve culpas nos seus antepassados, este homem de bem redime-as todas nestas páginas de clemência. Sem apagar um único benefício que o coração decretara no primeiro impulso, ele quarenta e quatro vezes alterou o seu testamento, para desenvolver, acrescentar os socorros que a observação da vida lhe ia sugerindo." [*Corpus do Português, histórico, ficção, séc. XIX*]

Fragmento 6:

"À medida que se aproximava a hora marcada, o público foi engrossando: quem passava, perguntava o nome do artista e ao saber que era 'o trovador de Ladath' juntava-se aos que ali estavam.

Enfim, quando o poeta, com o rosto livre de pintura mas envergando a magnífica túnica oferecida por Rashid, subiu à plataforma, havia em redor *um mar de gente*. Regra geral, em espectáculos daquele género, o trovador era aplaudido à chegada e esperava alguns momentos para que as pessoas se aquietassem. Desta vez foi diferente: ninguém aplaudiu, pois afinal não o tinham visto nem ouvido antes, e ele também não esperou que as conversas parassem. Na verdade, quase ninguém percebeu que ele começara a tocar. Um fio de música, uma nota única, muito velada e discreta, brotou das suas mãos e foi crescendo. Conforme ganhava volume, o som tornava-se mais firme e de repente impôs-se e apagou os outros sons. Cada vibração sacudia os corpos dos espectadores, paralisava-lhes a fala e sugava-lhes a atenção, concentrando-a num único ponto, a figura do trovador sobre o estrado." [*Corpus* do Português, histórico, ficção, séc. XIX]

- a) A partir das noções apresentadas no capítulo, no âmbito das construções binominais, compare os dados destacados dos fragmentos 5 e 6 em relação à ideia de quantidades mais ou menos convencionalizadas na língua.

PARA SABER MAIS

Nesta seção, serão oferecidas algumas sugestões de leituras sobre construções binominais quantificadoras para os leitores que se interessarem mais sobre o tema. Como dito anteriormente, as construções binominais quantificadoras não surgiram ao mesmo tempo no PB; logo, se você quiser saber um pouco mais sobre as mudanças que levaram à formação de construções como *um monte de SN* e *uma chuva de SN* ao longo do tempo, leia os trabalhos de Fumaux (2018), Fumaux, Alonso e Cezario (2017) e Brodbeck (2010).

Neste capítulo, procurou-se demonstrar que existem no português brasileiro diversas construções binominais para quantificar um referente. Acredita-se que, ao serem selecionados nomes quantificadores como *enxurrada*, *monte*, *bocado* etc. na construção binominal, altera-se o sentido da construção, o que impacta no contexto em que se encontram. Para saber um pouco mais sobre o assunto, leia Fumaux (2022), Alonso e Fumaux (2019) e Tavares (2018). Vale, ainda, conferir o trabalho basilar de Castilho (1993) sobre quantificadores indefinidos na *Gramática do Português Falado*.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Karen Sampaio Braga. **Construções Binominais Quantitativas e Construção de Modificação de Grau**: Uma abordagem baseada no uso. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) — PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ALONSO, Karen Sampaio Braga; FUMAUX, Nuciene Caroline Amphilophio. Diferenças Semânticas de Microconstruções Quantificadoras: O Caso De SN1 De SN2. **Diadorim**, Rio De Janeiro, v. 21, p. 214-237, 2019.
- BRODBECK, Regina Célia Martins Salomão. **Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: um estudo de caso de desencontro na quantificação nominal em português**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- CASTILHO, Célia. Maria. Moraes. Quantificadores Indefinidos. In: ATALIBA T. de C. (Org.). **Gramática do Português Falado**. 1 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 213-234.
- FRANCIS, Elaine; MICHAELIS, Laura (Org.). **Mismatch**: form-function incongruity and the architecture of grammar. Stanford: CSLI Publications, 2003.
- FUMAUX, N. C. A. C.; ALONSO, K. S. B.; CEZARIO, M. M. da C. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso. **Revista Percursos Linguísticos**, Brasil, v. 7, n. 14, p. 139-158, 2017.

FUMAUX, Nuciene Caroline Amphilóphio. **Construcionalização de 'um monte de SN':** uma abordagem centrada no uso. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TALMY, Leonard. **Grammatical construal: the relation of grammar to cognition.** *In:* GEERAERTS, D. (Org.). **Cognitive Linguistics: Basic Readings.** Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

TAVARES, Tatiane Silva. **Requisitos para a modelagem de padrões de cunhagem e construções semiprodtutivas no constructicon da Framenet Brasil com foco no fomento ao desenvolvimento de trabalhos automáticos.** 2018. Tese (Doutorado em Linguística), PPG em Linguística, Faculdade de Letras — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Maria Maura Cezario

É Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua na Graduação em Letras e na Pós-graduação em Linguística (CAPES 6). É Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez Pós-doutorado na Universidade de Edimburgo, UK (2014) e na UFRN (2019-2020). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: construções oracionais adverbiais, ordenação de adverbiais temporais, mudanças construcionais, formação de construções sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. Coordena o Grupo de Estudos Discurso e Gramática. É bolsista de Produtividade 1D do CNPq e Cientista do Nosso Estado – FAPERJ (2023).

E-mail: mmcezarior@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7183632335615140>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1724-762X>

Priscilla Mouta Marques

É Professora Adjunta de Linguística da UFRJ, membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição e pesquisadora do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Possui graduação em Letras (Português e Literaturas) (1999), Mestrado (2008) e Doutorado (2012) em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É também membro do GT Descrição do Português, da ANPOLL. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: ordenação vocabular; construção gramatical; construcionalização; mudanças construcionais; adjetivos adverbiais.

E-mail: priscillamouta@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9622404949448869>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2301-7852>

Dennis Castanheira

É Graduado em Licenciatura em Letras (Português e Literaturas), com dignidade acadêmica Magna Cum Laude, Mestre em Linguística e Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde lidera e integra projetos de ensino, pesquisa e extensão. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e da Pós-Graduação Lato Sensu de Língua Portuguesa da UFF.

E-mail: denniscastanheira@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6695613809419443>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Deise Cristina de Moraes Pinto

É Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Letras (Português-Inglês), Mestra e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Professora Adjunta de Filologia do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Integra a equipe do Grupo de Estudos Discurso & Gramática desde 1992, é membro do GT Descrição do Português, da ANPOLL, e associada à ABRALIN. É membro de NDEs de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ e da COAA (Comissão de Orientação e Apoio Acadêmico).

E-mail: deisemoraes@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/22718073210528204>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5781-4852>

Dennis Castanheira

É Graduado em Licenciatura em Letras (Português e Literaturas), com dignidade acadêmica Magna Cum Laude, Mestre em Linguística e Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde lidera e integra projetos de ensino, pesquisa e extensão. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e da Pós-Graduação Lato Sensu de Língua Portuguesa da UFF.

E-mail: denniscastanheira@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6695613809419443>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>

Edvaldo Balduino Bispo

É Professor Associado do Departamento de Letras da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), do qual foi coordenador nos biênios 2015-2017 e 2017-2019. Realizou estágio pós-doutoral sênior na UFF, com apoio da FAPERJ. Coordenou o GT Descrição do Português da ANPOLL, biênio 2016-2018. É Editor-chefe da Revista do GELNE e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do grupo Discurso & Gramática (D&G)/UFRN, seus temas de interesse voltam-se à morfossintaxe do português e ao ensino de língua portuguesa sob a perspectiva da Linguística Funcional de vertente norte-americana e da Linguística Funcional Centrada no Uso.

E-mail: edvaldo.bispo@ufrn.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8914149462152107>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5607-3407>

Érika Ilogti de Sá

É Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), desde setembro de 2019 e Professora Adjunta de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), desde setembro de 2022. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015). É Mestra, também em Linguística (2009) pelo PPG Ling/UFRJ. Foi graduada e licenciada em Letras Português-Francês (2006) pela mesma universidade. É pesquisadora do Grupo Discurso e Gramática na UFRJ. Áreas de atuação/interesse: Funcionalismo norte-americano; Linguística; Sociofuncionalismo; Ensino de língua portuguesa; Língua Portuguesa; Filologia Românica e Crítica Textual.

E-mail: erikailogtidesa@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7588587841421147>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9946-8038>

Ivo da Costa do Rosário

É graduado em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela UERJ e graduado em Pedagogia pela UNIRIO. É mestre e doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ e é mestre e doutor em Letras pela UFF. Tem pós-doutorado em Estudos de Linguagem pela UFRN. Atualmente é professor associado de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFF. Na mesma instituição, é docente permanente e atual coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. É líder do CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações — cco.sites.uff.br) e membro do grupo D & G (Grupo de Estudos Discurso e Gramática — deg.uff.br), ambos sediados na UFF. É Jovem Cientista do Nosso Estado, pela FAPERJ. É bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq.

E-mail: rosario.ivo3@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3573087642345531>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

Juan Lima de Paula

É estudante do curso de Bacharelado em Letras (Português e Francês) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista PIBIC/UFRJ, e integrante do grupo de pesquisa "Discurso e Gramática" (D&G/UFRJ).

E-mail: juandepaula1234@letras.ufrj.br

Lattes: 8947387996574660

ORCID: 0009-0000-7607-1022

Júlia Langer de Campos

É professora de Língua Portuguesa há 12 anos no Ensino Básico (Fundamental e Médio) e pesquisadora do grupo Discurso & Gramática (sede UFRJ). É mestre e doutora em Linguística (2013 e 2019) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLing/UFRJ). Atuou por 4 anos como professora substituta do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Tem experiência nas áreas da linguística histórica, adverbiais, Linguística Funcional Centrada no Uso e construções gramaticais.

E-mail: julialangerdecampos@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6042703572308861>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1626-3967>

Juliana Barboza do Nascimento

É Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Licenciada em Letras Português/Italiano pela mesma instituição. Atua na área de Linguística, com destaque em Teoria e Análise Linguística, pesquisando sobre construções oracionais adverbiais, com ênfase em causais, condicionais e concessivas, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. Além disso, é integrante do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e bolsista FAPERJ Nota 10.

E-mail: julianabnascimento@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8874811552171499>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5826-5237>

Karen Sampaio Braga Alonso

É professora associada em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro e atua na Pós-graduação em Linguística (CAPES 6), Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas na mesma universidade. É Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez Pós-doutorado na Universidade da Califórnia (Berkeley) (2017). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Gramática de Construções; mudança linguística; Linguística Baseada no Uso. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2).

E-mail: karensampaio@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5810157924024712>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7853-0015>

Leyla Ely

É licenciada em Letras – Português e Espanhol – e mestra em Linguística pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó (SC). Atualmente, é doutoranda em Linguística e bolsista CAPES/PROEX pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). De março a agosto de 2023, realizou estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade Católica de Braga, sob a supervisão do Dr. Augusto Soares. Participa do Grupo de Estudo Discurso e Gramática. É autora de artigos sobre modalização epistêmica.

E-mail: leylaely@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7259269880306944>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8221-5974>

Manoela Amstelden Ambiel

É estudante do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Alemão – da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista PIBIC/CNPq, e integrante do Grupo de Estudo Discurso e Gramática (D&G/UFRJ).

E-mail: manoelamstelden@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3767448414552644>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1237-2444>

Marcia dos Santos Machado Vieira

É Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bacharela e licenciada em Português-Inglês pela UFRJ, é Professora Associada IV do Departamento de Letras Vernáculas. É pesquisadora em Produtividade nível 2 do CNPq, com projetos com apoio do CNPq/Edital Universal (processo 409043/2021-4) e da FAPERJ (SEI-260003/003571/2022 / processo E-26/201.209/2022). Tem experiência em pesquisa nas áreas de Letras e Linguística, com ênfase em Língua Portuguesa. Coordena: o Projeto brasileiro PREDICAR Formação e expressão de predicados complexos e predicacões; o Projeto franco-brasileiro VariaR — Variação em Línguas Românicas; o Projeto brasileiro Estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar e o Projeto do seu Portal digital; o Projeto brasileiro CAPES Print, do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ intitulado Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa. Participa do Grupo de Estudo Discurso e Gramática com sede na UFRJ, que se vincula a sedes na UFF e UFRN. Áreas de interesse: Sociolinguística, Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções, Ensino de Língua Portuguesa.

E-mail: marcia@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0796977308756789>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2320-5055>

Maria Angélica Furtado da Cunha

É professora Titular de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professora Visitante da Universidade Federal Fluminense. Tem doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília. Realizou dois estágios de pós-doutoramento na University of California, Santa Barbara, e um na Universidade Federal Fluminense. Membro do grupo de estudos Discurso & Gramática. Coorganizadora de livros e autora de vários capítulos e artigos sobre transitividade, estrutura argumental, gramática de construções e ensino de gramática sob o enfoque da Linguística Funcional. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

E-mail: angefurtado@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3577280515125308>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3128-6852>

Maria Maura Cezario

É Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua na Graduação em Letras e na Pós-graduação em Linguística (CAPES 6). É Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez Pós-doutorado na Universidade de Edimburgo, UK (2014) e na UFRN (2019-2020). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: construções oracionais adverbiais, ordenação de adverbiais temporais, mudanças construcionais, formação de construções sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. Coordena o Grupo de Estudos Discurso e Gramática. É bolsista de Produtividade ID do CNPq e Cientista do Nosso Estado – FAPERJ (2023).

E-mail: mmcezario@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7183632335615140>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1724-762X>

Mariangela Rios de Oliveira

É professora titular da Universidade Federal Fluminense e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem desta instituição. Atua como professora visitante junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. É mestre e doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutorado na Universidade Aberta – Lisboa. Coordena o Grupo de Estudos Discurso e Gramática – UFF. É bolsista de Produtividade IB do CNPq, Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ e sócia emérita da Associação Brasileira de Linguística. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: mudança linguística, morfossintaxe do português, abordagem funcional-construcional da gramática.

E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5470485171881359>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

Monclar Guimarães Lopes

É professor adjunto do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Estudos Linguísticos e mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e graduado em Letras-Ingês pela Ferlagos. É vice-líder do Grupo de Estudos Discurso e Gramática – UFF e membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO) – ambos sediados na UFF. Coordena o Grupo de Trabalho Descrição do Português da ANPOLL no biênio 2024-2025. É autor de artigos publicados em revistas especializadas e em anais de congressos e de materiais para EAD. Tem experiência na área de Letras, atuando nos seguintes temas: Linguística Funcional Centrada no Uso, referênciação e ensino de Língua Portuguesa.

E-mail: monclarlopes@id.uff.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8006632395264752>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6238-958X>

Nastassia Santos Neves Coutinho

É licenciada em Letras (Língua Portuguesa), pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestrada em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e doutora em Linguística, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora de Língua Portuguesa de Ensino Médio na Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo.

E-mail: nastassiaasnc@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4440494833451139>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3204-3166>

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux

É doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Gramática de Construções; mudança linguística; Construções binominais quantificadoras; Linguística Funcional Centrada no Uso e Construcionalização. Atuou como professora substituta de Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: carol.fumaux@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2942235274550505>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4593-0194>

Pâmela Fagundes Travassos

É Doutora em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integra o projeto PREDICAR. De março a agosto de 2021, realizou estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade de Lille, sob a supervisão do Dr. Bert Cappelle. Integra, como professora colaboradora, o Projeto VariaR — Variação em Línguas Românicas. Integra o Projeto Portal digital de estados de coisas em Português e línguas românicas a variar e ensinar, vinculado ao projeto VariaR/InCorpora. Concentra-se em estudos de Morfossintaxe à luz da abordagem da Gramática de Construções. cursou Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. É professora da rede municipal do Rio de Janeiro desde setembro de 2021.

E-mail(s): fagundespamela@letras.ufrj.br; fagundespamela@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9943814815338406>

ORCID: orcid.org/0000-0002-0683-9742

Priscilla Mouta Marques

É Professora Adjunta de Linguística da UFRJ, membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição e pesquisadora do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Possui graduação em Letras (Português e Literaturas) (1999), Mestrado (2008) e Doutorado (2012) em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É também membro do GT Descrição do Português, da ANPOLL. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: ordenação vocabular; construção gramatical; construcionalização; mudanças construcionais; adjetivos adverbiais.

E-mail: priscillamouta@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9622404949448869>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2301-7852>

Roberto de Freitas Junior

É Graduado em Português/Inglês pela UFRJ, com especialização em Língua Inglesa pela PUC-Rio, mestrado e doutorado em Linguística pela UFRJ e pós-doutorado pela Universidade de Birmingham. Chefe do Departamento de Letras-Libras/UFRJ, Diretor Adjunto de Cultura e Extensão da FL/UFRJ; Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras/UFRJ. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/FFP. Interessado em estudos sobre a representação cognitiva, como L1 e L2, do PB, da LIBRAS e do Inglês, com ênfase na interface estrutura argumental/informacional e à luz da Gramática das Construções Baseada no Uso e da Gramática das Construções Diassistêmica. Coordenador do Núcleo de Estudos Sobre Interlínguas (NEIS/UFRJ) e professor pesquisador do grupo Discurso Gramática (D&G/UFRJ). Colaborador do LabLetras UERJ/FFP.

E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8290929150934751>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>

Thiago dos Santos Silva

É Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2023). Mestre em Linguística pela mesma Universidade (2019). Bacharel e Licenciado em Letras — Português/Espanhol (UFRJ, 2016) com período sanduíche na Universidad de Santiago de Chile (USACH). Professor Substituto do Departamento de Letras Neolatinas/Setor Espanhol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Faz parte do Grupo de Estudos Discurso & Gramática UFRJ. Possui principal interesse pelos Modelos Baseados no Uso, com estudos sobre as construções concessivas instanciadas pelo esquema [Xque] em português e em espanhol, adotando o modelo de Construcionalização e Mudanças Construcionais.

E-mail: thiagosantos@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2584928583672326>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9165-8251>

Violeta Virginia Rodrigues

É Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduiu-se em Português-Literaturas, tem Especialização em Literatura Infanto-Juvenil, Mestrado e Doutorado em Letras Vernáculas pela UFRJ. Fez estágio Pós-Doutoral na FALE/POS-LIN/UFMG. Atua como professora do Departamento de Letras Vernáculas — Setor de Língua Portuguesa — da UFRJ nos cursos de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Atualmente, desenvolve os projetos de pesquisa "Padrões de insubordinação no Português" e "Conexão de cláusulas na perspectiva funcionalista: implicações para o ensino de Português", nos quais aborda os seguintes temas: processos sintáticos – subordinação, hipotaxe, coordenação, correlação, justaposição; gramaticalização de conectores; insubordinação de cláusulas.

E-mail: violeta.rodrigues@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7907063278349571>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1789-5675>

ÍNDICE REMISSIVO

A

adjetivos adverbiais 13, 17, 135, 136, 139, 141, 146, 154, 155, 157, 307, 317
 adverbiais modalizadores 17, 106, 109
 adverbial modalizador 113, 114
 adverbial qualitativo 110
 advérbios avaliativos 115
 advérbios de intensidade 116
 advérbios de modo 116, 171
 advérbios de negação 115
 advérbios de tempo 164, 171
 agente 21, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 85, 108
 análise funcionalista 14, 17, 158, 181, 260, 262
 articulação coesiva e coerente 184
 aspecto verbal 182
 avaliações 16, 112, 122, 287, 297, 300

B

Brasil 11, 13, 14, 18, 25, 44, 45, 46, 48, 65, 66, 67, 76, 77, 81, 83, 84, 85, 86, 89, 92, 93, 120, 132, 133, 154, 157, 178, 180, 181, 183, 188, 195, 196, 207, 208, 209, 212, 215, 221, 223, 233, 234, 235, 236, 237, 260, 262, 270, 271, 279, 281, 303, 305, 306

C

CD 31, 35, 39, 43, 247
 CEA 20, 27, 38, 40, 41
 chunking 33, 56
 circunstanciais temporais 164, 167, 168, 172, 180, 181
 classe dos conectores 186, 188
 cláusulas subordinadas 14, 18, 211
 Cláusulas sem núcleo 233, 237
 CMC 30, 31, 32, 33, 34, 39, 43

combinação de orações 216, 242
 compêndios gramaticais 159, 189, 198
 comportamento sintático 212, 227
 composicionalidade 25, 27, 78
 conectores 14, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 197, 198, 199, 201, 207, 210, 248, 250, 260, 262, 264, 281, 318
 configuração da gramática 185
 constituição estrutural 159, 167
 Construção de Movimento Causado 20, 27
 Construção Ditransitiva 20, 27
 Construção Medial 20, 27
 construção transitiva 26, 27, 28, 29, 38, 42, 44
 construcionalização 46, 262, 305, 306, 316, 318
 construções adverbiais 13, 17, 135
 Construções adverbiais de modificação verbal 13, 17, 135
 Construções binominais quantificadoras 18, 285, 289, 316
 Construções de estrutura argumental 12, 17, 19
 Construções epistêmicas 15, 18, 263
 Construções oracionais hipotáticas 15, 18, 238
 construções triargumentais 30
 contexto discursivo e situacional 11
 contextos atípicos 111
 contextos críticos 111
 coordenação 172, 209, 241, 242, 318
 cunho semântico 140, 141, 144

D

desengajamento clausal 219, 223, 233
 discurso 10, 14, 23, 24, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 85, 94, 95, 104, 122, 131, 139, 148, 149, 162, 165, 169, 177, 185, 189, 209, 215, 216, 219, 220, 223, 224, 225, 249, 256, 269, 271, 273, 278, 300

domínio da causa 241
domínio da concessão 240
domínio da condição 241
domínio da quantificação 286, 287
domínio geral 10, 187, 264, 265

E

eixo do conhecimento 265
enfoque funcionalista 184
escopo verbal 109, 111, 140
especificidades estruturais 240, 244
esquemas simbólicos 241
esquematicidade 25, 26
estatuto informacional 52, 53, 60, 66
estratégias de conexão 14, 18, 183
estrutura argumental 12, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 38, 41, 43, 44, 51, 65, 66, 73, 162, 191, 314, 317
estrutura argumental pragmática 21
estrutura argumental semântica 21
estrutura argumental sintática 21
estrutura semântica 31
estruturas insubordinadas 212, 216, 230, 231
extração de porção 286, 295, 296, 298, 300

F

focalização 13, 48, 54, 60
foco discursivo 140, 141, 148
frequência de ocorrência 22, 26, 59
frequência do item verbal 140, 141
função pragmática 212, 222, 227
funcionalismo linguístico 233
funções pragmáticas 217, 222, 225, 227, 249
funções sintáticas 22, 31, 40, 99

G

GC 24
GCBU 48, 56, 60, 65, 66

gramática das línguas 13, 17, 68, 71
gramática de construções 10, 24, 25, 38, 42, 48, 56, 63, 65, 264, 312, 313, 316
Gramática de Construções Baseada no Uso 48, 56, 63, 264
Gramática emergente 209
gramaticalização 53, 70, 104, 134, 216, 261, 284, 318
gramáticas tradicionais 162, 212, 213, 215, 245

H

heterogeneidade dos advérbios 137

I

idiomaticidade 54, 56, 57
informatividade 13, 14, 48, 52, 54, 56, 59
insubordinação 14, 15, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 233, 235, 236, 237, 318
interação falante/ouvinte 265
intersubjetividade 112, 113, 114, 188, 269, 271, 277
intransitivos não existenciais 50, 52
invariabilidade 137, 201
isomorfismo função-forma 21

J

juntadores 184, 185, 187

L

LFUCU 25, 136, 141, 142, 148, 209, 215
línguas do mundo 86, 287, 293, 294
Linguística Funcional 10, 20, 22, 24, 25, 42, 43, 44, 136, 141, 180, 197, 207, 208, 209, 239, 240, 241, 260, 261, 307, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316
Linguística Funcionalista Norte-americana 10
Locuções temporais 14, 17, 158

M

marcadores modais 265
margem direita 112, 113, 114, 118, 162
margem esquerda 110, 112, 113, 118, 162, 179
memória rica 56, 141

- metaforização 188
microconstruções 56, 59, 60, 141, 142, 146, 147, 276
micropadrões 56, 57
modalidade epistêmica 15, 264
modalidade escrita 77, 90, 221, 240
modalizadores 13, 17, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 115, 117, 122, 128, 131, 133, 134, 267, 268, 272
modificador verbal 137, 138
monoargumentalidade 50, 59
morfossintaxe 216, 310, 315
mudança linguística 116, 188, 216, 220, 240, 312, 315, 316
mudança sintático-semântica 111
multiplexização 286, 290, 296, 298, 299
- N**
nome quantificado 286, 287, 288, 299
nome quantificador 286, 287, 295, 296, 300
- O**
objeto direto 21, 23, 27, 28, 32, 34, 35, 36, 44, 72, 227
objeto indireto 21, 23, 35, 36, 44
oração ditransitiva 37
orações paratáticas 241
orações subordinadas 204, 205, 212, 216, 221, 240, 242, 254
ordem de palavras 107, 133
ordem dos referentes 49
ordem pré-verbal 49, 53
ordenação dos circunstanciais 167, 172
ordenação vocabular 48, 49, 54, 56, 307, 317
organização textual-discursiva 184, 185
- P**
paciente 21, 23, 27, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 82, 128, 291
padrões de uso 14, 60, 77, 188
padrões formais 212, 217, 231
papéis participantes 31, 34, 38, 73, 76
papéis semânticos 21, 22, 23, 31, 38, 40, 174
pareamento abstrato 56
pareamentos forma-função 24
perspectiva funcional 12, 42, 164
perspectiva qualitativa 240
perspectivas analíticas 212, 233
planos discursivos 52
polifuncionalidade de verbos 70
polissemia 28, 33, 38, 41, 43, 44, 134, 186, 201, 202, 203
português contemporâneo 119, 133, 188, 208, 235, 261, 272
português do Brasil 11, 13, 44, 45, 77, 81, 83, 84, 180, 181, 208, 212, 215, 221
Português em Uso 209
Posições pré-verbais 114
pragmático 15, 38, 51, 54, 112, 154, 159, 212, 219, 221, 227, 249, 272, 282
precisão 111, 127
predicação nuclear 73
predicação verbal 73, 99
predicações 70, 71, 74, 75, 76, 95, 105, 313
predicador complexo 69, 71, 74, 80, 85, 92, 93, 102
processos cognitivos 10, 56, 185, 187, 264, 265, 286
produtividade 25, 26, 45, 138, 173, 215, 260, 265, 276, 311
prototipicidade 35, 137
- R**
recipiente 21, 35, 37, 38, 292, 295, 297, 299
rede de construções 10, 11, 25, 241, 265
regularidade da mudança 188
relações semânticas 184, 214, 228, 257
restrições colocacionais 140, 141, 142, 143
- S**
semântica 21, 26, 27, 31, 33, 35, 57, 58, 73, 81, 97, 109, 110, 111, 114, 138, 140, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 151, 164, 165, 166, 168, 185, 186, 198, 203, 214, 228, 242, 245, 257, 258, 268, 272, 281
semântica de intensificação 138

sintaxe 67, 207, 218, 236, 237

Sociolinguística Variacionista 10

subjatividade 13, 15, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 121, 122, 123,
130, 148, 201, 269, 277, 281, 284

subordinação 204, 221, 228, 232, 235, 241, 242, 318

sujeito 13, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 48, 49, 50, 52, 53,
60, 62, 63, 64, 65, 66, 75, 136, 139, 140, 162, 165,
176, 243, 276, 299, 301

T

tendências de uso 12, 13, 15, 62, 107, 116, 117, 132, 239, 243, 247,
253, 271

tensão baixa 51, 52

tradição gramatical 35, 42, 108, 115, 159, 162, 184, 185, 207, 252

transitividade verbal 42, 50

transpositores 186

U

uso linguístico 22, 85, 239, 265

V

valência 29, 44

valor semântico 132, 142, 159, 168, 174, 178, 192, 195, 196, 247,
252, 253, 254, 255

variedade brasileira 77, 83, 240

verbo 12, 13, 17, 21, 22, 25, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 42, 44, 48,
50, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68,
69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 102, 103, 104, 105,
109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 136, 137, 139, 140,
145, 146, 148, 149, 150, 151, 156, 162, 163, 165, 168,
171, 175, 176, 191, 192, 193, 194, 205, 206, 216, 226,
243, 271, 272

verbo suporte 13, 17, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84,
85, 86, 89, 90, 91, 94, 95, 102, 103, 104

www.pimentacultural.com

PESQUISAS
funcionalistas
E APLICAÇÕES
AO ENSINO
superior

